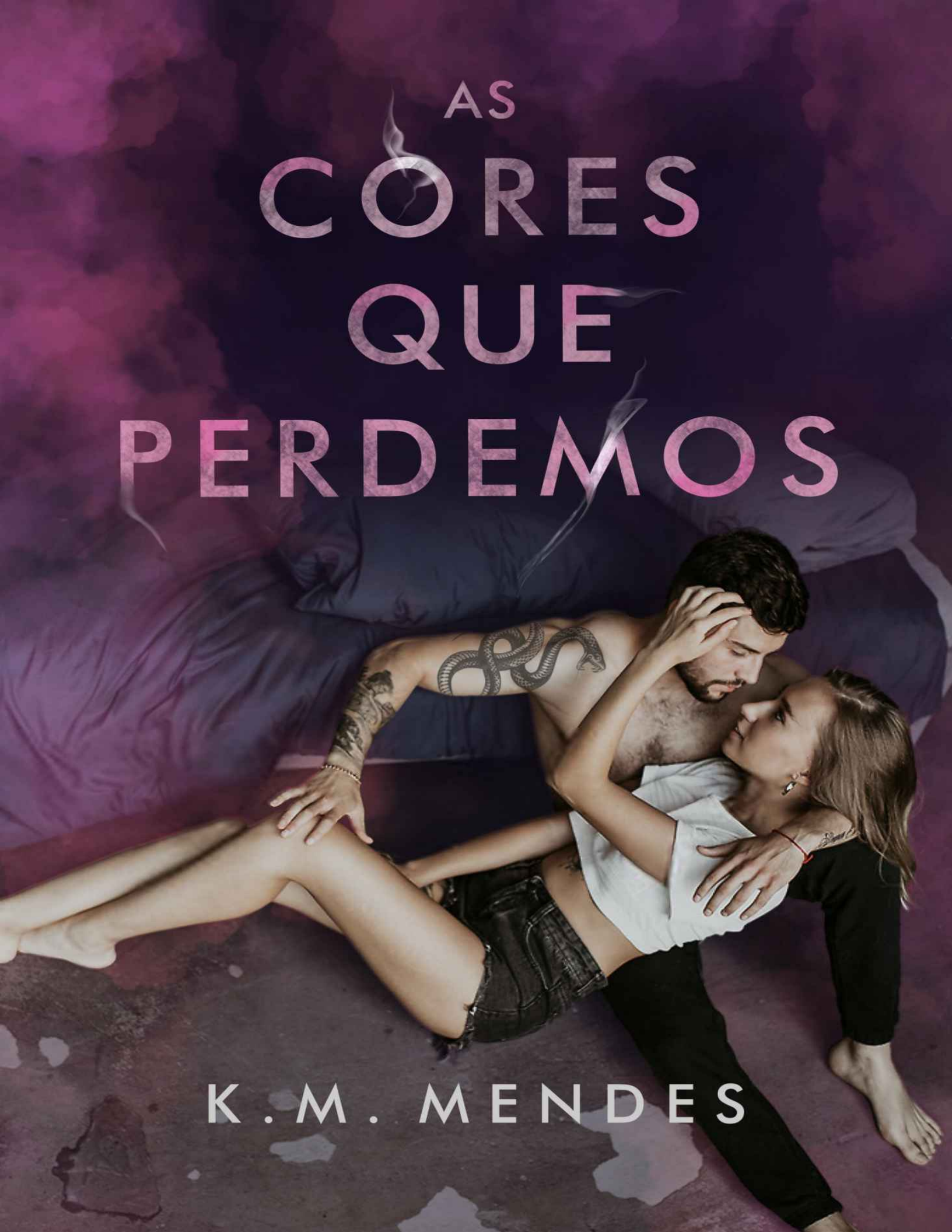
AS CORES QUE PERDEMOS



K.M. MENDES

AS CORES QUE PERDEMOS

K. M. MENDES

Copyright © 2021 K. M. Mendes

1º Edição, 2021

Todos os direitos reservados.

Proibido o armazenamento e a reprodução dessa obra através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora, exceto para citação.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº. 9.610/98 e punida pelo artigo 184 do código penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Essa obra segue as novas regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Design de capa: Raquel Moreira - @maltadesigneditorial

Revisão e preparação de texto: Beatriz de Castro @beatrizcastrobooks

Diagramação: @imaginare_d

Ilustrações da diagramação: @cordeiro_niina

Ilustração do casal: @alexandrapilati

SUMÁRIO

Sumário
Aviso
Playlist
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26

27
28
Epílogo
Nota da autora

AVISO DE GATILHO

Querido leitor, antes de se adentrar na leitura, gostaria de deixar o alerta para temas que podem gerar gatilhos em pessoas sensíveis a: Ansiedade, depressão, pânico, violência física, abuso psicológico, posse e venda de drogas e uso de lícitos. O livro possuí conteúdo sexual recomendado para maiores de 18 anos. Caso não se sinta confortável, sugiro que não prossiga a leitura.


Alexandra
Pilati

PLAYLIST

Para ouvir a playlist de “As cores que perdemos” no Spotify, abra sua câmera e aponte para o QR code abaixo:



Ou, clique no link abaixo:

Playlist Spotify

o que pode ser mais forte

que o coração da gente

que se quebra em tantas partes

e ainda bate

(O que o sol faz com as flores –

Rupi Kaur)





CANALHA

“Acho que é um equívoco você querer um coração.
É o que faz a maioria das pessoas infelizes.
Se pelo menos você tivesse consciência disso,
saberia que é um cara de sorte por não ter um coração”
(O Mágico de Oz, L. Frank Baum)

— Você é um canalha, Landon Davis! — esbravejei, xingando o meu melhor amigo.

— Canalha? Que isso? — Ele me olhou apertando seus olhos, confuso com o que eu acabei de dizer.

— Não sei — Dei de ombros. —, mas minha mãe estava muito brava com meu pai ontem à noite e o chamou assim.

Era difícil explicar o motivo que me fez ficar com raiva, mas eu estava tão irada que quebrei meu giz de cera favorito com a mão. Acontece que o vi compartilhando seus lápis de cor com outra garota e isso me deixou com uma sensação estranha no peito.

— Não fique brava comigo, Callie Heart, eu não vou mais dividir meu estojo com ninguém.

— Acho bom! — Cruzei os braços indignada. Aos nove anos, eu não era uma pessoa ciumenta, não ligava se meus pais dessem mais atenção para minhas irmãs, mas com Landon era diferente. Meu melhor amigo, na minha cabeça, era só meu.

Éramos inseparáveis. Callie e Landon não existiam sozinhos, sempre que mencionavam o meu nome, o dele vinha em seguida ou vice-versa. Nós tínhamos a mesma idade e morávamos praticamente sob o mesmo teto.

Poderiam até dizer que éramos irmãos se nossa aparência não fosse tão contrastante. Landon tinha uma cabeleira preta e cheia na infância. Seus olhos eram azuis, mas, às vezes, pareciam verdes, tudo dependia da luz. Meus cabelos eram castanhos claros e finos, meus olhos também eram castanhos, mas algumas pessoas diziam que eram cor de mel. Eu tinha apenas uma covinha no rosto ao

sorrir, Landon não tinha nenhuma. Achava que alguém tinha saído ganhando, não é mesmo?

Ele sempre ficava me zoando porque estava faltando uma covinha do lado esquerdo do meu rosto. Eu não era a única esquisita, pois os dedos dos pés dele eram horríveis. Daquele tipo que o dedão é meio torto.

Nossos pais eram amigos de longa data, e quando os pais de Landon precisaram entregar a casa que viviam porque não podiam pagar a hipoteca, os meus pais ofereceram a parte de cima da nossa casa para que morassem.

A partir dos sete anos, crescemos juntos. As duas famílias. Os Hearts e os Davis em uma casa que estava sempre muito barulhenta. Aliás, dos sete até os oito anos de idade, Landon me odiava, mas a convivência, aos poucos, o fez ceder à garota que falava muito e que sempre pegava suas coisas emprestadas e não devolvia.

Minhas irmãs, Emily e Melissa, eram gêmeas e cinco anos mais velhas do que eu, por isso eu sempre fiquei para trás. Elas viviam cheias de segredos e nunca compartilhavam comigo, me achavam imatura demais e eu realmente era. Aos catorze anos, elas estavam começando a deixar as brincadeiras infantis de lado e se

interessando por maquiagem e garotos. Aos nove, eu gostava apenas de rabiscar meus desenhos e não tinha interesse por nenhum garoto, fora Landon Davis. Mas não era um interesse romântico, nada disso. Nós éramos como parte um do outro.

Landon tinha uma irmã, ela era mais velha dez anos do que nós e estava na faculdade, então a única pessoa que ele tinha para brincar e brigar era eu. Pobre Landon.

Nascemos em meses distintos. Ele em abril e eu em novembro. Os poucos meses que nos separavam não foram nada, porque entramos na mesma escola e quase sempre caíamos na mesma classe. Também compartilhávamos uma paixão em comum, amávamos desenhar, vivíamos pintando o que víamos pela frente, inclusive as paredes de casa, ficamos de castigo por meses depois do ocorrido.

Mesmo depois que seus pais se mudaram da nossa casa, a nossa amizade continuou, pois ele se tornou o meu vizinho. Dizíamos que nossa amizade seria para sempre, os adultos brincavam que um dia nos casaríamos, algo que repudiávamos na infância, mas eu o amava mais do que tudo.

Na época da adolescência, mesmo após a proibição de nos vermos, coisa que foi inventada pelos meus pais, nós continuamos a nos ver clandestinamente. Nada parecia que ia nos separar, nada.

Compartilhávamos o sonho de sair de Bell Buckle, uma cidade ferroviária localizada no Tennessee. A questão não era que viver ali era ruim, para quem gostava de uma vida pacata, a cidade era perfeita. Mas, para nós, lidar com turistas e com as mesmas pessoas que adoravam tomar conta da nossa vida não era algo muito legal, afinal, a velha cidade tinha menos de seiscentos habitantes. Por isso, planejávamos morar juntos em Nova Iorque.

Então, eu descobri que nem tudo é para sempre. Aos dezoito anos, Landon foi embora da nossa cidade dizendo que me odiava e que nunca mais se lembraria de mim. Muitas vezes eu me perguntava em que momento os nossos caminhos se perderam dessa forma, mas eu não me lembrava como, ou talvez tenha bloqueado essa memória. Então, quando ele disse que me odiava, eu apenas gritei:

— Você é um canalha, Landon Davis!

Dessa vez, ele entendeu o significado.



AOS VINTE E TRÊS ANOS, DIAS ATUAIS

Muitas pessoas perguntavam se meu sobrenome era mesmo Heart e não Hart. E sim, eu sou a Callie Coração, mas gostaria de adicionar algo a mais no meu sobrenome. Sou a Callie Coração Burro. Parece que meu coração não aprende, ele sempre se entrega às piores e mais idiotas pessoas desse universo.

Há três anos, eu realizei o sonho de morar em Nova Iorque, juntei todas as minhas economias trabalhando no café dos meus pais de manhã e à noite na recepção do único hotel da cidade. Desde que me mudei, achei que os meus sonhos se realizariam em menos de um ano, mas desde que cheguei nessa cidade que nunca dorme, literalmente mal durmo, trabalho muito e estou me ferrando com a minha falta de sorte.

Meu trabalho como ilustradora não me rendia tanto dinheiro e eu tinha que complementar a renda como garçonete nos finais de semana. Morava em um apartamento pequeno no Brooklyn junto com o meu recente namorado. Conheci o Asher no Central Park, eu estava tomando sol usando um biquíni na parte de cima tentando

parecer uma nova-iorquina nata, quando a bola de frisbee do cachorro dele caiu bem na minha cabeça. A partir disso, todo o clichê aconteceu. Ele me pediu desculpas, eu aceitei, ele me convidou para um suco, aceitei, o cachorro dele pediu para brincar comigo, novamente, aceitei. E, no fim do dia, a gente deu uns amassos na frente do meu apartamento e acabou com ele me convidando para mais um encontro.

Decidi que estava na hora de começar um novo relacionamento e deixar as feridas do passado cicatrizarem. Três meses depois, nossa acelerada relação se firmou quando fui morar com ele. Eu não tinha muita certeza do que estava fazendo, gostava da sua companhia, o publicitário era bonito, gentil, tinha um sorriso contagiante e seu cachorro, Copper, era um charme à parte. Asher insistia tanto que éramos feitos um para o outro e que dividir o aluguel era muito melhor do que cada um pagar o seu, que eu não pensei duas vezes.

Há alguns dias, estava sentindo que nossa relação não estava fluindo como deveria. Percebi que, mesmo que eu tentasse, não conseguia sentir aquele tipo de paixão pelo cara que morava comigo. E acho que ele também não gostava de mim a esse ponto, na semana anterior, eu perguntei a ele quantas covinhas eu tinha, era

um teste que ele não passou, pois respondeu *"duas, ora, que pergunta idiota!".* Depois disso, fiquei com essa sensação amarga de não ser amada como eu deveria ser, porque, se ele nunca reparou no meu sorriso a ponto de notar que eu tenho apenas uma covinha no rosto, então nunca me olhou de verdade. Ainda assim, queria dar mais uma chance, pois, até então, estava tudo bem.

Estava.

Como sempre, o meu azar com relacionamentos deu as caras, Asher Gallagher me deu um pé na bunda na noite de sábado quando eu estava voltando do meu turno no Tony's, um restaurante italiano quase falido.

Para piorar a situação, ele me deixou apenas uma mensagem na escrivaninha. Asher se mudou de uma forma relâmpago, aproveitou que eu saía muito cedo e voltava apenas a noite para fugir. Na mensagem estava escrito:

"Me desculpe, Callie, mas não estava funcionando. Aproveitei que o contrato de aluguel venceu e decidi me mudar. Espero que você viva uma boa vida. E, por favor, não me procure. Você sabe ser insistente quando quer. P.S: Você precisa atualizar o seu estilo, suas roupas estão fora de moda".

Que canalha! Que cafajeste! Que filho da puta!

Ele ainda teve a coragem de falar mal do meu estilo? Os anos noventa sempre estarão na moda!

Eu nem chorei, fiquei com tanto ódio que joguei a escrivaninha no chão. Amassei todo o papel e tive um ataque ao olhar dentro do armário. Todas as minhas roupas estavam lá, menos uma caixinha. A bendita caixinha com todo o meu dinheiro que eu guardava dentro do armário.

Burra, como eu era burra!

Todo mundo me falava que eu deveria ser moderna, bancos existiam para quê? Mas, não, eu fui uma caipira de Bell Buckle que não estava familiarizada com modernidades. Como eu pude confiar em alguém como ele? Asher era um babaca egocêntrico que se achava o cara mais gostoso de Nova Iorque, mas, na verdade, ele não passava de um ladrão cretino!

Imediatamente, peguei meu celular e mandei um áudio enorme xingando o desgraçado. Quase caí para trás ao perceber que ele havia me bloqueado. Tentei ligar, mas também não deu certo e caiu na caixa-postal.

Sentei no chão e dessa vez eu chorei. Não chorei por conta do Asher e sim pelo meu pobre dinheirinho suado. Desesperada, liguei para minha amiga, Violet Jung, nós nos conhecemos no curso de Artes e Design, e contei a ela tudo que havia acabado de acontecer.

— Eu não queria dizer isso, Callie, mas eu te avisei... — disse depois que eu esbravejei, chorei e lamentei a minha falta de sorte com romances.

— Sim, você me avisou, mas eu fui burra. E agora, o que eu faço? Não tenho nem dinheiro para pagar o aluguel.

— Eu te chamaria para morar comigo, mas eu sou a adulta que mora com os pais ainda. Queria te emprestar algum dinheiro, mas estou falida, investi tudo que tinha em uma mesa digitalizadora, fora que meus pais não estão mais me dando a mesada, desde que me recusei a casar com um coreano que eles arrumaram pra mim. — A família Jung era muito tradicional e queriam que a Violet se casasse com um cara de uma família coreana e rica como eles. Desde que minha amiga se recusou a cursar medicina, eles estavam cortando todos os gastos dela.

— Eu sei... e está tudo bem, eu vou dar o meu jeito. — Passei a mão pelo cabelo, coçando a nuca em desespero.

— Te vejo amanhã? Temos um trabalho pra finalizar.

— Claro, se entregarmos logo esse trabalho, vou ter dinheiro para o aluguel.

Nós trabalhávamos juntas como freelancers, não era sempre que surgia um trabalho grande que pagava bem, mas surgiu uma empresa que precisava de nós para produzir uma ilustração publicitária para eles. Não era o meu tipo de trabalho favorito, para ser sincera, eu gostava de desenhar histórias em quadrinhos.

Desliguei o celular pensando nos meus próximos passos, achava que era isso que eu colhia por ser uma pessoa com quase nenhum amigo. Não tinha ninguém para recorrer ou me ajudar nessa situação. Desde que a minha amizade com Landon Davis se tornou a minha maior decepção, eu me fechei e não confiava em quase ninguém para ser meu amigo. Violet foi muito insistente e ficava feliz por pelo menos tê-la em minha vida.

As batidas incessantes na porta me fizeram acordar do meu desespero interno e ir atender quem quer que fosse o imbecil que estava tão desesperado. Abri-a e me deparei com a senhora Lopez, a dona do apartamento que alugávamos.

— Você precisa pagar o aluguel, mocinha, está devendo há dois meses. — A vizinha não falou nem boa noite, apenas me cobrou na cara dura.

— Eu pensei que o Asher tinha acertado. Eu dei a metade do dinheiro a ele. — Cocei a cabeça pensativa. Era um toc que me perseguia sempre que eu estava nervosa. — Sei que o contrato venceu, mas você precisa me dar uns dias.

— Nada disso, ele me falou que você ia pagar o que deviam. Vamos mocinha, me pague.

— Me desculpe, senhora Lopez, juro que vou pagar quando eu puder, mas não tenho nada agora.

— É mesmo? Então saia do meu apartamento.

— Agora?!

— Arrume suas coisas. Quero te ver fora daqui.

— Por favor, eu não tenho nada, devo ter as minhas gorjetas na carteira, se quiser, pode ficar com isso. — Peguei a carteira no bolso da calça e entreguei os dólares à senhora que fumegava de ódio. Não era muita coisa, porque o restaurante não tinha quase nenhum movimento. Ela fez uma careta tão feia que a verruga próxima à sua boca ficou ainda maior.

— Ótimo, vou ficar com isso, mas você vai ter que sair daqui amanhã cedo.

— Mas... eu...

— Está avisada. Se não sair, eu vou chamar a polícia.

— Ok, eu juro que vou embora amanhã.

Ela gesticulou que estava de olho em mim e voltou para o seu apartamento. Fechei a porta quase chorando e fui até a cozinha à procura de algo para beber ou comer. Não tive nem palavras para expressar o meu ódio por Asher Gallagher, ao perceber que ele comeu todo o bolo de chocolate e bebeu todas as latinhas de café gelado do Starbucks que guardei com tanto carinho para a pessoa que mais amo no mundo, eu mesma!

Quando eu vir esse cara novamente, acho que vou adicionar mais um delito na minha ficha na polícia.



— Você já sabe onde vai ficar? — me perguntou Violet quando estávamos em sua casa trabalhando ou tentando trabalhar. Ela

estava sentada em sua cadeira em frente à escrivaninha dando voltas e eu estava deitada em sua cama com o notebook fechado.

— Não faço nem ideia. Já deixei as chaves com a senhora Lopez e por enquanto estou na rua, com duas malas e uma bicicleta.

— Podemos dar um jeito de você dormir aqui e esconder isso dos meus pais — falou baixo, pois sua mãe vez ou outra escutava atrás da porta.

Não sabia muito bem o porquê de os pais da minha amiga não gostarem muito de mim, talvez fossem várias coisas. Eles odiavam que a Violet tenha seguido o caminho da arte e achavam que eu era uma influência para isso. Também odiavam palavrões e quase sempre eu estava praguejando um. De certa forma, eles deviam pensar que era uma influência para a filha deles querer sair de casa. E, sinceramente, a coitada não ia querer morar sozinha vendo a vida fodida que eu tinha, mas, enfim, gostando ou não, eles tinham que me engolir.

— Será? Eles fazem marcação cerrada com você. — De certo modo, eu até entendia a superproteção que os Jungs tinham com a única filha. Quando era criança, Violet foi vítima de um acidente que fez com que uma parte do seu braço esquerdo fosse amputado. Isto

era algo que ela não falava sobre e vivia normalmente com sua prótese biônica. O que nunca foi motivo para desistir do seu sonho, ao contrário, isso fomentou ainda mais a sua vontade de ser ilustradora.

— Vamos dar um jeito, você não vai dormir na rua. E o Asher? Conseguiu contato com ele? Esse idiota precisa devolver seu dinheiro. — Ela apertou seus pequenos olhos pretos e meneou a cabeça para o lado.

Os pais de Violet não nasceram na Coreia, mas vieram de famílias tradicionais e coreanas. Até mesmo o nome dela era coreano, Ji Eui, mas ela não gostava de ser chamada assim, pois não queria se diferenciar das outras pessoas, por isso adotou o nome da sua cor favorita.

— Não consegui. Liguei para um dos amigos dele que eu conhecia, e ele não me disse nada. — Parecia que ele havia sumido do mapa. Asher era freelancer também então não tinha um vínculo empregatício. Também não cheguei a conhecer sua família, ou seja, não tinha métodos para encontrá-lo tão cedo.

— E aquele seu amigo? Ele mora aqui, não é? Não tentou mais contato com ele? — perguntou sobre o Landon. Na mesma hora, me

empertiguei.

— Ele me bloqueou. Nas redes sociais, nas ligações, nas mensagens, enfim, em tudo.

— Sério? E isso foi quando? Há cinco anos? E agora, já pensou se ele te desbloqueou? — Ela ajeitou a franja curta acima da sobrancelha enquanto me metralhava com perguntas que me fizeram pegar o celular imediatamente.

— Eu apaguei o contato dele e limpei as conversas, isso me fazia sentir menos mal, sabe? Mas minha memória não deixou esquecer. E olha que eu sou péssima em lembrar das coisas. — Tremia enquanto salvava o número que ficou guardado tanto tempo em minha memória. — Ai meu Deus. Ai meu Deus. Ai meu Deus! — Quase derrubei o celular no chão ao notar que Landon havia me desbloqueado.

— O que foi?! — Violet veio até a mim, pulou na cama e olhou no meu celular. Eu não conseguia parar de olhar para a foto do meu ex-melhor amigo. Na sua foto de perfil em preto e branco, ele estava de frente, ostentava uma barba rente em seu queixo retangular que estava mais marcado. Seus cabelos tinham um corte com as laterais

raspadas em degradê que começava na orelha e, na parte de cima, continuavam cheios.

— Ele te desbloqueou... E, caramba, se em preto e branco ele já é lindo, imagina em cores?!

Cutuquei-a com o braço e guardei o celular no bolso.

— Não importa que ele tenha me desbloqueado. O que custava ter falado comigo? Desbloquear não significa nada.

— Você realmente não sabe por que ele te odeia tanto? Vocês eram só amigos mesmo?

— Eu não lembro, na verdade, até pode ser algo, mas não sei se é... — falei vagamente, porque estava cansada de pensar nisso — e sobre sermos apenas amigos... — Bloqueei as memórias sobre a outra pergunta. — Eu prefiro deixar o Landon no passado. Até parece que ele vai me ajudar. Eu nem sei se ele mora aqui ainda.

— Você não sabe, mas pode descobrir, talvez seja uma forma de reaproximação.

— Acho que temos que trabalhar... — Abri meu notebook dando fim ao assunto. Mais tarde, eu saí da sua casa para trabalhar no meu turno no Tony's. Aproveitei para tomar banho na casa da minha amiga antes de sair. Deixei minhas malas embaixo da sua

cama e saí de bicicleta rumo ao restaurante. Ao chegar no local, fui informada pelo dono que esse seria o meu último dia de trabalho, pois ele estava cortando funcionários por conta da pouca movimentação.

Desanimada, atendi os poucos clientes e fui embora às onze da noite. Quando cheguei na casa da Violet, dei de cara com as minhas malas na entrada. Imediatamente uma mensagem dela chegou:

"Me perdoe, mas a minha mãe encontrou e não quer te deixar ficar... Fiz um escândalo e já chorei, mas ela é dura na queda, você sabe. Vamos esperar ela dormir, aí você pode pular a janela. Também deixei um dinheiro em sua mala, peguei do meu cofrinho, se você quiser dormir em um motel, acho que pode ser uma opção."

Respirei fundo. Não queria mais causar problemas para minha amiga, por isso respondi que ela poderia ficar tranquila, pois eu havia arrumado um lugar para ficar. Era mentira, mas pelo menos a tranquilizaria. Peguei as duas malas e dei um jeito de juntar as alças para carregá-las com uma mão e na outra levaria a bicicleta. Não deu muito certo e eu fiquei parada no meio da rua pensando em como a minha vida era uma merda.

Desde que vi a foto de Landon só conseguia pensar nele e na sua promessa de como a nossa vida iria ser incrível em Nova Iorque.

— Você prometeu, Landon, você prometeu! — gritei irritada sem conseguir enxugar as lágrimas que caíam desesperadamente. — Droga! Você prometeu! — Larguei as malas no chão, encostei a bicicleta e fiz o que até então era impensável. Liguei para meu ex-melhor amigo. Respirei fundo, catei os caquinhos do meu coração e tomei toda a coragem que eu tinha quando ele atendeu para dizer: — Ei, sou eu, a garota que você esqueceu...



2

A GAROTA QUE VOCÊ ESQUECEU

“– Seja como for – disse o Espantalho –,
vou pedir um cérebro em vez de um coração;
porque um tonto, mesmo tendo coração,
não sabe o que fazer com ele.”
(O Mágico de Oz, L. Frank Baum)

Os Davis viviam com problemas financeiros, quando Landon e eu tínhamos sete anos e eles vieram morar conosco, eu sempre ouvia algumas discussões. Acontece que o senhor Davis era um artista em decadência e a esposa não suportava mais lidar com a falta de dinheiro. No momento em que isso acontecia, eu ia até o

filho deles e o abraçava bem forte. Ele parecia odiar os meus abraços e se desvencilhava, mas, aos poucos, começou a ceder.

Até que um dia ele mesmo veio até a mim e decidiu ser meu amigo. Escondido, quase sempre dormia no meu quarto, até mesmo quando se mudou para a casa na vizinhança. Landon pulava a janela, sempre com seu caderno de desenhos em mãos e deitava ao meu lado.

Na adolescência, ele afirmava que iria embora de Bell Buckle comigo, na verdade, a maioria das pessoas da nossa idade pensava o mesmo. Mas com a gente não era apenas um vislumbre momentâneo acarretado pelos hormônios, Landon e eu tínhamos aquele espírito livre, aventureiro e sonhador. Eu sempre soube que um dia deixaríamos nossas cores por todos os lugares. Para nós, o sonho nova-iorquino era só o começo.

A forma com que ele desenhava era mais realista e, em sua particularidade, ele sempre desenhava em preto e branco. Porque, bom, ele enxergava o mundo de uma maneira diferente. Não falo de uma forma poética, mas sua visão era diferenciada. Landon tinha um dos tipos mais raros de daltonismo, conhecido como tritanopia, ele não conseguia distinguir as cores azul e amarelo. Por isso, cores como laranja ele não enxergava. Ele não perdeu a visão total do azul,

o azul simplesmente ficava em um tom diferente. Já o amarelo para ele era como um rosa-claro.

Eu sempre dizia “olha pelo lado bom, pelo menos você não enxerga o mundo em preto e branco”. E ele ficava muito bravo. Porque, para ele, não era bom, era algo que o deixava confuso muitas vezes. Principalmente quando alguém o forçava a dizer “que cor é essa, Landon?”. Ou quando ele precisou aprender os sinais de trânsito, ou quando ele apenas queria escolher uma bendita fruta.

Apesar de enxergar algumas cores e ver o mundo da sua maneira, ele tinha uma grande aversão às cores chamativas, para o Landon tudo era preto ou branco. Como seus desenhos e suas roupas, ordinariamente sempre estava com o mesmo tom.

Mesmo assim, ele sempre tinha várias cores de lápis para compartilhar comigo. Em contrapartida, todos os meus desenhos eram uma explosão de cores, era difícil saber para onde olhar primeiro.

E naquele momento, olhando o meu amigo pela primeira vez, ao vivo e a cores, cinco anos depois que ele partiu, eu nem sabia no que reparar primeiro. Não sabia como ele tinha aceitado vir depois da

minha ligação desesperada onde só eu falava e contava toda a minha desgraça, reivindiquei o meu orgulho e pedi sua ajuda.

Eu fiquei sozinha parada no ponto de ônibus com a minha bicicleta encostada do lado e segurando duas malas, quando um carro parou, eu pensei que seria sequestrada. Estava pronta para pegar o spray de pimenta na mochila, mas parei. O choque de ter visto que o cara que saiu do banco do motorista era o meu ex-melhor amigo, me fez virar uma estátua.

Era ele. Landon Davis. O cara que me odiava. O cara que me esqueceu. O cara que me tirou as cores. Desde que ele foi embora, tudo parecia existir em preto e branco. E como eu odiava e me sufocava com a falta que ele me fez.

Reparei em tudo, no estilo que ele ainda mantinha, em seu cabelo que era igual na foto, indomado no topo e raspado nas laterais, na jaqueta jeans que ele usava, fiquei pensando se tinha tatuagens nos braços, porque tinha na mão. Estava escrito ‘Rough” na mão direita e tinha mais algum desenho, mas não conseguia enxergar direito. Achei que a tatuagem condizia muito bem com sua nova personalidade, afinal, rough significava “duro ou grosseiro”. Também notei os anéis em seus dedos, a calça gasta, as botas

pretas, depois me foquei ainda mais em seu rosto e em como seus olhos ficaram cinzentos.

Minha garganta ficou tão seca que engoli a saliva com dificuldade, me senti muito nervosa, ao contrário dele, que, assim como na ligação, parecia quase sem sentimento, indiferente. Depois de todo o meu desespero, ele apenas me perguntou onde eu estava e desligou a ligação. Naquele momento, estava me sentindo uma vergonha, porque depois de cinco anos eu fui a pessoa que cedi.

Parecia que ele estava em câmera lenta, ou era eu que estava perdida em seu tempo, porque até ele chegar perto de mim, eu já havia perdido todo o meu ar, estava quase me sufocando com a sua presença. *Compostura, Callie Heart, foi você que foi abandonada.*

Então, o que eu diria? O que eu falaria?

Não tive tempo de formular algo bom o suficiente, porque ele já estava na minha frente e não disse nada. Apenas pegou minha bicicleta e saiu com ela para colocá-la no carro. Fiquei estupefata com a boca aberta porque ele praticamente nem me olhou. Não viu que eu deixei o cabelo crescer, nem reparou que estava usando uma camiseta de listras coloridas por baixo de uma jardineira jeans e curta. Também não deve ter percebido que estava usando um cinto

porque comprei a jardineira em um tamanho maior e fiquei parecendo um saco de batatas.

Landon não me viu. E se ele queria fazer esse jogo, eu também poderia fingir que não tinha lembranças dele. Em silêncio, colocou as malas no carro e entrou nele. Fiquei parada pensando no que fazer. *Será que eu entro? Ele não me convidou, mas ele precisa convidar?*

— Você precisa que eu te carregue no colo, Heart? — Colocou a cabeça para fora do carro ao questionar.

Até o meu dedinho do pé deve ter corado, eu deveria lembrar que Landon era o tipo de pessoa que sempre me fazia passar vergonha, ele nunca teve pudores. Arrastando os pés, eu fui até o carro pensando que ele havia trocado a velha moto por algo mais seguro.

— Obrigada por vir — disse depois de fechar a porta.

— Eu tinha que vir — respondeu.

— Você tinha uma escolha, não era obrigado.

— Não é bem assim… — falou vagamente olhando pelo retrovisor antes de sair da vaga. Ele não continuou a conversar por alguns minutos. Ficamos em silêncio. Não sabia para onde

estávamos indo e nem se ele iria falar alguma coisa do passado. — Como está o seu pai? — perguntou de repente. O meu pai passou por alguns problemas de saúde e, um pouco antes do Landon ir embora, ele teve um ataque cardíaco e precisou de cuidados por um tempo.

— Ele está bem e voltou a comer super mal depois que eu fui embora, eu sempre controlava a dieta dele, mas você sabe como minha mãe o mima… — Estava fingindo costume e falando mais do que deveria.

Meu ex-amigo fez um barulho com a boca concordando e não expressou mais uma palavra. Mordi o canto interno das bochechas tentando controlar a vontade de falar tanta coisa, mas me segurei e o observei. Landon ainda usava um piercing transversal na orelha esquerda, lembro-me bem de quando fez esse furo, porque eu também fiz um igual, mas o meu infeccionou e eu quase perdi a orelha. Mamãe quase me matou, aliás.

Ele ligou o rádio como se dissesse que não queria conversar. Tocava AC/DC, e eu voltei a me lembrar de quando nós dois pensávamos que poderíamos integrar uma banda de rock, o que não foi para frente, é claro. Balancei a cabeça para afastar as memórias

e respondi uma mensagem da Violet tranquilizando-a. Não falei ainda sobre o cara ao meu lado, porque era um assunto longo demais.

Não demorou muito para que ele estacionasse o carro. Fiquei me perguntando se estávamos no lugar certo.

— Você se importa de esperar? Ou se quiser pode entrar… — disse vagamente depois que eu saí do carro. — Eu trabalho aqui — completou ao perceber que eu fiquei embasbacada por termos parado em um bar em Manhattan.

— Me desculpe por ter te ligado, eu não sabia que estava trabalhando…

O Davis deu de ombros e abriu a porta do bar. Estava super lotado e ele me pediu para ficar onde eu quisesse. Depois o vi desaparecer para trás do balcão. Notei que o local tinha uma decoração retrô estilo vintage, avistei até mesmo uma Jukebox. Apesar da grande aglomeração, era um ambiente espaçoso.

Senti-me desengonçada e fora do lugar ao perceber que não estava vestida como a maioria das garotas. Elas pareciam ter saído de uma série de TV com roupas e cabelos estilosos. Especificamente, o grupo que estava na mesa ao lado em que me

sentei falava sobre Landon, eu tive certeza que era sobre ele, porque olhavam direto para o balcão onde ele preparava uma bebida.

— Por que não dá o seu número para ele, Chloe? — perguntava a garota enquanto ajeitava o decote.

— Porque todas as garotas dão o número delas para ele. E você sabe, Eve, como o Davis é conhecido… — Fiquei com os ouvidos atentos.

— O canalha de Nova Iorque — disseram todas elas juntas e riram. Arregalei os olhos na mesma hora. Quem diria que esse belo adjetivo iria vigorar? Senti até um orgulho de ter sido a percursora.

— É difícil conquistá-lo… — disse a tal Chloe se levantando. Meu Deus, olha o tamanho das pernas dessa garota! Ela parecia uma modelo, sua cintura finíssima me fez até repensar no hambúrguer que comi mais cedo, mas imediatamente esqueci, porque eu preferia comer fast-food. — Mas, porra, como ele está gostoso hoje, acho que vou tentar. — Ela pegou um guardanapo, enxerguei que tinha um número escrito nele.

E lá foi a garota de pernas longas atrás de Landon Davis, ou melhor, o canalha de Nova Iorque.

Observei-a ir até o balcão tentando se enfiar na aglomeração de pessoas que ficava no local. Ela conseguiu a atenção do possível *barman* e sussurrou algo em seu ouvido, depois de lhe passar o guardanapo com seu número. Ele olhou para ela com o tipo de olhar que eu conhecia bem, safado. E, depois, ela voltou para suas amigas toda sorridente:

— Ele disse que vai me ligar. — Todas elas vibraram.

— Ei, tudo bem? — De repente vi que alguém estava falando comigo. Era um senhor estiloso, devia ter mais de sessenta anos, vestia uma roupa formal de suspensório e gravata borboleta. — Seu amigo me pediu para entregar. — Colocou uma cerveja na minha frente. Sem cerimônia, ele se sentou à mesa comigo. — Sou o John, John Harris — apresentou-se, estendendo a mão. — Amigo do Landon e dono do bar.

— Callie Heart. — Apertei sua mão.

— Heart? — Coçou o queixo. — É verdadeiro? Se sim, belo sobrenome.

— É verdadeiro, todo mundo estranha um pouco… — Dei um gole na cerveja, pensando que, de acordo com o senhor que acabei

de conhecer, o Landon a enviou para mim. Por que ele tinha que agir sempre em entrelinhas?

— Me desculpe por sentar assim, sem ser convidado, mas eu ouvi falar sobre você. Eu sinto que quase a conheço. — Sorriu. Seu sorriso emanava uma energia muito boa, bondosa.

— Sério? Sobre mim? — indaguei curiosa.

— O garoto não é de falar muito sobre a velha cidade, mas ele citou você em uma das nossas conversas.

— E o que ele disse?

John juntou as sobrancelhas grossas e grisalhas. Ajeitou o bigode como se estivesse ponderando o que dizer e respondeu:

— Não posso contar, mas que bom que veio. Já conhecia meu bar antes?

— Não, eu não sou de frequentar a badalada Manhattan. — *Porque sou pobre.* — O Landon trabalha com você há muito tempo?

— Ah sim, desde que ele veio pra cá, começou como garçom e agora é o meu gerente, mas como estamos com apenas um barman, ele resolveu ajudar, sempre quer fazer tudo. — Estalou a língua e balançou a cabeça em desaprovação. — Ele trabalha demais, aqui no bar e durante o dia no que ele ama.

Fiquei me perguntando qual era o segundo trabalho do Landon, mas não queria parecer interessada demais. Sabia muito bem que ele amava desenhar, mas não conseguia imaginar se seguiu na profissão ou não. Diziam que, por conta da sua condição de tritanopia, ele não deveria fazer trabalhos que precisassem de uma visão perfeita.

— Ele sempre foi de abraçar tudo que podia — apontei.

— É verdade, mas espero compensá-lo um dia. Não tenho herdeiros e planejo me aposentar com a minha esposa, espero que ele fique com o bar quando isso acontecer. — John me contou sobre como Landon e ele se aproximaram, falou sobre seu bar e como sua esposa estava louca para que ele deixasse os negócios. Senti-me feliz por saber que o Davis encontrou alguém tão legal e que gostava muito dele.

— Se ele estiver falando demais, grita que eu te socorro — brincou a garçonete quando colocou mais uma cerveja na minha mesa.

— Está tudo bem, eu gosto de conversar — respondi com um sorriso para a garota de longos cabelos roxos. Parecia ser lace e era lindo. Descobri com John que o nome dela era Bethany e que

trabalhava no bar há apenas cinco meses. Ela tinha uma filha adolescente e precisava desse emprego para sustentá-la.

Praticamente fiquei sabendo da vida de todo mundo que trabalhava no Harris Pub. Inclusive do próprio dono, senti que ele me achou confiável o bastante para falar tão abertamente. O bar foi ficando cada vez mais vazio e quando já era mais de uma da manhã, fechou. Mas o trabalho não parou por aí, o pessoal que ficava na cozinha demorou para ir embora e, apesar do cansaço, ajudei a arrumar as mesas depois de me despedir de John e Bethany.

Assim que Landon se dirigiu até seu carro, eu fui atrás pensando que finalmente poderia descansar, mas me deparei com ele levando minhas malas para dentro do bar.

— Espera, não vamos pra sua casa? Apartamento ou sei lá, o local que você mora? — investiguei, esfregando os olhos cheios de areia de sono.

— Siga-me — disse apenas. Seguimos pelo bar já quase todo apagado, apenas a meia-luz nos ajudava a enxergar o caminho, subimos uma escada e pouco depois vi uma porta. Landon pegou uma chave e a abriu. — Minha casa… — anunciou.

— Você mora em cima do bar? — perguntei com descrença.

— Isso mesmo. — Acendeu as luzes e me deu um espaço para que eu entrasse.

Observei o local imediatamente. Era pequeno, mas bem arrumado, ele nunca foi bagunceiro, era muito mais organizado do que eu, aliás. A cozinha e a sala eram divididas por uma bancada. Na sala, tinha um sofá cama que estava fechado e uma mesinha de centro cheia de cadernos, jornais e livros, todos empilhados. Era tudo meio cinza, preto e azul escuro. Nas paredes brancas, tinha desenhos. Havia uma árvore da vida que chegava quase até o teto, e em outra havia alguns desenhos musicais. O que me chamou a atenção foi que havia uma mulher desenhada em uma parede, em perfil com uma borboleta pousando bem no seu nariz. Ela não se parecia com ninguém que eu conhecia. Todas as ilustrações eram no estilo preto e branco de Landon que ele adotou ainda quando era uma criança e eram incrivelmente delicadas e reais.

Fiquei um tempo esperando na sala, pois havia me pedido para aguardar. Depois, me chamou para entrar no pequeno quarto que tinha uma cama, uma escrivaninha, uma mesa de cabeceira com um abajur e um armário. Antes que eu perguntasse se esse quarto pertencia a alguém, ele disse:

— O antigo barman dormia aqui, está limpo, não se preocupe.

— Obrigada, Davis… — falei sem jeito, colocando a mão nos bolsos de trás da jardineira. Ele fez apenas um meneio de cabeça e me deixou sozinha. Simples assim, sem dizer mais nada.

Caí na cama, apertando o travesseiro na minha cabeça para abafar o grito que dei. Que situação lastimável! Que falta de orgulho! Que falta de vergonha na cara! Como pude ser tão burra? Como pude confiar no Asher? Como eu pude ligar para o Landon?

A batida na porta me fez dar um sobressalto e tive que me segurar para não cair da cama.

— Cobertor extra, caso sinta frio. — Landon jogou o cobertor para mim e eu o agarrei.

— Por quê? — perguntei apressadamente antes que ele sumisse, respirei fundo para completar a frase, mas fui interrompida.

— Porque eu prometi. Não foi o que você disse na ligação? Você ficou gritando que eu prometi várias e várias vezes. Então, estou cumprindo a minha promessa. Pode ficar o tempo que quiser, Callie, só não vamos falar do passado. Eu já esqueci tudo…

— Inclusive de mim… — completei sem querer. Ele ficou sério com a mandíbula cerrada e pensativo, por um momento, o canto dos seus lábios tremeu como se fosse dizer algo, mas não disse. Apenas

tomou uma respiração longa e deu meia volta para sair do cômodo. — Boa noite pra você também, Landon canalha Davis — murmurei baixo para que não escutasse.

— Boa noite, Callie mentirosa Heart.

É. Ele ouviu.



ATÉ O FIM

“Ele sabia muito bem que não tinha um coração,
portanto tomava muito cuidado para nunca ser cruel
ou insensível com ninguém.”
(O Mágico de Oz, L. Frank Baum)

ANTES

— Juntos, até o fim! — Landon e eu fizemos uma jura com os dedos mindinhos. Nós tínhamos doze anos e os seus pais estavam de mudança para a casa do outro lado da rua. Estávamos nos sentindo nostálgicos porque não dividiríamos mais o mesmo teto.

— Não se preocupe, Callie, ainda estaremos juntos todos os dias — prometeu.

E ele cumpriu a promessa, pois no dia seguinte à mudança, estávamos no meu quarto compartilhando desenhos e fazendo brincadeiras infantis. A pré-adolescência estava chegando e tinha começado a aparecer em forma de espinhas no rosto do meu amigo. Até então eu não havia sido atingida pelos hormônios, mas morria de medo de ter a primeira menstruação.

Minhas irmãs me enchiam com isso e diziam que a hora iria chegar. Parecia que estavam me preparando para um massacre. Eu fiquei apavoradíssima e qualquer ida ao banheiro, uma dor de barriga ou outro sinal já me deixava horrorizada. Mamãe veio conversar comigo e disse que eu não deveria dar ouvido às minhas irmãs e que ficaria tudo bem. Eu realmente esperava que ela estivesse certa.

No meu quarto, Landon e eu fazíamos o de sempre:

— O que está desenhando? — me perguntou.

— O leão covarde do Mágico de Oz. — Eu havia lido o livro na última semana e me pegava pensativa sobre o conto. Naquela época, eu não conseguia entender a mensagem que a história quis passar.

— E que cores está usando? Ele tem uma cor só — ponderou —, eu acho… — Colocou a mão no queixo, pensativo.

— Ele é laranja, marrom e amarelo, mas estou dando a minha interpretação ao personagem. Para mim ele é azul e verde.

— Eu não consigo diferenciar, Callie. — Meu amigo balançou a cabeça em negativo e passou a fazer a sua ilustração. Ele me copiou e desenhou o leão covarde em preto e branco. No final das contas, eu ainda sentia que o meu era muito melhor.

— O que você escolheria, Landon, ter um coração ou um cérebro? — perguntei curiosa.

— Um cérebro, é claro. Que idiota escolheria um coração? — desdenhou me olhando com seus olhos travessos.

É. Eu sou essa idiota.



AGORA

Quando eu acordei no dia seguinte, parecia que eu estava de ressaca, porque minha cabeça doía e zunia me deixando quase

enjoada. Fazia um bom tempo que eu não bebia, porque Asher fez um *detox* e eu resolvi acompanhar para motivá-lo.

Saí do quarto com o meu pijama horroroso de bolinhas sem me dar conta de que naquele momento dividia a casa com um cara. Um cara que um dia eu tive intimidade para não ter esse tipo de vergonha, mas que naquele momento era praticamente um estranho.

Eu o vi de costas ligando a máquina de café, estava de regata e calça jeans, e eu finalmente consegui ver suas tatuagens. Aproximei vagarosamente para observar que ele tinha uma serpente no braço esquerdo que chegava até o ombro, as tatuagens desciam sutilmente até todo o comprimento fechando o braço. Na mão estava escrito "*rough*". No direito, que não era inteiramente tatuado, tinha apenas um bracelete tribal. Landon sempre gostou de tatuagens, quando completamos dezoito anos, fizemos uma aposta e quem perdesse tatuaria um desenho do outro feito quando tínhamos oito anos. Ele perdeu e teve que tatuar uma borboleta que eu desenhei, que, sinceramente, não parecia bem uma borboleta, era algo bizarro. Se ele não tatuou algo por cima, ainda devia estar na sua canela.

E, olhando bem, apertando os olhos para enxergar, tinha uma tatuagem bem atrás da sua orelha, precisava me aproximar mais

para ver… estava praticamente caminhando em sua direção movida pela curiosidade.

— Quanto tempo vai ficar olhando? — perguntou de repente, virando-se para mim. Tremi na base por ter sido descoberta, achei que estava sendo a pessoa mais discreta do mundo.

Pigarreei e coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha. Disfarçando a vergonha, repliquei:

— Estou apenas curiosa sobre suas tatuagens.

— Hum. Tem café se quiser — ofereceu levantando as mãos para pegar uma caneca no armário. Percebi também que ele tinha uns bons músculos, mais do que antes. Trabalhou muito bem os bíceps, aliás. Antes que eu aceitasse, ele pegou uma xícara a mais, pois sabia muito bem que eu consumia litros de café diariamente.

Aceitei a xícara cheia que me entregou e nós comemos em silêncio as bagels que ele deveria ter comprado no *Panera Bread* logo cedo. O gosto do tostado e o *cream cheese* delicioso só poderia ser de lá.

— Eu tenho trabalho agora, você pode fechar as portas do fundo do restaurante se precisar sair — avisou depois de colocar a louça na pia.

— Trabalho? Você trabalha em outro lugar? De domingo?!

Ele confirmou, mas não disse onde.

— Tenho clientes Vips.

Clientes Vips? Isso me parecia suspeito, será que o Landon virou garoto de programa?! Mas a essa hora da manhã? Se bem que… bom, tinha que parar de pensar besteira. Podia ser outra coisa, mas o quê?! Estava morrendo de curiosidade, mas não queria parecer muito interessada, por isso fechei a minha boca e o vi sair pela porta pouco depois.

Comi a última das deliciosas bagels e mandei uma mensagem para a Violet perguntando se ela estava disponível para conversar. Ela me respondeu prontamente que poderíamos almoçar juntas. Enquanto eu não tinha muito o que fazer, dei um tour clandestino pela casa, olhar como quem não quer nada e encontrar alguma coisa que me contasse como ele viveu por todo esse tempo.

Eu não iria mexer em tudo, nada disso, só iria andar e vai que… me deparei com a mesa central da sala cheia de desenhos. Claro, em preto e branco. Havia também frases, o que me faz perguntar se eram rascunhos de tatuagens. Olhei cada um deles demoradamente, pois eram muito bem-feitos, a forma como o Davis

melhorou ainda mais o seu traço, que já era perfeito, me deixou embasbacada.

Deixou-me até com vontade de fazer uma tatuagem, algo que eu não cogitava, pois tinha aversão a dor. A primeira e única que eu tinha, pensei que fosse morrer de tanto que sofri. O Landon ficou me zoando por dias, no final das contas, eu me arrependi tanto dessa tatuagem que, se não fosse doer pra remover, *acho que dói, não sei*, eu teria removido.

Guardei minha curiosidade, colocando os desenhos no mesmo lugar, e voltei para o quarto. Violet tinha me mandado o nosso projeto e eu precisava finalizar a minha parte. Quanto mais dinheiro eu ganhasse, mais rápido iria poder fingir que nunca reencontrei *essa pessoa*. Ele me fez lembrar do passado e isso estava me deixando com uma sensação de desastre iminente. Eu já a senti antes há muito tempo e foi, eu não sabia nem dizer, porque sofri um apagão, então tem coisa daquele fatídico dia que não me lembrava.

No horário do almoço, encontrei com a Violet no *Little Collins* — um pequeno restaurante café localizado na terceira avenida. Não precisei nem andar dez minutos de bicicleta entre o bar e o restaurante. Talvez morar em Manhattan fosse o meu novo sonho. Estacionei a bicicleta no *CityRacks* e entrei no local, onde encontrei

minha amiga lendo o cardápio, ela adorava o sanduíche de avocado, era uma opção vegana, pois ela não consumia carne ou qualquer coisa de origem animal. Assim que me sentei e pedi pelo sanduíche de peru, eu contei tudo o que aconteceu na noite anterior.

— Ai meu Deus! Ele te ama! — exclamou. — Sério, ele te ama. Por que ele te abrigaria se não fosse por amor? Depois de, porra, cinco anos. Cinco anos!

— Ah não, não viaja, o Landon não… ele não me ama. Só está cumprindo a promessa que me fez. — Tentei afastar o frio na barriga que sua frase me causou.

— Sério, Callie? Sério mesmo? Pensa bem, eu acho que ele estava com medo de falar com você depois de sei lá o que aconteceu, me conte quando estiver pronta — acrescentou rapidamente —, por isso eu acho que você ter ligado era tudo que precisava para reacender essa paixão, quer dizer… — Tossiu. — amizade.

— Como você está engraçada, Jung Ji Eui — chamei-a pelo seu nome coreano para irritá-la. — Vamos mudar de assunto? Porque a minha vida já é complicada demais.

— Claro, mas antes, me diz, ele é tão bonito quanto na foto?

— Ele sempre foi lindo, mas está ainda mais. Todo forte, sabe? Cheio de tatuagens e a voz dele toda grossa, me tremi todinha — falei de uma vez e percebi que meus pensamentos tomaram voz. Coloquei minha mão na boca porque, céus, entreguei tudo.

— Sinto muito por você, conviver com essa tentação não será fácil.

— Esse suco está uma delícia, sabia que eu estou tentando parar de tomar refrigerante? Já faz vinte e quatro horas desde que comecei.

— Tudo bem, pode desconversar, eu sei o que está sentindo, é medo de não ser correspondida. Sei bem o que é, porque estou obcecada por aquele cara… — Violet tinha uma paixão platônica por um cara, Neal Meyer, que conhecemos em um show há seis meses. Ele era vocalista de uma promissora e iniciante banda de rock que abriu o show, chamada *The Pressure,* e assim que ela colocou os olhos nele, criou toda uma *fanfic* de que se encontrariam em meio à multidão, seus olhos se fixariam e se apaixonariam à primeira vista. O que deu bem errado, pois ela criou uma paixão unilateral desde então.

— Mas você precisa fazer algo com isso, sei lá, manda uma mensagem no *Instagram*.

— Está maluca? Ele deve receber milhares de mensagens, por enquanto eu fico aqui, na sombra, esperando que um dia ele me note. Sabia que hoje ele vai fazer uma tatuagem? Avisou nos stories.

— Não me diga que está planejando ir atrás?

— Bom, não pensei nisso, mas já que você está dizendo… vamos fingir que sem querer eu também pensei em fazer uma tatuagem. O problema é que eu descobri que esse estúdio é muito concorrido, um dos sócios é conhecido como tatuador das estrelas. Acredita que ele fez a primeira tatuagem do Dante Hurron? E, pasme, do Bryan Colt também! Eu vi na página do *Instagram* dele. — Violet era fã do jogador de futebol americano e do cantor. — Então, conseguir um horário com ele pelos próximos meses é praticamente impossível.

— E quem é esse tatuador das estrelas? — perguntei tomada pela curiosidade.

— Não faço ideia, ele não tem fotos na rede social do estúdio de tatuagem — respondeu, passando o dedo pela borda do copo.

— Podemos fingir que queremos um horário, vamos lá, onde é esse estúdio?

— Fica na sexta avenida.

— Perfeito, estamos perto, vamos passar lá depois do almoço. Será que ele ainda vai estar lá?

— Eu não sei… — disse nervosa e tentou arrumar a manga comprida da blusa. Uma pessoa havia passado por nós e perdeu muito tempo olhando para a prótese do seu braço.

— Não ligue pra isso…

— Está tudo bem, não se preocupe. Eu só fiquei pensando que o Neal… ele não iria me querer. Você sabe, eu fico ouvindo *If you were the sun* — citou a música do Bryan Colt — e pensando que nunca vou alcançá-lo.

— Pois pode parar com isso, vamos dar um jeito. Eu vou com você em todos os shows da banda se precisar, não importa se precisarmos invadir o camarim ou nos esconder no quarto de hotel, mas ele vai te ver, eu te dou minha palavra. — Fiz um gesto de promessa com as mãos.

Minha amiga gargalhou e sua expressão voltou a se iluminar.

Coloquei a bicicleta no seu carro antes de irmos ao tal estúdio de tatuagem. Assim que estacionamos e eu avistei a faixada, senti uma sensação familiar. As portas eram de um vidro negro. O nome do local estava em preto em um logo branco, li a *logo* “L&M” embaixo do “Oz Tattoo” e pensei imediatamente no livro infantil “O Mágico de Oz”.

— Está fechado, é domingo — apontei com os ombros caídos em desânimo.

— Claro que está fechado, fechado para clientes como nós. Olha o carro do Neal ali… — Apontou para o veículo estacionado do outro lado da rua. Violet era realmente muito engajada na sua paixão platônica, sabia tudo sobre ele.

— Então, ele está lá dentro ainda… vamos entrar. — Fui apressadamente apertar a campainha.

— Não! — Tarde demais. Eu já havia apertado. Coloquei as mãos na cintura e esperei que, quem quer que fosse, abrisse para nós.

Ficamos esperando, tentei espiar, mas não enxergava nada. Apertei mais algumas vezes a campainha. Ouvi passos, mas sequer um sinal de que a porta iria ser aberta. Se eu não fizesse algo de

imediato, a pessoa que estava do outro lado seguiria nos ignorando, por isso, resolvi fazer algo que só Callie Heart faria. Comecei a dançar em frente à porta, pois sabia que o vidro reflexivo daria a possibilidade de ver de dentro quem estava de fora.

Fosse quem fosse que estivesse olhando, iria acabar abrindo a porta nem que fosse para me enxotar dali. Comecei a cantar *"The Tide Is High"* para animar minha dança. A música de abertura de Lizzie McGuire fez parte da minha pré-adolescência.

— Pelo amor de Deus, para com isso… — pediu Violet fugindo da porta de vidro. Mas eu continuei minha dancinha que lembrava a época que tentei entrar na equipe de líderes de torcida. Não entrei, o que dizia muito sobre a dança que estava fazendo naquele momento. — Amiga, você está passando vergonha.

— Não posso parar agora, você vai me agradecer no futuro quando seu filho com o Neal nascer. — Bati uma palminha, pois tentava imitar as danças que vi no *TikTok.*

— Que filho? Sua doida! — Ela caiu na gargalhada se contorcendo e colocando a mão na barriga de tanto rir. Parou de repente como se um raio a tivesse atingido quando, finalmente, a porta se abriu.

Imediatamente, ajeitei minha postura parando de dançar, queria ver quem era a figura esnobe que ia colocar a cabeça para fora. O que custava ter aberto para nós? Isso me pouparia de ter passado vergonha.

Quem surgiu do lado de fora quase me fez derrubar o queixo no chão. Por que a lei de Murphy sempre me perseguia? Já não bastava tudo que passei no dia anterior? Claro que “Qualquer coisa que possa ocorrer mal, ocorrerá mal, no pior momento possível” estava ocorrendo naquele momento. Acabei de ser uma idiota na frente de ninguém menos que Landon Davis. Eu já passei muita vergonha perto dele, mas então era tudo bem diferente. Era como se todas as lembranças que tivemos juntos tivessem sofrido um blecaute por conta da pior de todas elas.

— O que você está fazendo?! — inquiriu assim que abriu a porta.

— *Eeeeu*…— gaguejei, olhando de canto para a Violet que nesse momento ficou muda. — O que você está fazendo aqui? — joguei para ele a responsabilidade de resposta, esquivando-me lindamente.

O Davis respirou bem fundo, como se tivesse puxando toda a paciência junto com o ar, apontou para cima, notei a luva plástica preta, e disse:

— Oz tatoo, L&M, Landon e Mason, sou um dos donos. Não me diga que não sabia… — Cruzou os braços e levantou sua sobrancelha grossa e negra. Seus olhos azuis praticamente atravessaram as írises dos meus olhos e fizeram cócegas no cristalino, perdi completamente o foco.

Pisquei algumas vezes para voltar a enxergar nitidamente e respondi:

— Obviamente que não!

— Então, o que está fazendo aqui? E por que fez essa dança bizarra pra chamar minha atenção? — O canto da sua boca tremeu, parecia que ele queria rir de mim.

— Eu vim porque… — Precisava pensar rápido, já… logo… — Porque a minha amiga Violet... — Apontei para ela que estava colocando a mão perto dos olhos totalmente morta de vergonha, implorando para que eu não a incluísse nisso, mas eu incluí — quer fazer uma tatuagem!

— Eu trabalho com agendamentos, não adianta vir aqui e fazer aquela coisa estranha pra chamar minha atenção.

— O que custa fazer um orçamento? Ela sonha em fazer tatuagem com você há quatro anos! — exclamei com veemência.

— Mas o estúdio só abriu há dois anos. — Olhou-me profundamente ao descobrir minha mentira. Não pude deixar de notar que seus olhos estavam ainda mais bonitos na luz do dia. Perdeu aquele ar cinzento da noite anterior, senti que parecia mais feliz.

— Isso mesmo, dois anos — tratei de corrigir o incorrigível.

— Desculpe, mas não dá, ela não pode furar a fila, tem muita gente esperando.

— Como você está metido, Landon Davis — falei de repente quando ele estava prestes a voltar para o seu estúdio. Não conseguia acreditar que ia fechar a porta na minha cara!

— Metido? — Apertou os olhos.

— É. Metido, você não era assim, que vergonha. Lembre-se que ambos saímos de Bell Buckle, virou nova-iorquino por acaso?

Ele fez um barulho forte de desgosto saído da garganta como puro ruído de irritação e me respondeu:

— Entrem, mas fiquei quietas, estou atendendo e depois posso falar com vocês. — Vibrei internamente e puxei Violet quase arrastada para dentro. — É sério, muito quietas, estou finalizando um trabalho — frisou, virando-se de repente, quase tombei com os músculos dos seu peitoral.

— Nós prometemos… — sussurrei, entrando no clima. Ele olhou como se dissesse “acho bom mesmo” e nos deixou sozinhas na recepção. Violet e eu nos entreolhamos e tivemos aquela típica conversa de olhares que as amigas têm. Depois, como tínhamos que ficar em silêncio, sentamos nas cadeiras de couro pretas e falamos por mensagem.

“Puta que pariu, esse é o seu ex-melhor amigo?”

Confirmei gestualmente com a cabeça.

“Ele é, eu nem sei dizer, extrapolou o limite de homem bonito, ele é lindo pra cacete.” Violet ultrapassou o seu limite de palavrões do dia.

“Eu sei e eu estou morta de vergonha, nem sei como vou olhar na cara dele daqui pra frente” respondi, batendo a mão na testa. O barulho da agulha trabalhando me causou aflição imediata, imaginei a dor e me arrepiei dos pés à cabeça.

“Desculpe, estou rindo por dentro.”

“Vai rir da minha cara? Eu fiz isso pelo seu futuro marido e filhos” fiz uma careta ao olhar para ela.

Continuamos a conversa digitando freneticamente segurando para não cair na gargalhada, caso contrário, o Landon me mataria e, muito possivelmente, me expulsaria do estabelecimento e da sua casa. Aproveitei para observar o local que era muito bonito, com as cores predominantes preto e branco, para alimentar o fato de que um dos donos era obcecado pelas tonalidades. Observei que havia desenhos nas paredes como na casa dele, todos com a mesma singularidade e a mesma perfeição de traço.

Demorou em torno de meia hora para que Landon voltasse a aparecer e, quando isso ocorreu, Neal também surgiu. Violet ficou branca, a cor do seu rosto fugiu na mesma hora, enquanto o *rockeiro* continuava a conversar com o tatuador sem notar que estávamos ali.

— Cara, ficou foda, nenhum tatuador tem um traço como o seu, a letra da música ficou, caralho, não tenho nem palavras — o vocalista do *The Pressure* rasgava elogios. Fiquei pensando nesse momento que minha amiga se apaixonou por um cara que sua mãe repudiaria. Primeiro, ele não era coreano, imagino também que ele

imitava o estilo do Kurt Cobain pelo comprimento do cabelo loiro na altura dos ombros. Seus olhos eram castanhos escuros, a barba era bem fina. O queixo quadrado e a expressão toda se iluminava ainda mais com um sorriso perfeito, analisando cheguei à conclusão de que era lente de contato.

Seu estilo era típico dos cantores de rock e misturava o clássico com o contemporâneo. Naquele exato momento, Violet devia estar pensando em ser sua Courtney Love.

— Não é nada.

— Você está convidado pra minha festa de hoje à noite, hein? Não se esquece disso.

— Violet, você está morrendo de sede, né? Onde será que tem água — falei de repente pra tentar chamar a atenção.

— Com… com muita sede — disse ela como se sua garganta estivesse verdadeiramente seca e imaginava que estava de tanto que gastou saliva babando pelo *rockeiro*.

Finalmente ele olhou para nós e, por segundos, seus olhos pararam na minha amiga e, com um leve sorriso, ele disse:

— Camiseta legal…

— Obri… obri… gada — gaguejou ela, baixando os olhos para sua camiseta do *Sex Pistols*.

Em resposta, Neal piscou e voltou sua atenção para o dono do local:

— Preciso ir nessa, Landon, se quiser pode levar alguém… — Despediu-se rapidamente e saiu pela porta. Em seguida, o Davis caminhou até um frigobar e pegou a água para dar a minha amiga.

— Violet, certo? — perguntou à coitada que estava tentando parar de soluçar. — Normalmente eu não faço orçamentos pessoalmente e estou com a agenda fechada, mas já que vocês estão aqui… o que você quer fazer? Já tem uma ideia?

— Na verdade, eu… eu…

— Não tem nem ideia do que quer fazer, certo? — Ele sacou rapidamente, colocando a mão no queixo.

— Ela tem, sim! Só está um pouco confusa — intrometi-me.

— Entendi, eu vou pegar o meu material e já volto… — disse todo desconfiado.

Olhei rapidamente para minha amiga e sussurrei:

— E agora?

— Eu não sei, eu nem posso fazer uma tatuagem. Faz você… — jogou para mim a responsabilidade em um murmúrio.

— Nem pensar, dói pra cacete, eu não consigo lidar com a dor.

— E eu que nunca fiz? Callie, me socorre…

De repente, o Landon voltou com um Ipad e sua caneta própria para o aparelho e sentou em uma das poltronas.

— Vamos trabalhar, me diz o que imagina.

— Já? Você vai fazer já?

— Um esboço — falou vagamente. — Você sabe que trabalho apenas com desenhos exclusivos, certo? — Ela confirmou que sim. — Então? — Fez um meneio de cabeça para o lado, esperando alguma descrição.

— Ela gosta de abelhas — Olhei para o colar com o pingente de abelhas que ela usava e me lembrei da sua obsessão por objetos e estampas de abelhas.

— Hum.

— Abelha pousando em um galho ficaria lindo — falou minha amiga finalmente, seus olhos até brilharam.

— Não faço tatuagens coloridas, tudo bem? — Ele ponderou sem olhar para nós, estava completamente focado em seu *sketch.*

Violet confirmou que sim.

— Qual local do corpo irá tatuar? — continuou com as perguntas.

— O mais escondido possível… — Olhei para a Jung com os olhos arregalados e isso a fez se corrigir. — Quer dizer, acho que na costela.

Não demorou muito para que o Landon nos mostrasse seu esboço. Era lindo, não estava com todos os detalhes, mas aquele traço fino e delicado que só ele sabia fazer se fazia presente.

— Posso mandar completo com o orçamento depois que mostrar exatamente o local irá fazer e qual será o tamanho, preciso que me diga em centímetros.

— Hum, imagino zero vírgula sete centímetros — o respondeu Violet.

— Está brincando? É o tamanho de um grão de arroz. Vocês estão aqui para zoar com a minha cara por acaso? Eu estou cheio de trabalho para fazer — se irritou.

— Ela está brincando, quatro centímetros fica perfeito — tratei de corrigir.

— Quatro centímetros?! Eu vou morrer, Callie. — Minha amiga saiu do papel que estávamos atuando pelo medo da agulha.

— Não seja medrosa, eu fiz uma maior e não morri.

— Mas faz questão de não fazer outra, você até me disse que pensava em apagá-la.

Aiiiii meu Deeeeeeus.

Eu tive que olhar imediatamente para o Landon, porque ele sabia bem qual era essa tatuagem. Sua reação foi automática, se empertigou, apertou o punho em uma tentativa de autocontrole e continuou a olhar para nós com a mandíbula cerrada.

— Eu, eu não pretendia apagar — tentei corrigir algo que seria interpretado errado.

— É tão bonita, é a batida do seu coração, certo? Fiquei pensando porque você apagaria… — De novo, ela estava falando demais na frente de quem não deveria.

Abaixo dos seios, exatamente na costela, eu tinha uma tatuagem de um batimento cardíaco em uma linha bem fina. Embaixo

estava escrito *“with every heartbeat”* que significava *“a cada batimento cardíaco”.*

Essa foi uma declaração para a pessoa dos olhos mais bonitos que já vi.

Pensávamos que estaríamos juntos até o fim.

Só não esperávamos que essa jura fosse tão efêmera.



CORAGEM PARA PULAR MUROS

“Vocês acham que Oz poderia me dar coragem?
Porque para mim é simplesmente insuportável
viver sem um pouco de coragem.”
(O Mágico de Oz, L. Frank Baum)

ANTES

— Landon, você precisa ter coragem, por favor, é por mim — implorei.

Estávamos em uma situação nova e constrangedora para mim e para ele também que, como sempre, dividia os momentos mais importantes da minha vida comigo. Tínhamos treze anos e um marco

da vida feminina tinha acontecido. A minha primeira menstruação havia acabado de acontecer no momento mais inoportuno possível.

Estávamos no intervalo e na fila do refeitório quando eu senti algo estranho. Era quase como uma dor de barriga e do nada uma sensação de que eu não tinha controle sobre algo. Larguei a bandeja em uma mesa qualquer e corri para o banheiro, percebendo minha agitação, meu melhor amigo veio atrás de mim e ficou do lado de fora do banheiro achando que eu estivesse pronta para morrer por conta do berro que eu dei. Na porta, eu saí e implorei a ele para que pegasse o absorvente na minha bolsa.

— Eu não posso fazer isso, Callie, e se alguém ver? — respondeu ele.

— Pare de ser covarde! Você sabe como é um absorvente, certo? Você tem uma irmã — ponderei em um sussurro. — É um pacote rosa, espera, tudo é meio rosa pra você. — Ele me olhou feio quando eu disse isso. — Desculpe, é fácil de identificar, vai logo, por favor — pedi com os olhinhos sofridos, provavelmente ele se compadeceria. — E me traz a mochila com as roupas do futebol.

— Ok, mas me promete que vai fazer amizade com alguma menina?

Eu ri do seu pedido e do seu rostinho todo preocupado. Confirmei que sim e continuei a esperar na porta do banheiro. A questão era que eu manchei minha calça e não podia sair dali enquanto ele não me trouxesse a mochila com a troca de roupa que eu tinha. Sempre, no final da tarde, Landon e eu íamos jogar bola na casa de um amigo.

As cenas seguintes foram uma vergonha para Landon Davis. Porque, bom, ele deixou o absorvente cair no meio do corretor lotado, porque ele estava todo afobado para me entregar. Todos os idiotas riram da sua cara, mas isso não o impediu de entregar as coisas que pedi. No fim das contas, ele provou sua coragem e lealdade e foi apelidado de "*absorvente*" por um tempinho.

O Davis era popular e o apelido foi levado de uma forma tão leve por ele que no ano seguinte nem foi lembrado.

Não fui jogar futebol nesse dia, fui para casa e me tranquei no quarto porque repudiava a ideia de ter menstruado. Na minha cabeça eu não queria "*crescer*". Não queria sair daquela fase tão boa da infância e pré-adolescência e ir direto para a fase de "*ser uma mulher*" como minha mãe havia acabado de dizer toda contente.

Para piorar e me deixar ainda mais morta de vergonha, minha mãe contou para todo mundo que eu havia menstruado. Vovó ligou para me parabenizar, a vizinha trombou comigo na rua e disse “já era hora, estava quase falando pra sua mãe que deveria te levar no médico, você era muito menininho, Callie, quem sabe agora vire uma mocinha”. Como eu fiquei com raiva! Minha vontade era de falar vários palavrões que tinha aprendido recentemente, mas me calei. E papai, bom, ele foi legal e me comprou chocolate.

Minhas irmãs ainda disseram que eu devia deixar o cabelo crescer porque eu parecia um garoto, que minhas roupas eram iguais as do Landon e que estava na hora de eu me arrumar um pouco mais.

Repliquei todo mundo e ainda disse que ficaria muito feliz quando elas finalmente fossem para a faculdade e me deixassem em paz. Nesta época, eu não imaginava a falta que elas me fariam, mesmo que a cumplicidade das gêmeas me negligenciasse um pouco. Era como Landon dizia, eu precisava arrumar uma amiga e, no ano seguinte, isso finalmente aconteceu.

A parte ruim foi que ela se apaixonou pelo meu melhor amigo.



AGORA

Fiquei tensa, porque não tinha como consertar o que foi dito por Violet. Eu disse que pensava em apagar, mas não era algo *real, real*. Foi apenas um pensamento externado quando eu estava com raiva por pensar tanto no Davis. Na minha cabeça, se eu apagasse a tatuagem, era uma forma também de apagá-lo da memória.

— Tenho que fechar o estúdio. — Ele se levantou pouco se importando com o que eu poderia dizer e, sinceramente, nem sabia o que dizer. Caminhou até a bancada da recepção e pegou um folheto. — Preencha essas informações e me envia por e-mail. Está tudo aí, assim que possível, vou te enviar o orçamento — disse para a Violet.

Ele não me olhou quando abriu a porta para sairmos e praticamente nos enxotou do local. Assim que a Jung e eu entramos no carro, passei a falar:

— Puta que pariu! Por que você falou da minha tatuagem?!

— Qual o problema? — Ela ainda não havia entendido a gravidade da situação.

— A tatuagem… ela… ela é sobre ele — entreguei.

— Mentira! Ah não, não acredito que você era dessas… do tipo apaixonada, apaixonada pra caralho. Callie, então vocês eram mais que amigos? Você o amava, não é? E muito… — ponderou, colocando o cinto.

— Não — neguei. — Não posso falar, não consigo falar. Então podemos só… só ir? — pedi.

Ela acatou o pedido enquanto balançava a cabeça negativamente e dizia:

— Você é tão complicada…

Liguei o rádio e mudei rapidamente de assunto:

— Temos que ir à festa do Neal Meyer.

— Ah, claro. E como deslocadas como nós vamos conseguir um convite? — perguntou com todo o seu sarcasmo.

— Vou dar um jeito. Dê seu jeito com seus pais e esteja pronta hoje à noite — falei com convicção. Se eu sabia como ir à festa? Não, eu não sabia, mas daria o meu jeito.

— Você tem certeza que consegue?

— Claro, confia em mim.

— Ele reparou na minha camiseta — disse toda boba.

— É um sinal, querida Violet, *Pencil* Meyer está chegando.

— *Pencil*?!

— É o nome do filho de vocês.

— Pelo amor de Deus! Não!

— E que tal *Yellow*?

— Eu vou te matar, Callie Heart — começou a rir, tentando focar a atenção no trânsito, enquanto eu continuava a sugerir nomes incomuns.

— A filha da Beyonce se chama Blue Ivy. Acho que se for menina pode ser *Coral* Jung Meyer e se for menino *Cyan* Jung Meyer.

— E por que todos com a letra C?

— Não é óbvio? Em minha homenagem, é claro.

Nós gargalhamos e aliviamos toda aquela tensão referente a tatuagem *não apagada*. Ela me faz pensar que o meu "*eu adolescente*" da época da tatuagem jamais imaginaria que cogitei

removê-la. Apenas me lembrava do momento em que a agulha tocou minha pele e o Landon disse "*Cosmos*". O cosmos é a totalidade de todas as coisas deste Universo. A citação desse espaço sem limites era o nosso código secreto para dizer que jamais teríamos um fim. As emoções que surgiam da lembrança me fizeram sentir um embargo na garganta, mas eu mascarei o forte sentimento com o meu sorriso.

O astrônomo Carl Sagan define o cosmos como sendo *"tudo o que já foi, tudo o que é e tudo que será".* Cosmos era o nosso *"para sempre".*



Observei Landon Davis que tinha acabado de ir para o banho, o que confirmava que ele iria à festa. Era quase oito horas da noite e não nos falamos desde o encontro no seu estúdio de tatuagem. O meu plano era bem simples, jamais iria pedir a ele que me levasse, até porque sentia que seria rejeitada, eu decidi que simplesmente iria segui-lo e fingir na porta que Violet e eu o acompanhávamos logo depois que ele entrasse.

Abri minha mala e pensei que deveria colocar as roupas em algum lugar. Havia um pequeno armário para guardá-las, embora a porta estivesse meio emperrada. Fiz o que precisava ser feito, puxei-a com tudo e acabei não só abrindo a porta, como também levei a maçaneta junto. O impulso foi tão forte que caí de bunda no chão e soltei um grunhido de dor, proferindo vários palavrões possíveis.

Fiquei parada e sentada, avaliando o estrago quando uma figura surgiu apenas de toalha na porta do quarto. Em minha defesa, seria necessário dizer que, por estar sentada no chão, o meu primeiro olhar foi diretamente para aquilo que as garotas estavam cobiçando no bar no dia anterior. Deixei até a maçaneta cair no chão. Balancei a cabeça tentando aliviar o desconforto de ter engolido em seco e subi minha visão para o rosto de Landon. Preocupado, pois uma veia de tensão se sobressaiu no seu pescoço.

— Mas que porra você fez?! — perguntou, colocando a mão na cabeça.

— O que você acha, idiota?! Podia me avisar que essa coisa estava quebrada! — Tentei me levantar puta da vida. O Davis se aproximou e estendeu sua mão. Segurei-a e, com seu aperto firme, impulsionei-me.

Dei de encontro com seu queixo quando me levantei. Fiquei a centímetros dele e tive que abaixar a cabeça para não olhar em seus olhos. Aqueles olhos azuis tão profundos quanto o oceano, nos quais eu já tinha me perdido tanto. Esqueci de jogar uma âncora e meu barquinho virou destroços em meio à nossa tempestade.

Achei que foi o instinto de me apoiar ou o costume, só sei que eu coloquei minha outra mão bem no seu peito molhado.

Eu…

Eu suspirei.

Sim, eu suspirei, inevitavelmente, inesperadamente e vergonhosamente soltei o ar pela boca ao encarar todos aqueles músculos. *Molhado*, precisava enfatizar o molhado de novo, porque deixava tudo ainda mais impuro nos meus pensamentos.

Ele deu um passo para trás, todo desconfortável. Finalmente me dignei a olhar para seu rosto, vi sua expressão bem séria. O que me faz me sentir ainda mais idiota. Nós cortamos relações e, como seu gesto corporal acabou de dizer, Landon já esqueceu sobre tudo.

— Desculpe… — murmurei.

— Vamos consertar isso amanhã. Eu tenho que sair daqui a pouco.

— Ok. Você vai em uma festa? — perguntei de intrometida, com foco total no armário, para não olhar todo aquele corpo nu. A parte crucial estava coberta por uma toalha e eu agradecia a Deus por isso.

— Vou por quê? — Passou a mão pelo cabelo molhado.

Que isso… fecha a boca, Callie Heart!

— Nada. Curiosidade.

Ele me olhou desconfiado, porque ele sabia muito bem qual era a expressão que eu fazia quando eu estava prestes a aprontar alguma coisa.

— Hum.

— Não vai terminar seu banho? Ou vai ficar se exibindo todo pelado pra mim? — tive que cutucá-lo, foi mais forte do que eu.

— O quê? Você que não para de olhar! — apontou, o que não era mentira.

— Eu tenho olhos, Landon Davis. Não posso tirá-los do meu rosto.

Ele fez um barulho de indignação e, com um olhar daqueles que me faz duvidar o quanto ele havia esquecido, me deixou sozinha.

Corri para pegar meu celular e mandei uma mensagem para a Violet:

“Onde você está? Vem logo!”

“Estou saindo de casa, chego em breve” respondeu quase que imediatamente.

E ela chegou bem rápido mesmo, pois também morava em Manhattan. Fiquei observando bem discreta o Davis terminar de se arrumar sentada na sala com uma coberta cobrindo minha roupa de festa. Senti o cheiro do seu perfume assim que apareceu. Era diferente, não o mesmo que ele usava na adolescência, mas com um cheiro tão gostoso quanto.

Não podia falar que era almíscar, porque eu nem sabia o que era almíscar. Não entendia de perfumes, mas era algo sutil e ao mesmo tempo tomava conta de todos os hormônios e pensamentos assim que você o inspirava. E quando expirava, sentia como se precisasse de mais, do cheiro e da presença de quem o usava. Era viciante.

Reparei em suas roupas que seguia o mesmo estilo de sempre. Jaqueta, dessa vez preta ajustada acima do antebraço para evidenciar mais suas tatuagens, camiseta cinza claro, calça jeans

pretas sem rasgos. Estava usando também uma pulseira metálica na mão esquerda e dois anéis na direita. Ele passou por mim como se eu não estivesse ali e deixou apenas o aviso:

— Pode trancar a porta. Tenho as chaves.

Olhei-o de costas e vi algo em sua jaqueta. Nela, tinha estampa de uma serpente em volta de uma flor. *Ele virou membro de alguma gangue por acaso?*

E saiu deixando seu rastro de perfume.

Na mesma hora, eu me soltei do cobertor e, discretamente, fechei a porta e saí do *apartamento-bar.* Landon arrumou o retrovisor do seu carro quando eu entrei no veículo da Violet.

— Meu Deus, o que você está vestindo? — perguntou ela.

— Digo o mesmo pra você. Por que insiste em usar coisa com estampa de abelhas? — Ela usava uma camiseta grande amarela com uma abelha preta no centro, embaixo da estampa estava escrito *“save the bees”.* Também usava uma calça jeans e um cinto preto.

— É estiloso e ainda levo a mensagem de proteção às abelhas para onde quer que eu vá. — Deu de ombros, observando o momento em que o nosso alvo sairia da vaga.

— Violet, você é a única pessoa que eu conheço que tem alergia a abelhas e as ama ao mesmo tempo.

— Abelhas são incríveis. Você já parou para pensar que o mel vem das abelhas? Cara, isso é muito foda, todo o processo sabe?

— Você também não consome mel…

— Claro, as abelhas são exploradas! A apicultura é uma atividade muito cruel. Você sabe, eu já te falei sobre isso, a fumaça que eles usam da queima de palha para desacordar as abelhas que ficam intoxicadas, só para o ser humano mexer com mais facilidade nas colmeias. — Cerrou o punho em indignação. — E as bichinhas morrem! Morrem, Callie! Morrem! Isso é muito cruel. E para piorar, tem alguns apicultores que esmagam as pequeninas abelhas só para extrair o favo. Eu não tenho palavras para expressar a minha indignação. — Ela bateu no volante bem na buzina. E Jesus, eu gritei, porque poderíamos ser pegas.

— Pelo amor de Deus, mulher! Se acalme. Coitada das abelhas, mas agora temos que ir, pois o Landon acabou de ligar o carro — avisei.

— Desculpe, você sabe que eu me empolgo pelas causas dos animais. — Ela também ligou o carro. Era isso que eu mais amava

na Violet. Ela tinha amor por algo que poderia ser fatal a si mesma, sua paixão era louvável.

— Eu sei, lembra de virar à esquerda, ele deu seta.

— Mas voltando, eu pensei que tínhamos combinado de usar algo para nos enturmar — criticou. Eu estava usando a minha calça jeans customizada com “patches” que eu mesma colei. Então ela estava cheia de decalques nos dois lados do bolso, tem um com a cara do Homer Simpson, outro com o logo do Stars Wars, hambúrguer, batatas fritas, enfim tudo que eu gostava. Nos pés estava usando o velho *All-Star* que eu tinha desde os dezesseis anos. E minha camiseta era sem estampa e branca com a manga curta dobrada.

— Mas eu estou vestida para me enturmar, tem tudo que eu gosto aqui na minha calça. E olha quem fala! Falar de abelhas é se enturmar? — Comecei a gargalhar. Passamos o caminho inteiro discutindo quem se vestiu pior até que o Landon estacionou em uma rua no *Queens*. O som ligeiramente alto demonstrava que a casa era do Neal Meyer.

De fora, a casa era bem grande, de dois andares, escadas na frente e duas pequenas sacadas em cada janela. Embaixo, tinha a

entrada da casa principal, em que o acesso era pela escada e havia dois portões de garagem, uma coberta e outra aberta.

Landon saiu do carro e conversou com um cara parado na entrada que usava uma jaqueta bem parecida com a dele. Assim que viraram as costas, percebi que tinha o mesmo símbolo atrás da jaqueta desse cara que, provavelmente, era seu amigo.

Assim que eles entraram, Violet e eu saímos do carro. Percebemos que, conforme as pessoas iam entrando, que nos enturmaríamos melhor se tivéssemos escolhido vestido como todas as garotas. Mesmo assim, com toda a coragem, nós tocamos a campainha. Quem nos atendeu não era o anfitrião e sim o baterista do *The Pressure* que não era nada simpático.

— Quem são vocês? — perguntou sem nem nos cumprimentar.

— Somos amigas do Landon Davis, o tatuador das estrelas, sabe? — tentei ser verossímil.

— Sério? — Levantou uma sobrancelha em descrença. Ele tinha uma tatuagem em formato de cruz bem do lado dela e isso me fez ficar olhando especificamente para esse ponto.

— Claro, pode chamá-lo se quiser — falei convicta que ele não o chamaria. Do meu lado, Violet me cutucou e me olhou censurando.

— Ok, seu nome?

Puta merda.

Ferrou.

Reuni toda a minha coragem, afinal de contas, era pelo futuro da minha melhor amiga. Os filhos que ela iria ter com o Meyer compensariam toda a humilhação. Mas, espera, será que ele me liberaria?

— Callie Heart e Violet Jung — disse nossos nomes.

Ele fez um sinal para esperarmos e fechou a porta bem na nossa cara. Ficamos paradas que nem bobas na porta quando algumas garotas apareceram.

— O Landon vai estar aqui hoje, Reese? Você tem certeza? — Era a tal Chloe das pernas longas da noite anterior e sua amiga.

— Tenho certeza, o Neal me confirmou.

— Vocês ainda estão ficando?

— Não. Foi só aquele dia, o Meyer não é de compromisso.

Ficamos paradas ouvindo tudo. Apertei o ombro da minha amiga que estava com expressão triste. Ela tinha medo de batalhar pelo seu amor, o que me deixou ainda mais empenhada em ajudar.

As duas mal olharam pra gente e apertaram a campainha, ambas de vestidos e bem estilosas. O baterista, que eu nem sequer lembro o nome, atendeu e deixou elas entrar sem nem perguntar o nome. Que ódio!

Logo depois a atenção dele se voltou para nós:

— O Landon disse que não conhece nenhuma Callie ou Violet, então… — Fez um aceno de despedida e fechou de novo a porta.

Eu não acredito! Que humilhação! Por que a vida tinha que ser tão ingrata? E esse canalha?! Como ele pôde fazer isso com a gente? Coloquei a mão no rosto, pensativa e irritada.

— Tentamos…, mas acho que não é pra ser. Vou voltar para a minha vida de admiradora secreta. Acho que lido bem com isso — disse Violet conformada.

Mas eu não estava conformada! Minha mente estava trabalhando na próxima ideia. Eu ia entrar nessa festa nem que fosse necessário pular o muro.

Ficamos sentadas em frente à porta da casa esperando que alguma ideia mirabolante surgisse do nada, o que não aconteceu.

— Vamos tentar entrar pelos fundos! — Levantei-me.

— E como vamos entrar?!

— Vamos pular o muro, óbvio. — Simples assim, iríamos pular o muro da garagem aberta.

— E se alguém nos pegar?! — perguntou alarmada.

— Vamos ser rápidas. Agora, já, enquanto não aparece mais ninguém — sussurrei, como se fossem nos ouvir com toda aquela música alta. — Eu entro e abro a porta pra você, pode ser?

— Callie, isso é uma má ideia.

— Confia em mim, vai dar certo. Isso é pelo *Cyan* e pela *Coral*.

Ela tentou teimar comigo mais uma vez, mas eu estava decidida. Com sua ajuda, eu subi o muro me apoiando em seu ombro, dei uma espiada e vendo que a barra estava limpa, eu me segurei no corrimão do muro que era idêntico ao da escada. O bom era que, do outro lado, não tinha nenhum carro e sim duas latas de lixo.

Não deu outra, assim que pulei, com toda a minha coragem, caí de imediato nas latas de lixo. Minhas costas, meu Deus! Será que eu me quebrei? Fiquei um tempinho pensando se deveria me mexer com uma casca de banana bem em cima da minha cabeça.

— Deus, a minha existência é uma piada? — resmunguei.

— Eu acho que não, mas… que isso foi engraçado, ah se foi! — De repente, um ser apareceu surgido das sombras. Estremeci de susto. — Desculpe — disse enquanto caminhava até a mim, consegui enxergá-lo. Era o cara que estava com o Landon mais cedo na entrada. Ele era aquele estilo de cara bonito e aparentemente perigoso para o coração. Cheio de tatuagens, inclusive no pescoço. E um sorriso daqueles que não valem nada, mas lindo. — Deixa eu me apresentar, sou o Mason Hicks. — Ah! Deveria ser o tal Mason da sociedade do *Oz Tattoo*. Ele se abaixou e me olhou bem nos olhos e retirou a casca de banana do meu cabelo. — E você, intrusa, quem é?

Segurei a respiração de tanta vergonha quando ele me ajudou a levantar.

— Desculpe, sou a Callie, minha amiga e eu somos fãs da *The Pressure* e queríamos entrar então… eu tive essa ideia idiota.

— Entendo… e onde ela está?

— Lá fora e deve estar morta de vergonha. Você está aí Violet? — chamei por ela que respondeu em um grunhido que sim.

— Bom, acho que vocês merecem entrar, mas me responda antes, vocês não são *stalkers*, não é?

— Jamais. — Vamos esconder o fato de que a Violet fica quase o dia inteiro no *Instagram* do Neal e que já temos os nomes dos filhos desse casal escolhido.

Mason Hicks foi um cara legal, diferente daquele canalha, e abriu a porta da frente para que Violet entrasse. Eu estava cheirando a lixo, mas bem feliz. Como minha camiseta branca estava suja de algo que, esperava que fosse molho de tomate, eu deixei minha amiga na sala com o nosso salvador e corri para o banheiro.

No caminho, vi várias pessoas que eu nem fazia ideia de quem eram, mas nada do Davis.

No banheiro, tinha duas garotas esperando na fila e que conversavam muito animadamente.

— Eu sai com ele na semana passada, mas não conta pra ninguém — dizia a ruiva toda boba.

— E como foi? O pau dele é grande? Conta tudo, por favor! — A amiga dela ajeitou os cachos enquanto falava muito alto.

— Você não tem ideia. Vou te contar algo, mas é segredo: o Landon Davis, tem uma pinta na bunda!

Não estou crendo nisso! Elas estavam falando daquele sem-vergonha? Espera, pinta? Desde quando ele tinha uma pinta na

bunda? Impossível. Então, como sempre, não me controlei e me intrometi na conversa:

— Desculpe me intrometer, mas… — As duas olharam diretamente para mim. — Acho que você está mentindo! Eu conheço bem a bunda do Landon e ela não tem nenhuma pinta!



O QUE VOCÊ PERDEU, LANDON DAVIS?

“Eu vou pedir um coração — replicou o homem de Lata —,
porque um cérebro não faz a pessoa feliz,
e a felicidade é a melhor coisa desse mundo.”
(O Mágico de Oz, L. Frank Baum)

ANTES

Meu melhor amigo era muito apegado ao pai, assim como eu também me afeiçoei muito pelo senhor Lewis. Ele era uma alma artística, como nós, mas que acabou perdendo toda a sua glória muito cedo. Lewis Davis era pintor e, uma das suas obras, *“As cores da minha alma”* foi muito aclamada ainda quando ele era um pintor em ascensão. O que foi um fôlego para a família, pois eles tiveram

uma filha muito cedo, aos dezesseis anos, e arcaram com essa responsabilidade, ainda sem saberem qual seria o vislumbre do futuro.

Por um tempo, tudo deu muito certo, até que não mais. Depois de ter perdido sua casa, por tê-la hipotecado para abrir sua galeria, Lewis praticamente desistiu do seu sonho. Após muitas brigas com sua esposa, ele começou a trabalhar como pintor, mas, dessa vez, apenas de casas. O que foi um fôlego para colocarem a vida financeira nos eixos.

Sempre que eu conversava com o senhor Davis, quando ele estava sozinho na garagem pintando um de seus quadros, apenas pelo seu hobby, eu percebia onde morava o seu coração, que, aos poucos, ele foi perdendo.

Elle Davis herdou a beleza da família e, apesar de vê-la com pouca frequência, ela era tão legal quanto o Landon. Era dia de Ação de Graças e a minha família e a dos Davis se reuniram. Elle havia avisado a família que traria a pessoa que namorava e todos estavam muito ansiosos para isso.

Eu havia acabado de fazer catorze anos, oito dias antes para ser exata, e começava a me interessar por coisas que não eram

desenhar ou ler livros. Fiquei interessada em me maquiar porque, um dia, o Landon disse que nossa colega e a mais popular do colégio, Lily Brown, era bonita. Sim! Ele disse que outra garota era bonita na minha frente! Ok. Eu entendo que eu o pressionei e pedi para dizer quem ele achava bonita. Esperava que dissesse que era eu, mas, não, era ela.

Pensei que ele a achava bonita, porque ela usava *gloss labial* e já tinha seios bem maiores que a maioria das garotas da nossa idade. Por isso, decidi que me arrumaria para o dia de Ação de Graças. Deixei que minhas irmãs me arrumassem, coloquei um vestido azul claro levemente rodado, meus cabelos enrolamos com *baby liss*, eu havia deixado eles crescerem até a altura do ombro. Emily e Melissa me fizeram uma maquiagem leve condizente com a minha idade. E, escondida de todo mundo, coloquei meias no meu sutiã. Enfim, fiquei peituda. Tinha adorado isso, fiquei me olhando no espelho me achando um máximo.

— Callie, você… — De repente o Landon apareceu. Ele tinha a mania de pular minha janela e apareceu bem do nada quando eu contemplava meus seios de pano. A reação dele foi de total choque, queixo caído e tudo.

“*Está vendo, Landon, quem é a bonita aqui?”* falei nos meus pensamentos.

— Ei! Você não pode aparecer assim do nada, e se eu estivesse me trocando?! — disse algo diferente do que pensei, é claro.

— Por que você está vestida assim? — perguntou sem nem ligar para o que eu acabei de dizer.

— Qual o problema? — Coloquei a mão na cintura.

— É que… é estranho, porque você está parecendo uma garota.

— Eu sou uma garota, paspalho! — gritei indignada.

— Eu sei, mas é que, é, sei lá, desculpa. Eu vou… — Ele parou os olhos nos meus seios e fez uma careta de estranhamento.

— Ei! — Coloquei os braços na frente deles, protegendo-os. — Não seja um tarado!

— Eu não sou tarado! É que tem algo errado. — Apertou os olhos. — Tá torto?!

Humilhação.

Parecia que desde sempre eu mesma me colocava em situações para passar vergonha. Espantei o Davis a pontapés do meu quarto, ou melhor, tirei as meias dos meus pequenos seios e joguei-as nele.

Na hora de sentar à mesa, eu fiquei bem longe do Landon, de tanta raiva que eu estava dele. A senhora Davis reparou no meu vestido e disse que eu estava deslumbrante. Já o senhor Davis disse que eu sempre estive bonita. Que ótimo, pelo menos eles tinham bom gosto.

Um clima de paz muito grande formou-se à mesa, nem parecia que há poucas horas meus pais brigaram porque não tinham entrado em um consenso sobre a sobremesa. Os dois cozinhavam muito e viviam em pé de guerra na cozinha.

Mamãe, como sempre, exagerou e disse que papai devia seguir suas ordens, pois não sabia se estaria viva no próximo feriado. Ela era assim, hipocondríaca, e vivia toda semana no médico. O bom era que ela tinha uma saúde de ferro, e o ruim era que ela não acreditava nisso.

Lewis e sua esposa, Elena, pareciam ter selado as pazes de vez, depois que melhoraram a vida financeira. Ela continuava

trabalhando no café dos meus pais e ele sempre tinha algum trabalho pra fazer, seja na cidade ou nos arredores.

Mas, aí, uma divergência aconteceu.

Elle Davis chegou atrasada e trouxe uma namorada.

Para Elena isso foi um choque, já Lewis lidou como deveria ser e acolheu normalmente a filha e sua namorada. Tudo ficou tenso, porque a senhora Davis abandonou a mesa, não aceitava que Elle não tivesse contado com antecedência, na cabeça dela, ela precisava de uma preparação prévia.

Foi berro para todos os lados, porque Elle dizia que sua mãe sempre soube e sempre ignorou. Enquanto a treta acontecia, eu aproveitei para comer toda a torta de abóbora, porque era uma das minhas comidas preferidas da data. Landon também ficou alheio ao que acontecia, pois me olhava e não dizia nada.

Pensei que ele me achava ridícula, por isso não parava de olhar.

Também pensei que ele ficava cada vez mais bonito, os hormônios da adolescência falavam cada vez mais alto quando estávamos próximos demais. As outras garotas já o haviam notado e sempre se aproximavam de mim querendo saber dele.

Sentia-me angustiada.

Borboletas no estômago? Como tinha.

Pensava que logo ia passar, mas, quando ele me olhou com seus olhos azuis tão doces e gentis e aquelas bochechas rosadas, o bater de asas das borboletas causaram um verdadeiro furacão dentro de mim.

Saldo do dia de Ação de Graças: passei mal porque comi demais e Landon ficou alguns dias sem falar comigo. Os Davis tiveram uma reunião familiar que resultou em mais uma briga entre o casal, Elle decidiu que não falaria com sua mãe por um tempo e eu percebi que, talvez, apenas talvez, começava a me apaixonar pelo meu melhor amigo.

No colégio, Lily Brown, a causa de toda discórdia entre melhores amigos, começou a se aproximar de mim e, sem qualquer cerimônia, decidiu que seria minha amiga.



AGORA

As garotas me olharam com total indignação e nojo. Avaliaram-me dos pés à cabeça antes de dizer alguma coisa:

— Quem é você, querida?! — perguntou a ruiva. — Coitada, até parece que você saberia de algo assim sobre o Davis. Eu saí com ele e tenho certeza do que estou dizendo. — Ela nem vacilou na mentira, porque tinha plena convicção de que eu jamais saberia desse fato sobre o tal canalha.

— Fofa, se toca, está querendo insinuar que a Sally é mentirosa? — A amiga da inventora da pinta a defendeu.

— Eu não quero insinuar nada, mas eu sei que o Landon não tem nenhuma pinta na bunda. — Fiquei com raiva de ser tratada daquela forma, então rasguei de falar mesmo. — Eu vi essa bunda várias e várias vezes. É bem bonita, aliás. — O banheiro foi desocupado, mas ninguém fez menção de entrar, as duas ficaram olhando para algo ou alguém atrás de mim.

— Ela tem razão — Senti uma mão em meu ombro —, eu não tenho nenhuma pinta na bunda.

Céus.

Pânico.

Minha boca precisava ser controlada urgentemente!

— Acho que ouvi meu nome, vamos, Tina. — A Sally mentirosa puxou a amiga na hora, que, sem entender nada, foi arrastada da minha visão.

Apertei os lábios e nem me movi, não ia me virar e dar de cara com o Davis. Não mesmo.

— Por que você está cheirando a lixo? — perguntou ainda atrás de mim.

Afastei-me na hora e virei para retrucar:

— Estou testando um novo perfume, não é para todos os olfatos.

— O que está fazendo aqui e por que me seguiu? — Seus olhos me perscrutaram de forma acusadora.

— Te seguir? Eu não te segui! — Cruzei os braços em defesa.

— Eu vi você e sua amiga, reparei desde que te vi sair do apartamento se esgueirando pra entrar no carro dela.

— Não sei do que está falando — continuei em negação.

— Não? Aquela buzina alta nem chamou minha atenção — foi sarcástico. *Isso tudo é culpa das abelhas!* — Depois me disseram

que você queria entrar, e pior, queria usar meu nome pra isso. Se queria tanto vir, por que não pediu?

— E você, sabendo de tudo, me ignorou?!

— Queria ver até onde você ia.

— Com licença, você não vai usar o banheiro? — Uma garota chegou para nos atrapalhar. Pedi para ir na frente, porque tinha que ganhar uma discussão.

— Eu precisava vir, entende? — Ele continuou a me olhar com desconfiança. — A minha amiga quer se aproximar do Neal — sussurrei, ele, em vez de prestar atenção no que eu estava falando, olhava diretamente para os meus seios.

— Ei, tarado! — Cobri com os braços. Diferente da cena de anos atrás, meus seios eram médios e, modéstia à parte, eles eram lindos.

— O que é essa sujeira? — Apontou para a parte vermelha na minha camiseta.

Era formada na área de humilhação.

— Tive um problema, enfim, preciso dar um jeito nisso. — Também era mestre em sair pela tangente. — Nem se eu esfregasse muito, ia salvar. — Fiz o que tinha que ser feito, coloquei a mão na

barra da camiseta para tirá-la. Imediatamente o Landon ficou na minha frente, tapando qualquer visão que poderiam ter do meu corpo.

— O que você está fazendo?!

— Estou de top esportivo, melhor do que ficar toda suja — respondi.

Ele balançou a cabeça e me fez um sinal para que continuasse. Nossa, mas que situação estranha. Estava lá, tirando a camiseta na frente do Landon e ele nem iria me beijar em recompensa.

— Por que está demorando? Vai tirar as meias daí de dentro? — Idiota! Até aquele dia ele não esqueceu dessa cena.

— Que engraçadinho, pensei que tivesse esquecido de tudo. — Isso foi o suficiente para que ele calasse a boca.

Tirei a camiseta, enquanto ele, todo cavalheiro, ficou com o olhar desviado, em seguida tirou sua jaqueta e me entregou.

— Os caras aqui, eles não respeitam — deu a desculpa.

Levantei uma sobrancelha questionadora, mas não retruquei, não queria ser exibicionista. A garota saiu do banheiro nos olhando profundamente, o que será que ela pensou?

Landon pegou minha camiseta, abriu a porta do banheiro e a jogou no cesto.

— Ei! Era novinha, eu ia lavar — protestei.

— Não ia sair, tenho certeza que não é molho de tomate.

Fiquei com vontade de vomitar pensando na infinidade de coisas nojentas.

— O que é esse símbolo? — apontei para o emblema da serpente envolvida em uma flor. — Está metido em confusão de novo? É uma gangue?

— Eu não estou metido em gangues. — Gesticulou negativamente. — É a jaqueta de um Moto Clube, mas não é nada fora da lei, só curtimos moto e estrada. — Enganei-me completamente quando achei que o Landon havia abandonado sua moto. Esperava que ele tivesse desistido dela, depois de tudo. — É seguro, eu só ando junto com os caras, não nos envolvemos com drogas ou crimes — continuou a explicar.

— E o nome? Não tem um nome? — perguntei ainda olhando a jaqueta, pois não havia percebido um nome embaixo do emblema, até notar algo em preto.

— Aqui… — Ele tocou minha mão e me fez passar em cima do couro. — É relevo em preto. — Eu nem consegui sentir o toque do tecido, porque sentir o seu calor não era algo que eu esperava. — *Heartless*… — sussurrou assim que passamos a mão por todo o relevo. O que poderia ser traduzido como “Sem coração” ou insensível.

Ele tirou a sua mão da minha muito rápido depois que percebeu o que fazia.

— Ótimo nome para sua gangue — falei, dispersando o incômodo. — É em minha homenagem?

— Não é uma gangue e muito menos foi em sua homenagem, Callie *Centro da Terra* — debochou.

— É uma gangue — fui teimosa, terminando de vestir a jaqueta. Fechei-a e perguntei: — Satisfeito?

— Ótimo — respondeu. Quando ele virou as costas para voltar para onde quer que tenha saído, eu olhei em sua nuca e enxerguei a tatuagem atrás da orelha direita, era um “L”. E, sinceramente, senti que não era pelo seu nome.

Meus olhos procuraram pela minha amiga enquanto observava todos que estavam ali. Neal conversava com a Chloe e a garota que

disse que ficou com ele, Reese. Landon se aproximou deles, o que fez com que eles reparassem em mim, pois sua jaqueta grande em meu corpo mignon chamava a atenção.

Não fui convidada a me juntar, mas fui atrás, porque eu era o tipo de pessoa inconveniente que quer rondar o Neal e tirar ele de perto da garota que poderia atrapalhar o seu romance com minha amiga.

Cheguei junto com o Landon, meus passos apressados me fizeram ofegar nas suas costas. Ele se virou para mim e perguntou:

— Que foi?

— Não vai me apresentar aos seus amigos? — perguntei.

Ele apertou os lábios confuso por não saber o que eu queria ali.

— Pessoal, essa é a Callie, ela é da minha cidade — fez sua apresentação mixuruca.

— Ei, galera! — Deus, era péssima em me enturmar. — Eu vim de Bell Buckle, a cidade conhecida por suas festas ao ar livre, sempre acompanhadas por um delicioso merengue de marshmallow e chocolate — *Cala a boca, Callie* —, mas não é só isso que precisam saber sobre mim. Eu conheço bem esse cara. — Coloquei o cotovelo em cima do ombro dele, toda torta, claro. — Já vi a bunda

dele — murmurei como se fosse um segredo. — Tenho fotos pra quem quiser — brinquei*, porém, depende.*

— Nós éramos como *irmãos* — acrescentou Landon —, nos conhecemos desde crianças.

— Ah, que legal! O Landon não é muito de falar da cidade dele. — Neal me cumprimentou. — Ah, eu te vi mais cedo no estúdio de tatuagem, não é? — Coçou o queixo.

— Sim, eu estava com a minha amiga Violet Jung.

— A da camiseta do *Sex Pistols* — lembrou.

— Isso aí, ela tem várias camisetas bem legais, inclusive, ela veio comigo, você precisa ver a camiseta que ela tá usando hoje, muito estilosa — tratei de introduzir o assunto como quem não quer nada.

— Então, você é como uma irmã para o Landon? — Chloe resolveu falar, pois até então me analisava da cabeça aos pés como se eu fosse um animal exótico.

— Nada disso, ele me odeia — neguei séria.

Landon fingiu um riso e eu ri junto com ele em falsidade.

— Ela é tão engraçada, o humor da Callie sempre foi assim, ácido. — Cerrou os dentes enquanto olhava para mim em censura.

— Eu tenho que ir ali, falar com a minha amiga, mas já volto. Landon, pega uma bebida pra mim, por favor, *irmãozinho*? — zoei. Se ele podia falar dessa forma, deturpando a nossa história pra não ficar mal na frente dos seus amigos, ótimo, podia brincar também.

Fixei bem os pés no chão para não cair, pois assim que saí, os olhares foram parar nas minhas costas. Não precisei ver para sentir. Encontrei com Violet sentada no sofá ao lado do nosso salvador, Mason Hicks. E, sim, ela falava de abelhas e ele dava corda no assunto:

— Depois de conversar com você, acho que não gosto mais do molho mostarda e mel — dizia ele quando me aproximei. Seu olhar castanho se levantou para mim, notando a jaqueta.

— Entrou pra gangue? — brincou.

Eu disse que é uma gangue!

— Isso mesmo, agora eu não tenho mais um coração.

Ele riu da minha piada idiota.

— Você é a amiga do Landon, né? A que tá no apartamento dele. — Minha amiga já contou tudo pelo que parece.

— Sim, a intrusa.

— Entendi… — Ele deixou um espaço significativo nas suas palavras, pensei que diria algo a mais, mas não disse. — Eu vou pegar uma bebida, vocês querem? — Ele se levantou, neguei e minha amiga aceitou. Aproveitei o espaço que ele deixou no sofá, entre minha amiga e um casal no meio de um amasso e sentei.

— O que foi que aconteceu? — Ela pegou na minha jaqueta.

— É do Landon…

— Eu sei, mas como conseguiu?

— Longa história, mas resumindo, ele me emprestou para que eu não ficasse apenas de top.

— Ele não iria querer que você mostrasse seus peitos pra todo mundo, entendi. Quanta consideração, né? — disse toda cheia de sarcasmo.

— Agora que te achei — mudei rápido de assunto. — Vamos conversar com o Neal. — Puxei-a pela mão.

— O quê?! — Não dei tempo para que protestasse. O vocalista ainda conversava com Reese e Chloe. — Callie, não…

— Violet Jung, essa é a minha amiga — apresentei-a. O Meyer sorriu e as garotas nos olharam como se dissessem *“Quem chamou vocês aqui?”.*

— Camiseta legal — disse de novo o seu “bordão”.

Recebi um copo vermelho do Landon com alguma bebida enigmática e logo Mason também se juntou a nós ao entregar uma bebida para a Violet. Ela não estava acostumada a beber, mas tomou quase tudo de uma vez para engolir coragem e falar com o cara que ela tanto gostava.

— Então, Callie, você conhece bem o Landon, né? Tem alguma história constrangedora pra contar? — perguntou o vocalista da *The Pressure*.

— Ah, eu não posso contar. — Olhei para ele ao meu lado. Eu não queria falar do passado, porque se ele esqueceu, eu também esqueci.

— Vamos lá… por que ele não gosta de cores? Tem lembranças ruins com pincéis? — brincou o Mason.

Então, as pessoas ali não sabiam do daltonismo do Landon? Eu conseguia entender… ele sempre teve vergonha deste fato.

— Por que ninguém está dançando? A Violet ama dançar, Neal — joguei a indireta, fugindo total do assunto. Estava ficando mestre em fugas hoje.

— Com um braço só? — perguntou Reese, apertando seus olhos verdes. Eu queria matar essa garota que mal conhecia. Ela balançou seus cabelos cacheados perfeitos e colocou a mão no braço do cantor.

— Uou, isso não foi legal — minha reação foi imediata. Violet se encolheu tentando tampar sua prótese. Ela quase sempre usava uma segunda pele para disfarçá-la.

— Reese! — se manifestou Chloe. — Perdoem minha amiga, ela fala demais.

— Isso não foi falar demais, Chloe, foi ser mal-educada. — Neal mostrou que poderia ser o príncipe que minha amiga tanto esperava e se desvencilhou da ex-peguete. — Quer dançar, Violet? — perguntou a ela e eu quase morri de tanto orgulho da cena. Isso me fez pensar que cair no lixo valeu muito a pena.

Quando eles se afastaram, Reese saiu da nossa roda e foi ao banheiro, chorar ou repensar em como ela foi uma megera. Fosse o que fosse, não tive pena, porque nem a sua amiga foi atrás dela. Ficamos somente Landon, Chloe, Mason e eu conversando, na verdade, eles falavam de moto enquanto a gente apenas observava.

Não era que eu não quisesse cuidar da minha vida e sair dali, mas eu queria mesmo atrapalhar o lance que poderia rolar entre a loira e o Landon. Quando o Mason me perguntou o que eu fazia da vida, eu contei sobre meu trabalho freelancer em conjunto com minha amiga e que precisava de uma renda extra, pois o restaurante que eu trabalhava faliu.

— Sabe preparar bebidas? O Landon precisa muito de um bartender no Harris Pub.

— É mesmo? Seria ótimo. — Isso evitaria que eu me atrasasse para o trabalho.

O Davis olhou em censura para seu amigo, mas não teve como protestar:

— É, pode ser. A gente pode fazer um teste.

Chloe ficou pendurada no braço do *canalha* durante toda a conversa. Mason também contou como começou a sociedade no Oz Tattoo:

— Landon e eu éramos residentes em um estúdio de tatuagem, temos um estilo muito contrastante, ele sempre no estilo Blackwork, preto e cinza e pontilhismo, eu digo que ele mescla tudo e isso o faz bem único. — Confirmei gestualmente com a cabeça como se

entendesse horrores do que ele estava dizendo. — Eu sempre trabalhei com uma temática botânica e animal, com bastante referência ao estilo neotradicional. Meu estilo é supercolorido. Diziam que éramos a junção perfeita, juntamos uma grana, fizemos empréstimos e abrimos o *Oz Tattoo.* O que poderia dar muito certo ou muito errado.

— E deu muito certo, pelo que fiquei sabendo — opinei.

Landon e Mason eram nomes que até mesmo combinavam e via claramente como eram bons amigos.

— Muito, o Landon conquistou as celebridades. Uma tatuagem dele viralizou quando postamos no Instagram e passamos a ser requisitados em todos os lugares. Como você fez aquela tatuagem mesmo?

— Eu usei apenas preto puro e cartucho 0603rl — respondeu Landon e seus olhos pararam no meu por um pequeno instante e os desviou frivolamente.

Fiquei aterrorizada pela sensação de estremecimento que me causou.

— Porra, esse cara tem um dom! — exclamou Mason sua admiração pelo amigo.

— Ele é um conquistador nato mesmo. — Chloe, altíssima, conseguiu se aproximar da orelha dele e sussurrou algo. Ele sorriu. Sorriu de uma forma descarada, safada e vagabunda! Aposto que ela falou sacanagens no ouvido dele, que, claro, gostou! Merda, por que eu fiquei com raiva?

— É impressão minha ou tá muito calor aqui? — falei, tomando toda a minha bebida. Aquele negócio tinha um gosto péssimo, mas que te deixava alto na hora.

— Por que não vamos lá fora? — perguntou Mason. Aceitei imediatamente, não ia aguentar mais um segundo olhando para o casal. Senti-me mal sem saber porque fiquei tão afetada. Eu tinha seguido a minha vida, há poucos dias estava com o Asher, então, me perguntava, por que sentia que nunca ia me desvincular dele? Por que a porra do cosmos me persegue?

Eu perdi algo e ainda não sabia o que era.

Mas eu não fui a única.

O que eu perdi, Landon Davis também perdeu.

Enquanto nos desvencilhávamos dos casais se pegando e rodinhas conversando, tentei encontrar a Violet com o olhar. Em um

canto a vi conversando com o Neal animadamente, soltei gritinhos internos de felicidade até chegar aos fundos da casa.

Tinha mais gente ainda lá e estavam todos brincando de jogar uns aos outros na piscina.

— Está a fim de se refrescar? — me perguntou Mason.

— Não, jamais — neguei imediatamente.

— Vamos lá, está com medo? — insistiu. — Pessoal, tem alguém aqui querendo pular na piscina.

Não era medo, era pânico mesmo.

Tanto pânico que nem consegui falar. Só sei que do nada alguém pegou meu celular atrás do bolso da minha calça e dois brutamontes me pegaram no colo. Desesperada, meus olhos procuraram Landon ou Violet. Eles sabem que eu travava com água e que, cacete, eu mal sabia nadar.

— Não! Parem, por favor, parem! — pedi, mas foi tarde demais. Quando Mason ia dizer para pararem, eu já estava dentro da água. Não sei se foi a jaqueta ou minha inabilidade de lidar com água, mas eu senti meu corpo pesado. Não me debati, nem consegui, apenas afundei e afundei. Água entrava pelas minhas

narinas, não pude ficar em pé, porque o pânico sempre me fazia ficar inerte.

Fechei os olhos por alguns segundos tentando me acalmar, tentando desesperadamente ter coragem e subir, até que alguém me envolveu nos seus braços e me trouxe para a superfície. Puxei o ar com força de volta para meus pulmões ao mesmo tempo em que abria os olhos e encontrava o que eu verdadeiramente perdi.

Olhei para Landon, para a imensidão dos seus olhos. Ofeguei pelo seu contato forte. Suas mãos que envolviam a minha cintura tomaram-me como se eu fosse sua posse. Quase vacilei pelo seu respirar intenso contra o meu, fiquei tocada pelo fato de que ele pulou atrás de mim.

Eu sabia, então, o que eu tinha perdido.

Perdi meu coração ao colidir com o dele.



O BEIJO QUE ESQUECEMOS

“Sempre que você me vir esquecendo de você,
apenas continue dizendo “Eu sou Wendy”,
e então eu me lembrarei.”
(Peter Pan, J. M. Barrie)

ANTES

O meu primeiro amor foi o *Zayn Malik* do *One Direction*, mas isso eu não contava pra ninguém, porque, veja bem, coitada de mim, cem por cento iludida. Dentre todos os integrantes da banda, ele era o que tinha mais a aura de *bad boy* e isso sempre me atraiu. Eu achava um máximo aquele topete com uma mecha loira, Landon achava ridículo.

Esse primeiro amor não durou muito tempo, porque rapidamente veio o segundo que morria de ciúmes do primeiro. Era impressionante, toda vez que tocava a música da banda no rádio, o Davis mudava de estação.

Desde o dia de Ação de Graças, as coisas entre nós não eram mais as mesmas. Voltamos a nos falar quando ele, como não quisesse nada, bateu na janela do meu quarto um belo dia e pediu para entrar. Não discutimos, nem algo do tipo, apenas ficamos lado a lado na minha cama, ele desenhava e eu lia *Peter Pan*. Perdoei Landon Davis porque nunca, jamais cogitaria a ideia de ficar sem ele, de perdê-lo e esquecê-lo.

Ele mesmo não sabia porque eu o perdoaria, pois sentia que não tinha feito nada de errado, a questão era que eu o perdoei por ser o meu segundo amor. Eu o perdoei pelas borboletas que ele causava no meu estômago e pelas cócegas que ele fazia em meu coração sempre que aparecia.

Eu o perdoei porque chorei ouvindo "*Big girls don't cry*" alguns dias antes quando o flagrei olhando para Lily Brown. Ela estava do meu lado na mesa do almoço e ele não parava de olhar, mesmo que distante. Nós não estávamos almoçando juntos, porque decidimos dar um espaço maior na nossa relação na escola. As pessoas

fantasiavam e nos irritavam dizendo que éramos um casal e isso me matava de vergonha.

Achava que a minha recente amiga era o seu primeiro amor e, tudo bem, eu o perdoaria, porque decidi que, como promessa de virada de ano, eu deixaria de gostar dele dessa forma esquisita e sem noção. Queria apenas gostar dele como sempre, como meu melhor amigo, queria achar nojento a ideia de beijá-lo como sempre achei e parar de sonhar com isso todas as noites.

Era natal e cedo eu ajudei a mamãe a moldar os *gingerbread cookies* no formato de bonequinhos. Ela estava toda nervosa, porque a Melissa e a Emily iam trazer os namorados. Interessante que as duas arrumaram alguéns do nada para trazer no Natal, eu chamaria isso de desespero, elas de amor à primeira vista.

Tive uma conversa constrangedora com a minha mãe enquanto moldava os *cookies*:

— Então… você e o Landon passam muito tempos juntos, né? — perguntou após colocar mais uma fornada para assar, pois a primeira queimou.

— Aham… — respondi, focando a atenção em colar os olhos do boneco.

— Eu ouvi você chorando ouvindo aquela música super alto, como é mesmo… — Ela buscou na memória, rezei para que não lembrasse. — *G arotas grandes não choram*?

Ai meu Deus.

Eu não podia acreditar que a minha mãe ouviu e pior, que ela queria falar sobre isso.

— Eu atuei, entende? Quero entrar pra peça da escola — inventei uma desculpa rápida ainda sem olhar nos olhos da minha mãe, ela sempre tinha a capacidade de me ler apenas com o seu raio-x ocular.

— Callie, meu coraçãozinho, eu sei que está apaixonada.

Eu ia morrer.

Simples.

Ia morrer.

Aqui jaz Callie Heart. Causa da morte: vergonha.

— Mamãe! Eu não vou falar, não vou, não vou… — murmurei repetidas vezes amassando o biscoito que tinha acabado de moldar com as mãos.

— Ok. Vou fingir que não estou vendo, mas quero que me escute sobre uma coisa.

— O quê? — perguntei frustrada com essa conversa horrorosamente constrangedora.

— Quando estiverem juntos no quarto, mantenha a porta aberta.

— Mamãe! — censurei, sentindo as bochechas mais queimadas que os cookies assados na bancada.

— Ah… eu também te vi beijando uma laranja, o que foi aquilo?

Eu não aguentava mais passar vergonha.

— Mãe, por favor!

Tampei os ouvidos com as mãos cheias de massa e enquanto ela dizia:

— Querida, use a mão… assim ó… — Ela tentou mostrar, mas eu saí correndo, era humilhação demais.

— Eu vou para o meu quarto morrer. Adeus!

Eu realmente fui para o meu quarto fazer o meu drama.

Depois de bater muito no travesseiro e ficar revoltada por eu ser eu, olhei pela janela para observar o que os vizinhos faziam. Vi o

Landon com o pai pintando a cerca da casa deles. Reparei que ele havia mudado o corte de cabelo para o natal, não estava mais aquela cabeleira cheia em formato de tigela, e sim algo mais adolescente, com topete e tudo. Quase morri de rir imaginando que ele imitava o corte de cabelo do Zayn. Mas por que ele faria isso? *Por mim?* Ah não, isso era coisa da minha cabeça, estava na moda, claro que estava.

À noite, nossas famílias iam se reunir como de costume. Os Davis e os Hearts eram inseparáveis. Fato que se dava porque nossas mães eram melhores amigas desde a infância e nossos pais também se tornaram amigos por conta delas. Nossos avós também compareceriam, fora as tias e tios da família.

Passei a tarde toda ajudando nos preparativos e depois fiquei em frente ao espelho pensando no que vestir. Como eu não queria parecer que me preparei demais, porque todo mundo repararia, optei pelo de sempre. Moletom quentinho com estampa de rena e calça jeans. Coloquei a touca que papai me deu de natal também de rena por cima dos cabelos soltos. Quando desci, algumas pessoas já haviam chegado, como meus avós e minhas irmãs com os respectivos namorados. Fiquei pensando que se todo mundo fosse dormir em casa, não ia ter espaço, mas sorri e me apresentei. Os

Davis chegaram pouco depois junto com a mãe do Lewis, o pai dele tinha falecido há alguns meses e o clima na família estava muito difícil desde então.

Recebi todo mundo, porque fui incumbida de pegar os casacos e organizá-los na entrada. Quando o Landon me entregou o dele e mostrou seu moletom de rena igual o meu, foi inevitável sorrir. Ele cheirava a bala de alcaçuz e sem querer eu aspirei o cheiro descaradamente.

— O que você está fazendo? — Ele meneou a cabeça para o lado todo confuso.

— Nada… vamos comer. — Corri dele.

A comida nem estava pronta, mas para fugir dos olhares desconfiados do meu amigo, eu fui para a cozinha ser solícita. Minha mãe estranhou, é claro. No geral, a noite foi tranquila. Apesar da filha mais velha dos Davis não aparecer.

O ambiente ficou cheio de conversas paralelas, moletons quentinhos, cheiro de assado e gengibre. No final da noite, o impasse das camas foi resolvido com a minha família me expulsando do meu quarto. Droga! Eu sabia que isso ia acontecer.

— A Callie pode ficar com a gente, temos espaço — sugeriu Elena Davis.

Meu coração acelerou imediatamente. Não era a primeira vez que eu dormia lá, mas era a primeira vez desde que me descobri apaixonada pelo filho deles.

Meus pais deixaram, porque estavam ansiosos para se livrar de mim, afinal, fiz drama porque não queria ceder o meu quarto para as visitas. Arrumei minhas coisas em tempo recorde e fui para a casa dos vizinhos sob o olhar atento da minha mãe, impressionante como ela resolveu ficar de olho na minha amizade com o vizinho.

— Landon, você ajuda a Callie a guardar as coisas no quarto de hóspedes? Nós vamos subir — falou Lewis assim que chegamos na casa.

Os pais dele e a avó subiram e nos deixaram sozinhos na sala. Em vez de nos movermos da entrada, ficamos parados embaixo da decoração natalina onde tinha um visco pendurado. De novo, as coisas entre nós ficaram estranhas, aliás, não paravam de ficar estranhas, porque era difícil olhar para aqueles olhos azuis.

— Você… — falamos juntos. Ele apertou a mão na camiseta em um sinal de ligeira vergonha e, caramba, Landon não tinha

vergonha de nada.

Queria quebrar o gelo entre nós, e fiz isso, da maneira Callie Heart de ser, óbvio:

— Você sabia que… — Levantei os olhos e olhei diretamente para ele. — Um beijo sob o visco traz sorte para o próximo ano? — Ele arregalou os olhos e eu tentei balançar a cabeça para afastar o rubor das minhas bochechas. — É brincadeira, eu não vou te beijar. — Também observei nesse momento que seu olhar caiu, como se tivesse ficado triste. Então, pensei, que talvez, remotamente, no meu mundo, Landon também gostasse de mim, por isso, completei: — Mas depende, se você quiser, eu quero.

Nesse momento, poderia acontecer quatro coisas: uma, eu dizer que foi uma brincadeira de novo. Duas: ele dizer que queria. Três: ele dizer que não queria. Quatro: alguém nos interromper.

Ele não fez nada disso. Nem ninguém nos interrompeu. Simplesmente, sem aviso prévio, Landon deu dois passos para a frente e encostou o seu nariz no meu. *Será que ele vai fazer? Será que ele sabe como fazer? Será que eu sei como fazer?*

E aconteceu. Com todos os meus pensamentos malucos e todo o clima de “vamos ser pegos” envolvido. Landon me beijou. Meu

melhor amigo me beijou. Na boca. Na boca, meu Deus.

E foi… macio?

Nada abrupto como sua aproximação. Ele apenas me deu um selinho e eu fiquei parada sem saber o que fazer, *será que preciso abrir a boca? Claro que precisa, idiota! Você já viu nos filmes!* Meu coração batia tão forte contra meu peito quanto meus pensamentos malucos na minha cabeça.

Ele se afastou muito rápido, igual havia se aproximado.

— Desculpe… — murmurou. — Isso está errado, nós somos amigos, não é?

— O quê? Aham, amigos. — Arrumei uma mecha do cabelo atrás da orelha e peguei a minha mochila que estava no chão.

— Deixa que eu te ajudo. — Ele tentou pegar a mochila e esbarrou na minha mão.

— Não precisa, eu faço. — E saí pisando duro.

Eu sempre tive uma personalidade muito forte e por isso o Landon sempre tinha que ser a pessoa que vinha atrás. Mamãe dizia que era por conta do meu signo, escorpião, e nas revistas que ela lia dizia que pessoas deste signo eram sentimentais, sensíveis,

vingativas, emocionais e desconfiadas. E, se eu fosse assim, devia ser uma pessoa horrível, coitado de quem convivesse comigo.

Joguei a mochila de lado assim que entrei no quarto de hóspedes. Olhei para trás e vi Landon parado no batente da porta, tentando arrumar o topete com as mãos.

— Você sabia que o seu cabelo está ridículo? — perguntei para irritá-lo.

— Ridículo? — Cruzou os braços. — Pensei que você gostasse.

— Você fez por mim?

— Não.

— Então, eu não tenho que gostar.

— Por que está com raiva de mim, *Callieflower*? — chamou pelo apelido que tinha a ver com a fantasia de flor que usei na peça da escola na quinta série. — Por que pediu para que eu me afastasse na escola? E por que quis que eu te beijasse? — perguntava enquanto se aproximava. — Eu não consigo te entender, eu tento, mas, de verdade, não consigo.

— Gosta da Lily Brown?

— O que… — Balançou a cabeça — Não, eu não gosto. O que ela tem a ver com a gente?

— Você fica olhando pra ela no almoço, você disse que ela é bonita, e ela é, convenhamos.

Ele começou a rir, do nada.

Garotos, como são idiotas.

Fiz uma careta bem feia de irritação e me afastei quando ele ousou se aproximar.

— Não se aproxime… — Ele ignorou o meu alerta e continuou caminhando conforme eu dava passos para trás.

O resultado de tudo isso foi que eu caí em cima da cama e o levei junto comigo quando o puxei com a camisa na tentativa de me equilibrar. O resto, bom… fez meu corpo todo se empertigar em vergonha.

O rosto dele estava bem colado no meu, ele respirou na minha bochecha e eu senti cócegas. Antes que se afastasse, eu envolvi minhas mãos ao seu redor e fiz o que tinha que ser feito.

Beijei Landon Davis.

Com vontade.

Beijei-o sem saber beijar.

Os treinos com a laranja foram bons.

Nós batemos os dentes uma vez só.

E ele me beijou de volta com língua e tudo.



AGORA

Nós saímos da água, melhor, Landon me tirou me segurando em seus braços. Nesse momento, eu era quase como uma gelatina, toda mole e me movendo conforme a intensidade que fui tocada. Eu disse repetidas vezes que estava tudo bem, alguém me trouxe uma toalha e eu fiquei enrolada nela sob os olhares atentos de todos.

— Quer ir pra casa? — perguntou o Davis e eu confirmei que sim. Violet, extremamente preocupada, quis me levar para casa ou para o hospital, não entendi o que ela falou, pois estava desesperada. Eu sinalizei que não, que estava tudo bem comigo.

Mason tentou se aproximar, mas o sócio dele o barrou. O barrou de uma forma tão severa que eu pensei que ia ter uma briga de soco ali mesmo.

— Cara, eu não sabia — o Hicks tentou se desculpar.

— É claro que você não sabia, porra! Você não sabe nada sobre ela, então fica longe — vociferou Landon, segurando a jaqueta do sócio em fúria.

Enquanto tudo isso ocorria, eu me preocupei em inserir e expelir o ar dos pulmões para voltar ao meu estado normal.

— Está tudo bem, ninguém tem culpa — falei devagar e funguei.

Ele soltou a jaqueta do amigo na hora e se voltou para mim.

— Vamos embora… — dito isso, facilmente me pegou no colo como se eu não pesasse nada e me carregou para longe de todos os olhares curiosos.

— Cadê meu celular? — perguntei no caminho.

— Já volto para pegar.

O Davis me colocou no seu carro e me envolveu ainda mais na toalha, cuidou de mim como sempre cuidou no passado. Ele estava

agindo de forma protetora, como se ainda fôssemos nós. Como se ainda tivéssemos todas as nossas cores.

Voltou com meu celular e, antes de entrar no carro, checou se estava tudo bem comigo.

— É melhor você tirar essa jaqueta — disse, pegando no zíper para abri-la. Na mesma hora, eu coloquei a mão em cima da dele.

— O que está fazendo? — questionei, porque esse tipo de intimidade nós não tínhamos. *Não mais.*

— Desculpe, você consegue tirar, certo? — Afastou-se rápido. Confirmei que sim com a cabeça e retirei a jaqueta, ficando apenas com o top. Coloquei a toalha por cima enquanto tremia de frio.

Assim que entrou no carro, ele tirou sua camiseta e me entregou.

— Não precisa — neguei, mas continuou a insistir. Aceitei para desviar logo o meu olhar do seu peitoral, abdômen e todo o conjunto que o deixava incrivelmente gostoso. Coloquei a camisa e me recostei na janela do carro esperando que chegássemos logo em casa.

Foi difícil não lembrar do passado dadas as circunstâncias. No colégio, a gente tinha aulas de natação, eu nadava bem mais ou

menos, nunca aprendi direito, sempre que chegava muito no fundo, voltava correndo para a superfície com medo de me afogar. Um dia, algo aconteceu, foi dito que era uma brincadeira, mas eu sentia que não tinha sido. Mas quem acreditaria que a minha melhor amiga tentou me afogar?

— Landon, eu posso andar — falei, tentando me desvencilhar do seu corpo, mas ele foi enfático e me pegou no colo de novo. Havíamos acabado de estacionar e ele abriu a porta do carona e deu uma de protetor novamente.

Ele subiu a escada comigo em seu colo. Deixei-me levar por aquela sensação de tê-lo tão perto. De sentir de novo o seu cheiro. De lembrar de como ele cheirava a doce na adolescência e de como seu cheiro ainda era bom, melhor, aliás. Mais masculino, mais forte, muito mais viciante.

Eu praticamente o abracei envolvida em sua nuca. Respirei aquela sensação de aconchego, de morada. Sentia o sangue correr pelas veias e pensava que fazia um tempo que não me sentia tão viva. Queria ficar naqueles braços para sempre.

Queria viver no nosso cosmos de novo.

Porque eu sabia e sempre soube que jamais amaria alguém como o amava.

Eu perdi meu coração em uma colisão tão forte com o dele que sabia que não poderia amar de novo. Ainda assim, eu tentei. Ainda assim, eu vivia com esse buraco oco pulsando no vazio. Naquele momento, perto dele, eu conseguia sentir algo começando a se regenerar. O coração é formado por três camadas distintas, e nesse momento eu senti a primeira, a externa se formando.

Ele parou em frente à porta, não disse nada. Meu queixo estava em contato direto com sua pele quente, mais um pouco e eu beijaria ali.

— Callie…

— Hum?

— Você precisa descer ou eu não vou encontrar a chave…

— Ah. — Constrangimento. Na hora, eu me soltei do seu corpo e fiquei em pé ao seu lado.

Nós entramos em sua casa e, sem delongas, cada um foi para seu canto. Entrei imediatamente no banheiro para tomar um banho e parar de bater o queixo de frio.

Joguei a toalha molhada no chão e minhas roupas também. Entrei no chuveiro e fechei a cortina para não espirrar água por todo o banheiro. Normalmente, eu não tomava banho de banheira, por isso liguei o chuveiro e deixei o ralo da banheira aberto.

Tomei um banho bem longo e demorado na tentativa de acalmar os pensamentos e o sistema nervoso. Na hora em que abri a cortina, percebi que não havia toalha no banheiro, na pressa eu nem me toquei de pegar uma toalha ou o meu pijama. Tinha duas alternativas, pedir para o Landon pegar a toalha pra mim ou sair correndo pelada até o quarto. Obviamente, escolhi a segunda opção.

Abri a porta do banheiro, olhei para todos os lados e não avistei ninguém. Apressadamente, na ponta dos pés, saí do banheiro, fechei a porta e comecei a caminhar em disparada. Meu alvo: entrar no quarto sem ser flagrada.

O que não deu certo.

— O que você está fazendo? — Fui pega pela Davis que estava na minha frente.

Droga!

Imediatamente eu cobri as partes mais íntimas ou tentei cobri-las. Minhas mãos eram pequenas.

Ele ficou tão chocado que nem sabia o que fazer. Se olhava, se não olhava, se reparava se meu corpo mudou ou não. Em vez de desviar, seus olhos foram parar na minha tatuagem. Engoliu em seco.

— Ei! Não olha! — Tarde demais, ele já viu tudo.

Em vez de se afastar, se aproximou, cada vez mais. Minha garganta foi ficando seca, tentei umedecer os lábios na tentativa de censurá-lo na minha próxima fala. Com suas mãos grandes, ele abriu a toalha que segurava e a envolveu no meu corpo. Quase senti seu dedão no meu mamilo, *quase*.

Estremeci.

E se afastou.

— Eu ia te levar a toalha, mas você resolveu se virar e molhar todo o carpete — resmungou.

— Obri…obrigada — quase não consegui falar, porque a simples ideia de imaginá-lo me tocando novamente me fazia ofegar.

Se eu pudesse, se fosse fácil, eu jogaria essa toalha no chão e agarraria o Landon. Se não fosse por tudo. *Se ele não tivesse me esquecido…* o seu eu do passado jamais me olharia nua e me cobriria.

O seu eu do passado teria… ai meu Deus.

São tantos pensamentos sórdidos.

Mordi a boca.

Reparei que ele estava com outra roupa e, melhor, apenas de bermuda, o que me deixou ver se aquela tatuagem da borboleta ainda estava em seu corpo. Olhei para baixo e vi quele desenho torto lá. Ele podia cobrir tão facilmente, mas não cobriu.

— Sou a *Callieflower*, Landon. Sou eu, a Callie Heart — falei de repente. Ele me olhou confuso apertando os olhos. — É só para você não esquecer — sussurrei frustrada.

Ele me olhou significativamente e depois desviou os olhos sem dizer nada. Caminhou até seu quarto e, antes de entrar, murmurou em um ofego:

— Eu jamais me esqueceria.



CORAÇÕES DE MENTIRA NÃO PODEM SE PARTIR

“Wendy passou os dedos no cabelo do infeliz menino.
Ela não era mais uma menininha com
o coração partido por causa dele.
Era uma mulher adulta, sorrindo daquilo tudo.
Mas os sorrisos estavam misturados com lágrimas.”
(Peter Pan, J. M. Barrie)

ANTES

Nós fugimos da vista de todos no ano novo. Saímos da minha casa pouco antes da meia-noite e subimos na casa da árvore do vizinho. Ele não estava e por isso podíamos aproveitar a noite toda. Desde o natal e toda a confusão de sentimentos e hormônios, nós

estávamos indecisos e conflituosos sobre o que faríamos em relação a nós como um *possível* casal.

Tínhamos apenas catorze anos e muitos medos para a pouca idade.

— Você ainda não me contou, beijou alguém antes de mim? — perguntei. Estávamos sentados lado a lado na casa da árvore e novamente nos estranhamos pelo ciúme.

Depois que eu o beijei no natal, nós nos vimos todos os dias e nos beijamos algumas vezes. Corrigindo, incontáveis vezes. Às escondidas, é claro. E nisso mamãe quase nos flagrou, mas, até então, pensávamos que estávamos arrasando no lance às escondidas e achávamos que ninguém deveria ter percebido nossos beijos.

— Por que está insistindo nisso? — respondeu com uma pergunta. Ele sempre fazia isso quando queria se esquivar.

— Porque eu quero saber. Não custa nada falar, eu não vou ficar brava.

— Você já está brava. — Ele riu.

— Landon Davis!

Ele se virou para mim e colocou a mão no meu rosto.

— Você me achou muito bom, não é? Por isso está curiosa? Acha que treinei antes?

Fiquei com vergonha e desviei o rosto da sua mão, que me encontrou de novo, segurando meu queixo.

— Vai me contar ou não?

Suspirou.

— Só você Callie, apenas você. — Seu rosto parou na minha face e descansou seu nariz gelado na ponta do meu. Mas ele não me beijou e afastou-se pouco depois.

— O que você tem? Anda tão estranho. — Franzi o cenho em irritação. Ele colocou a mão quentinha envolvida em uma luva no meu joelho para me acalmar.

— São os meus pais, eles não têm jeito, parece que nunca vão ficar bem. — Soltou o ar fortemente pelas narinas. — O meu pai está dormindo na garagem na última semana e eles discutiram feio antes de sair de casa. Sinceramente, eu não sei, eu acho que eles se odeiam, mas não conseguem admitir.

— Você acha? O Lewis sempre pareceu tão apaixonado pela Elena — Eu sempre chamava seus pais pelo nome deles. —, mas eu não sei dizer, não entendo nada de amor.

— Um dia eles foram… — Desviou os olhos e focou em olhar para o céu, quase como se olhasse para si mesmo. — Eles eram melhores amigos, exatamente como nós, desde a infância. Aí se apaixonaram, tiveram a Elle e casaram.

Enquanto ele dizia, eu ficava pensando se isso aconteceria com a gente também. Não a parte de engravidar na adolescência, esperava que não e tinha pavor de imaginar. O que eu sabia sobre sexo era o que aprendi na escola e o que minha mãe fez questão de explanar em mais de duas horas de conversa. Aliás, meu pai também participou e fez seu alerta: “não faça, nunca.”

Mas será que na vida adulta nos casaríamos?

Sorri.

Poderia ser, talvez?

— Eles ainda se amam. Minha avó disse que não é possível deixar de amar alguém, não quando se ama com um coração verdadeiro.

— Então, os corações deles são de mentira. Porque eles se amavam de verdade quando eram apenas amigos, palavras do meu pai, e depois tudo deu errado. Minha mãe disse que se arrepende e que não o enxerga mais como ele era.

— O que ela quer dizer com isso?

— Eu não sei, mas acho que… faz sentido… — Ele quase perdeu a voz por falar tão baixinho.

— E? — Minhas mãos suaram, fiquei muito nervosa.

— Desculpe.

— Pelo quê?! — Eu não entendia, melhor, não queria entender.

— Temos que parar.

— Como o quê?

— Com isso. — Ele tirou a mão do meu joelho.

Isso me acertou como uma avalanche. Cortante como o vento frio que nos atingia. E mesmo com o meu casaco e o cachecol, eu tremi.

Comecei a entender tudo. Ele fez toda uma preparação para o óbvio. Landon Davis estava me dando um fora. Respirei forte e tentei me acalmar, eu não poderia parecer abalada, porque ele tinha razão. Tínhamos que parar, porque na aula de ciências eu fiquei fantasiando toda a minha vida com ele, em vez de prestar atenção na aula. Tínhamos que parar, porque eu mais prestava atenção nos seus olhos do que nos meus. Tínhamos que parar, porque toda vez que eu sorria era porque tinha algo a ver com ele.

Tínhamos que parar porque nesse momento eu queria chorar.

— É… você está certo, eu estava pensando nisso. Somos amigos.

— Eu não quero te odiar, nunca… — Apertou os lábios.

— Eu jamais te odiaria. — E falava sério, porque nem nesse momento em que ele deixou meu coração todo apertado em lágrimas, eu conseguia odiá-lo. Ele estava com suas bochechas rosadas e eu continuava achando-o lindo e, ao contrário do que eu disse, seu corte de cabelo novo o deixou ainda mais bonito.

— Eu também me sinto assim, mas como vamos saber, *CallieFlower*? — Ele me olhou nos olhos e deu um sorriso pequeno e doce, forçado apenas para me fazer feliz.

E então, antes que eu pudesse dizer que eu sabia, os fogos começaram.

Era meia-noite e como manda a tradição, você deve beijar quem está ao seu lado.

— *Happy New Year*… — disse eu baixinho encostando levemente em sua mão.

Landon se aproximou querendo me abraçar e me deu um beijo na bochecha, mas não se afastou rápido. Respiramos forte um perto

do outro:

— O último beijo? — sussurrou ele.

— O último beijo — confirmei, movendo a boca para o lado. Senti seus lábios macios e o gosto do seu beijo. Tinha gosto de bala de alcaçuz, a que comemos há meia hora. Meu pequeno coração sofreu o seu primeiro corte assim que nos separamos, eu fui a primeira a me afastar, porque aquele bendito aperto estava quase se espremendo e saindo pelos meus olhos na forma de lágrimas.

— Callie… — Ele tentou me chamar.

— Não, Davis, não! — Levantei-me querendo sair logo dali, querendo ir para minha casa, me trancar em meu quarto e deslizar pela porta enquanto chorava bastante. Faria o que minha mãe chamava de drama adolescente. Ela diria isso, porque não sabia como estava me sentindo naquele momento.

A dor do primeiro coração partido é tão intensa que provavelmente a esquecemos na vida adulta, afinal, quem poderia suportar essa lembrança?

Acontece que fiquei tão nervosa e afobada descendo a escadinha de corda que errei o passo. Foi assim que caí da altura média da árvore no chão. Foi assim que caí em cima do meu braço.

Foi assim que no meio do barulho dos fogos, Landon teve que sair gritando chamando os adultos porque, provavelmente, eu havia quebrado o braço.

Quem me levou para o hospital foi Melissa, a única que não bebeu, porque estava de coração partido, o cara que ela levou pra casa no natal deu um fora nela. Então, todo mundo meio que deixou a bebida fora do seu alcance. Entrei no carro ao lado do meu pai e não deixei que meu amigo nos acompanhasse e gritei, contrariamente, e com palavras vazias:

— Eu te odeio, Landon Davis!

Eu não o odiava, só estava com muita dor.

Ele me olhou com seu olhar mais triste e não disse nada.

A caminho do hospital, eu chorei o máximo que pude, pela dor, pela raiva e pelo coração partido. Poderia chorar à vontade, porque ninguém desconfiaria que havia tantos motivos por trás.

No hospital, o médico de plantão me atendeu e confirmou que fraturei o braço. Papai estava bêbado e se esforçava pra compreender tudo e Melissa ficou jogando charme para o doutor.

Saldo final de Ano novo: voltei pra casa de gesso no braço e band-aid no coração. Papai sumiu e foi encontrado tirando cochilo

em uma das macas do hospital e minha irmã conseguiu um novo amor.

Promessas para o ano seguinte: deixar de gostar do meu melhor amigo. Não quebrar mais nenhum osso, dói pra cacete. E atrapalhar a paquera da Melissa, o médico era insuportável!

Lição de moral: braço fraturado dói muito mais que um coração partido.



AGORA

Fui cedo para a casa da Violet no dia seguinte. Dei de cara com os Jung tomando café da manhã e, cordialmente, o patriarca me chamou para comer com eles. Aceitei, porque eu era cara de pau. Por sorte, a senhora Jung não estava em casa, pois tinha acabado de sair para uma viagem de trabalho. Isso era ótimo para dar um respiro para a filha, que, aliás, estava muito estranha essa manhã. Por que a criatura estava usando óculos escuros?

Era nove da manhã e eu comi arroz, sopa e carne, porque era tradicionalmente o que os coreanos comiam no café da manhã. Me acabei de comer *kimchi* e tofu com molho de soja. Esse último não era muito gostoso, mas era o que a Violet mais consumia por ser vegana. Podia ser que eu passasse mal mais tarde porque comi demais? Sim, mas isso não me fez comer menos.

Fomos para o quarto depois do café da manhã, levando duas canecas de café para nos manter acordadas para o trabalho que tínhamos que entregar. Assim que ela fechou a porta do quarto, retirou os óculos e me mostrou o que escondia.

— Ji, pelo amor de Deus, quem te bateu? Foi sua mãe? Seu pai? Não, o Neal? — Aproximei-me, avaliando seu olho esquerdo arroxeado em toda a volta.

— Então, foi um acidente.

— Não, não foi! Nunca é um acidente. Você pode falar, quem foi que te bateu?! Eu vou dar queixa, agora! Não me segura.

— Callie, não! Eu estou falando sério, foi um acidente, um acidente mesmo, fica quieta. — Ela me puxou pelo braço. — Senta aí… — Indicou a cama.

— O quê? Mas…

— Sério, senta — falou, quase rangendo os dentes, pelo visto ela estava de mau-humor. Tive que sentar para não lidar com sua fúria. — O que aconteceu foi o seguinte… Eu voltei pra casa com todo o cuidado para não acordar os meus pais, abaixei para abrir a porta de fininho e… bom, minha mãe abriu a porta na mesma hora e a maçaneta acertou o meu olho!

Eu ri. Foi impossível não rir.

— Porra, é sério isso?

— Sim, criatura, sim! — Gargalhei tanto que tive que colocar a mão na barriga. Chegou a doer. — E agora parece que alguém me acertou no olho, a minha vida é uma desgraça.

— Desgraça? Você quer mesmo falar disso? Porque nem se compara com a minha.

— Ok. Você é toda fodida, ganhou, parabéns. Mas você tem seus momentos de sorte, vai. — Ela se sentou na sua cadeira e a girou na minha direção. — Você transou ontem com ele?

— Quê?!

— Não se faça de boba, o Davis te pegou no colo e te levou pra casa. O jeito que ele pulou na piscina e praticamente te reivindicou como dele foi, caramba, uau!

— Nada disso, a gente não transou e nem vai transar.

— Mas você queria.

— Violet! — Peguei o travesseiro para jogar nela.

— Está bem, não vou falar disso, mas é a única forma de eu me manter atualizada sobre uma vida sexual, porque a minha não existe. Eu sou uma pobre virgem que não tem nenhuma chance com o gostoso do Neal.

— Jung Ji Eui, não força. Você é virgem porque quer e como você não tem chance? Ele dançou com você, não é? E pelo que vi ontem vocês estavam em uma super interação.

— É? Você acha mesmo? — perguntou com um tom sarcástico. — Estávamos em uma ótima interação mesmo, tão boa que ele me passou o número dele.

— É disso que eu estou falando! — Joguei o travesseiro nela que pegou toda frustrada.

— Aí ele jogou um balde de gelo em mim ao dizer que seríamos ótimos amigos. Amigos, Callie! A-mi-gos! — separou cada sílaba com muita entonação e drama. — Não uma amizade colorida como devia ser a sua com o tatuador bonitão e sim amizade, amizade mesmo, entendeu?

— Isso não quer dizer nada. É melhor ser amiga dele do que apenas uma *stalker*.

— Obrigada, você me animou muito agora. — Assoprou a franja em fúria.

— É sério, sem drama. Começa com a amizade, chama ele pra sair, mas pare de apenas admirá-lo às escondidas. E se não der certo, paciência, tem tantos homens lindos por aí, na festa tinha tantos… — Parei de divagar ao notar uma jaqueta pendurada no seu cabideiro. Era igual as dos sócios tatuadores. — Ei, como conseguiu a jaqueta?

— Ah, o Mason Hicks me emprestou. Eu me tremi toda de nervoso depois que você foi embora, aí ele veio e me deu a jaqueta, nem consegui dizer não.

— Violet! — Abri a boca animada com os olhos brilhando. — Parabéns, a sua conversa sobre abelhas deu certo, ele tá na sua!

— Quem está forçando agora é você. Ele não tá na minha, o Mason é o tipo de cara que pega garotas que são como modelos da *Cover Girl*. Por isso eu nem cogito fantasiar, até porque meu coração está preenchido pelo Neal Meyer.

Quase revirei os olhos, mas entendi o que ela queria dizer. Ela gostava muito do vocalista do *The Pressure* e mesmo que um cara bonitão a paquerasse descaradamente, ela não iria sequer notá-lo.

— Tudo bem, seguimos com o plano *Cyan* e *Coral*.

Ela sorriu, balançando a cabeça em negativo por odiar o nome que dei para seus futuros filhos.

— Mais tarde eu vou no Oz Tattoo devolver a jaqueta, você vem?

— Claro, eu preciso conversar com o Mason, não quero que ele se sinta culpado pelo o que aconteceu.

— É, ele ficou bem abalado, se o Landon não existisse, com certeza esse seria o cara perfeito pra você. — Ela me jogou o travesseiro de volta.

— Não joga pra mim, eu não sou uma modelo da *Cover Girl*.

— Deveria tentar, é tão bonita quanto.

Balancei a cabeça negando. Eu tinha uma boa autoestima, mas não a ponto de me comparar com o padrão modelo perfeito. E como já disse, tudo bem, eu gostava da minha imperfeita e única covinha.

— E, Ji, pelo amor, tampe o roxo com maquiagem, óculos de sol só chama mais atenção. — Eu ri e ela também porque percebeu

quão discreta estava sendo.

Paramos com o assunto dos tatuados que faziam parte de uma gangue e focamos no nosso trabalho. Recebemos uma nova proposta para ilustração de uma arte para embalagens e tínhamos que focar e entregar no prazo.

O que eu mais gostava na nossa amizade era que ela respeitava muito o que eu não queria dizer. Ela não forçou quando eu não quis responder sobre meu pânico de água e muito menos sobre o que aconteceu comigo e com o Landon e como ela mesmo disse, sobre a nossa “amizade colorida”. Cor que, bom, perdemos assim como a tal amizade.

Eu não gostava da série Friends, Violet amava e respeitávamos uma à outra por isso. Então, nossa amizade era muito sincera.



Dessa vez, eu não precisei fazer uma dancinha para entrar no estúdio de tatuagem. Mason estava à nossa espera e nos recepcionou com um grande sorriso cafajeste no rosto. Ele estava todo bonitão com a camisa preta dobrada até a altura do cotovelo, o

que possibilitava que víssemos algumas tatuagens. Ele tinha o rosto de lobo no antebraço esquerdo cheio de detalhes que o cobria todo, perto do pulso havia também mais um lobo pequeno em uma pose como se estivesse uivando, havia galhos que deveriam imitar uma floresta. Fiquei toda boba olhando porque era perfeito, os traços com toda a certeza eram do Landon, ainda mais pelas cores, preto e cinza.

Tocava *Last Kiss* do *Pearl Jam* e ele abaixou o volume para falar com a gente:

— Ei, *Honey* — ele cumprimentou a Violet, chamando-a por um apelido que ele mesmo deu. *Honey,* nesse contexto, não deveria significar “querida” e sim, mel.

Ela levantou uma sobrancelha toda surpresa e questionou:

— *Honey*?

— É, Mel. Posso te chamar de mel? É impossível te ver e não lembrar de algo que eu gostava tanto até ontem, como não posso mais gostar, posso ter pelo menos a lembrança? — Ela confirmou que sim, toda sorridente. Fiquei pensando em como a música que tocava era triste quando ele dirigiu seu olhar para mim. — Ei, Callie,

você está bem? Nem deu tempo de me desculpar, me desculpa, eu fui um idiota. — Ele saiu do balcão enquanto dizia.

— Está tudo bem — eu disse — ninguém tem culpa, mesmo. Quem deveria pedir desculpas é o Davis, ele te tratou muito mal. Ele é muito babaca quando quer, sabe, não pensa nos sentimentos das pessoas. Você o perdoou? Se eu fosse você não o perdoava fácil, não… — Mason fez uma careta. — É sério, não seja bonzinho, porque ele não é. Sei que vocês são sócios e fazem parte de uma gangue juntos, mas…

— Eu já disse que não é uma gangue. — Estremeci com a voz atrás de mim. Puta merda. Toda vez isso! Por que esse homem tinha que ter passos tão leves? Mas, também, eu sou a idiota que foi falar mal dele bem no seu ambiente de trabalho. Limpei a garganta e me esquivei para ficar longe do Landon. — Você tá certa, eu fui bem babaca ontem, mas o Mason e eu já conversamos.

— É, e tá tudo bem — confirmou o sócio.

Observei o tatuador que havia acabado de sair do seu cantinho, ele estava de luvas, devia estar atendendo até então.

— Eu vou para o bar daqui a pouco e você vem comigo. — Olhou direto para mim ao dizer.

— Eu?! — Coloquei o indicador no peito, assustada. Tive medo do que ele faria comigo. — Por quê?

— Pra começar o seu treinamento, o bar abre amanhã. Eu só vou conversar com o cliente, me espere. — Dito isso, ele voltou para detrás das cortinas.

Em alívio, voltei a respirar calmamente.

— Boa sorte, ele não está a melhor pessoa do mundo hoje, acho que não dormiu bem — sussurrou Mason próximo ao meu ouvido.

— Eu não tenho nada a ver com isso, não durmo com ele.

— Acho que é por isso. — Ele riu, mas eu fiquei sem entender qual era a graça.

Pouco tempo depois, o cliente saiu com o Landon detrás das cortinas e nós fomos para casa. Violet ficou para conversar com o Mason, eles estavam se dando muito bem, ela ficou interessada no estilo *neotradicional* dele e disse que, se fosse tatuadora, seguiria o mesmo.

Deixando-os, pensei que ficariam tão bem juntos, mas, como dizia *Selena Gomez,* a cantora que ela amava*, o coração quer o que ele quer*.

Fiquei olhando Landon dirigir e pensei que ele sempre foi sexy dirigindo, nem sei bem como explicar isso. Até o relógio que ele usava no pulso, que não era bem um relógio tradicional e sim um *Apple Watch*, deixava seu braço mais charmoso em meio a todas aquelas tatuagens. Então era isso, eu cheguei ao ponto de achar bonito até o braço dele. Eu sou uma piada.

Quando chegamos, ele me deixou embaixo no bar enquanto subiu para tomar banho. Fiquei me familiarizando com as bebidas que eu conhecia muito bem, pois já bebi todas ainda quando não podia beber.

Landon voltou de banho tomado cheirando incrivelmente bem.

Oh, Deus, por que me tentas?

Cheio de postura e arrogância, ele me mostrou como preparar os coquetéis mais pedidos:

— Eu vou te ajudar nos primeiros dias, depois fica por sua conta.

— Não se preocupe, vou dar conta de tudo — disse com um sorriso amarelo, porque eu não ia dar conta tão rápido.

— A marguerita é um clássico, gelo, açúcar, cointreau, suco de limão e a tequila — listou os ingredientes, colocando-os na

coqueteleira. Agitou-a em um movimento preciso e sensual, eu não conseguia parar de pensar nisso. Até o pulso desse homem estava me dando gatilhos. Depois do agitar, ele passou limão na borda do copo e mergulhou no sal em um prato. No fim, colocou a bebida no copo sem o gelo e me entregou. — É isso.

Eu experimentei, assim como ele em seguida.

— Muito bom, é um dos meus favoritos.

— No seu aniversário de dezoito anos, você tomou mais de cinco — lembrou.

— Eu acho que foi sete.

— E eu tive que te carregar só de sutiã pra casa, porque você perdeu a blusa.

— Nada disso, você está contando a história errado. Eu não perdi, você que a tirou e a jogou pela janela. O cachorro pegou e a minha camiseta levou um fim bem trágico.

Nós começamos a rir da cena por dois motivos. Porque ela foi hilária e porque estávamos ficando muito alegres por conta de todas as bebidas que experimentávamos. Especialmente eu, que não estava mais tão acostumada com bebidas alcóolicas.

— Você deu trabalho naquela noite… — disse ele em meio ao riso e então se calou, porque se lembrou do que fazíamos e de como eu perdi a minha blusa e também porque eu, sem pensar, cobri seus lábios abruptamente com os meus.

O que eu fiz não era pela influência da coragem que o álcool proporcionava. Foi porque o meu frágil e novo coração que nem era completo, pulsava freneticamente, desesperado, aflito para se regenerar de uma vez.

Eu não me movi mais, nem ele. Nossos lábios ficaram colados e nossas respirações gritantes quase podiam quebrar todos os vidros que nos rodeavam. O próximo passo era crucial, se Landon abrisse a boca, se ele segurasse a minha cintura, se ele fizesse qualquer coisa positiva em relação a isso, eu teria a minha resposta. Descobriria se ele ainda sentia algo por mim fora ódio.

O que respondeu por nós foi o copo da bebida se estraçalhando no chão que nos separou imediatamente. Landon balançou a cabeça em negativo quando fiz menção a abaixar e pegar os cacos. Ignorei-o e fiz isso porque não podia olhar nem um pouco para seus olhos.

— Você vai se machucar, deixa que eu faço isso.

— Landon, não… fui eu que bati a mão, eu que quebrei.

Ele se abaixou também e encostou sua mão na minha para que eu parasse, mas me neguei e toquei no caco com uma força que não deveria. Cortei o dedo, como era de se esperar.

— Cacete, por que você é sempre tão teimosa, *Luvy*?! — Na mesma hora ele pegou na minha mão e enfiou na camiseta dele para estancar o sangramento.

— *Luvy*? — Perdi tudo ao ouvi-lo me chamar daquela forma. Esse era o jeito que Landon me chamava quando dizia que eu era o seu amor, quando se declarou e quando se declarava, ele sempre me chamava de "*Luvy*". *Luvy* era *Love* informalmente. Ele me chamava da sua própria maneira.

— Desculpe, porra — Balançou a cabeça rápido. —, foi sem querer. Não pensa nisso. Essas coisas ficaram no passado.

— Mesmo?

— Não força, Callie. Não força. Você sabe que acabou.

— O que acabou? — Puxei minha mão. — Nós?

— Quer mesmo falar do passado? Sério que vai foder com isso de novo? Porque eu não quero. Eu estou bem.

— Mas eu não estou bem. Você acha que pode me chamar de novo como me chamou e fingir que não aconteceu?

— Mas que inferno… — Ele se levantou e colocou a mão na cabeça. — Desculpa, ok? Desculpa. Vamos esquecer… Você, mais do que ninguém, não vai querer falar do passado.

Também me levantei com o dedo sangrando, mas não estanquei o sangramento.

— Você quer falar do passado? Hein?! — provoquei porque ele me deixou puta da vida por reviver essa ferida, essa dor que eu pensei que não estava mais dentro de mim, mas naquele momento ela pulsou tão forte que batia nas paredes do meu estômago e me deixou enjoada. — Então, vamos falar, porra. Por onde você quer começar? Pelo que perdemos? Por quem nós machucamos? Ou a parte que nós fodemos com tudo e você, depois de ter me prometido o mundo, ou melhor, a porra do cosmos, me abandonou? Fala, Landon Davis, vamos conversar… — forcei, chegando bem próxima à sua face.

Tudo que se ouvia era o eco de uma promessa quebrada até ele resolver falar, enquanto me olhava com toda a intensidade dos seus olhos:

— Você sabe o que fez e eu já disse que esqueci. — Ele virou o rosto. — Mas chega. Eu não quero mais, Callie — Cerrou os dentes. — Não quero lembrar e não vou brigar. Você tem que parar de ser imprudente e fazer as coisas só porque você quer. Você me beijou, porra, do nada…

— E você está fazendo disso algo maior do que é. Foi sem querer, como você acabou de dizer.

— Que merda, isso tá sangrando. — Ele pegou na minha mão e apertou o meu dedo com o seu. — Chega? Por favor, chega — pediu, suplicando para não reviver as memórias que doíam tanto, meu Deus, como doíam. Os seus olhos ficaram marejados. — Acabou, Callie, nós acabamos, então não revira, pare, só pare.

Poucas vezes o vi chorar e eu não queria ver de novo. Seu choro era como uma faca que o acertava e me acertava. Mas era pior para mim, porque ela girava e me fazia cair em dor.

Eu parei.

— Desculpe. — Suspirei. — Isso não vai mais acontecer.

— Vamos conviver, só isso, conviver, por favor — suplicou.

— Sim, sim… — Quase me sufoquei com a minha angústia, com a raiva e toda a minha imprudência.

Nós acalmamos a respiração olhando um para o outro. O contato da sua mão na minha, o fato de que ele nem se importou de sujar e que, cacete, tava doendo, me fizeram sentir um embargo na garganta. Afastei-me, tomando minha mão de volta. Sempre que nos tocávamos era como se nem soubéssemos onde começava e onde terminava nossa extensão corporal, éramos um.

Coloquei a mão na pia e abri a torneira. Guardei as lágrimas enquanto ele deu um jeito de pegar os cacos de vidro sem se machucar. Por sorte, o corte não foi profundo.

Cada um foi para o seu canto no fim da noite. Não me permiti chorar, porque ele estava certo. Acabou e não tinha recomeço.

Fechei os olhos. Pensei em tudo. No cosmos. Nesse amor malfadado que te despedaça e te reconstrói na mesma intensidade, em poucos segundos. Eu estava destruída. Naquele momento, eu já não tinha mais um coração, o que eu tinha era de mentira. Pensei que corações de mentira não se partiam, mas pelo jeito me enganei.



A CULPA NÃO É DAS ESTRELAS

“As estrelas são lindas, mas elas não podem se envolver em nada,
precisam sempre ficar só olhando.
É um castigo que receberam por causa de algo
que fizeram há tanto tempo que nenhuma
delas lembra mais o que foi.”
(Peter Pan, J. M. Barrie)

ANTES

Landon ficou um tempo sem falar comigo, assim como eu também fiquei sem falar com ele. Sempre que nos esbarrávamos na escola, apenas olhávamos um para o outro significativamente e virávamos a cara em seguida.

Lily Brown chegou a perguntar o que aconteceu, afinal de contas, o assunto na hora do almoço era quase sempre ele, ou a matéria do Sr. Hoffman. *Physical Science* era o meu pesadelo e a minha nova e única amiga tentou me ajudar com isso. Não contei a ela sobre os beijos clandestinos que dei no meu amigo, apenas falei que brigamos sem citar os motivos.

Ter uma amiga era bom, porque naquele momento eu tinha alguém para ir ao banheiro comigo, para me ajudar a me maquiar e para falar sobre garotos, ou melhor, um garoto. Perguntei a ela o que achava do Davis, se ela tinha algum interesse nele, porque intimamente eu sentia que se aproximou de mim por ele, e não porque queria ser minha amiga.

Lily era popular, alegre, divertida e sempre era paquerada pelos meninos. Aliás, ela pensava em entrar para equipe de líderes de torcida no segundo ano. Ninguém entendeu quando ela parou de frequentar seu grupinho popular e passou a se sentar comigo. No primeiro momento, eu achei que estava no meio de um experimento, tipo "*Mean Girls*", mas depois me acostumei com toda a insistência da ruiva de sermos melhores amigas, porque, até então, ela estava sendo inofensiva e negou com todas as forças qualquer interesse

pelo meu vizinho. A amizade dela era um respiro para ter mais alguém pra conversar além do Landon.

— Então, vocês nunca mais vão se falar? — perguntou ela, beliscando sua batata-frita. Lily raramente comia muito, apenas remexia na comida.

— Nunca é muito tempo… Nossos pais são amigos e somos vizinhos. Nos vemos todos os dias. Nunca é tempo demais — neguei veementemente.

— Ah, pensei que a briga tivesse sido séria. Quer que eu pergunte a ele como se sente?

— Não… eu… — Tarde demais. Lily se levantou e foi se sentar à mesa em que o assunto estava com seus amigos populares. Em vez de ela voltar rápido, passou o tempo todo do almoço sentada ao lado dele, morrendo de rir de algo que eu nem sabia o que era.

Mais tarde, quando fiquei esperando meu pai me buscar, ela apareceu pedindo desculpas e disse:

— Ele está bem chateado, eu acho que é melhor vocês darem um tempo mesmo, sabe? Pelo bem de ambos.

— Entendo… — Engoli a decepção. — Você vem em casa amanhã?

— Claro, precisamos terminar o trabalho do Sr. Hoffman. E, Callie… — ela chamou minha atenção quando eu vi o carro do meu pai se aproximando.

— Hm?

— Espero que não fique chateada, mas o Landon me convidou pra sair, acho que ele quer desabafar, entende?

— Oh… — perdi as palavras, mas não queria parecer afetada. — Eu… eu entendo, te vejo amanhã, Lily… — despedi-me, porque, graças a Deus, meu pai estacionou. Saí correndo para entrar no carro e minha amiga se despediu com um aceno.

Que falsa! Como ela pôde? Como ele pôde?

Eu sabia que tinha coisa aí, ah, Landon Davis, se eu te ver hoje, você não me escapa!

Inferno de gesso! No auge da minha raiva, eu o bati na porta do carro e estava com dor.

— Como foi seu dia, *Rainbow Bright*? — Papai me chamava de “arco-íris brilhante”. Era uma forma de homenagear meu amor pelas ilustrações e pelas cores. Para ele, eu era o arco-íris mais brilhante. E, também, como ele me disse quando eu estava em uma das

minhas crises de adolescente, eu trazia cores para sua vida. Tinha a impressão que era sua filha favorita, mas não contava pra ninguém.

— Péssimo. Quero mudar de escola, melhor, de cidade, não, país!

— Não fez as pazes com o filho dos Davis ainda, não é?

— E nunca vou fazer, pra mim, ele não existe mais.

Papai não quis mais tocar no assunto, ficou com medo do meu extremismo. Ele me levou para a lanchonete da família e eu comi meu hambúrguer com batata-frita bem feliz e solitária. Ninguém se atreveu a perguntar o que tinha acontecido, porque eles sabiam que minha personalidade difícil não ia cooperar.

À noite, sem conseguir dormir, eu remexi várias vezes na minha cama, perguntando-me como será que foi o encontro da Brown com o Davis. Meu pequeno corpo não poderia suportar tanto ódio! Minha mandíbula se contraiu tanto ao pensar, que então estava doendo.

Uma batida na minha janela me despertou da fúria.

Ignorei.

Mais uma vez.

E mais uma.

Tive que levantar ou meus pais acordariam e descobririam que o Davis me visitava e dormia comigo muitas noites. Nós não fazíamos nada, de verdade, nem nos beijávamos. Era algo respeitoso, porque sabíamos que tínhamos apenas catorze anos. Mesmo que, algumas vezes, a minha vontade era de agarrá-lo.

Mas naquele momento passou.

Serei uma nova mulher neste ano.

Livre do sentimento pelo Davis. Livre!

Fui até a janela e abri a cortina, de imediato o rosto do meu problema apareceu e um sorriso sem jeito surgiu em sua expressão ao me ver. Ele ajeitou o cabelo e, lendo os seus lábios, vi que ele murmurou um “por favor”.

Retirei o que disse nos meus pensamentos imediatamente sobre esquecê-lo. Abri a janela apenas com uma mão e o deixei entrar.

— Vai me odiar pra sempre? — perguntou ele, tentando alcançar minha mão.

— Você foi em um encontro com a Lily Brown e quer mesmo me perguntar isso? — Afastei-me.

— Ela é só minha amiga.

— Sua amiga? — Soltei o ar pelas narinas em fúria. Tentava controlar o tom da minha voz, pra não alarmar e acordar todo mundo.

— É… ela quis falar sobre você, sobre nós. Só isso.

Senti-me na cama e continuei com a mandíbula cerrada.

— Volta a falar comigo, Callie. Volta a desenhar comigo, quero tanto voltar ao que éramos. Somos melhores amigos, sempre fomos melhores amigos. — Foi até a mim e se sentou ao meu lado. Não me afastei, apenas fiquei quieta. — Está doendo? — questionou sobre meu braço.

Ele estava cheirando a banho recém-tomado. Aspirei. É estranho, mas eu gostava de cheirá-lo.

— Não está doendo.

— Posso assinar? — perguntou. Assenti que sim e ele tirou uma caneta hidrográfica do bolso da calça de moletom, sempre tinha uma consigo. Escreveu seu nome e em outra parte escreveu o meu como "*CallieFlower*" com uma flor em volta da letra. Ele nunca ia esquecer quão ridícula eu fiquei naquela fantasia de girassol. Encostei levemente minha mão em seus dedos ao analisar sua escrita e percebi como ele estava gelado.

Estava fazendo em torno de 8 graus lá fora e ele foi louco o suficiente para ficar batendo à minha janela. Automaticamente, apertei sua mão para aquecê-la. Inevitavelmente o contato foi maior. Landon me abraçou, senti sua face gelada na minha e o aperto em seus braços para que eu não me afastasse.

— Para de brigar comigo, Callie, por favor — pediu.

Percebi que estava sendo cruel com ele e cruel comigo mesma ao promover nosso afastamento. Antes de tudo, éramos amigos e parecia muito que ele precisava de mim, do meu apoio por conta do que acontecia na sua casa.

Por isso, por nós e por tudo, eu o abracei de volta com um braço e disse que *tudo bem, tudo bem*. Éramos amigos e sempre seríamos. Ele deitou comigo e acariciou meu cabelo. Tê-lo assim já era bom, nem pensava mais em ser gananciosa, estávamos crescendo e me machucava gostar dele mais do que deveria. Veja bem, eu não queria gostar de Landon Davis mais do que como amigo, mas era algo inevitável.

Forcei-me a não querer mais que isso. Forcei a ser apenas o que éramos pra ser, amigos.

E tudo corria bem, passaram-se alguns meses, Landon fez quinze anos, curtimos as férias da primavera juntos, os pais dele foram à praia e me levaram também. O nosso lema de sermos apenas amigos estava dando certo, fora o fato que reparei que ele não era mais tão magrelo na praia e que quando estávamos no meu quarto, eu quase sempre pensava em como foi gostoso beijá-lo. Enfim, tudo estava nos eixos, até mesmo o gesso eu havia retirado recentemente.

Até que tudo mudou nas férias de verão.

Meus pais estavam putos comigo porque minhas notas não foram as melhores e ameaçaram me afastar do Davis se não melhorasse no próximo semestre letivo. Lily Brown muitas vezes ia em casa para me ajudar com as matérias, mas às vezes parecia que ela me ensinava errado, porque eu não melhorei nadinha com a ajuda dela. Acontecia que eu não gostava muito de estudar. Gostava de literatura e artes, apenas. As outras matérias eram um grande sofrimento para mim.

Álgebra, então? Meu Deus, era a morte.

De porta aberta, Landon e eu estávamos desenhando em cima da minha cama em total silêncio. Minha mãe, vez ou outra, passava

como se não quisesse nada pelo corredor só para saber se estávamos aprontando alguma coisa. Éramos espertos o suficiente para manter distância sob a supervisão dela.

— Você — Observei seu desenho de um retrato, os olhos da pessoa pareciam com os meus. — está me desenhando? — constatei ao dar uma espiada no desenho do Davis.

— Não estou — tentou esconder.

— Está, sim!

— Não estou.

—Ah não, eu quero ver, por favor.

— Callie, não está pronto! — Desviou, mas eu me deitei sobre o seu corpo na tentativa de pegar.

— Landon… — Ele escondeu o desenho atrás da cabeça dele. — Deixa eu ver, por favor.

— Para de ser teimosa.

— Se não me mostrar por bem, será por mal. — Coloquei a mão embaixo da sua camiseta e lhe fiz cócegas. Ele começou a gargalhar e contra-atacou fazendo a mesma coisa. Suas mãos estavam bem embaixo da minha camiseta e, em um momento do

meu contragolpe, as mãos dele, sem querer, foram parar diretamente nos meus seios.

Um momento, pausa dramática.

Landon pegou nos meus seios.

Nos meus seios!

Surto e pânico.

Nós dois nos encaramos e cessamos o riso. As mãos dele ainda estavam paradas nos meus seios porque acreditava que devia ser um momento icônico na vida de um garoto. A primeira vez que ele pegou nos seios de alguém — esperava que fosse mesmo a primeira vez — e ele nem sabia o que fazer depois disso. Só ficou com a mão parada lá mesmo.

— Mas o que vocês estão fazendo?! — Droga. A voz estridente da minha mãe em surto nos fez afastar tão rápido que quase caí da cama, mas o Davis me aparou com seus braços. Ai, ai, por que estava suspirando em momento de tanta tensão? — Vou chamar os seus pais, vamos conversar — disse ela, olhando para o Landon. O tanto que seus olhos estavam esbugalhados e uma veia em seu pescoço quase pulou para fora, demonstrava que estávamos fodidos.

Assim que a furiosa saiu do quarto, meu amigo sussurrou em meu ouvido:

— Deixa comigo, eu explico.

Nossos pais se reuniram na sala e conversaram sem a gente por um tempo. Ouvimos tudo às escondidas e descobrimos que eles sabiam que estávamos juntos desde o dia de Ação de Graças.

Super discretos.

Só que não.

Depois, eles nos chamaram pra participar da conversa. Meu amigo fez a parte dele e tentou explicar o incidente enquanto eu pensava em abrir um buraco e me enfiar dentro.

— Eu falei para o Lewis que eles estavam aprontando, mas ele insistiu que nossos filhos eram apenas crianças, que deixássemos por conta, que eles não fariam nada… — dizia minha mãe nervosa. — E se a minha filha engravidar? Hein? Eles já têm idade pra saber o que é sexo, se é que já não estão praticando… — Olhou-nos, tentando desvendar algum segredo em nossa expressão.

— Mãe, eu estou aqui, eu não vou engravidar, nós nunca fizemos nada — tomei partido para dizer.

— Você jura? Não pode mentir para nós, *Arco-íris brilhante* — disse papai, olhando diretamente para mim. Apesar de estar bravo, ele me chamava pelo apelido, o que significava que ele ainda confiava em mim.

— Nós não fizemos nada, senhor, foi… foi sem querer — pigarreou Landon. Meu pai olhou feio para ele pela primeira vez na vida. Ele estava agindo de forma protetora e contra o cara que poderia tirar a “inocência” da sua filha, eu entendia isso. Meu pai sempre foi um ursão, sempre fofo, mas quando se tratava de proteger as filhas, ele sempre mostrava as garras.

— Vamos dar um voto de confiança — sugeriu Elena.

Minha mãe ponderou, pois a última palavra seria dela. O veredito final foi que não iam nos separar, mas que não poderíamos ficar sozinhos em um cômodo, sempre deveria ter a supervisão de alguém.

Alguns dias se passaram e foram horríveis. Não podíamos conversar direito, não podíamos fazer nada sem que tivesse olhos à espreita. Por isso, nosso momento de liberdade era de madrugada. Landon pulava a janela do meu quarto e podíamos conversar sobre tudo.

— Eu não sei por que eles estão sendo assim — murmurei irritada ao seu lado na cama.

— Eles não querem que sejamos iguais ao meus pais — constatou Landon.

— Mas somos amigos, não vamos fazer sexo — pensei alto.

— É… não… não vamos — respondeu depois de um respiro longo. — Desculpa, Callie, desculpa.

— O que foi?

— É que está cada vez mais difícil deitar do seu lado toda noite. É estranho, meu corpo responde por mim… eu… que droga. — Ele tentou se levantar, mas eu segurei sua mão.

— Não vai embora, por favor… — Estava escuro, mas eu conseguia sentir sua apreensão pelo seu respirar atropelado. — Eu também sinto o mesmo… — Sabia que estávamos sendo imprudentes, mas éramos adolescentes e adolescentes têm dessas coisas.

Landon voltou a se deitar ao meu lado. Já fazia meses que estávamos nos segurando, meses que eu encarava seus olhos de céu e aspirava saber voar. No momento em que ele cedeu e me

abraçou, pude sentir o cheiro gostoso do seu cabelo e soube imediatamente que era impossível ser apenas sua amiga.

Sua boca estava a centímetros da minha, nossos narizes se tocavam, e a cada ofego eu ansiava por um beijo. *Só um beijo e vamos nos separar. Só um beijo e não vamos passar disso.*

Mas nada disso ocorreu de verdade.

Deu tudo muito errado. A porta se abriu de uma vez. Afastamo-nos separados por esse raio. O Davis caiu da cama, a luz se acendeu e a figura da minha mãe furiosa surgiu. Isso nunca havia acontecido, mas o universo resolveu conspirar contra nós. Devíamos ter adivinhado, devíamos ter pensado que desde o incidente com suas mãos no meu seio, seríamos vigiados. E fomos.

Era três e vinte da manhã. Papai não bateu no Landon, porque, bom, ele era um adolescente e filho do seu melhor amigo. Se não fosse, ele teria batido. Em contrapartida, houve berros para todos os lados. Os vizinhos foram chamados e mais uma conversa bem tensa aconteceu. Ouvimos tudo detrás da porta, é claro.

Ninguém acreditava em nós. Para eles, Landon e eu, precocemente, já havíamos feito sexo e enganamos todos eles.

Houve briga dos dois lados, porque meus pais acusaram os Davis de compactuar com isso, afinal, eles foram pais jovens.

— Por que não os deixamos namorar? Com limites, é claro — sugeriu Lewis. Estávamos ouvindo tudo detrás da porta.

— Nada disso, são crianças, eles vão ficar de castigo — disse minha mãe.

— Tentamos colocá-los de castigo, mas o nosso filho puxou muito o pai e pulou a janela da filha de vocês — manifestou-se Elena. — Nós somos responsáveis, Lewis, temos que fazer algo agora ou espera que eles acabem como nós? — Sua voz estava cheia de acusação para o marido. Landon apertou minha mão, o relacionamento ruim dos pais o machucava muito,

— Eles não são apenas crianças porque não os incluímos na conversa? Quem sabe assim eles não entendam a gravidade da situação? — pediu Lewis. Nenhum dos outros envolvidos se pronunciou por longos segundos, até que sentimos uma aproximação na porta. Era tarde para fugir, então fomos pegos espionando. — Entrem, já sabia que estavam aí. — Piscou pra nós.

Enquanto ouvíamos o sermão dos adultos, eu praticamente viajei para outra dimensão, pois não aguentava mais toda a

tempestade que faziam. Meu estômago se revirou porque comi escondido a torta de chocolate que sobrou do jantar à meia-noite, meia torta, aliás. Fiquei nervosa, muito nervosa, envergonhada e enjoada?

Nem sei dizer.

Vomitei antes de poder correr para o banheiro.

Hora certíssima para isso ocorrer, foi pânico para todos os lados. Para minha mãe, qualquer sintoma poderia ser uma doença e, para ela, qualquer sinal de enjoo era uma gravidez. E foi assim que o dia amanheceu um caos e eu tive que fazer um teste de gravidez pela primeira vez na vida mesmo sendo virgem.

Claro que o teste de farmácia deu negativo. Mas, não satisfeita, mamãe planejava me levar ao ginecologista. Depois disso, o Landon foi proibido de se aproximar de mim. Não importava o quanto disséssemos que não havíamos feito sexo, ninguém acreditava em nós. Mamãe chegou a encurralar até a Lily, as duas tiveram uma conversa longe de mim e, depois disso, tudo ficou ainda pior.

Perguntei para minha amiga o que aconteceu, mas ela dizia que tentou nos ajudar o máximo que pôde. O resultado final de toda essa

confusão ocorreu com a aproximação das voltas às aulas. Meus pais se reuniram comigo e deram o veredito, dado pelo porta-voz que mandava na família, minha mãe:

— As suas notas não foram boas no último ano escolar. Você só quer saber de desenhar e ainda aprontou com o filho dos vizinhos. Callie Heart, não sabíamos mais o que fazer com você, por isso tivemos que tomar uma decisão. Você vai mudar de escola.

— O quê? Por quê? Onde? Não! — protestei imediatamente.

— Não tem conversa. Estamos decididos. Você vai para o *Goodpasture Christian School* e por isso vai precisar se mudar e ficar com sua tia.

— O quê? Vocês vão me fazer morar com a tia Nancy? É sério? Pai? Mãe? — Olhei para cada um deles em desespero, seus olhos não vacilaram. A irmã da minha mãe era solteirona convicta e membro fiel da igreja. Ela morava em Nashville a quase sessenta milhas de Bell Buckle, o que era uma hora interminável de carro. — Eu não vou. — Cruzei os braços.

— Você vai.

— Não, eu não vou.

— Somos seus pais e você vai, não tem escolha, você vai. — Nunca vi minha mãe tão má e repetitiva.

— Não tem conversa, Callie, está decidido — se pronunciou meu pai. E quando ele resolvia falar, sem me chamar pelo meu apelido, era sinal de que eu estava completamente ferrada. — Estamos usando nossas economias para pagar esse colégio. A única coisa que você tem que fazer é estudar para honrar os nossos esforços.

— Mas, pai, não… pai… — Meus olhos encheram d'água, ele estava firme, não ia ceder. — Mãe? Por favor, eu prometo que vou me comportar… eu… mãe, eu… — Ela continuou negando com a cabeça e iria refutar qualquer um dos meus argumentos. — Eu odeio vocês! — Saí correndo e chorando. Tranquei-me no meu quarto e chorei em desespero.

Como puderam fazer isso comigo? Como? Eu não podia ter nenhum controle sobre minha vida, é isso?

Soquei meu travesseiro. Odiei todo mundo e pensei na possibilidade de fugir de casa. Mas para onde eu iria?

Bateram na minha porta e eu ignorei no primeiro instante.

— Cal, sou eu, a M&M, abre a porta, por favor. — Era a Emily. Ela estava em casa no fim de semana e usou o apelido que dei a ela para atingir meu coração.

E atingiu de uma forma certeira, porque abri a porta e a abracei aos prantos. Emily afagou os meus cabelos e tentou conversar comigo deitada no seu colo na cama.

— Eu sei que está doendo, mas não dá para mudar a cabeça dos nossos pais. Vai ser bom pra você, irá fazer novos amigos, a escola parece fantástica.

— Fantástica? Eu não quero morar com a tia Nancy, eu não quero ir para um colégio cristão. Nossos pais nem frequentam a igreja aos domingos, como podem ser tão hipócritas?

— Calma, você sabe que eles só querem o seu bem. A sua amizade com o Landon passou dos limites. O que vocês faziam? Sabe que pode me contar, não é? Não vou dedurar. — Respirei fundo e contei a Emily que nós não cruzamos nenhum limite, apesar de dormimos juntos muitas vezes, nunca houve nada demais. Fora nossos beijos muito bons e desajeitados.

— Entendo, mas nossos pais não vão mudar de ideia, eles estão certos de que alguma coisa rolou e antes que você termine

grávida, eles resolveram agir.

— Por que não confiam na gente?

— Ninguém confia em adolescentes que dormem na mesma cama, Cal.

— Eu não tenho ninguém fora o Landon, M&M. Odeio tentar fazer amizades, não sou sociável. A Lily Brown só é minha amiga porque ela insistiu muito, mas as vezes eu sinto que ela me odeia, é estranho. Ninguém gosta de mim, eu devo ser chata.

— Para com isso, você não é chata, e sim muito fechada. Tenho certeza que fará muitos amigos no novo colégio.

— Eu não preciso de mais ninguém, apenas da amizade do Landon Davis.

— Vocês sempre foram assim, não é? Eu invejo isso, invejo que tenha encontrado o amor da sua vida tão cedo… — Ela riu.

— Amor da minha vida? Que isso?! Eu gosto dele, mas eu nem sei o que é amor.

— E quem sabe? Mas vocês têm algo único. Posso te contar uma coisa? Espero que pense nisso. — Confirmei apertando os olhos. — Carl Sagan disse uma vez que, diante da vastidão do

espaço e da imensidão do tempo, era uma alegria dividir um planeta e uma época com Annie, sua esposa.

— Não entendo dessas coisas. — Dei de ombros.

Emily fazia faculdade de Astronomia, então, sempre que possível, ela citava algo da sua área. Ela era tão inteligente e o orgulho da família por ter conseguido uma bolsa de estudos integral para estudar em Harvard.

A Melissa, apesar de não ter entrado na mesma universidade, estudava gastronomia há menos de duas milhas da gêmea na *Cambridge School of Culinary Arts.* Naquelas férias, apenas Emily veio para casa, porque a Melissa estava no apartamento do médico que ela conheceu no ano novo. Acontece que eles resolveram namorar à distância e dava certo na medida do possível.

— Imagine, Cal, como é improvável, em termos de uma perspectiva cósmica, você e outro amontoado de átomos que formam um ser consciente terem a chance de interagir um com o outro, em um minúsculo planeta chamado Terra e em um período de tempo específico?

— Pouco provável?

— São mais de cem bilhões de galáxias em nosso Universo, que existe há pelo menos treze bilhões de anos.

— Quase impossível?

— Você e o amontoado de átomos chamado Landon Davis são privilegiados apenas por terem se conhecido. É como Carl Sagan disse, nós somos, cada um de nós, um pequeno universo. O seu pequeno universo colidiu com o pequeno universo dele, vocês jamais se separarão de verdade. O que é pra ser, vai ser. Não se preocupe, vocês vão se reencontrar.

E então eu entendi tudo.

Os nossos universos colidiram um com o outro. O que resultou em uma explosão e nos tornamos pó. A nossa poeira era igual, era impossível dizer qual partícula era Callie Heart e qual era Landon Davis.

Desde que nos colidimos, somos o mesmo universo.



AGORA

Conheci a Mackenzie, filha da Bethany, uma das garçonetes do Harris Pub. As duas chegaram no bar no final da tarde, trazendo uma tempestade junto com elas, o embate entre mãe e filha era digno de pegar uma pipoca e acompanhar.

— Eu já disse que você não vai.

— Mãe, é só uma festa, com cinco pessoas no máximo, não vai ter bebida e vai ter um adulto supervisionando — disse Mackenzie. Ela era muito parecida com a mãe. Seu cabelo era todo cacheado e longo, o da Bethany que era curto, reparei naquele dia, pois não estava usando lace. Sua pele era um tom mais claro do que da sua mãe, puxando para o amendoado. A adolescente tinha um piercing no nariz em formato de argola. Vestia uma calça cargo com um coturno e top que cobria a metade da barriga.

— Não tem conversa. Landon, a Mackenzie pode ficar lá em cima durante o expediente? Tenho que vigiá-la — dirigiu-se ao Davis que secava os copos do bar. Ele confirmou que sim gestualmente. — Desculpe, Callie, entrei e nem falei com você — Bethany se dirigiu a mim. Fiz um sinal para que não se preocupasse enquanto colocava uma cadeira no chão. — Essa é a minha filha, Mackenzie Goody.

A menina que devia ter em torno de catorze ou quinze anos me mediu dos pés a cabeça. Analisando se era um adolescente ou uma adulta. A minha altura e porte corporal sempre deixavam essa dúvida.

— Ei, sou a Callie Heart e vou ser a nova bartender — apresentei-me.

A menina apenas fez um aceno de cabeça.

— Ele te contratou?! — Bethany se aproximou ao fazer a pergunta.

— Pode ir na cozinha, Mack, o seu tio está testando uma receita nova de tacos — avisou o gerente do pub. Mais cedo, eu conheci o irmão da Bethany, Christopher, ele era cozinheiro no bar. A cozinha era pequena, serviam poucas opções no cardápio, fiquei sabendo que toda semana serviam algo especial. Mais cedo, experimentei a receita nova de tacos enquanto conversava com Christopher e sua ajudante, Natalie. Eles eram divorciados. Tinha pena da terceira pessoa que trabalhava na cozinha. Estava bem informada, porque o John me contou tudo.

Assim que Mackenzie foi à cozinha, Bethany passou a me ajudar no salão e aproveitou para pescar informações sobre mim e o

Davis:

— Então, o que rola entre vocês? — sussurrou para que ele não escutasse.

— Nada, nada mesmo. Éramos amigos e ele está me ajudando a resgatar minha dignidade — expliquei. Se bem que, desde o dia anterior, estava sentindo que estava perdendo a dignidade que não tinha. Estava pensando seriamente como iria me mudar assim que o pagamento do meu último trabalho caísse. *Chega de humilhação!*

Ela não acreditou que éramos só amigos no passado. Ninguém acreditava.

John Harris chegou acompanhado de sua esposa, Wendie, e eu adorei conhecê-la. Ela ajudava na cozinha sempre que possível, embora tivesse um salão de beleza para cuidar. Ela poderia ser minha melhor amiga naquele momento, porque me convidou pra fazer um tratamento gratuito, desculpe, Violet.

Wendie era muito estilosa, tinha um cabelo bem curtinho pintado de rosa e não aparentava ter sessenta e oito anos. A diferença de idade entre ela e o marido era de apenas três anos, ela era mais velha.

Nós nos aprontamos na preparação do bar até o horário de abertura. Apesar de ser terça-feira, tinha bastante clientes. Tive que aprender tudo muito rápido, o Davis me auxiliava algumas vezes sempre que eu tinha alguma dúvida, estávamos agindo como profissionais, pois nem olhávamos para o rosto um do outro. John passou por nós por um momento e notou a tensão, mas não disse nada, pois estava atendendo as mesas.

— É nova aqui? — perguntou um cara depois de pedir sua bebida. Ele se sentou próximo ao balcão e parecia que não pretendia sair dali tão cedo.

— Sim… — respondi, começando a preparar o seu *Negroni*.

— Você é muito bonita, que horas sai do trabalho?

— Não saio.

— Não seja tímida, eu… — parou de falar porque um certo alguém surgiu bem ao meu lado. Landon não disse nada, apenas colocou o punho cerrado no balcão e olhou firmemente para o cara.

O inconveniente saiu antes mesmo que eu entregasse sua bebida. A música estava alta, por isso o Davis teve que chegar bem próximo ao meu ouvido para dizer:

— Nem responde esse tipo de cara.

— E se eu quisesse sair com ele? — perguntei também próxima ao seu rosto.

— Você não é doida.

— Eu sou, sim.

— Ele não é seu tipo.

— E qual é o meu tipo?

Sua respiração ficou pesada. O meu tipo era ele e o bonitão sabia disso, mas não tinha coragem o suficiente para me replicar com esse fato. Landon se afastou e, pela primeira vez no dia, olhou bem no fundo dos meus olhos. Havia tanto ressentimento neles, mas também havia aquele céu azul. Eu só queria encontrá-lo sem as nuvens.

Continuei o trabalho em pleno foco, não totalmente, desfocava algumas vezes quando percebia as garotas malucas que toda hora apareciam para falar com o *barman*. Era impressionante como ele era popular.

— Você sabe se ele tem uma namorada? — perguntou-me uma garota que estava acompanhada de duas amigas.

— Não, ele não tem — respondi, preparando o martini dela.

— Então ele deve estar com a agenda cheia, porque me dispensou — lamentou. — Eu fiquei doida pra saber se ele tem mesmo um piercing no pênis, mas… — disse e continuou a choradeira com suas amigas.

Eu não ouvi mais nada, porque essa informação era nova pra mim. *Será que ele colocou um piercing no pau? Se sim, em que parte? Será se doeu muito? Eu preciso ver isso!* Quer dizer, para saber como era, curiosidade apenas.

Um ataque de soluço me ocorreu, a informação foi demais pra mim, pois tentava imaginar onde que ele colocou tal peça. E, Jesus, ele colocou mesmo? Eu era uma pessoa curiosa, não podia conviver com essa dúvida.

— Tá tudo bem? — Ele apareceu atrás de mim. Meu soluço foi altíssimo nesse instante. Deixei o martini na bancada e parei para tomar uma água. Afastei o Landon com um gesto com a mão, não o queria perto, porque o despiria com a minha mente.

Se eu não estivesse com raiva dele, perguntaria se era verdade. Se sim, não teria outra opção a não ser arrancar a calça dele para ver.

Assim que eu me acalmei, voltei ao trabalho. Estava próximo de fechar e, ao longo da noite, reparei que o meu chefe afastou todo e qualquer cara que tentou me paquerar, por isso, resolvi provocar.

— Ah, você quer sair comigo? Eu termino o trabalho em meia hora… — falei pra um cara que tinha acabado de pedir sua bebida. Ele nem se prontificou a sair comigo, eu mesma me convidei.

Ele quase engasgou com a própria saliva, mas confirmou:

— Claro, eu te espero lá fora — disse ele com um sorriso todo safado. Arrependi-me na hora de ser tão imprudente, mas não dei para trás, pois o senhor “marcação cerrada” estava bem atrás de mim.

No fim do expediente, assim que todo mundo se despediu, eu saí pela porta dos fundos e encontrei o loiro fortinho à minha espera, como ele havia prometido. Ele estava em frente ao seu carro estacionado e abriu um sorriso todo largo ao me ver. Estava frio e pensei em voltar para dentro com a desculpa que esqueci minha jaqueta e nunca mais aparecer na frente desse desconhecido.

Conforme eu dava passos para a frente, senti meus pés ficando cada vez mais pesados.

— Pensei que não ia vir mais — disse o cara que eu nem sabia o nome.

— Eu tinha que terminar o trabalho e… — Senti uma aproximação brusca bem atrás de mim. Não consegui protestar, ou fazer qualquer outro movimento. Landon Davis havia surgido. Sem cerimônia, ele me pegou pelas pernas e me jogou no seu ombro.

Protestei batendo as pernas, mas foi em vão.

— Cai fora — pronunciou o Davis. O cara se mandou na hora, nem tentou lutar por mim. Estava chocada!

— O que você está fazendo?! Me larga! Qual é o seu problema? — Bati em seu ombro em irritação.

— Sabe qual é o meu problema? — dizia, enquanto caminhava de volta para o bar. — Eu só ia fumar um cigarro e te vi fazendo merda. Sabe quem é aquele cara? Você não faz nem ideia do que falam sobre ele.

Errei feio.

— Então você devia parar de fumar — pronunciei, mudando o foco da conversa quando me colocou no chão.

Ele respirou fundo e passou a mão pelos cabelos.

— Esse é o problema, sou apaixonado por coisas que me matam…



9

RUPTURA

“Apenas esteja sempre esperando por mim,
e então, alguma noite, você me ouvirá cantando”.
(Peter Pan, J. M. Barrie)

ANTES

Tentei de todas as formas possíveis fazer com que meus pais mudassem de ideia, mas eles estavam determinados a me abandonar. A tia Nancy não era uma pessoa ruim, só era extremamente religiosa e irritante com isso. Ela também não cozinhava bem, eu ia passar fome! Tentei argumentar de tantas formas e em todas elas eu recebia um belo não.

Acabou. Era o meu fim existencial nesse planeta miserável.

Decidi fazer greve de fome. Não durou três horas.

Chorei, gritei, esperneei e fiz o maior drama de toda a minha existência. Não funcionou. Mamãe me fez arrumar minhas coisas e eu fiz isso obrigatoriamente enquanto chorava horrores. Pensei que eles iam se compadecer pelo meu sofrimento, mas isso não ocorreu, pois no domingo meu pai estava pronto para me levar à Nashville.

Desde então, eu não consegui ver Landon um momento sequer, pois haviam tomado meu celular que ganhei no meu aniversário de catorze anos, o que impossibilitava nossa troca de mensagens. Eu fui uma das últimas pessoas na escola a ganhar um celular e já não tinha mais um! Como eu odiava a minha vida.

Emily iria nos acompanhar na viagem e, antes de eu me despedir do meu quarto, ela foi até a mim e me presenteou:

— Sei que você ama ler, então eu quero te dar esse livro, apesar de não ser o seu estilo… — disse e me entregou o livro *Cosmos* do Carl Sagan. Olhei para a capa no primeiro instante e depois abri a primeira página. Li o que Emily me disse recentemente:

“Para Ann Druyan.

Na vastidão do espaço e na imensidão do tempo,

é uma alegria compartilhar um planeta e uma época com Annie".

Sorri.

— Obrigada, M&M. — Pela primeira vez desde a notícia da mudança, eu fiquei feliz. Com o livro em mãos, eu saí de casa. Meus pais estavam esperando do lado de fora, mas eu nem reparei neles e sim em Landon Davis que vinha em nossa direção.

Ninguém nos impediu e nem conseguiriam.

Deixei o livro cair no chão e corri para abraçá-lo.

Nós grudamos um no outro, apertei-o fortemente em meio às lágrimas:

— Eu não quero ir… — murmurei em sua orelha.

— Estou com tanta raiva, Callie. Por que estão fazendo isso com a gente? — perguntou. Eu não sabia responder. Os adultos tinham dessas coisas, o que eles resolviam era decreto e nós não podíamos opinar.

— Eu volto nas férias, nos feriados, nós… — pausei, pois o choro me causou um embargo na garganta. — Nós vamos nos ver, ok? Vamos dar um jeito. — Não sabia como, mas iríamos. Ele sabia que eu tinha ficado sem celular, mas que em algum momento eu o

receberia de volta. Afastamo-nos brevemente e eu peguei o livro do chão. — Espere por mim, não se esqueça de nós — disse olhando em seus lindos olhos. Pela última vez, aproximei-me e beijei sua bochecha e senti aquele cheirinho doce.

Landon pegou do seu bolso um papel e me entregou:

— É aquele desenho, o seu desenho, veja depois quando chegar.

Coloquei o desenho dentro do livro. Olhamo-nos significativamente por vários segundos. Meus pais começaram a me chamar e meus olhos voltaram a ficar marejados. Landon me acompanhou até o carro sem medo do que meus pais diriam, pelo menos eles não fizeram nada para atrapalhar. Assim que entrei no carro, ele me deu a mão e pronunciou:

— Não vou me esquecer, jamais. — Continuou a olhar nos meus olhos. Nesse instante, eu comecei a entender o que minha irmã quis dizer sobre amor.

— Não se esqueça das cores, não as odeie, Landon Davis… — falei quando meu pai deu partida no carro.

Minha voz embargou de novo. Soltamos as mãos. O carro começou a andar, continuei a olhar para meu amigo. Landon chorou

e ele raramente chorava. Nem mesmo quando se machucava. Continuei a olhar para trás e o vi não parado como deveria ser, mas sim correndo atrás do carro.

Pedi para parar, mas meu pai não parou.

Chorei muito.

Minha irmã me abraçou.

A única coisa que me confortava naquele momento era o livro ao meu lado. Não esperei chegar no meu destino terrível para abrir o livro e ver o desenho que Landon fez. Abri e vi um pequeno bilhete, li primeiro:

“Eu queria que você visse como eu te vejo. Pedi a ajuda de algumas pessoas para reproduzir as cores, você sabe, as cores que eu vejo. É assim que eu te vejo, Callie Heart.” Ele falou apenas isso, sabia que tinha vergonha de demonstrar sentimentos, por isso, apenas o fato de ter escrito essa mensagem, já era uma declaração da intensidade do que sentia por mim.

Olhei para o desenho.

Eu era um misto de lágrimas misturadas com um sorriso.

Era eu, incrivelmente bonita. E as minhas cores, meu Deus. Eu era bem rosada. Landon via meus olhos assim? Diziam que meus

olhos eram cor de mel, eu chamava apenas de castanho-claro. Diferente de todos, ele via em um tom de marrom-rosa-claro. Com certeza eu era muito mais bonita aos seus olhos. Entendia, era por isso que se apaixonou por mim.

E eu, inevitavelmente e desesperadamente, correspondia aos seus sentimentos. Tudo que esperava era reencontrá-lo logo. Acreditava que éramos algo que chamam de destino. Fosse o que fosse, o cosmos de alguma forma iria me ajudar, porque, bom, na vastidão do espaço e na imensidão do tempo, era uma alegria compartilhar um planeta e uma época com Landon Davis.



AGORA

Por um instante, eu fiquei parada pensando no que ele havia falado sobre ser apaixonado por coisas que o matavam. Ele falava só do cigarro? Do fato que andava de moto por aí e que era

perigoso? Ou dizia sobre uma pessoa que ele amou muito no passado?

Estava curiosa, mas tinha prometido a mim mesma que ficaria calada sobre isso.

Aproximei-me do seu corpo, ele quase vacilou na respiração, parei com a mão bem no seu peito. Olhei profundamente em seus olhos que me encaravam com tanto sentimento, era forte, mas se era amor ou ódio, eu não sabia distinguir. Os dois têm a mesma frequência de intensidade. Em um gesto abrupto, eu coloquei a mão na sua calça.

Peguei do seu bolso o maço de cigarro e me afastei ao dizer:

— Não romantize o vício, pare de fumar.

Ele gargalhou.

— Devolve. — Ficou sério de repente e estendeu a mão.

— Não.

Caminhei em direção à escada que levava ao apartamento.

— Heart, devolve. — Ele veio atrás de mim.

— Não, você precisa parar. — Virei bruscamente em sua direção e o provoquei, guardando o cigarro dentro do meu sutiã. —

Se quiser, vai ter que pegar, mas — fiz uma pausa dramática para irritá-lo, sentia que tinha segurado a respiração porque ficou estático — você não tem permissão para pegar nos meus seios.

Ele deu de ombros.

— Eu compro outro.

— Pode comprar, vai morrer lentamente.

— E quem não?

— *Touché*… — Não era errado, mas também não era certo. No final das contas, sempre era menos um dia. Peguei o maço de cigarro e estendi a mão para devolvê-lo. — Toma, fume até morrer. — Ele franziu a testa, pegou o cigarro e guardou no bolso. — Não vai fumar?

— Perdi a vontade. — Psicologia reversa aplicada com sucesso.

Sorri ao subir a escada. Nós entramos no apartamento e cada um foi para o seu canto. Quando eu me deitei pra dormir, fiquei pensando em como Landon Davis conseguia dormir sem mim. Será que o meu fantasma o perseguia em seus sonhos? Porque, nos últimos anos, o seu fantasma me perseguiu.

Apertei o travesseiro, sentindo falta de tudo.



Fazia duas semanas que trabalhava no bar e me virava muito bem sozinha. Aprendi todas as combinações de bebidas das nossas receitas. Enturmei-me com todo o pessoal. Bethany e Mackenzie eram uma alegria e um déjà-vu, vê-las frequentemente me fazia lembrar das brigas que eu tinha com minha mãe. Se eu pudesse voltar ao passado, não brigaria tanto com ela. De vez em quando, nos falávamos por ligação e ela me pedia para voltar para Bell Buckle e seguir com o negócio da família.

Meus pais nem faziam ideia de como era minha vida em Nova Iorque, muito menos minhas irmãs. Melissa vivia com o marido e Emily continuava em Cambridge, pois dava aula em uma escola local enquanto fazia seu doutorado. Era difícil ser irmã de alguém tão inteligente, porque eu era a única que decidiu ser artista na família. E, convenhamos, ninguém via com bons olhos, meus parentes diziam que eu ia morrer de fome ou parar na rua. Bom, eles não erraram na última praga que jogaram em mim.

O prelúdio de que a minha vida sofrida ia melhorar veio com o pagamento do meu trabalho como designer freelancer em parceria com a Violet. Aproveitamos para tomar café no Panera Bread juntas em comemoração e ela me atualizou sobre o lance dela com o Neal Meyer.

— Ele não é muito de responder mensagens, sabe? Porque vive ocupado com a banda e os ensaios. Na festa, ele tinha me dito de sairmos qualquer dia, mas esse qualquer dia nunca chegou. Será que eu devo convidar? — perguntou, colocando o segundo sachê de açúcar no café.

— Por que não? Mulheres também podem tomar atitude. — Comi um pedaço enorme da bagel com cream cheese, eu era viciada nisso.

— E se ele me der um fora?

— Arruma outro, tipo o Mason Hicks.

— Nada disso, somos amigos.

— Amigos? Não sabia que a relação de vocês estava tão estreita. — Olhei-a cheia de malícia em relação ao casal.

— Não viaja, ele vive me perguntando de você nas mensagens.

— Olha só, então vocês trocam mensagens?

— Sim! Mas é só amizade! Para de me olhar assim. — Escondeu seu rosto se enchendo de café. — Eu tenho certeza que se não fosse pelo Landon, ele já teria chegado em você.

— É impressão sua, querida. Ele deve falar de mim porque sou um ponto comum entre vocês dois. Tipo, vocês me conhecem, aí ele puxa assunto falando meu nome, tenho certeza que é isso. Afinal, ele manda mensagem pra você e não pra mim.

— Você está viajando…

— Você que está.

— Quer fazer uma aposta?

— De que tipo?

— Eu aposto que ele está interessado em você desde que te viu em cima do balde de lixo. — Pausou para rir da minha cara. — Mas… — Ela suspira de tanta graça que achou. — Tem o problema que é o melhor amigo dele. Eles sumiram esse final de semana, né?

— Eles foram fazer um passeio com a gangue deles no domingo, o Landon voltou segunda de manhã.

— Não é uma gangue, todo mundo acha que moto clubes são gangues, tem umas que são, outras não. Parece bem legal, o Mason me convidou pra ir um dia.

— Na garupa da moto dele? Hummmm…

Ela fez um barulho de indignação ao estalar a língua.

— É sério, ele não me vê desse jeito.

— E você, vê?

— Também não. Desde que o Neal Meyer entrou na minha cabeça, eu não consigo olhar pra mais ninguém, tem dias que penso em surtar, bater na porta da casa dele e beijar aquela boca linda… — Pousou o queixo na mão, seu braço estava apoiado na mesa enquanto ela delirava de amor.

— Parece uma boa ideia.

— Não! Pelo amor de Deus, eu não sou doida igual você.

— É simples, resolveria de vez as suas dúvidas. Se der ruim, beija o Mason.

Continuamos o impasse, porque ela queria provar que o Hicks queria me beijar e eu dizia o contrário, que ele queria era ela. Depois mudamos o assunto, pois Violet havia ficado sabendo que uma editora abriu seleção para publicação de quadrinhos semanais. Ela era louca para que eu participasse, pois eu tinha um material pra mostrar. Há anos eu vinha trabalhando em uma história, mas era amador demais.

A minha história era sobre uma Super Heroína chamada Rainbow que vivia sua vida dupla protegendo os moradores da sua cidade à noite contra o vilão que roubava as cores das pessoas fazendo com que elas se portassem como zumbis. E durante o dia ela era apenas uma universitária em Yale.

Fui rejeitada tantas vezes pelas editoras que nem pensava mais em tentar, apenas seguia minha vida com os trabalhos de designer. Mas como Violet me ameaçou, acabei fazendo minha inscrição. Ela me prometeu que chamaria o Neal para sair em troca, afinal de contas, estávamos sendo corajosas. Se fôssemos rejeitadas, iríamos chorar as mágoas bebendo vinho.

A resposta dela veio antes da minha, no dia seguinte, eu só não esperava que a danada tinha planejado um encontro quádruplo, pois havia chamado o Mason para ir junto comigo e acompanhá-los.

Quis dizer não, mas tive que dizer sim para não estragar o encontro dela. No domingo, dia de folga, o encontro quádruplo virou encontro de seis. Tudo começou com o fato de que eu e Landon mal nos falávamos. Vivíamos como dois estranhos no apartamento. Durante o dia, eu não o via, pois estava no estúdio de tatuagem e eu sempre ocupada com meus trabalhos, ora na casa da Violet, ora trancada no quarto com minha mesa digitalizadora e notebook.

Cumpri o nosso acordo de apenas convivermos e eu não o provocava durante o expediente. Descobri que era verdade o que o Landon disse sobre o cara que convidei pra sair, ele foi preso na semana anterior por drogar garotas. Livrei-me de uma roubada e não pretendia fazer mais nada apenas por estar com raiva. Sempre que me abordavam no bar, eu dizia que tinha namorado e estava resolvido, afinal, era meu ambiente de trabalho e eu não aguentava mais homem canalha!

Não sabia se o meu colega de apartamento tinha sido informado do encontro quádruplo, mas também não contei. Apenas observei ele ir tomar banho enquanto esperava a Violet vir me buscar.

Para o encontro, vesti uma saia xadrez e uma blusa preta de manga longa bem grudada no corpo e nós pés, um tênis confortável e branco. Ociosa, eu tentei vários penteados até optar pelo único de sempre, cabelo solto.

Passei pela porta do banheiro do Landon e pensei no boato que tinha ouvido há duas semanas sobre o tal do piercing no pênis. *Será que uma espiadinha faz mal? Se ele me pegar, vai dar ruim? Claro que vai!* E não, não podia fazer isso, se fosse o contrário, se ele me espionasse o que eu ia achar?

Não seria ruim…

Quer dizer, era bem errado!

— Está me espionando? — A voz do Davis me fez dar um pulo de susto. Eu divaguei nos meus pensamentos bem em frente à sua porta, discretíssima, como sempre fui.

— Jamais, apenas passei por aqui. — Dei espaço para que abrisse a porta. Ele nunca a deixava trancada, apenas encostada. O que me fazia pensar em duas coisas, o fato de morar sozinho o acostumou a fazer isso, ou ele não dava a mínima para a ideia de que eu o flagrasse nu.

Meu colega de apartamento me olhou como se não acreditasse no que eu falei e ficou parado praticamente pelado, apenas com a toalha tampando a parte debaixo, e nem cobria tão bem assim, a parte em “V” estava toda exposta. Esse homem era um safado.

— Vai sair? — perguntou.

— Você vai? — devolvi a pergunta olhando pra parte debaixo, sempre me perdia naqueles músculos ao vê-lo sem roupa. Inferno de homem exibicionista.

— O que você está fazendo? — Notou minha falta de vergonha na cara. Imediatamente subi os olhos.

— Nada… — Levantei o queixo. — Tenho que sair. Não me espere acordado — provoquei. Ele havia me dado a chave reserva do apartamento, então eu tinha liberdade total para ir e vir.

Desviei do seu corpo molhado e peguei minha bolsa no sofá.

— Também vou sair, nos encontramos lá — respondeu com a voz mais rouca que o normal.

— O quê? — Virei-me de repente.

— Fui convidado pelo Mason.

— É mesmo? E o que vai fazer lá? No meio dos casais? — Essa última palavra parece que não o agradou, pois seus olhos se apertaram.

— A Chloe Ainsworth vai comigo.

Aquela pernuda bonitona não desistia mesmo! Parecia um carrapato, ia quase todos os dias no bar e ficava fazendo graça com o canalha. Até aquele dia, pelo que observei, eles nunca ficaram. Não ligava se acontecesse, era uma pessoa madura que não tinha nenhum relacionamento com o meu colega.

— Que ótimo, vai ser muito divertido — falei cheia de sarcasmo. Coloquei a bolsa no ombro e virei o rosto assim que o vi

sorrir. Descarado. Safado e canalha! Por que ele tinha que ter o sorriso mais sacana e mais bonito de todos?

Peguei o meu casaco pendurado na entrada e não me despedi.

Respirei fundo assim que saí pela porta e a bati. Por um segundo, eu fechei os olhos e inspirei, estava praticamente segurando o fôlego desde que senti o cheiro de sabonete do pós-banho do Davis.

A beleza dele ainda mexia comigo, não podia negar.

A voz dele também mexia comigo, outra coisa que não negaria.

O toque dele mexia comigo também? Aham.

O fato que ele existia me balançava? Sim, era isso.

E precisava urgentemente sair desse ciclo vicioso, antes de cair em desgraça? De novo: óbvio.

Violet havia acabado de estacionar o carro.

— Como você pode odiar Friends se se veste igualzinha a Rachel Greene? — disse ela assim que entrei.

— Porque era o estilo da época que a série foi lançada, claro. — Fechei a porta do carro. — O que você fez com a sua franja? — perguntei assim que olhei para seu rosto.

— Nem olha. — Ela tampou e tentou puxá-la mais para baixo. — Eu fui ajustar o comprimento igual o de sempre, no meio da testa, sabe? Mas cortei demais e ficou essa coisa horrorosa. Estou parecendo as bonecas que eu tinha na infância, cortava o cabelo delas desse jeito. — Gargalhei imaginado as bonecas, comparando a imagem que formei em meus pensamentos com a imagem da Violet. — Pare de imaginar! Você devia dizer o contrário, que estou linda…

— Desculpa, foi você que fez a comparação. Não está ruim, sério. — Coloquei o cinto. — Só ficou um pouco mais curto do que deveria — fui sincera. Ela ligou o carro, bufando de raiva. — Mas, mudando de assunto, me conte, como conseguiu o encontro com o Neal?

— Não fique brava comigo — começou. Já sabia que ia ficar brava assim que disse essas palavras. Enquanto ela saía da vaga, continuou a falar —, mas eu te usei como desculpa.

— Violet! — protestei. — O que você fez?

— Eu disse pra ele que você queria sair com o Mason e que estava sem coragem e que se a gente fosse junto, sabe, dar uma força, te ajudaria.

— Eu não estou acreditando nisso! — Fiz um barulho de protesto expirando forte pelas narinas. — E como foi que você chamou o Mason? — Tive até medo da pergunta.

— Não foi nada demais… — Olhou-me por um segundo com medo da minha reação. — Eu só falei que você queria fazer ciúmes pro Davis.

— Aí que ótimo, que ótimo! E como que ele aceitou isso? E pior, ele chamou o amiguinho ainda por cima.

— Sério?! Então não sei porque ele aceitou e nem faço ideia do porque chamou o cara que você ama e odeia.

— Como você está engraçadinha, Ji Eui, eu deveria pedir pra parar o carro agora e não compactuaria mais com isso. O que acha? Você ia ter que se resolver sozinha com seus dois maridos! — Cruzei os braços em indignação.

— Por favor, não seja tão má, prometo que a comida vai ser boa. — Virei a cara para a janela do carro. — Eu pago sua conta.

— Ótimo, estou com fome. — Fui convencida.

Chegamos cedo no American Bar, um restaurante localizado em Greenwich Ave. Ficamos sentadas sozinhas em uma mesa redonda de seis lugares por uns quinze minutos até que Neal Meyer

apareceu junto com o Mason Hicks. Os dois estavam lindíssimos. Se eu estivesse em um triângulo amoroso com eles, igual minha amiga, teria sérias dificuldades em escolher pela aparência, então teria que sair com os dois e descobrir quem tem a personalidade que mais encaixasse comigo — daria essa dica para a Violet, mesmo que ela insistisse que não havia nada além da amizade com ele. Que, aliás, naquele dia não usava a jaqueta dos “Heartless” e sim uma camisa social de manga azul marinha dobrada até o punho, bem despretensiosamente ele deixou um botão da gola sem fechar. Também usava uma calça jeans clara rasgada nos joelhos e seus cabelos castanhos estavam bem arrumados em um topete.

O Meyer seguia vestido como sempre, no estilo rockeiro, calça jeans, jaqueta e blusa com uma banda de rock, que naquele dia era do Led Zeppelin. Os cabelos médios e loiros estavam hidratados como sempre, melhores do que os meus. Os dois sorriram ao mesmo tempo e tive a certeza de que eram cafajestes na mesma medida. Talvez o Mason fosse mais safado, tinha algo me dizendo isso, talvez fosse o fato que ele acabou de se aproximar de mim com um perfume bem gostoso e roçou o joelho no meu quando se sentou.

— Tudo bem? — perguntou ele, capturando meus olhos. Eu babei tanto pela sua beleza que nem o cumprimentei.

— Sim, sim, tudo bem… — Ajeitei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— O que está tomando? — questionou, pegando o copo para ele. — Mojito? — descobriu após tomar um gole.

— Como eu não estou dirigindo, estou aproveitando — respondi.

— Eu também não estou, vou pedir mais um — disse, levantando a mão. Saí do transe assim que ele desviou o olhar e percebi que o Neal tinha me cumprimentado. Céus. Ele deu um sorrisinho olhando em nossa direção, porque achava que dava uma de cupido. *Violet você me paga!* Mas ok, não era nada mal. E tudo por nossa amizade. Afinal, ela se arrumou toda para vir, até colocou um vestido preto de manga longa. A saia plissada a deixou ainda mais fofa e romântica.

— Você está maravilhosa — sussurrei para ela que estava sentada ao meu lado e do lado do vocalista da The Pressure. Ela sorriu ainda desconfortável com o Neal, pois morria de vergonha de encontros.

Os garotos falavam sobre tatuagem e Mason cobrou a Violet sobre a programada para ela fazer no Oz Tattoo. A coitada não

conseguiu desmentir e teria que fazer a tatuagem, era isso ou fingiria que ficou doente no dia, o que não duvidava. Vez ou outra, o sócio de certa pessoa encostava em mim, no meu ombro, às vezes no meu joelho, chegou até mesmo a arrumar meu cabelo.

Nesse instante, eu pensei: *será que ele me paquerou?* Ou tudo isso era pra fazer ciúme na minha amiga? Eu não era iludida e nem queria cair no papo de um cafajeste.

Falando em homens e suas canalhices, Landon Davis apareceu com sua companhia que surgiu arrumada para um desfile e não para um bar. Ela veio mesmo com um vestido da Gucci? Esfregou a riqueza na minha cara.

A primeira coisa que reparei no Landon era que ele estava com uma “tatuagem” nova no pescoço, vulgo a marca de batom vermelho da sua companhia. Além de que ele vestia uma camiseta de manga longa cinza e calça jeans preta. Nas mãos, ele usava três anéis, dois pretos e um prata.

Ele sorriu em nossa direção. Apenas um sorriso de canto e mordeu os lábios no instante que Chloe falou algo no seu ouvido. Exibicionistas! Queriam mostrar para todo mundo a energia sexual deles. Não estava afetada por isso. Nadinha.

Eles se sentaram, a Chloe ao lado do Mason e o Landon do lado dela, consequentemente perto do Neal. O que me dava uma visão praticamente de frente para o canalha. Foquei minha atenção no meu hambúrguer com batata frita que havia acabado de chegar, enquanto eles ainda pediam uma bebida. Que raiva, meu Deus! Por que eu estava me perguntando a causa do atraso deles? Será que aconteceu uma rapidinha?

Se sim, o que eu tinha a ver com isso?

Nada.

— Quer beber uma marguerita? — perguntou Mason perto do meu ouvido.

Automaticamente me lembrei do selinho que dei no Davis naquele fatídico dia. A vontade absurda de apagar isso da memória surgiu na hora.

— Quero — respondi.

Até esse instante, eu nem tinha cogitado algo com o tatuador. Até esse momento em que de novo ele roçou a mão no meu joelho, eu nem imaginava paquerá-lo de volta. Mas o sorriso sacana do Davis para a Chloe pela décima vez essa noite, me fez colocar a mão em cima da sua e deixá-la parada no meu joelho.

Ele não se assustou. Pediu a bebida e voltou toda sua atenção pra mim. O jeito que me olhou era como se me perguntasse se eu tinha certeza do que estava fazendo. Eu respondi subindo um pouco mais sua mão até esbarrá-la na minha saia.

— Sério? — sussurrou.

Apertei os lábios em resposta.

Ninguém na mesa poderia imaginar o que estávamos fazendo, a menos que olhassem por debaixo da mesa. E estava crendo que ninguém faria isso, pois Violet estava falando de música com o Neal e o casalzinho estava sussurrando safadeza um para o outro, não ouvia, mas podia imaginar.

Mason aproximou-se da minha orelha e disse:

— Você não pode me provocar desse jeito.

— Não gosta? — sussurrei.

Ele apertou sua mão na minha coxa e respondeu:

— É foda…

Sabia o que ele queria dizer. E sabia que ele devia saber do meu passado com o melhor amigo. Esse era o problema. Eles eram melhores amigos. Mas estava ligando o foda-se nesse momento porque o imbecil do amigo dele não estava nem aí. Descaradamente

mostrou o novo relacionamento para todo mundo. Doesse a quem doesse e, que inferno, como doía.

Eu me segurei para não falar nada.

Segurei-me muito e isso causava uma ruptura no meu peito. Droga, não podia mais negar que o ciúme me afetava.

Embarguei uma lágrima clandestina e subi um pouco mais a mão do Mason. Por ironia da vida, o brinco da Chloe caiu no chão de tanto que ela roçava no ombro do Davis e, em um gesto de cavalheiro, ele resolveu pegar e abaixou-se. Mason fez uma menção de retirar sua mão, mas eu a segurei.

Os olhos do Davis voltaram segundos depois cheios de ódio em nossa direção. Nesse instante, houve uma ruptura bem no nosso meio causada pela fúria culminada pelo ciúme do canalha.

E não, ele não pegou o brinco.



O VILÃO

"É humilhante ter que confessar que essa arrogância de Peter era uma de suas qualidades mais fascinantes."
(Peter Pan, J. M. Barrie)

ANTES

Encarei-me diversas vezes no espelho chocada com o que eu via. Olhei para a nova Callie Heart, com seu uniforme escolar ordinariamente azul. Camiseta de gola estilo polo azul, saia xadrez levemente plissada nas cores azul escuro, claro e branco. Coloquei um short preto curto embaixo para poder andar de bicicleta, deixei o cabelo partido ao meio e me perguntei quem eu *era*.

Era a nova aluna do *Goodpasture Christian School,* não tinha nenhum amigo, nem família, nem vida. Desde que meus pais me enviaram para morar com a tia Nancy, eu falava pouco nas suas ligações. Eles não estavam preocupados comigo de verdade, porque, se estivessem, não se livrariam de mim.

Até aquele momento, ninguém havia cogitado a ideia de devolver meu celular, queriam esperar e ver como seria o meu comportamento na escola nova e, de acordo com eles, se eu merecesse e me comportasse, teria de volta o meu aparelho eletrônico.

— Callie, querida, não quer mesmo que eu te leve para a escola? — perguntou tia Nancy após duas batidinhas na porta que já estava aberta.

— Não, eu gosto de ir sozinha de bicicleta.

— Uau, eu amava esse livro na infância… — reparou no exemplar de Peter Pan que estava em cima da minha cama. — Não sabia que gostava de livros infantis. — Sem cerimônia, ela se sentou na cama e folheou o livro.

— Eu não o classificaria assim, é muito mais que um livro infantil — corrigi.

— Uma criança que não quer crescer? — resumiu de uma forma pobre o livro. — Hum… quem nunca quis ir para a Terra do Nunca, não é?

— Eu jamais gostaria de ser criança para sempre. — Cruzei os braços.

— Eu amava o Peter — tentou mudar o rumo da conversa.

— É mesmo? — Aproximei-me dela e sentei ao seu lado. Olhei-a cinicamente e perguntei: — Você sabia que ele é o vilão da história?

Ela gargalhou.

— Querida, o Peter não era um vilão.

— Você acha mesmo? Ele cortou a mão do capitão Gancho, propositalmente, segundo esse livro que é uma versão original. — Tomei o exemplar da mão dela. — E deu para os crocodilos comerem apenas por pura diversão. — Olhei para ela com olhos sombrios. — E o pior, ele sequestrava as crianças pra viver com ele… — Balancei a cabeça enquanto ela me olhava horrorizada. — E, ah, olha que trecho interessante… — Abri o livro em uma parte que marquei e narrei: — *Ele estava tão furioso com os adultos, que, como sempre, estavam estragando tudo, que assim que ele entrou*

em sua árvore, ele respirou intencionalmente em respirações curtas e rápidas a uma taxa de cerca de cinco por segundo. — Endureci a voz. — Ele fez isso porque há um ditado na Terra do Nunca que, toda vez que você respira, um adulto morre; e Peter os estava matando vingativamente o mais rápido possível.

— Meu Deus, Callie… pare de me olhar assim! — protestou.

— Ainda acha que ele não era o vilão? — Ela não se manifestou. — Sabe o que é pior, tia?

— O quê? — Ela engoliu em seco.

— O Peter não crescia porque ele estava morto — sussurrei.

— Meu Deus, menina! — Levantou-se bruscamente, colocando a mão no coração. — De onde você tirou essas coisas horríveis?

Dei de ombros.

— Pense bem, tia, faz todo sentido. — Fechei o livro e concluí: — Eu adoro, é um dos meus livros “infantis” favoritos. — Fiz aspas com os dedos. Levantei-me e arrumei a saia que já estava amarrotada.

— Vou te levar para a igreja nesse fim de semana, anda, vamos tomar café. — Fechou a expressão toda irritada.

Coloquei a mão na barriga de tanto rir, pelo menos podia me divertir brincando com minha tia no meio de tanto tédio. Não sabia se ela ficou impressionada com meu jeito peculiar de contar histórias ou se minha imaginação quase sobrenatural a assustou, mas ela passou a trancar a porta do quarto de noite. Também me levava aos domingos na igreja e vivia em ligações com minha mãe contando como eu me comportava.

Na escola, eu tive que lidar com a minha falta de habilidades sociais da melhor maneira possível. Os alunos eram amigáveis por pura pressão da escola, então eu fui acolhida em um grupo de estudos com facilidade. Nenhum deles se tornou de fato meu amigo de verdade, mas minhas notas melhoraram muito.

No intervalo, na maioria das vezes, eu comia acompanhada do meu caderno de desenhos e fones de ouvido. Trabalhei por muito tempo no desenho que ia dar para o Landon assim que o reencontrasse. Assim como ele, o desenhei da forma que eu o via. Mal podia esperar para o meu aniversário e para o dia de Ação de Graças, meus pais não teriam desculpas, e finalmente eu poderia ver a pessoa que eles erroneamente transformaram em um vilão.



AGORA

Ele ficou bem bravo.

Landon não disse nada, o seu olhar expressava tudo. Fiz com que ele sentisse exatamente o que eu estava sentindo. Eu não sabia ser diferente, não sabia fingir que não me importava ou que era superior e não o faria ciúme apenas por birra. Eu era vingativa, e isso não era algo que me orgulhasse.

Ele se levantou, fez um sinal para que Chloe não fosse atrás dele e avisou:

— Vou fumar…

Segurei a mão de Mason quando ele se movimentou para seguir o amigo.

— Você só vai piorar tudo se for atrás dele — alertei. Ele olhou para mim e fechou os olhos concordando também com um aceno de cabeça. Automaticamente, afastamo-nos um do outro. A sobriedade veio com a constatação de que não era nada saudável o que

fizemos. Duvidava muito que o Hicks tivesse algum sentimento por mim, mal nos conhecíamos, e eu muito menos sentia algo por ele romanticamente. Mas se fôssemos pensar em atração, isso não se podia negar.

Ele era bonito, gentil, tinha uma risada gostosa de ouvir, o seu toque era como de qualquer cafajeste, viciante. Apenas pela forma que ele sussurrava em meu ouvido, o jeito que pegou na minha coxa e seu olhar malicioso, eu percebi que se apaixonar por ele era algo que poderia acontecer se eu tivesse um coração.

Também pensei que, fora toda a ideia de romance que não cogitava, fazer sexo com ele deveria ser muito bom. Não apenas porque ele era bem gostoso, mas porque ele parecia ser o tipo de cara que se importava com o prazer da garota que estava com ele. Parecia ser tentador a ideia de ficar com Mason Hicks, mas não era apenas o fato de que ele era o melhor amigo do Landon que me fazia travar, foi porque, diferente dele, eu não queria machucá-lo.

Droga.

Eu o machuquei. Acabei de fazer isso deliberadamente.

Quem se levantou então fui eu.

— O que foi? — perguntou Violet.

— Deixei meu casaco no seu carro, me dá a chave? — pedi. Era verdade, mas eu não estava com frio.

— Não quer que eu vá junto?

Neguei veementemente ao pegar a chave. Afastei qualquer pessoa que queria ir atrás de mim e fui atrás de Landon *casaco* Davis. Encontrei-o encostado no seu carro com as mãos dentro do casaco que devia ter acabado de vestir. Ele se empertigou assim que me viu surgindo em sua direção.

Quase vacilei em dar meia volta e pegar o casaco no carro, mas decidi que precisava falar algumas coisas, não apenas pela influência do álcool, e sim porque estava com vários pensamentos corporificados e engasgados na garganta.

— Não ia fumar? — perguntei a seis passos de distância.

— O que quer? — indagou sem responder à pergunta, ele sempre fazia isso, devia ser um mecanismo de defesa.

— Está com ciúme? — Fui direta como sempre era.

— Quê?

Dei dois passos para responder, talvez ele não estivesse escutando bem.

— Perguntei se você está com ciúme de mim com o Mason — repeti aumentando o tom da minha voz.

— Estou — respondeu. Achei que tinha ouvido errado e que quem tinha respondido era minha voz interna.

— O que disse?

— Disse que estou com ciúme. — Eu sempre tinha resposta para tudo, mas dessa vez não consegui dizer nada. — Mas não devia estar — completou. — É… cacete, horrível te ver com alguém — disse simplesmente. Não consegui dizer nada ainda, pois estava surpresa demais com sua sinceridade. — Estou com raiva de mim mesmo por isso. É melhor você voltar… — Abaixou os olhos.

— É horrível?! Ótimo, porque eu também me senti assim.

— Desculpe, eu não… ok, admito que foi de propósito.

— Fazer ciúme em mim foi de propósito? — Coloquei a mão na cintura.

— Você convidou o meu melhor amigo pra sair, e eu ia fazer o quê? Levar na boa? — Perceptivelmente nervoso, ele tirou uma mão do casaco e a levou no pescoço para esfregar a nuca.

— Seria a atitude correta de alguém que me disse que esqueceu… de tudo — frisei.

— O que você quer eu fale?

— A verdade.

— Ótimo, Callie. Eu não esqueci de tudo e jamais esqueceria. Mas o que você quer que eu faça? Hein? Nós dois seguimos em frente, estava tudo bem. Eu tinha meu estúdio de tatuagem, conhecia algumas garotas, tinha o bar, eu deixei Bell Buckle pra trás.

— Estava tudo bem… até eu te ligar, certo?

— É…

— Por que me atendeu?

— Porque eu prometi.

— Não, Landon. Não é só isso, não é apenas uma promessa, é muito mais. Por que me atendeu? — Dei mais um passo, insistindo na pergunta em busca de uma resposta perdida em sua bagunça interior.

Estávamos a três passos de distância.

Ele apertou os lábios, respirou fundo e ajeitou sua postura, desencostando do carro. Quem deu mais um passo dessa vez foi ele.

— Porque… — Deu uma pausa dramática junto com mais um passo. — Eu faria qualquer coisa por você. — Levantou a cabeça ao dizer. Seus olhos me atingiram tão fortemente que vacilei com a postura, e uma perna se movimentou para trás.

Estremeci, soltei as mãos da cintura e olhei incrédula:

— Co… como? — Meu queixo tremeu e oscilou minha voz que quase não saiu. — Você não pode…

— Não posso falar isso e fingir que não foi nada? — antecipou minha fala, era exatamente o que eu iria dizer. — Não, eu não posso, mas disse. — Puxou o ar que não foi o suficiente pelo nariz, ele abriu a boca para inalar.

— Estava esperando minha ligação todo esse tempo? — Minha garganta ficou muito seca, não tinha nem saliva para engolir, senti o amargo das minhas palavras.

— Não sei… — Apertou os olhos.

O barulho de um carro passando nos silenciou.

— Você me bloqueou.

— E te desbloqueei cinco dias depois… — As palavras saíram duras e quase vergonhosas, seu olhar desviou por poucos segundos, mas voltou com tudo em direção ao meu.

Então era isso, esse tempo todo ele esperou que eu fosse a pessoa que cederia, esse tempo todo ele esperou que eu ligasse. E nesse tempo eu tentei e fingi que ele não existia, porque eu não podia mais compartilhar o mundo com ele.

Estava tentando segurar as lágrimas e me julgava forte o bastante para aguentar esse baque.

— Você me perdoou? — Respirei seguidamente cinco vezes bem rápido com medo da resposta.

Ele passou a mão pelos cabelos e, sem delongas, respondeu:

— Quando eu disse que esqueci, me referia a isso.

— Esquecer não é perdoar — refutei.

— Pra mim é.

Suspiramos juntos. Nossas ideias contrárias umas às outras sempre eram um embate. O último passo foi dado pelo Landon quando um carro passou tão próximo de mim que quase me atropelou. Puxou-me para seus braços e deu dois passos para trás encostando-se no carro. Não nos desgrudamos. Aproveitei cada segundo daquele momento para abraçá-lo.

Finalmente eu podia fazer isso. Achava que nós dois fingimos que não estávamos em um contato íntimo e nos entregamos àquela

sensação familiar e singular ao mesmo tempo. Apertei-o firmemente ao meu corpo e coloquei a cabeça em seu ombro. Tínhamos a mesma pergunta na mente: “*Que porra estamos fazendo?”* Mas não demos voz a isso.

Estávamos travando uma guerra contra as nossas memórias ruins. Fechei os olhos e me senti de novo aquela garota apaixonada por Landon Davis que faria de tudo para estar ao seu lado. Senti-me de novo aquela garota que sentava na garupa da sua moto e participava das corridas clandestinas com ele. Lembrei-me e quase senti a sensação dos seus beijos em meus lábios, foi quase possível sentir o toque da sua boca em todo o meu corpo. E como isso me fazia falta. A minha vontade naquele momento era de mordê-lo, por raiva e paixão.

As lembranças cheias de cores e significados explodiram na minha mente. Sorri. Mas elas não duraram muito tempo, as cores foram embora e tudo ficou em preto e branco quando outra memória surgiu devastadora. Estremeci. Senti-me de novo aquela garota que viu a morte na sua frente.

Abri os olhos.

As lembranças ruins venceram.

Ia me afastar, mas ele me segurou. Senti que aspirou o cheiro do meu cabelo.

— Desculpe… — murmurou. — Eu não deveria ter aparecido aqui e agido como um idiota.

— Eu não deveria ter feito o que fiz… foi…

— Gosta dele? — interrompeu.

— Ele é legal, mas não é assim, não é instantâneo. Eu queria que você sentisse o que eu senti, ok? Mas não vou fazer mais. Gosta dela?

Ele se afastou ligeiramente e colocou a mão no meu rosto.

— Não — respondeu de uma forma curta e sincera. — Desculpe — disse de novo. — Não quero te machucar, a gente tem que parar com isso.

— Eu também não quero, mas eu não sei ignorar meus sentimentos — entreguei.

— Calma — pediu, seu rosto se aproximou tanto do meu que podia jurar que iria me beijar, mas suspirou e se afastou em vez disso.

— Você quer me beijar, não é? Por acaso ainda gosta de mim? — provoquei, mas não esperava que ele me respondesse da forma

que respondeu.

— Eu nunca disse que deixei de gostar de você, Callie. Mas eu ainda tenho certeza que não fazemos bem um para o outro. — Sua resposta foi muito sincera e real. No passado, nós fomos além dos nossos limites, fomos contra todos que não queriam que nós estivéssemos juntos. Mentimos e enganamos, tudo um pelo outro. Acontece que mentiras não duram por muito tempo.

Eu ainda gostava dele e sentia igual da sua parte, mas tudo que perdemos não era possível resgatar de volta.

— Você disse que me odiava.

— Você também falou a mesma coisa.

— Era verdade? — perguntei.

— Era verdade? — devolveu o questionamento.

Nenhum de nós respondeu. Nossas respirações pesadas ressoaram e ecoaram no meu ouvido. Ele tinha razão sobre nos mantermos afastados, porque não deu certo no passado. E como daria certo dessa vez? Ele disse que esqueceu e não esqueceu. Eu tentei esquecer, mas as lembranças sempre voltavam.

Todas as lembranças eram cinzentas, perderam as cores por conta da mais sombria delas.

— Vamos ser diferentes dessa vez, por favor? Do zero a partir de agora.

— Um novo juramento?

— Um novo juramento — confirmou.

Sorri.

Ele olhou para minha única covinha e colocou o indicador na minha bochecha, naquela que faltava a marca e deu o seu melhor sorriso. Pela primeira vez desde que nos reencontramos, eu senti que poderíamos recomeçar.

Voltamos para o bar juntos. Ninguém entendeu nada quando sentamos e conversamos animadamente um com o outro como se nada houvesse acontecido. Dessa vez, eu não o provoquei para machucá-lo e nem ele fez isso comigo.

No final das contas, apesar de sermos os mesmos, dessa vez éramos diferentes.

Eu amava Landon Davis com todo espaço que devia habitar meu coração e por isso iria me contentar em vê-lo com o seu melhor sorriso, mesmo que não fosse mais pra mim. E acreditava que ele também se sentia da mesma forma.



Marquei um encontro com Mason Hicks para conversarmos a sós no dia seguinte. Queria pedir desculpas pelo que fiz na noite anterior e explicar que nem sempre eu era imprudente, tudo bem, quase sempre, mas não a todo momento, se era que isso fazia sentido.

Combinamos por mensagem de caminhar no *Central Park*, dispensei sua carona e fui de bicicleta. Eu não era uma pessoa atlética, mas sim a pessoa que não tinha carro e não queria depender de carona. Deixei a bicicleta em um dos *CityRacks* e procurei por Mason. Encontrei-o suado com sua melhor regata, ele devia ter dado umas dez voltas ao julgar pela marca de suor em sua camiseta cinza.

— Meu Deus, você tá bem? — perguntei, pois seu rosto estava vermelho pelo esforço.

— Eu precisava esfriar a cabeça, nada melhor do que uma boa corrida — explicou após tomar água.

— Já que você correu tanto, não é melhor a gente sentar e conversar?

— Estou apenas começando. — Ele riu.

— Nada disso, você está quase colocando seu pulmão para fora, vamos sentar. — Puxei sua mão e caminhamos para nos sentar em um banco vazio.

— Eu fiquei pensando sobre ontem, desculpe — começou. Nenhum de nós olhava para o rosto um do outro, apenas para a movimentação do parque.

— Sou eu quem tem que pedir desculpas, para.

— Eu não devia me meter na sua história com o Landon. Seja lá o que foi que aconteceu.

— Ele não te contou?

— Não tudo, mas me falou de você, é a única pessoa que ele namorou, não é?

— É… bom — Meneei a cabeça para o lado pensativa —, não foi assumidamente um namoro, nossos pais entraram em uma pilha e não queriam de jeito nenhum. Mas nós demos o nosso jeito.

— Ele disse, embora seja bem reservado com o passado. Eu não vou te perguntar, ok? Não faça essa careta. — Percebeu o meu

leve desconforto. — Só quero que as coisas não fiquem estranhas.

— Não vão ficar, eu prometo. Foi só um momento esquisito, certo? Você não gosta de mim, nem nada. A gente bebeu e eu exagerei muito, me desculpa… — Estava morrendo de vergonha, nem conseguia olhar para ele e todo seus músculos e suores. — Porra, eu sou muito atrapalhada e idiota, mas você é uma pessoa tão legal e é o melhor amigo do Landon, eu não vou mais fazer merda com você, é isso? Esse é meu pedido de desculpas confuso, mas é sincero.

— Tudo bem. — Ele riu. — Sério, você está tremendo? — Notou minha perna esquerda balançando, tinha algumas manias de me expressar quando estava nervosa.

— Eu não quero que vocês briguem, é isso.

— Não vamos brigar, Callie. O Landon sabia de tudo…

— O quê?

— Eu contei pra ele sobre o encontro, perguntei se estava tudo bem e ele disse que sim. Por isso eu o convidei, você queria fazer ciúme nele, mas a gente passou um pouco do ponto…

Violet, eu vou te matar! Olha a confusão que você fez!

— Droga. — Coloquei a mão na cabeça. Nem podia desmentir minha amiga, porque eu era uma pessoa leal.

— Relaxa. Sério, para. — Tentou me puxar de volta para frente, pois eu me virei de tanta vergonha. Eu não havia planejado fazer ciúme para o Landon desde o começo, porém era no que o amigo dele acreditava. — Você e sua amiga me deixaram bem confuso, mas eu gosto de vocês, então esquece o que aconteceu.

— Ok. Caso encerrado. — Tirei a mão da cabeça e voltei meu corpo em sua direção. — Posso te perguntar uma coisa?

— Claro. — Deu de ombros.

— Você gosta de mel e deixou de consumir mel por conta da conversa que teve na noite que conheceu a Ji e eu? É isso?

— É…

— Você gosta dela? — Eu tinha o mal de perguntar tudo que surgia na minha cabeça. Mason ficou desconfortável por um segundo, pois franziu a testa.

— Claro que gosto da *Mel*, aprendi muito com ela.

— Não faça rodeios. — Dei um tapinha em seu ombro. — Estou perguntando em outro sentido. — Olhei em seus olhos e encontrei alguma coisa ali que o deixava constrangido.

— Eu não me apaixono por ninguém há muito tempo. Não sei me apaixonar à primeira vista.

— Talvez você não saiba que se apaixonou à primeira vista. Está em negação.

— Eu saberia se estivesse apaixonado. — Ele abaixou os olhos por um segundo e depois me olhou de novo de cima a baixo. Seu maxilar tensionou e seus olhos sérios confirmaram que a *fanfic* que eu criei na minha cabeça não iria acontecer. — Ela gosta do Meyer — descobriu o óbvio —, ele é um pouco complicado, mas eu acho que pode rolar.

— Ele te contou? — investiguei.

— Você é bem curiosa, saquei o seu jeito pra descobrir as coisas. — Ele cruzou um braço tocando no outro.

— Eu só pergunto, não faço rodeios, não tem truque.

— É, isso é novo pra mim, normalmente as garotas só jogam indiretas. Ele não me contou, mas eu o conheço bem. Sei que está saindo com outra garota, só que não dura muito tempo e ele sempre parte pra próxima.

A dor que minha amiga iria sentir ao saber disso me atingiu.

— Que merda, sei que ele é solteiro e vocalista de uma banda de rock e isso faz com que tenha mil garotas nos pés dele, mas isso não deixa de ser uma merda.

Mason apertou os lábios.

— Estou curioso sobre uma coisa. — Mudou de assunto. — Por que está morando com o Davis? Mesmo com todos os problemas que vocês têm? — Aprendeu a ser direto também.

— No começo foi uma emergência… — Lembrei da minha ligação desesperada. — Mas eu já recebi meu pagamento do trabalho de designer, posso alugar um apartamento barato, o problema é que eu tenho a sensação que estou segura. É como se estivesse de novo na minha casa. O Landon é familiar no meio desse caos que é Nova Iorque. Depois de cinco anos a gente se reencontrou e… eu não quero perdê-lo de novo, é isso.

— Eu acho que ele sente a mesma coisa.

Diferente do que pensei, conversar com o Mason não foi ruim e nem nos deixou constrangidos depois de tudo que falamos. Nós continuamos a conversar sobre nossos amigos e depois sobre trabalho. Apostamos uma corrida em volta do parque que eu perdi feio e entendi porque ele estava quase morrendo quando eu cheguei.

Ele foi para o estúdio de tatuagem e eu fui para o meu encontro com minha melhor amiga. Descobri duas coisas quando a encontrei, uma, ela sabia que o Neal ficava com outra garota e duas, ela ainda estava disposta a investir nele.

E o bônus era que ela o beijou.

Meu queixo caiu com a constatação que *minha menina* estava crescendo.



Eu dei um grito muito alto quando abri o e-mail da editora afirmando seu interesse na publicação do meu quadrinho. Demorou cerca de um mês para que eles me respondessem, mas a espera valeu a pena. Nem em meus maiores sonhos eu cogitava essa possibilidade. Seria um teste de acordo com eles para verificar a popularidade da minha história e caso ela fizesse sucesso, eles investiriam nela. Não estava sozinha nessa, muita gente deveria ter recebido o mesmo e-mail, porém o primeiro passo estava dado. Continuei a ler a mensagem em que o editor falava sobre a minha história:

“Adoramos a personalidade da Rainbow, achamos que funciona muito uma heroína na universidade. O vilão, Gray, é muito interessante, e sentimos uma grande ligação dele com a protagonista. Que tal avaliarmos um possível romance entre eles? Os leitores gostam muito dessa narrativa”.

Fiquei em choque. Eu não podia acreditar que o editor estava cogitando esse rumo na narrativa. Entendia que, sim, o *Gray* era um personagem incrivelmente bonito, seus olhos azuis, cabelo preto e passado sombrio davam todo um charme a ele. Sim, a similaridade entre o Gray e o Landon era gigantesca, mas ele não podia nem imaginar que era o vilão da minha história.

Não conseguia entender como um romance entre o vilão e a mocinha iria se encaixar. Os leitores gostavam mesmo disso?

— Callie, você pode descer aqui, por favor? — Falando no vilão, ele me gritou. Fechei o notebook e desci até o bar onde encontrei o Davis rodeado de pelo menos cinquenta caixas de pêssego.

Parei dura ao perceber o que tinha acontecido.

— Uau… — Coloquei as mãos atrás das costas. — Espero que goste de pêssegos.

— Eu te pedi dez caixas, dez caixas. — Massageou a testa de nervoso. O ambiente estava cheirando a pêssegos frescos. O que era o lado bom do meu erro.

— Eu acho que — Levantei uma mão para coçar a cabeça. — pedi cem quando coloquei um zero a mais na mensagem ao fornecedor.

— Porra…

Que desastre.

Era a primeira vez que ele ficava bravo comigo desde que fizemos uma nova promessa. No último mês que passou voando, nós convivíamos bem, trabalhávamos muito e não fazíamos ciúmes um ao o outro por pura provocação. Sabia que eu precisava me mudar, mas a sensação de conforto que eu sentia por estar com ele me deixava egoísta.

Em algum momento, o ciúme iria reaparecer. Em algum momento, ele iria se envolver com alguém, Chloe Ainsworth continua lutando para conquistá-lo. Eu mesma podia acabar gostando de alguém, não sabia. Enquanto esse momento não chegava, eu apreciei Landon Davis no meio dos pêssegos, vermelho de raiva. Ele estava com uma tatuagem nova, no pescoço e real, não era uma

marca de batom, e sim uma tatuagem de galhos. Ele fez há uns dez dias, perguntei o que significava e me contou que era um símbolo de um recomeço.

Observei que estava vestido para ir ao *Oz Tattoo*, a roupa preta era como seu uniforme.

— Não tem como devolver? — perguntei, me aproximando.

— Cacete… — Ele continuou a olhar para o amontoado de caixas de pêssegos. — Preciso ver o que vou fazer. — Passou a mão no cabelo, era sua mania, que, aliás, precisava cortar, pois alguns fios caíam em seus olhos.

— Me perdoa e não me demite, por favor — implorei. — Pêssegos são uma delícia, podemos comer alguns.

— Sério? — Levantou uma sobrancelha em ceticismo. — Vamos comer quatrocentos pêssegos? — Vinha quatro em cada caixa, o que piorava muito meu erro.

Peguei um pêssego e mordi.

— Suculento e delicioso. — Tentei aliviar a situação, mas o pêssego estava verde. Peguei um maduro e ofereci ao Davis.

— Eu não gosto da casca… — recusou.

— Aí que horror, nunca imaginei que pudesse ser tão fresco — debochei.

— Pode comer os quatrocentos pêssegos sozinha, já que gosta tanto — retrucou irritado cheio de arrogância.

— Pêssego faz bem para a pele. Não quer mesmo provar? — perguntei, mordendo a casca e estendi para ele. — Pare de frescura. — Landon segurou minha mão e mordeu o pêssego na parte sem a casca. Minha imaginação foi longe porque ele fez tudo isso olhando bem em meus olhos.

Por que isso parecia tão obsceno?

— É doce — disse depois de mastigar. — Pêssegos no café da manhã, pêssegos no almoço e no jantar, essa é sua nova dieta.

— Ei! — protestei. — Desse jeito, sou eu quem vou virar o pêssego quatrocentos e um.

Ele riu terrivelmente da minha cara.

— Pensando bem. — Voltou a se aproximar de mim e encostou o indicador na minha bochecha, do lado sem covinha. — Acho que você parece um pêssego mesmo. — Ele molhou os lábios e moveu o dedo até próximo a minha boca, limpando o canto dela. — Veja só,

está vermelha, combina com o ambiente. Boa sorte com tudo isso, pesseguinho. Eu vou trabalhar — Afastou-se.

Fiquei sem fala e apenas o acompanhei com os olhos saindo pela porta dos fundos.

Caralho. Iria me afogar nos pêssegos e nos pensamentos impuros que a partir de então eles me traziam.



O SOL ESTAVA QUENTE

“Eu era a mesma pessoa quando acordei hoje de manhã?
Acho que lembro de ter me sentido um pouco diferente.
Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é:
quem sou eu, afinal? Ah, esse é o grande enigma!”
(Alice no País das Maravilhas,
Lewis Carroll)

ANTES

Sentia tudo diferente, não era apenas os hormônios da adolescência, era algo a mais. Especificamente, meu coração estava diferente e não sabia explicar o que era. Eu corria da natação porque ela me dava uma impressão de que meu coração estava batendo no

pescoço. Joguei futebol por um tempo e sempre andava de bicicleta, mas não era totalmente esportista, eu jogava futebol pra me divertir e rir da cara do Landon que era péssimo nisso. E a bicicleta era a minha independência de ir para onde eu quisesse sem um adulto atrás de mim.

Estávamos perto do dia de Ação de Graças e eu não queria preocupar meus pais com “coisas da minha cabeça”, pois nessa época do ano eles trabalhavam mais do que nunca. Minha tia, que até ela, uma solteirona convicta, estava ocupada namorando um cara da igreja e tudo era sobre ele, por isso eu meio que não existia pra ninguém. Olhavam para mim apenas se eu aprontasse e como eu me comportava como uma verdadeira aluna da escola cristã, ninguém me dava atenção.

O lado bom da tia Nancy estar apaixonada foi que eu recebi meu celular de volta. A primeira coisa que fiz foi ligar para o Landon, como ele não me atendeu e eu cogitei que estivesse ocupado, enviei uma mensagem enorme contando sobre tudo que eu estava vivendo e pedi para que ele fizesse o mesmo. Esperei por dias e nada.

O que estava acontecendo? Será que ele arrumou uma nova melhor amiga? Vulgo Lily Brown? Droga! Ele prometeu que não me

esqueceria, e então, poucos meses depois nem uma mensagem respondia? Fiquei me perguntando isso por dias a fio.

Na véspera do meu aniversário, ele finalmente deu as caras e me respondeu que nada mudou e que talvez fosse melhor assim, convivermos separados, porque nossos pais já haviam decretado que não ficaríamos juntos.

Tinha apenas uma palavra para descrevê-lo: covarde.

Não quis comemorar meu aniversário, meus pais vieram e trouxeram um bolo, mas não me levaram com eles, disseram que me buscariam apenas no dia de Ação de Graças, pois tudo estava uma loucura e não poderiam dar conta de mim. Eles foram embora antes de escurecer e eu fiquei sozinha com a tia Nancy e o namorado que apenas sabia falar da igreja. Eu achei engraçado que eles falavam tanto de pecado, mas se trancavam no quarto a noite para fazer sexo sem estarem casados. Eles faziam de tudo para que eu não escutasse, mas eu sabia das coisas.

Sozinha no meu quarto, eu li *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf. Meu gosto para livros era diferenciado, eu lia de tudo, dos livros que consideravam infantis até os mais adultos. Senti-me inundada de tristeza, nunca fui de ligar para a solidão, eu gostava, mas dessa vez

ela me machucou. Chorei ao ler o trecho: *"Todavia, o sol estava quente. Todavia, a gente acaba superando tudo. Todavia, sempre na vida um dia vem depois do outro."*

Abracei-me enquanto derrubava lágrimas no livro.

O meu choro baixinho possibilitava que eu ouvisse o barulho fora da casa, por isso, as batidinhas discretas na janela me fizeram dar um pulo e ver o que acontecia. Puxei a cortina velha e amarelada de lado e quase gritei ao ver que Landon Davis estava do outro lado do vidro.

Afobada, abri a janela e o ajudei a entrar:

— O que está fazendo aqui?! — perguntei, mal conseguindo respirar.

Ele me abraçou, forte e caloroso. *O sol estava quente…* Landon estava quente. Ele era a minha sensação de um dia após o outro.

— Senti tanto a sua falta — disse ele sem se desgrudar.

— Ai meu Deus… — sussurrei. — Como?

— Minha irmã me trouxe. Ela e a namorada… Elas saíram pra comer e me deixaram aqui, temos um tempinho — respondeu, entendendo minha pergunta.

Afastamo-nos bem pouco. Apenas para nos olharmos direito.

Passaram-se apenas quatro meses, mas meu amigo parecia diferente. Sua voz com certeza ficou mais rouca, tinha barba nascendo em seu rosto e seus olhos pareciam tão tristes que tive vontade de chorar. Mas o seu cheiro doce, com certeza, era o mesmo.

Sentamo-nos na minha cama. De frente um para o outro de mãos dadas e ele me contou sobre tudo. Pediu desculpas pelo que falou na mensagem e me confidenciou que sua mãe foi morar com a mãe dela por um tempo, por isso tudo estava uma bagunça na sua cabeça e em sua vida.

— Você está bem aqui, não é? Você disse que suas notas melhoraram, vai conseguir entrar em uma boa faculdade — constatou.

— É, eu não faço nada fora estudar, desenhar e ler meus livros. A minha vida é bem tediosa aqui, sou bem solitária, não tenho amigos de verdade, mas vou entrar em uma boa faculdade, viva!

Ele riu.

— Eu tenho vários medos, Callie — ficou sério de repente —, mas vou lutar contra eles. Quero trabalhar… no ano que vem eu vou

ter idade para tirar habilitação, faltam poucos meses, e vou poder te ver sempre. Não vão ter como nos impedir, ok?

— Ok. Eu vou confiar em você, mas se ignorar minhas ligações ou mensagens de novo, eu vou mandar você para o inferno.

— É uma promessa. E você sabe que cumpro minhas promessas.

Curvei meus lábios em um sorriso, tentei conter minha alegria para não gritar e apenas voltei a abraçá-lo. Landon me beijou, primeiro no pescoço, e, meu Deus, como isso me arrepiou, depois, ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, segurou meu queixo com as duas mãos e me deu o melhor beijo de todos.

Tinha tanta saudade e tanta promessa. Ficamos minutos nos beijando sem parar, ele não desceu as mãos, continuou focado somente no beijo, como eu apenas me posicionei com os braços atrás da sua nuca. Quando paramos, ele mordeu os lábios e continuou a olhar para mim e eu continuei a olhar para ele.

Esse garoto era todo o meu pequeno coração que não sabia bater direito e vivia apressado.

— Quer bolo? — perguntei, quebrando nossa tensão. Ele fez um sinal positivo com a cabeça e, sorrateira, eu saí do quarto, fui até

a cozinha e voltei sem alardes.

Nós comemos bolo de pêssego e morango cheio de chantilly com as mãos. Fizemos mais promessas e nos despedimos com lágrimas nos olhos. Entreguei meu desenho a ele e pedi para que visse apenas quando chegasse em casa.

Recebi uma mensagem poucos minutos depois, curioso, ele já havia visto:

“Eu sou um arco-íris pra você?” — Apesar de não reconhecer todas as cores, Landon sabia que tinha muitas cores no meu desenho.

“Sim, você é, e o mais brilhante”.

Ele respondeu com uma risada.

“Você me ama, Callie Heart?”

“Você me ama, Landon Davis?”

Não respondemos, era algo que sempre fazíamos, uma pergunta para uma pergunta que não precisava de resposta.



No dia de Ação de Graças, eu voltei para Bell Buckle, mas não pude encontrá-lo, pois seu pai o levou consigo para visitar a avó que não estava muito bem de saúde. Eu vesti o meu moletom de rena de todos os anos, mas o espírito festivo não me acompanhou, porque queria minha antiga vida de volta e meus pais se negaram pela décima vez a fazerem isso.

Fui brincar com meus primos pequenos de pega-pega. Saímos na rua, o vento estava congelante e eu coloquei a touca também de rena que havia acabado de ganhar dos meus pais. Meus pensamentos estavam tão furiosos e inquietantes que eu decidi correr sozinha a rua toda. Fiz um esforço tremendo de correr congelando. Foi gostoso, libertador e…

Um apagão aconteceu, eu desmaiei do nada.

Acordei com o corpo todo ralado e com todos os meus parentes em volta de mim.

A partir disso, minha vida virou um verdadeiro inferno. Nos dias que se sucederam, eu tive que fazer todos os exames possíveis. Com os meus sintomas, fui encaminhada para um cardiologista e seu diagnóstico foi… caramba eu não sabia dizer.

Minha mãe chorou tanto que eu nem consegui raciocinar.

Que grande ironia da vida foi descobrir que Callie Heart tinha um problema no coração. Não só eu, pois era um problema hereditário herdado por… *Quem*? A doença era caracterizada por ser herdada com 50% se um de seus pais fossem portadores ou autossômica recessiva, ou ter causa desconhecida.

Meus pais fizeram exames. Minha mãe não podia ser, ela vivia no médico, mesmo assim foi feito. Descobri que nenhum dos dois tinham essa doença, meu pai tinha histórico de infarto na família, mas nada, nada como o que eu tinha.

Então, eu estava no grupo de causa desconhecida. Como o universo que me trouxe tantas coisas boas, como minha família, as histórias maravilhosas que eu lia, o universo que existia pizza e hambúrguer, sem contar os doces que eram tão bons. Ah, Deus, esse universo que me trouxe Landon Davis, como ele poderia ser tão ruim ao mesmo tempo? Por que eu?

Eu tinha um coração defeituoso.

Fui diagnosticada com Cardiomiopatia hipertrófica. Tentei entender tudo que o médico dizia enquanto minha mãe anotava tudo:

— A doença se caracteriza pelo engrossamento do músculo do coração, fazendo com que seja mais difícil para o coração bombear

o sangue — explicou. — Muitas vezes não causa sintomas, mas pode acontecer de sentir dores no peito, sensação de batimento cardíaco acelerado ou palpitações e até mesmo desmaios, como aconteceu com a Callie. O que me preocupa é que os sintomas geralmente surgem entre os vinte a quarenta anos…

Enquanto o médico explicava tudo para os meus pais eu apenas foquei uma coisa que foi dita depois quando eles falavam escondido de mim:

"Risco de morte súbita."

Era um risco no momento? Não. Por enquanto diziam que estava tudo bem.

Ainda assim, entrei em choque.

Foi a partir disso que uma *chavinha* virou na minha cabeça. Tudo bem que eu me consultaria frequentemente com um médico em Nashville para me monitorar e que eu tomaria medicamentos e com isso levaria uma vida normal. Mas a possibilidade de morrer estampada em frente aos meus olhos me fez mudar.

Tudo bem o cacete.

E essa nova pessoa que estava se formando não iria se contentar em morar com sua tia maluca, ficar em um colégio que ela

odiava e muito menos ficar longe de quem amava. Essa nova pessoa iria voltar para Bell Buckle e estava planejando como fazer isso acontecer.

E essa *nova pessoa* também não contou a Landon Davis sobre o seu problema no coração.



AGORA

Tive que me resolver com os pêssegos. Liguei para vários restaurantes da região para barganhar o preço da fruta, vendi todas que não usaríamos pela metade do preço e ainda tive que fazer a entrega. Para isso, chamei Violet para ir comigo e me dar uma carona.

— Ei, você está me usando de motorista — notou ela.

— Sim, que bom que saiba disso. — Gargalhei.

— Você precisa ser mais atenta. Cem caixas de pêssego, sério?

— Confesso que eu tenho tanta coisa pra fazer que faço muita coisa mal feita, foi assim que eu errei na compra.

— Você deveria ter vergonha disso.

— Não disse que não tenho — fui sincera, eu tinha vergonha sim, porém não tinha tempo para nada —, mas vamos, eu tenho um compromisso mais tarde.

— O que é? — perguntou, ajustando o retrovisor.

— Nada demais, exames rotineiros.

— Está doente?

— Claro que não, anda, temos pêssegos para entregar — neguei, porque eu realmente não estava doente. — Violet, tenho uma notícia! — Um estalo na minha mente me fez lembrar do e-mail que recebi mais cedo.

Contei a minha amiga que ouvia tudo vibrando muito. Eu teria muito trabalho pela frente, pois seria uma produção semanal e possivelmente eu precisaria de alguém para ser meu assistente. Ela disse que me ajudaria o máximo possível, embora tivéssemos os trabalhos de design e o fato de que ela estava tendo aulas de tatuagem no estúdio do *Oz Tattoo* além de aulas online. Violet decidiu que queria aprender a tatuar e o Mason dava a maior força para

isso. Esperamos que a senhora Jung não descobrisse antes de ela concluir o curso.

— Se sua mãe descobrir, é melhor você pegar suas coisas e morar sozinha — dei a minha opinião.

— Se minha mãe descobrir que vou fazer uma tatuagem amanhã e que estou querendo ser tatuadora, eu vou ter que me mudar para o outro lado do mundo — fez drama. Finalmente o Davis encaixou a tatuagem da Violet na sua agenda e eu iria acompanhar a sessão de pertinho para que ela não fugisse.

— E se sua mãe descobrir que você está saindo com o vocalista de uma banda de rock?

— Aí eu terei que mudar de nome, espera, eu já mudei.

— Engraçadinha.

Nós rimos. O romance entre ela e o Neal estava acontecendo de uma maneira bem *slow burn.* Eles saíam, ele nos convidava para festas, ela o beijou, mas ele ainda não a beijou de volta. O que quer dizer que ela meio que estava na *friendzone* ainda. Como Mason disse, o cantor já havia terminado com a outra garota, porém, não tirou a minha amiga da geladeira.

Eu queria dizer para a Ji que ele não estava tão a fim dela, porque, se estivesse, já teria devolvido o beijo há muito tempo. Mas ele, de acordo com ela, dizia que não queria machucá-la e que ela era legal demais pra estar com ele, mesmo assim ainda nutria as esperanças dela mantendo-a ao seu lado.

Quis dar conselho para a Violet, mas quem era eu para dar conselhos a alguém?



— Você está ótima, Callie, está praticando exercícios físicos? Como anda a alimentação? — Meu médico me metralhou de perguntas. Já havíamos feito todos os exames necessários e eu me sentei em frente da sua mesa para conversarmos.

O “ótima” que ele disse referia-se ao fato de que, apesar da minha doença, eu não estava em risco de morte, pelo menos por enquanto.

— Como está o Alex? Ele parou de brigar com a minha irmã? — fugi. O doutor era irmão do marido da minha irmã, Melissa. O cara que ela conheceu no dia em que quebrei o braço. Os dois

tinham se casado, mas ainda tinham problemas com a personalidade tempestiva de ambos.

— Ela quer filhos, ele não, eis o dilema.

O doutor Clark tinha em torno de cinquenta anos e se mudou do Tennessee desde sua graduação para Nova Jersey. Ele era um grande cardiologista e, por ser de certa forma da família, era um alívio me consultar com uma figura conhecida.

— Eles deveriam ter resolvido isso antes de casar, namoraram tanto tempo e não entraram em um acordo? — critiquei.

— Ok, chega de rodeios, mocinha. Responda às minhas perguntas. — O grisalho ajeitou os óculos de grau, subindo no nariz.

— Está bem, eu uso a bicicleta, mas para trajetos pequenos, nada que exija esforço intenso. Fiz uma corrida no *Central Park* mês passado e percebi que estou bem fora de forma. A minha alimentação é ruim, desculpa, aprendi com meu pai. Mas, para a minha defesa, vou consumir muito pêssego essa semana.

Ele segurou o riso e tentou manter sua postura de médico.

— Corrida no *Central Park,* sério? Foi com alguém? — Ele queria arranjar um namorado para cuidar de mim, quis até me apresentar um médico novo do hospital, mas eu neguei.

— Não é nada do que você está pensando. O rolo com aquele cara não deu certo, por isso eu quero ficar solteira por um bom tempo.

— E o Davis?

— Sério que vai lembrar dele? — O Doutor conhecia o Landon, mais especificamente sobre o que falavam dele e sobre o que eu falava.

Ele balançou a cabeça em negativo e mudou de assunto:

— Lembre-se, exercícios leves e moderados, não deixe de se movimentar. — A minha restrição de exercícios era apenas para exercícios competitivos, ou seja, jamais iria ser uma atleta. — Melhore sua alimentação, estou falando sério.

Na minha vida, eu tentava não lembrar das partes muito ruins. Eu sabia que tinha uma doença congênita, mas quase ninguém tinha conhecimento. Não falava e nem pensava muito nisso, era uma forma de manter a minha vida normal.

— Eu vou melhorar, eu juro.

Ele bufou.

— Você é incorrigível, eu acho que vou ter que pedir para alguém te monitorar.

— Pare de ser chato igual o Alex.

— Você é com certeza a paciente mais difícil que eu tenho.

— E a mais legal — completei sua fala me levantando.

De novo, ele tentou segurar o riso.

— Te vejo na próxima consulta, não falte.

— Eu nunca falto, tenho medo de morrer — foi uma brincadeira, mas ele ficou bem sério.

Despedimo-nos com ele avisando que seu irmão e Melissa viriam para Nova Jersey no próximo fim de semana. Fazia muito tempo que eu não via minha irmã, especificamente, desde de o seu casamento. Empertiguei com a notícia, não era que eu não gostasse da minha irmã, mas ela tinha a mania de criticar a minha vida.

No estacionamento, quando estava prestes a pedir o táxi, fui abordada por um veículo conhecido na porta. Pela placa e modelo eu sabia quem era, mas ele abaixou o vidro para que eu o reconhecesse.

Landon Davis.

Ele estava de óculos de sol e uma expressão bem fechada.

— O que está fazendo aqui?! — perguntei alarmada, coloquei a mão no peito pelo susto.

— Entra no carro — pediu.

Ele não saiu do estacionamento depois que entrei no carro, apenas estacionou em uma vaga e virou-se para mim:

— Você está bem?

— Sim… — Franzi a sobrancelha, estranhando sua atitude. — Como soube que eu estava aqui?

— O doutor Clark, ele me contou.

Puta que pariu.

— O que? Como? Quando? Onde? Vocês se conhecem?

— É, digamos que nos conhecemos e ele me mantém informado.

— Informado?! Ele te conta sobre mim às escondidas?! — Estava indignada, se fosse outro médico eu o denunciaria. — E o sigilo entre médico e paciente, não temos?

— Foi pelo seu bem. Eu era a única pessoa que você conhecia e que estava em Nova Iorque, ele me pediu pra ficar de olho em você, desde que se mudou.

Eu era uma grande idiota porque fui feita de boba esse tempo todo.

— Então, vejamos, você sabia sobre mim, mas eu nunca soube nada de você? — Ajeitei minha postura no banco para olhá-lo de frente.

— Você escondeu por muito tempo o que você tinha, acha que está no papel de vítima? — Tirou os óculos e me olhou no fundo dos olhos.

— Estou. — Cruzei os braços indignada.

— Por que veio sozinha? Se eu soubesse antes que viria, eu teria te acompanhado.

— Para. Eu não sou uma doente terminal, não precisa me acompanhar.

— Você precisa parar de ser assim, Callie. Pare de querer ser forte o tempo todo… — Suspirou pesadamente.

— É tudo que eu posso ser por mim mesma. É sério, eu estou bem, vou viver por muitos e muitos anos, como você. A menos que o universo me mande um raio e ele me acerte. — Fiz uma piada e eu mesma ri dela. A plateia continuou séria.

— Não tem graça.

— Tem, sim.

— Sério, estou falando sério. — Apertou o maxilar. Estava bravo comigo, porque eu não sabia ser séria, eu brincava para avaliar o peso de muita coisa.

Meu sorriso fugiu.

— O sol está quente — mudei de assunto*. Seus raios solares atingem diretamente meus olhos.*

Sempre um dia após o outro.

Eu realmente não tinha medo de morrer.

Landon tirou o cinto e se aproximou rápido de mim. Pensei que iria me abraçar. Ou algo assim. Mas ele apenas ajeitou meu cabelo atrás da orelha e colocou seus óculos escuros em mim.

— Fica melhor em você — apontou.

— E vai enxergar sem isso? — Sabia das suas limitações na visão. Quando tudo estava claro demais, era difícil ver.

— Por que não dirige? — questionou ao se afastar.

Meu sorriso voltou.

Abri a porta do carro e dei meia volta. O Davis ainda não tinha se movimentado.

— O que foi, não vai sair? Vou ter que sentar no seu colo? — brinquei. Ele me puxou pelo braço e respondeu o que nem era uma provocação me fazendo sentar em seu colo e me abraçou fortemente. Fiquei parada, deixei que envolvesse suas mãos na minha cintura e respirasse na minha orelha.

Ele estava quente como o sol.

O seu calor percorreu todo meu corpo e atingiu aquele espaço vazio que se acendeu e mostrou que meu coração ainda estava ali. Eu ainda tinha um coração, mas a luz até então estava apagada.

Senti todos os seus estímulos.

Acelerou e acelerou.

Apertei as mãos de Landon que me rodeava.

Senti o sol na palma da minha mão, apertei e explodiu em completo brilho.



QUENTE COMO O OCEANO

“Geralmente, ela se dava conselhos muito bons
(embora raramente os seguisse) e, às vezes,
repreendia a si mesma tão duramente
que lágrimas escorriam em seu rosto.”
(Alice no País das Maravilhas,
Lewis Carroll)

ANTES

A amizade que durou tantos anos entre a família Heart e a família Davis foi desfeita. Minha mãe não quis dizer o que aconteceu entre ela e a mãe do Landon, pois as amigas de longa data brigaram feio. Meu pai já não falava muito com o Lewis desde que ele sugeriu

que deixassem que o Landon e eu namorássemos. E então ninguém falou mais com ninguém. Elena continuava morando com a mãe, Lewis e o Landon se mudaram em decorrência de mais uma vez o assunto chamado problemas financeiros e foram parar em uma casa perto dos trilhos do trem, bem perto mesmo, o coitado me falou que era insuportável o barulho do transporte indo e vindo durante o dia.

Não conseguia nem imaginar que assim que eu voltasse para casa, não iria mais tê-lo como vizinho. Tivemos tantos desencontros desde o dia que ele me visitou no meu aniversário, que não conseguimos nos ver mais. No Ano novo, meus pais vieram para Nashville, eles viviam indo e vindo para monitorar minha saúde, o que era completamente desnecessário, eu estava tomando os remédios e, desde então, não tinha sequer um sintoma. Até parecia que eu não tinha mais um coração, tudo estava muito calmo.

Um número pequeno de pessoas sabia do meu problema, não precisei pedir para meus pais que escondessem, eles fizeram isso por vontade própria. O que me fazia perguntar o porquê, eles sempre foram de falar abertamente para as pessoas sobre tudo, mas dessa vez se mantiveram calados, era como um segredo familiar. E eu o mantive no confidencial, não quis contar para ninguém, não queria ser tratada diferente, não queria que pensassem

que eu era uma doente terminal, porque definitivamente eu não era. Por isso eu não contei ao Davis, tudo na sua família já era um problema, eu queria ser a parte calma da sua vida.

Landon iria fazer dezesseis anos em breve e logo teríamos como nos ver com mais frequência, ele jurou que viria me ver assim que conseguisse tirar sua habilitação. O meu aniversário ainda estava longe, nós nascemos no mesmo dia, mas em meses distintos. Sempre fomos opostos. Ele nasceu em abril, na primavera, o desabrochar das flores. Eu nasci em novembro, no outono, na queda das flores.

Enquanto meus pais achavam que eu estava bem tranquila na nova escola, pois parei de brigar e pedir para voltar pra casa, silenciosamente eu planejava formas de ser expulsa do colégio. Procurava por alternativas que não fossem fortes para acabar com a minha reputação e também não fossem fracas para ter apenas uma suspensão. Eu tinha que pensar em uma alternativa antes de começar as férias de verão para voltar para meu antigo colégio no começo do semestre.

Minha mãe veio me monitorar e dar consolo à minha tia, pois o namoro dela havia acabado. Tadinha, não tinha sorte alguma no amor, não era a primeira vez que tudo dava muito errado. Fui

proibida de ouvir a conversa, por isso fiquei trancada no meu quarto ouvindo música e lendo enquanto elas fofocavam. Tive sede e saí sorrateiramente, eu não queria ouvir coisas escondida, mas algo me chamou a atenção:

— A Callie é a diferente da família — disse tia Nancy. — Não falo apenas pelo pai dela, mas a personalidade dessa menina é algo estranho. — Ela não superou meu ponto de vista sobre Peter Pan.

— Eu mal o conheci, mas sabia que o temperamento dele era ruim, a minha pequena lembra muito ele. A covinha sabe? Ele tinha as duas… e os olhos então? Idênticos. Às vezes ela olha pra mim e parece que estou vendo ele de novo.

Elas estão falando de quem? Meu pai não era nada como estão dizendo.

— Você foi tão maluca, Rachel. Nunca mais o viu?

— Eu amo meu marido. Aquilo foi porque estávamos separados…

— Eu sei, mas nunca mais pensou nele?

— Bad boys são inesquecíveis… — mamãe sussurrou. — Mas a Callie não pode nem sonhar que o pai dela era membro de uma gangue, e pior, ele ainda é.

Meu Deus do céu.

O que foi isso? Meus pais se separaram? Quando? Como? Meu pai não é o meu pai? Gangue? Bad boy? Covinhas? Duas covinhas?

Será que estava sonhando? Será que estava confundindo os livros com a vida real? Que merda era essa?! O choque foi tão grande que eu deixei o copo de vidro escapar das minhas mãos. Ele se espatifou e os cacos denunciaram que eu estava ouvindo tudo às escondidas. Mamãe quase morreu de susto e tentou consertar tudo que havia dito, mas não tinha mais jeito. Eu descobri tudo da pior maneira possível.

Ela veio falar comigo no quarto, pois eu saí correndo, enquanto a tia Nancy arrumava a bagunça. Mamãe explicou tudo pedindo muita calma e pediu perdão por não ter contado antes. Não perdoei nadinha do que me foi dito.

Meu pai não era aquela figura gordinha fofa e protetora que sempre achei que era e sim um cara que apareceu na lanchonete com sua gangue, eles estavam de passagem por Bell Buckle, de acordo com minha mãe. Ela e o papai estavam separados quase

assinando o papel de divórcio, moravam na mesma casa por conta das gêmeas, mas não ficavam juntos há um ano.

Aí um cara lindo, charmoso e sinônimo de problema apareceu engravidou ela e se mandou.

— Qual o nome dele? Preciso de um nome — pedi, segurando as lágrimas. Eu amava tanto meu pai, meu coração ficou partido.

Minha mãe passou a mão pelos cabelos castanhos finos, iguais ao meus. Era a única coisa que eu tinha em comum com ela de aparência. Emily e Melissa eram iguais ao meu pai, cabelos loiros, olhos azuis claros e tendência a serem mais gordinhas. Melissa vivia fazendo dietas malucas para manter o corpo no padrão que ela gostava, e a Emily não se importava nem um pouco. Embora fossem gêmeas idênticas, elas tinham um contraste enorme de personalidade.

Apesar de manter uma dieta a base de comer tudo que via, eu era magra e isso me incomodava porque, até então, meus seios eram pequeninos. Minha mãe tinha olhos verdes, por isso eu sempre me perguntei de onde saiu a cor dos meus olhos, a minha boca que, diferente dos lábios finos das meninas, era praticamente em formato

de coração, o meu problema que só eu tinha, tudo era um sinal. Naquele momento, eu comecei a entender tudo.

— Eu — Apertou os lábios. — não sei.

— Não mente pra mim — supliquei.

— Eu disse que não sei!

— Mamãe!

— Foi uma vez, um momento, Callie. Eu não sabia o nome dele, eu estava mal, com um casamento falido, duas filhas para criar e tendo que dividir a gestão da lanchonete com seu pai que não era nenhum inocente, ele saía com a dona do posto de gasolina na época. Eu trabalhava igual uma louca durante o dia, ele à noite. Mas nesse dia nós trocamos o turno… e eu conheci esse cara… foi — Ela engoliu em seco. — um instante.

— Transou com ele e depois nunca mais se falaram? — perguntei sem receios.

— Sim. — Desviou os olhos.

— Ok, entendi.

— Ok? — Ela ficou assustada com a minha complacência.

A questão era que eu amava muito o meu pai e por mais que doesse saber de toda essa história com a descoberta de que ele não era o meu genitor, eu não iria agir com rebeldia, porque estava calculando friamente há dias como eu ia me livrar da prisão que me colocaram. Naquele momento, tudo era cristalino, quando eu voltasse para Bell Buckle, os meus pais fariam de tudo para que eu não falasse desse “escândalo”.

— Quando vou voltar pra casa? — perguntei firmemente, ela sabia que era uma chantagem.

— Callie, a escola é tão boa e o seu tratamento é aqui, temos perto um dos melhores médicos e… — Continuei a olhar firmemente para ela.

— Rachel, quando eu vou voltar pra casa? — indaguei mais uma vez, olhando nos seus olhos. Chamei-a pelo seu nome e eu nunca fiz isso. — Eu sei que está mentindo, você sabe o nome dele sim, e deve saber até a qual gangue ele pertence — blefei. — Se não quiser que eu vá atrás do meu pai, então, me diz, quando eu vou voltar pra casa?

Minha mãe não era de ceder fácil, mas ela tremia de nervosismo e também porque não estava com seu remédio em mãos

para se acalmar. Ela vivia tomando pílulas que eu nem sabia a procedência.

— Nas férias de verão, tudo bem? Tem um colégio particular que é uma boa na nossa cidade, podemos te colocar lá. — Mirei certo na mentira, ela sabia tudo sobre o meu “verdadeiro pai”. E ele deveria estar vivo, caso contrário, ela não teria tanto medo que eu o procurasse.

— Quero voltar para o *Cascade High School* — citei o nome do meu antigo colégio.

— Filha... — Suspirou ainda relutante.

— Não vou voltar atrás. — Apertei o maxilar. — Olha o que vocês fizeram comigo! Me abandonaram com a tia Nancy. Nunca me ouviram e esconderam uma coisa de mim por anos! Eu… eu herdei uma doença que deve ser desse tal motoqueiro. Mamãe, acha justo, acha mesmo justo?! — falei exasperada e desesperada. Lágrimas corriam pelos meus olhos e desciam pelo queixo em fluidez.

Ela aceitou. Tentou me abraçar, mas eu não quis. Assim que fiquei sozinha, desfiz toda a minha pose de durona e chorei bastante. Tentei me aconselhar, dizer que estava tudo bem, mas não consegui ouvir minha sensatez interior. Havia uma parte de mim desconhecida,

que eu nem sabia que existia. Por um momento, eu tive curiosidade de saber quem era *esse cara*, mas desisti de tentar descobrir algo sobre ele por um bem maior.

Iria garantir que minha mãe me levasse de volta para casa e teria a certeza que o colégio cristão nunca mais me aceitaria de volta.



AGORA

Meus pensamentos estavam cada dia mais sórdidos. Não conseguia esquecer daquele abraço, não conseguia esquecer que há algumas horas eu estive no colo de Landon Davis, sentindo seu corpo e seu cheiro viciante. Lembrar disso me fez sentir falta de sexo. Sexo com ele para ser mais específica. A forma que nos entendíamos nesse quesito era surreal. Eu ainda vivia pensando em quão experiente ele deveria estar, afinal de contas, ninguém se tornava conhecido como um canalha à toa.

Era tarde, mais de meia-noite, e nós tínhamos acabado de encerrar o expediente. O bar fechava mais cedo durante a semana. John e Wendie fizeram uma reunião de funcionários mais cedo para parabenizar a equipe por conta de todo o nosso trabalho impecável, o bom era que ele nem ficou sabendo do acidente dos pêssegos, pois tudo se resolveu. Não era sempre que eles apareciam, a gestão ficava praticamente por conta do Davis, dava para perceber o quanto confiavam nele e que estavam cansados e à espera de alguém que ficasse com tudo. Landon queria que eles vendessem o bar, mas os Harris eram contra a ideia de um desconhecido à frente dos negócios, queriam que o gerente se tornasse o dono.

Ele deveria estar cansado, ter dois empregos não era fácil. Eu imaginava que ia muito bem no seu negócio financeiramente, não precisava trabalhar no bar. O estúdio de tatuagem era muito requisitado, ainda mais porque os horários eram disputados. Sua agenda fechou até o final do ano e havia poucos espaços para encaixe, como no caso da Violet, que ele foi obrigado a aceitar.

Landon nunca dormia sem tomar banho, por isso ele foi para o chuveiro assim que chegou. Eu estava com fome, apesar de ter jantado a comida feita pelo cozinheiro do Harris Pub, Christopher era bom demais na cozinha, mesmo com suas intensas brigas com a ex-

esposa. Havia pêssegos para comer, e eu tive que fazer esse sacrifício.

Sentada na bancada da cozinha, eu abri os botões da minha camisa para aliviar o estresse do dia cheio, tentei organizar na minha cabeça tudo que eu tinha pra fazer no dia seguinte, fiz uma lista mental de todas as coisas, em primeiro lugar, pensei em como iria cumprir semanalmente os prazos da editora. O ideal era que eu tivesse um assistente para me ajudar com os desenhos, mas Violet estava ocupada demais com as tatuagens e eu não lembrava de mais ninguém que pudesse me ajudar.

— Sério que ainda está com fome? — perguntou Landon. Ele apareceu trocado e vestia apenas a calça do pijama. Percebi que dava duro na sua malhação, pois saía muito cedo de casa só para frequentar a academia e os resultados eram bem aparentes. Meu colega de apartamento era o tipo de pessoa que dizia que exercícios desestressavam, diferente de pessoas como eu que preferiam resolver o estresse dormindo. — Você comeu três pedaços de torta.

— Mas isso foi mais cedo, bem cedo, antes do bar abrir — defendi-me ao me virar em sua direção, sempre comíamos antes do bar abrir, normalmente uma seis.

O seu olhar foi direto para a curva evidenciada pelos botões abertos, assim que percebeu o que fazia, desviou o olhar, foi até a geladeira e pegou água. Não o culpei por olhar para os meus seios, porque eu estava devolvendo o olhar malicioso para as curvas do seu abdômen perfeito.

Ele tomou a água com muita vontade, como se estivesse morrendo de sede, e me dirigiu um olhar confuso. Era uma tortura diária para mim, e parecia que também era para ele. Eu sorri para aliviar nosso desconforto e o Landon simplesmente piscou para mim com todo aquele charme que só ele tinha e sorriu levemente em seguida.

Se eu pudesse…

Imaginei tudo. Eu me aproximaria dizendo que iria dormir, mas ele me puxaria pela mão dizendo que queria me manter acordada. Imaginei-me pulando em seu colo. A cena seria mais ou menos assim:

Olhou-me de uma forma maliciosa. Ele puxou a gola da minha camiseta com o dedo indicador e espiou os meus seios. Em seguida, levantou a cabeça e nossos olhos se encontraram. Sabia o

que queria, não foi apenas o seu olhar que disse, outra coisa também confirmou.

Estava tão duro…

Fiquei excitada.

— Vou dormir — anunciei me levantando.

— Ok, boa noite, *pêssego*.

Puta merda, ele me tentava de todas as formas.

— Boa noite, Davis. — Antes de ir para meu quarto, provoquei: — Por que não come um pêssego antes de dormir?

Talvez ele tenha pego o duplo sentido na minha frase, porque apertou os lábios, mas não me disse nada. Entrei no quarto com o coração batendo quase na garganta de tanto nervosismo. Passei um tempão repassando a cena na minha cabeça, a piscadela que ele me deu, seu corpo, o seu cheiro que conseguiu me seguir até o quarto, podia sentir no ar.

Não ia conseguir dormir, tive que fazer o que tinha que ser feito. Desci as mãos pelo meu corpo e lembrei daquele olhar do Davis, da forma que piscou pra mim, dos seus músculos e… uau, acabei de tocar em um ponto bem sensível. Ao tocar um seio, eu imaginei meu

ex-melhor amigo me chupando, ele sempre se demorou muito nos meus seios porque era o seu ponto fraco.

Arquejei.

Tinha tanta vontade dele, que nem me liguei para pudores.

Fiz barulho.

Gemi.

Toquei em todos os meus pontos sensíveis.

E ouvi uma coisa. Um grunhido atrás da porta me fez abrir os olhos. Eu tinha plateia, uma pessoa que nunca foi tímida em relação a sexo me ouvia. Ele devia imaginar o que estava fazendo, porque não fui silenciosa, mas não foi curioso o suficiente para abrir a porta, ou melhor, corajoso.

Continuei.

Lembrei da nossa última vez.

Da forma que ele me fodeu como se não houvesse amanhã depois de ter me chupado até me deixar bem molhada para recebê-lo.

Caralho.

Lembrei de como seu pau era grande e que isso sempre foi motivo do seu orgulho. Presunçoso e arrogante. Dono do sorriso mais descarado que já vi. *Ah caramba…* os movimentos circulares dos meus dedos fizeram com que minha perna esquerda tremesse.

Estava molhada o suficiente para que o líquido e a fricção causassem um barulho.

Fiquei louca, porque podia sentir a respiração pesada do Davis atrás da porta. Ele fez um barulho com a garganta, pois queria que eu soubesse que ele me ouvia.

Continuei.

Meus mamilos ficaram mais rijos.

Lembrei dele rasgando minha camiseta porque sempre achei esse tipo de cena sexy em filmes. Duvidei que ele fosse capaz, mas ele rasgou mais do que isso. Minha calcinha ficou em pedaços.

Lembranças, lembranças boas da porra.

Os músculos da minha face se contraíram.

— Porra, Landon. — Seu nome deslizou pela minha boca em um sussurro quase inaudível. Não foi de propósito, apenas saiu quando mais uma vez meu corpo tremulou. O calor estava cada vez mais forte, mais crescente ao redor do meu clitóris.

Tive que continuar.

Mais rápido. *Flashes de memória*. Mais rápido.

O maldito sorriso.

Flashes de memória. Mais rápido. *Flashes de memória*.

Aqueles olhos azuis.

O olhar que deixava meu corpo todo quente.

Ah.

Sorri recebendo toda aquela contração causada pela adrenalina do orgasmo.

Relaxei.

Silêncio.

Talvez o Davis ainda estivesse atrás da porta, não sei quanto tempo ele demorou para sair. Não entrou, mas provavelmente ouviu todo o espetáculo. Apaguei a luz, estava satisfeita, por enquanto.



— Está preparada para ver a Missy? — Emily me perguntou por telefone. Missy era o apelido da nossa irmã. Ela estava em um intervalo das suas aulas e resolveu me ligar. Não era sempre que fazia isso, pois normalmente desabafava com sua gêmea.

— Eu nunca estou, principalmente porque ela está sempre acompanhada daquele marido chato.

— O Alex é difícil, mas eles se amam muito. Eles viveram uma montanha-russa antes de se casarem, reataram e terminaram tantas vezes.

— Todo término era um sinal de que eles não deviam ficar juntos.

— Para de falar mal do seu cunhado.

— Não sou obrigada a gostar dele, Em. Mas, falando em cunhado, quando você vai arrumar alguém? Já faz cinco anos que está solteira.

— Prefiro estudar.

— Mentira, pode contar. — Eu conhecia minha irmã, sempre que precisava de conselhos amorosos, ela ligava pra mim, não para a Melissa.

— Ok, eu conheci alguém, mas ele é complicado.

— Complicado em que nível?

— É um calouro de Harvard, bem mais novo do que eu, tem muito dinheiro, é filho do governador, tem muitas garotas atrás, é aquele estilo *bad boy* que com certeza vai me fazer sofrer e você sabe que eu prefiro os *good boys.*

— Aquele *good boy* te traiu — lembrei do seu ex-namorado nerd atendente de uma biblioteca. —, então, nem sempre um *bad boy* é tão ruim assim. Vou fazer uma citação pra você, escute — Ela riu do outro lado da linha. — *Todos os garotos bons vão para o céu, mas os garotos maus trazem o céu até você.*

— De quem é essa frase, Cal? — Ela riu.

— Heaven, Julia Michaels. É uma música. E sabe o que ela quis dizer com essa frase?

— O quê?

— Simples, uma palavra, orgasmo.

— Callie!

— É sério, pare de pudores, Em.

— Tudo bem, vou tentar, mas se não der certo…

— Se não der certo, compra um vibrador, ele também vai te proporcionar ótimos orgasmos.

Nós duas rimos. Eu era ótima com conselhos amorosos, embora não os seguisse.

— E *o amontoado de átomos* como está? — Ela tocou no meu ponto fraco. Contei onde estava morando e obviamente minha irmã disse que não era uma boa ideia.

— Você sabe, ele me protege de muitas coisas, até de si mesmo.

— Entendo — Ela respirou profundamente. —, se precisar de mim, se não quiser mais ficar em Nova Iorque, tenho um quarto vazio no meu apartamento.

Agradeci, ela sempre me oferecia e, às vezes, cogitava morar com Emily. Tudo seria muito diferente, eu ainda poderia fazer meus trabalhos, ficaria bem longe do meu *problema* e poderia focar nos meus quadrinhos. Mas ficaria a quase duzentas e vinte milhas da minha melhor amiga. Não era a questão de que a Violet precisava de mim, eu precisava muito mais dela.

Falando nela, tive que desligar, pois iria acompanhar Ji Eui na sessão de sua primeira tatuagem. Ela veio me buscar e assim que

entrei no carro, percebi o quanto estava tremendo no volante.

— Entendi o seu jogo, você quer nos matar para não precisar fazer essa tatuagem, pelo amor de Deus, se acalma! — falei no caminho.

— Eu estou suando frio, é sério, eu não posso, faz você. — Ela balançou seu cabelo em nervosismo que estava preso em um rabo de cavalo.

— Não é assim que funciona. O Davis está com o desenho pronto, feito especialmente pra você. — O tatuador iria nos matar se déssemos para trás. — E outra, como você me diz que quer ser tatuadora se nem consegue se tatuar?

— Eu estou tatuando peles artificiais. Peles que não são de verdade. A minha pele é de verdade! — exclamou assim que parou no sinal. Seus olhos pretos encontraram os meus e eu fiquei com medo do seu pânico.

— Mulher, pare! Eu vou te dar um tapa, respira. — Segurei no seu ombro ao dizer. Ela deu três respirações longas e voltou à órbita. O sinal abriu e continuamos o caminho para o estúdio de tatuagem. Ainda bem que não era longe, caso contrário, ela teria dado meia volta.

— Ok, eu estou bem, eu preciso mesmo fazer isso, como posso ser tatuadora se morro de medo da agulha? Coragem, eu preciso ter coragem! — falou para si mesma.

Na entrada do *Oz Tattoo,* eu decidi dar a última chance a ela:

— Se quiser desistir, eu explico para o Landon. É agora ou nunca. Tatuagem é algo muito importante.

— Eu não vou desistir, sério, agora eu estou bem. — Seu queixo tremeu.

Balancei a cabeça em negativo. Isso iria dar muito errado.

Entramos no estúdio e encontramos o Hicks sentado atrás do seu computador na recepção e o Davis sentado na poltrona mexendo no celular. Os dois levantaram os olhos aos nos ver. Mason olhava sempre primeiro para a Violet, depois para mim, porém o Landon focava seus olhos sempre em mim, nunca vacilava.

Fazia muito calor e em vez de usar o vestido de alcinha preto com uma camiseta por baixo como eu sempre vestia, eu optei por colocar apenas o vestido. Isso queria dizer que meu colo estava extremamente à mostra.

— Hoje é o grande dia, Mel! Está animada? — perguntou Mason.

— Animada, sim, estou animada, super animada, uhul — disse Violet, tremendo a mão. Segurei-a e senti o seu suor. — Ai, Deus, eu sou tão covarde. — Ela soltou minha mão. — Eu não posso fazer isso, estou em pânico. Não é só a agulha é o medo de ser descoberta. — Virou-se para mim enquanto dizia.

O Davis se levantou, deu um longo suspiro e articulou:

— Você já pagou, pegou o lugar de outra pessoa, não posso devolver seu dinheiro.

— Tudo bem, a Callie usa esse tempo, sei lá como, não é, amiga? — perguntou-me com os olhos arregalados em súplica.

— É… é… — murmurei.

Eu não conseguia olhar para o rosto do tatuador desde que sabia que ele tinha me ouvido gemendo na noite anterior.

Mason foi até a Violet e olhou para a face dela, depois para sua mão:

— Você está suando muito — avaliou. Era verdade, o suor escorria pela sua testa. Estava calor do lado de fora, mas o ar-condicionado de dentro mantinha o ar fresco. — Vem, vou te levar para um lugar. — Facilmente ele a puxou e a levou consigo. Nós duas nos entreolhamos sem saber para onde ele ia levá-la.

No fim, eu fiquei sozinha com o Davis e todo o calor que ele estava emanando. Não sabíamos quanto tempo nossos amigos demorariam, e a porta foi trancada.

O tatuador passou pela cortina que levava até o seu espaço de trabalho enquanto dizia:

— Você não vem?

E eu fui.

Tinha dois espaços, um separado do outro, um particular para o Hicks e outro para a pessoa à minha frente. Observei que tinha desenhos nas paredes, assim como na sua casa, todos eram de desenhos de tatuagem. Também havia alguns quadros de banda, tudo era preto e branco, óbvio. Uma música baixa tocava na caixa de música, *Heaven*. Ele desinfectou as mãos, sentou-se na cadeira ao lado da maca preta e fez um sinal com o dedo chamando-me.

— Você tem mais ou menos quarenta minutos — disse, era o tempo da tatuagem.

O que ele estava planejando?

Deitei-me de frente.

Landon colocou as luvas pretas e me olhou profundamente nos olhos.

Porra de olhos azuis como o oceano.

Eles me deixaram quente no segundo que pararam em mim.

A maior temperatura registrada no oceano era 404ºC medidos a dois mil metros de profundidade. O olhar de Landon para mim me deixou quente, me senti dentro desse oceano caloroso. Fiquei perto da minha ebulição.

— O que pretende fazer? — perguntei, engolindo a saliva com dificuldade, minha garganta ficou muito seca.

Reparei que ele havia feito a barba, seu rosto parecia bem lisinho. A sua camiseta daquele dia era branca, uma raridade no seu visual.

— Me diz você, agora você tem dois minutos a menos. — Olhou no seu relógio digital.

— Eu não sei, quer dizer, não planejava fazer nenhuma tatuagem.

— E eu nem conseguiria fazer agora, não temos o desenho.

— Então o que vamos fazer?

— Você decide.

Puta merda. Eu ganhei um passe livre, eu poderia usar as mãos de Landon Davis para o que eu quisesse.

— Que tal uma massagem? — indaguei e virei-me de costas.

— Você é bem folgada, Heart.

— Minha amiga pagou pelos seus serviços e ela transferiu para mim — brinquei. — Tenho poder absoluto sobre suas mãos até acabar meu tempo.

Ele riu e entrou na brincadeira. Suas mãos encontraram minha clavícula e, sem cerimônia, ele desceu as alças do meu vestido. O que estávamos fazendo era perigoso para nós mesmos e excitante na mesma medida.

No primeiro instante, suas mãos nas minhas costas me fizeram cócegas.

— Que tal não usar as luvas? — pedi. O atrito da luva descartável na minha pele não era o que eu imaginava. Ele não disse nada, mas ouvi as luvas saindo das suas mãos. O seu novo contato com a minha pele foi mil vezes melhor já que eu podia sentir o seu verdadeiro toque. Em silêncio, Landon começou a massagem pelo meu pescoço, massageou com os polegares toda aquela tensão que

eu tinha por má postura e depois desceu aos poucos pelos meus ombros.

— Eu te ouvi ontem à noite — murmurou de repente. Pensava que ele não ia tocar no assunto.

— Ouviu o quê?

— Você gemendo — disse sem rodeios.

— Não consigo ser silenciosa nesses momentos.

— Eu sei bem disso. — Desceu mais as mãos chegando à minha cintura. O vestido acompanhou suas mãos e foi descendo junto. Meus seios que estavam desnudos, porque eu não coloquei sutiã, se eriçaram. — Você disse meu nome. — Colocou mais pressão nos dedos.

— Falei? Não era um convite. — Mordi o lábio.

— Eu também sei disso.

— Ficou excitado?

— Ainda pergunta? — Sua voz ficou mais rouca.

Sua mão ia e vinha quase chegando a tocar meus seios, quase tocou minha bunda.

— Você se masturbou depois? — continuei com as perguntas indiscretas.

— Como eu poderia não fazer isso? — continuou a responder indecentemente, sempre com uma pergunta para uma pergunta.

Minha cabeça estava virada para o lado contrário a ele, por isso não conseguia ver nada, apenas podia sentir aquele calor infernal que sua presença trazia.

Respirei mal no instante que suas mãos finalmente alcançaram minha bunda e ele apertou decididamente e duramente. Naquele momento, eu entendi sua tatuagem "*rough*", a pressão das suas mãos estava diferente, não me machucou, claro, mas era forte o suficiente para que meu arfar fosse altíssimo.

Ele voltou a subir suas mãos imediatamente.

— Eu amo suas costas nuas — disse de repente. Ele não estava mais se controlando, eu não queria me controlar, e nem iria.

— Só as costas? — perguntei, desvencilhando-me das suas mãos, porque virei o corpo para olhá-lo de frente. Expus-me.

— L… — Perdeu o fôlego ao ver os meus seios, percebi que ia me chamar de *Luvy*. Ele sempre perdia o ar, não importava quantas vezes visse minha nudez.

Landon se inclinou colocando as mãos na maca, uma em cada lado e me encurralou. Seu olhar era selvagem, duro e viciante. Devolvi a mesma vibração. Seu rosto se aproximou do meu, seu nariz me tocou primeiro, em seguida, a campainha tocou.

Cacete.

Não foi apenas uma vez, foram três.

O tatuador balançou a cabeça e se afastou.

Vesti-me na velocidade da luz enquanto praguejava mentalmente com raiva de quem quer que tivesse apertado a campainha. No primeiro instante, pelo vidro reflexivo, vimos um cachorro. Abrimos a porta e percebi que aquele *golden retriever* não era qualquer um, e sim Copper, o cachorro do Asher.

Não demorou muito para que caísse a ficha, o cachorro era bem treinado, fazia tudo que o dono mandava, por isso ficou ali paradinho, o coitado foi abandonado na minha porta com um bilhete na coleira, escrito:

“Por favor, cuide do Copper pra mim, estou com problemas.

Assinado: A.”

Que cafajeste!



VIVA SEM SEU CORAÇÃO

“Ela perdeu seu coração
E como uma cobra, ele o abocanhou”
(Serpente de diamante, Callie Heart)

Landon Davis

ANTES

O barulho do trem me fez acordar de madrugada. Sentei na cama suando frio porque tive um pesadelo horrível que eu nem saberia explicar porque não queria pensar nele. A possibilidade de perder as pessoas que estavam no meu sonho me fez estremecer dos pés à cabeça. Levantei para tomar água e chequei meu celular, vi uma mensagem da minha melhor amiga e automaticamente sorri.

Callie Heart era a pessoa mais memorável que já conheci. Ela sempre esteve na minha vida, antes mesmo que eu me desse conta que eu existia nesse mundo. Nossos pais eram amigos, convivemos na mesma casa por um tempo e depois nos tornamos vizinhos. Nos momentos mais tristes e nos mais felizes da minha vida, ela esteve presente. Sempre soubemos tudo um sobre o outro, era como se eu existisse porque ela existia ou vice-versa.

No começo, quando éramos crianças, foi difícil me acostumar com sua personalidade invasiva, pois eu era muito individualista. Um dia, antes de nos tornarmos verdadeiramente amigos, estávamos andando de bicicleta nos arredores da sua casa, ela desceu da sua bicicleta e decidiu que queria a minha, simples assim. Brigamos. Ela gritou, eu cedi. Callie era assim, pegava minhas coisas e não devolvia a menos que eu pegasse de volta na marra. Não tirava minha culpa, eu também não era fácil e a magoava muitas vezes com minha inabilidade social.

Tudo mudou quando eu percebi que ela era a única pessoa que enxergava o que eu sentia sem eu mesmo precisar dizer. Nós fomos muito felizes como melhores amigos, entendíamo-nos daquela forma que só quem tem alguém com a mesma vibração que a sua pode entender. Não eram apenas olhares, era um gesto, uma respiração,

um sorriso. Apaixonei-me por ela muito rápido, sem saber o que era isso.

Aos catorze anos, eu entendi, mas não assimilei. Fiz um corte ridículo de cabelo apenas para chamar a atenção dela que vivia falando de um cantor que não chegava perto de ser bonito como eu. Comecei a montar o quebra-cabeça chamado primeiro amor quando nos beijamos, porque eu não fazia a mínima ideia de que era correspondido. Sempre achei difícil entender o que minha vizinha pensava, era um verdadeiro enigma seu coração.

Foi difícil lidar com esse sentimento tão dualístico, porque nem os adultos sabiam lidar com ele. Meus pais se amavam, eu achava, porém também se odiavam. Não tive tempo para remoer a dor de acontecer o mesmo comigo e minha amiga, porque fomos obrigados a nos afastar. Foda-se a tentativa *deles*, não deu certo, porque estávamos mais juntos do que nunca, mesmo que por apenas uma ligação ou uma mensagem, um desenho, qualquer coisa.

Li a mensagem dela e saí de casa enquanto digeria tudo:

“Queria ser a primeira pessoa a te dar parabéns, mas foi difícil lutar contra o sono. Coitada da sua mãe, ela esperou você nascer às três horas da manhã. Em breve estaremos juntos, estou

animada para o nosso dia…” havíamos planejado um encontro logo cedo, pois ela mataria a aula no colégio cristão apenas para me ver. *“Não vejo a hora de te ver, de te beijar, minha saudade é eterna, você sabe? Não sabe? Eu me sinto eternamente grata pelo universo ter nos unido. Descobri recentemente como te dizer tudo que sinto, te explico depois o que significa.”*

Ela apenas escreveu uma palavra depois:

“Cosmos.”

O pesadelo se dissipou da minha mente de imediato. Olhei para o céu, depois para aquela imensidão de árvores, os trilhos do trem. Meu pai e eu estávamos no meio do nada, mas eu me senti no meio de tudo. Sorri. E respondi para Callie:

“Cosmos”.



— Temos que fazer algo bem adulto agora que você tem dezesseis anos! — vibrou o meu encontro clandestino.

Fui buscá-la no colégio ainda sem ter minha habilitação, eu peguei o carro do meu pai que nem fazia ideia do que eu estava fazendo, pois havia saído de moto para trabalhar.

— Já estamos fazendo, se nos pegarem, estamos fodidos.

Meu pai me ensinou a dirigir e já fazia um ano que eu estava com prática. Tínhamos agendado para tirar minha habilitação no próximo dia, ou seja, eu era quase um habilitado.

— Não vão nos pegar — negou, colocando o cinto. — Por que não fazemos um piercing?! — Ela abriu a boca surpresa consigo mesma pela ideia.

— Só podemos fazer aos dezoito anos. — Liguei o carro ainda sem saber aonde iríamos.

— Não exatamente. — Deu um sorriso de quem tinha uma ideia mirabolante.

E realmente foi. Vinte minutos depois nós entramos em um estúdio para fazer um piercing. Callie gastou sua mesada toda nisso, pois pagou o meu também, era como um presente de aniversário. Ela me contou que nem todos os alunos do colégio cristão eram anjos e que alguns deles foram para o colégio porque aprontaram

demais. Foi com eles que ela pegou o contato de um cara que fazia piercings e tatuagens em menores de idade.

Optamos por um piercing transversal na orelha, pois a Heart achava que seria fácil de esconder com o cabelo. Saímos de lá com a orelha ardendo pra caralho, com sorte não infeccionaria.

— Está se sentindo mais adulto, livre? — perguntou ela com a mão na orelha quando estávamos no carro.

— Não e você?

— Também não. — Nós rimos. — Doeu essa merda.

— Não senti nada — menti. — Para onde vamos?

— Livraria?

Confirmei. Equilíbrio era tudo.

— Você está bem bonitão — disse Callie de repente enquanto estávamos a caminho da livraria.

Dei de ombros como se não fosse nada.

Ela não precisava saber que fiquei um tempão arrumando cada fio de cabelo para que parecesse despretensioso, como se eu tivesse apenas passado a mão e ficado perfeito e rebelde ao mesmo

tempo. Eu também troquei de jaqueta duas vezes, coloquei a preta, não gostei, troquei pela jeans, não gostei e voltei pra preta.

Ela também estava linda quando chegou com seu uniforme escolar, os meus hormônios ficaram acesos, mas ela teve que trocar no banco detrás do carro por calça jeans e camiseta do *One Direction*, eu não podia acreditar que ainda gostava dessa banda.

— Se você tirar essa camiseta, posso te dizer o mesmo — brinquei.

— Posso tirar, depende…

Minha mente de um garoto de dezesseis anos quase explodiu com esse “depende”. Fiquei o caminho todo controlando a cabeça de baixo que foi influenciada pela de cima que imaginou várias coisas. Eu sabia que não faríamos sexo, mas nada me impedia de pensar nisso.

Ficamos na livraria a manhã toda, Callie comprou alguns quadrinhos e um livro. Comprei mais um volume de Sandman para integrar minha coleção e a Heart pegou um exemplar de Coraline. Ficamos sentados no chão da livraria um do lado do outro enquanto conversávamos sobre os livros.

— Um dia vou escrever uma grande história, melhor, vou desenhar e escrever — contou Callie apoiando seu braço em minha perna. — Vou ser como o Neil Gaiman, vou criar histórias fantásticas.

— Tenho certeza que sim, você já cria milhares de histórias, só não as coloca em prática. — Lembro-me que ela me contou sobre uma história que criou quando estava na igreja e enquanto deveria prestar atenção no sermão do padre. Descreveu por mensagem toda animada:

Era uma vez uma garotinha órfã e pobre que estava à procura do vale brilhante, onde tudo era feito de diamante. Ela trilhou diversos caminhos, mas nenhum deles a levava para a direção certa. Um dia, no meio da floresta, ela topou com uma amigável cobra que lhe perguntou:

"Está procurando o caminho para o vale do diamante?"

Ela disse que sim toda esperançosa.

A cobra que reluzia como diamante então contou um segredo:

"Não conte a ninguém, porém há um truque para encontrar o caminho de uma maneira mais rápida".

"É mesmo, senhor Snake? E qual seria esse truque?"

“Chegue perto, garotinha, bem perto…” disse em um sibilo e contou o segredo. “Viva sem seu coração, assim você vai encontrar o caminho dos diamantes.”

A menina ficou radiante com a possibilidade de finalmente encontrar o seu caminho e saiu caminhando após agradecer a criatura que a ajudou. Ela se sentou embaixo de uma árvore, pegou um punhal e acertou diretamente o seu peito. Não sentiu dor, ela não tinha essa habilidade. Pegou seu coração e o arrancou brutalmente. ‘Ainda estou viva’, ela pensou, ‘posso viver sem coração’. Depois se costurou e deixou o seu pulsante coração embaixo de alguns galhos enquanto dizia:

“Volto para te buscar, só preciso encontrar o caminho para os diamantes”.

E saiu saltitando.

A cobra que estava à espreita riu por dentro em satisfação e abocanhou o coração. A menina, no final das contas, encontrou o caminho dos diamantes, mas nunca mais sorriu desde então.”

A moral da história ela não quis me contar, disse que a moral só existia se criássemos uma nós mesmos. Imaginei que talvez ela

quisesse dizer que nem tudo valia pela riqueza. Talvez. Dífícil entender a mente de Callie Heart.

— Eu vou colocar em prática, um dia, quando eu for boa o suficiente.

— Nunca somos o bastante. — Coloquei a mão em seu rosto. — Apenas faça.

— Ok… e você, o que fará? — Olhou-me dentro dos olhos, minhas pupilas dilataram.

— Não sei, eu quero ganhar dinheiro, apenas isso e farei o que for preciso.

— Pra quê? — perguntou.

— Para sair de perto dos trilhos do trem e nunca ser igual aos meus pais. — Abaixei os olhos e suspirei.

Callie colocou as mãos no meu rosto para que eu voltasse a olhar para ela. Encontrei aqueles olhos perfeitos ainda mais radiantes. Amava-os tanto. Nós dois estávamos aprendendo sobre o que era amar juntos e isso era o sentimento mais incrível, perturbador e extasiante que eu já senti.

Meu coração acelerou com seu beijo. Era tudo tão intenso, estar com ela me deixava apreensivo, como se eu pudesse perdê-la

a qualquer momento e, caralho, eu nem poderia pensar nisso. Quase fomos expulsos da livraria porque passamos um pouco do limite ao dar uns amassos no meio das estantes, mas conseguimos sair ilesos com nossos livros.

Comemos hambúrguer e batatas-fritas no Wendy's, era o que conseguíamos pagar. Depois tive que levá-la de volta para o colégio, pois estava no horário. Antes de se despedir, ela me fez um pedido um tanto inesperado, não sabia como iria realizá-lo, mas confirmei que faria o possível.

— Ei, o que significa *Cosmos*? — perguntei antes que fechasse a porta do carro.

Ela respirou profundamente e deu um genuíno sorriso antes de dizer:

— O cosmos é tudo o que existiu, existe ou existirá. — Abaixou os olhos com vergonha e concluiu: — *O* que sinto por você é isso. Tudo o que já foi, tudo o que é e tudo que será. É pra sempre, eu sei que é. — Ergueu o queixo. Ela nunca foi de se declarar, normalmente era muito durona, mas, pela primeira vez, estava dizendo claramente tudo que sentia por mim.

E eu entendi, porque eu me sentia da mesma forma.

Estendi minha mão e ela a pegou.

— Vamos ficar juntos, eu tenho certeza. Nada vai nos afastar de novo, *cosmos*?

— *Cosmos.* — Apertou os lábios junto com sua mão na minha e se afastou em uma inspirada forte.

Observei-a pegar sua bicicleta fingindo que acabou de sair do colégio. Sorri satisfeito pelo nosso primeiro ato de rebeldia realizado com sucesso. Voltei pra casa pensativo, pois sabia que podia arrumar um emprego então. Tudo que eu queria era ser independente para deixar a cidade assim que Callie e eu fizéssemos dezoito anos.

Descobri que meus amigos planejaram uma festa surpresa pra mim, fui obrigado a comparecer e tomei algumas cervejas com eles. Matías Ruiz, um dos meus amigos, disponibilizou sua casa e todo mundo ficou bastante bêbado. Tinha algumas garotas na festa, inclusive Lily Brown, a antiga amiga da Heart. Eu sabia que ela tinha um interesse em mim, não era burro, ela deixava muito escancarado. Tive que me esquivar a noite inteira das suas investidas.

— E sua namorada? Quando ela volta? — perguntou o Ruiz.

— Ela não é mi… — parei de falar porque eu não sabia ao certo o que iria dizer. A Callie era a minha namorada, ela sempre foi minha namorada e só então eu percebi. — Ela vai voltar em breve — corrigi.

Matías me passou o contato que eu precisava para a tarefa que a Callie me pediu. Voltei pra casa de carona antes da meia-noite, porque queria ver meu pai ainda. Ele havia me abraçado logo pela manhã quando acordou, foi a segunda pessoa a me dar parabéns. Encontrei-o no meio de suas telas, pintando na varanda.

Na mesma hora, me senti terrivelmente triste e sóbrio. Ele amava tanto a arte, mas não era recompensado por ela. Eu nunca quis pintar, porque não queria errar as cores. Minha mãe era portadora do gene de daltonismo, foi por isso que eu herdei a condição. Ser daltônico não era algo que eu gostasse de falar, e quanto menos pessoas soubessem, melhor era.

Não gostava de ser diferente, eu me sentia solitário por isso, era como se eu vivesse em um mundo diferente das outras pessoas. Tocava *Heaven* do Bryan Adams no rádio que me fez lembrar que era essa a música que ele dedicava a mamãe. Ele estava triste pra caralho, eu sabia pela sua postura caída.

Aproximei-me atrás dele e comentei sobre sua pintura:

— Os trilhos do trem…

— Acho que me inspirou.

— É tudo que temos — as palavras caíram da minha boca junto com uma lágrima. Nunca me senti tão triste em um aniversário. Não era o quadro em si, e sim o fato de que meu pai lutava tanto pelo seu sonho e nunca foi reconhecido como merecia.

As pinturas eram tudo para ele, que dizia que era como o seu mar calmo. Ele se sentia ouvindo as ondas do oceano quando parava para pintar. Era a sua arte, era lindo, mas nem todo mundo via beleza no que realmente era belo.

— Ei, sua mãe ligou. — Virou-se para olhar para mim. Os olhos do meu pai também eram iguais ao meus no exterior. — Não a ignore, ela disse que tentou te ligar no celular e você não atendeu.

— Ainda estou com raiva. — A pessoa que ele mais amava o deixou e eu não conseguia entender isso.

— Para, você não pode se meter nisso. É entre eu e sua mãe, você é filho de ambos, não escolha um lado.

Eu havia escolhido um lado quando decidi morar com ele e não com ela.

— Tá, eu vou responder às mensagens.

— Filho? — me chamou antes que eu entrasse em casa.

— Hum?

— Você bebeu?

— Bebi, cerveja e tal — fui sincero, eu não mentia para o meu pai.

— E usou meu carro?

— Usei, fui ver a Callie.

— Ok, mas você sabe que é errado, não é? Dirigir sem habilitação pode te foder e me foder.

— Eu sei, desculpe.

— Está tudo bem, lembre-se, seja sempre sincero.

Confirmei. Era assim, fácil. Lewis Davis era incrível. Ninguém entendia porque ele era tão flexível, mas eu sim. Meu pai sempre foi muito bom e isso era tão bom quanto ruim, porque as pessoas usavam da sua bondade para machucá-lo.



— Avisa para aquele filho da puta que se ele não pagar, eu vou estourar os ossos da cara dele! — disse o cara grandalhão bem atrás de mim.

Estremeci e me arrependi na mesma hora de ter ouvido o Ruiz. Eu estava em uma lanchonete fora dos limites de Bell Buckle. Havia se passado dois meses desde o meu aniversário e eu precisava resolver o negócio que a Callie tinha me pedido.

O cara atrás de mim era a pessoa que diziam que vendia drogas. A questão não era que eu ou minha melhor amiga íamos nos drogar, tudo não passava de um plano para que ela fosse expulsa do colégio por posse de ilícitos. Pensamos que precisava ser algo bem verossímil para que fosse efetivo. Meu amigo disse que era de boa, e eu acreditei nele. Mas depois de ouvir esse cara, estava me tremendo e prestes a me levantar e fugir.

— Estou brincando — riu o cara. — Te vejo amanhã — despediu-se da pessoa que conversava.

Não me levantei, nem morto eu ia falar com ele.

— Quer falar comigo, garoto? — De repente, ele estava na minha frente. O cara que diziam ser membro de uma gangue e que

fazia várias coisas ilegais, das quais garotos como eu nem imaginavam.

E ele não era amedrontador, na verdade, um pouco. Ele tinha um cabelo loiro escuro, barba média e olhos castanhos claros. Era fortão e ostentava uma jaqueta jeans escura que devia ter estampado a tal gangue que ele pertencia.

— E… Eu… — Tremi.

Ele se sentou sem cerimônia.

— Wes Regenbogen — apresentou-se. Ele tinha um sobrenome alemão.

— Pensei que membros de gangue tivessem tipo apelidos como “o esmagador de ossos”, algo assim — brinquei sem querer. Ele ficou bem sério. Senti-me fodido. Ele sorriu. Ainda me senti fodido.

— Adorei seu senso de humor, garoto. Eu normalmente me apresento como Wes. A porra do meu sobrenome significa *Rainbow*, mas pareço mais amigável agora, não acha?

Não achei não, menti e confirmei em um meneio.

— O que você precisa? — Apertei meus olhos ao ser encarado pelos olhos dele.

De uma maneira estranha, eles me lembravam os olhos do motivo de eu estar lá, Callie *encrenca* Heart.

Passei vergonha explicando que precisava de drogas, mas que não era pra mim, nem pra uma amiga usar. O plano dela era péssimo, porém não foi só isso que me fez ir até lá. Eu estava naquela fase em que se faz merda, porque tudo que você pode fazer é merda.

— Eu não sou traficante, mas sua história é engraçada, bem criativa. — Mentiroso, ele fingiria que acreditava na minha história que era real e eu fingiria que acreditava nele. — Posso conseguir algo pra você…

— Quanto? — Minhas mãos suavam, coloquei elas embaixo da mesa para disfarçar o meu nervosismo.

— Não vai custar nada. — Olhou-me astucioso.

— É sério? — Arregalei os olhos.

— Por que não trabalha pra mim? — Tamborilou os dedos na mesa. — Vejo muito potencial em você.

Quando você está cercado por alguém perigoso como aquele tipo de cara, você nem sabe que ele é perigoso. Wes era amigável, sorridente e enganaria facilmente qualquer pessoa.

Eu disse não. Ele não me quis dar aquele minúsculo pacotinho com pó. Ponderei e perguntei que tipo de trabalho.

— Nada demais, sabe? Entregas. Vi que veio de moto, é simples… — Ele me explicou tudo.

Eu disse sim, fui facilmente convencido.

Nunca disse um sim tão fodido em toda a minha vida.

Vi-me entrando em uma gangue que eu nem sabia o nome. Descobri mais tarde que eles se chamavam de "*Basilisks*". Diziam que eram como uma família, fiquei com medo por um tempo, depois me senti acolhido. Pela primeira vez na vida, eu omiti algo do meu pai e me odiei muito por isso.

No fim, quando tive *o meu fim* na gangue, passei a entender o que Callie quis dizer com aquela história. Para encontrar o meu "caminho de diamantes" acabei perdendo meu coração e tudo que eu amava.



AGORA

Passei a mão pelo piercing transversal e o encontro do metal me fez lembrar das maluquices que Callie e eu inventávamos juntos. Também me lembrei que havia prometido a mim mesmo que a deixaria no passado. Eu precisei fazer isso, precisei nos proteger de nós mesmos, mas naquele momento, ela estava na minha frente com um vestido que fodeu com a minha imaginação e segurava pela coleira o cachorro do seu ex.

— O que vamos fazer? — perguntou.

— Eu não sei. — Balancei a cabeça. — É impossível deixá-lo no bar com a gente, não podemos.

— Aquele filho da puta — pensou alto e abaixou-se para acariciar a cabeça do cachorro. — Como ele pode ter te deixado, neném? — O cachorro deu um latido como se estivesse respondendo. — Ele amava o Copper, era a única coisa que ele gostava de verdade — disse, olhando para mim.

Balancei de novo a cabeça tentando desanuviar os pensamentos que me levavam para a lembrança recente dos seus seios bem na minha frente. Apertei os punhos e me forcei a pensar

em qualquer coisa aleatória. Merda. Fiquei com ciúmes ao pensar que a Callie tinha um ex.

Não. Tenho. Direito. De. Sentir. Ciúmes. Não tenho direito de sentir ciúmes.

— Ele deve tá devendo pra alguém e não conseguiu pagar tudo — pensei. — Pode ser que esteja protegendo o cachorro. — Não queria defender o cara, mas podia ser isso.

— É, pode ser. — Ficou em silêncio pensativa. Será que ficou preocupada com ele? Será que ela gostava mesmo dele?

Nós não conversamos sobre o que acabou de acontecer, apenas pensamos no que fazer com o Copper. Ele podia ficar com o Mason, já que ele morava sozinho, mas depois pensei no John, ele tinha uma casa com um quintal enorme, onde o cachorro poderia ficar com mais liberdade.

Violet e Mason apareceram pouco depois, bem sorridentes. Às vezes eu pensava que tinha algo rolando, mas, conhecendo meu amigo, sabia que ele tinha receio de se envolver com qualquer pessoa. Pelo que sabia, ele já tinha tido uma noiva e essa garota o deixou quebrado.

Depois que as garotas foram embora com o cachorro, eu perguntei a ele o que estava rolando, e Hicks me respondeu:

— Ela é minha amiga, eu me identifico muito com ela, sabe? Mas é só isso, não vamos namorar, nem nada disso. — Achava que tinha entendido o que ele quis dizer. Mason teve problemas de autoestima na infância, porque ele se achava muito burro, demorou para aprender a ler, era muito disperso entre outros problemas que apenas quando ele recebeu o diagnóstico de dislexia ele passou a entender o seu “cérebro defeituoso”, era assim que se referia. Ele já superou muita coisa e quem não o conhecia, nem desconfiava das dificuldades que ele já passou.

— Entendi, e ela vai fazer a tatuagem?

— Sim e não. Ela quer fazer, mas não agora, ainda não tem coragem.

Comecei a me preparar para a próxima sessão, enquanto conversávamos sobre o que aconteceu. O meu cliente chegou com antecedência, ele estava super animado em se tatuar com “o cara que fez a tatuagem do Dante Hurron”. Conversamos sobre futebol americano durante a sessão.

— E o Hurron, como ele é pessoalmente? — questionou.

— Bem comum, um apaixonado pela esposa na verdade. — A tatuagem que ele fez das ondas era *para e por ela*.

Depois de limpar a pele, remover os pelos, aplicar a vaselina e ter o *ok* do cliente depois de aplicar o *stencil*, eu comecei o desenho em seu braço. Era a primeira tatuagem do cara e ele escolheu um desenho que iria cobrir quase toda a extensão do seu braço esquerdo, ele ficou bem durão no começo, mas quando fui colocar detalhes com o branco, quase chorou.

O barulho da agulha sempre era o meu momento de paz. Era difícil explicar o porquê. Eu não resolvi ser tatuador do nada. Na verdade, quando eu estava nos *Basilisks*, os caras faziam tatuagens um no outro, eram desenhos horríveis. Um dia, eles viram como eu desenhava e me colocaram pilha para tatuar. Eu nem sabia como fazer isso, mas tatuei pela primeira vez aos dezessete anos, ficou bom na medida do possível. O cara estava bêbado, contudo, me elogiou muito. Depois isso ficou de lado, porque eu tive que lutar pra sobreviver na porra daquela bagunça, nem imaginava em levar isso como profissão.

A primeira tatuagem no meu corpo foi feita porque perdi uma aposta. Tenho uma borboleta tatuada na canela. E várias tatuagens

espalhadas pelo meu corpo, a maioria delas tinha um significado especial, outras eu fiz por fazer.

Depois da última sessão do dia, eu continuei a trabalhar, pois tinha mais um dia cheio no Harris pub. Eu estava cansado, claro, mas eu jamais deixaria o John sozinho com tudo. Quando eu apareci sem nada, sem dinheiro, sem casa, com uma ficha na polícia, pedindo um emprego, ele foi a única pessoa que abriu as portas pra mim.

Wendie e ele ficaram apaixonados pelo Copper e não pensaram duas vezes em levá-lo para a casa deles. Callie disse determinada que não devolveria mais o cachorro para o dono, fiquei pensando se ele ia mesmo aparecer para reivindicar a “paternidade”.

— Tá tudo bem? — perguntou John, me parando no momento em que passei pelo caixa.

— Está, tá tudo bem, sério — falei várias vezes, pois ele apertou suas sobrancelhas grossas e grisalhas em desconfiança.

— Vamos fechar o bar por uns dias, descansar, ok?

— Não precisa — neguei. — O bar está bombando.

— Por isso mesmo, fechamos por alguns dias, as pessoas ficam ansiosas pela volta e lotam o bar de novo — disse sua estratégia.

Sorri, John tinha razão. Todos nós precisávamos de um descanso.

No final da noite, depois dos Harris levarem o Copper pra casa, Callie e eu ficamos no impasse de nos falarmos ou não. Eu sabia que ela estava chateada pelo cachorro e pelo lance dela com aquele Asher ter reacendido pelo "*aparecimento*" dele.

Senti o ciúme correndo pelas minhas veias junto com meu sangue. Não era o fato que ela tenha se relacionado com alguém, porque isso era inevitável para qualquer um de nós, mas o que me incomodava era o fato que ela poderia ter se apaixonado por outra pessoa, afinal, eles até moraram juntos.

Eu quis perguntar, não perguntei, ela estava cansada, eu também, por isso cada um foi para o seu quarto. Dormi mal, como sempre.



Cortei o cabelo no dia seguinte antes de ir trabalhar, finalmente me livrei do incomodo de tê-lo caído nos meus olhos e ter que colocar pra trás o tempo todo. No meio da tarde, fui até a casa dos

Harris para levar a Heart, pois ela queria ver como ficaria o Copper. Eles tinham mais dois cachorros que foram muito amigáveis com seu novo amigo. Na volta pra casa, aliviada, minha companhia falou:

— Eu não era apaixonada pelo Asher, sabe? Eu precisava de alguém, eu me sentia muito sozinha.

— Você não precisa me explicar.

— Eu quero dizer, é apenas um desabafo — esclareceu. — Com o Asher eu era como um quadrado entrando em um círculo. Eu queria tanto que desse certo, porque na minha vida tudo deu muito errado. Mas tive que aparar minhas arestas pra caber nesse relacionamento. Não deu certo, se ele não tivesse me deixado, eu o deixaria. É engraçado que, nossa, todo mundo me deixa. — Abaixou a cabeça olhando para seus joelhos cobertos por uma meia-calça preta.

— Isso não é um padrão. — Desviei os olhos novamente para a estrada.

— Não é, mas eu sinto. Não queria sentir que tem algo de errado comigo, porque eu me aceitei como eu sou desde sempre. É como Virginia Woolf disse, não precisa ter pressa. Não há necessidade de brilhar. Não precisa ser ninguém além de si mesmo.

E é isso, eu não quero ser outra pessoa, mas talvez eu devesse ser menos.

— Nós éramos imprudentes e não precisamos ser imprudentes pra sempre. Eu não te deixei porque eu quis, foi porque… — Perdi o ar ao ver aquela nuvem de lembranças voltando. — Você sabe.

— Eu sei?

— Perdemos tudo. — Minha mão tremeu no volante. Meus olhos escureceram por segundos.

A voz do meu pai surgiu na minha orelha e eu quase fiquei surdo por um momento.

— Sim, sim — confirmou rapidamente. — Ei, está com fome? Quem vai cozinhar hoje? O bar não vai abrir — mudou rápido de assunto ao perceber para onde estávamos caminhando.

— Eu cozinho — disse na curva.

Eu não sabia fazer muita coisa, na maior parte do tempo eu vivia comendo na rua, pois não tinha tempo para nada. No jantar, sempre comia no bar, então, quase não tinha comida na geladeira. Ao chegar em casa, fiz macarrão com queijo, ficou bom na medida do possível, porque a massa ficou muito mole.

Callie mentiu e disse que estava uma delícia, não acreditei. Arrumamos a cozinha e depois cada um foi para seu canto, de novo. Eu tinha colocado a calça do pijama quando ela bateu na minha porta.

— Eu não te contei e nem sei porque não fiz isso, sei lá eu achei que não era nada demais pra te contar, mas talvez seja? — Fiquei confuso. — Eu consegui, Davis, o meu sonho, você lembra? — Lembrei imediatamente. Abri toda a porta e a peguei em meus braços, bem firme, abraçando-a em cada parte. — Ainda nem chego perto do Neil Gaiman, mas é apenas o começo, sei que é.

— Não importa. Vou querer um autógrafo — disse quando nos separamos.

— Onde? Na parede? — perguntou, rindo ao observar meu quarto. Ela nunca tinha entrado no cômodo até então.

— Nada disso, pode ser aqui. — Apontei para meu abdômen.

— Com caneta permanente? — continuou a brincadeira.

— Pode ser com uma agulha 3rl.

Ela balançou a cabeça e deu aquele sorriso que eu amava. Uma covinha, eu era apaixonado por ela. Senti-me desfazendo, me transformando em ruína. Sempre foi uma péssima ideia voltar a

conviver com a Callie, sempre foi uma péssima ideia tê-la perto. E naquele momento ela estava perto demais.

Estava fodido.

Como um filho da puta que era, eu não pensei duas vezes. Precisava acabar com isso, precisava parar com a porra do sentimento preso na minha garganta. Todos os dias eu morria um pouco ao pensar como seria tocá-la de novo. Tocá-la daquele jeito, tocá-la como se nosso *cosmos* ainda existisse.

Era como Rose Walker disse em Sandman, *o amor faz reféns. Ele entra em você. Devora tudo que é seu e lhe deixa chorando na escuridão. É uma dor na alma, uma dor no corpo, é uma verdadeira dor-que-entra-em-você-e-o-destroça-por-dentro.*

Eu fiquei nessa escuridão por muito tempo, e mesmo no fim do poço eu ainda via aquela pequena luz refletindo.

Callie Heart.

Callie Regenbogen?

Ela estava usando o menor pijama possível. Olhei para seus olhos, baixei para seu nariz arrebitado, pela boca de coração, pelo seu pequeno queixo. A pele do seu rosto começava a ficar vermelha.

Não estava sendo discreto, olhei descaradamente para ela saber que ia dar um passo.

Apertou os lábios entendendo o que eu faria.

Aproximei-me, coloquei a mão naquela linha entre a mandíbula e o pescoço, minha outra mão foi até sua cintura. Ela caminhou para trás seguindo meu movimento, paramos apenas quando seu corpo encontrou a parede.

Abaixei o rosto, senti seu cheiro, inspirei profundamente e depois senti na minha próxima respiração que quase perdi o fôlego. Fechei os olhos por um pequeno instante, não pensei no que era certo ou errado, eu só queria sentir com ainda mais intensidade tudo que estava dentro de mim.

— Você tem certeza? — Quase não saiu a voz da Callie.

Eu entendi o que ela quis dizer, se eu progredisse eu não podia voltar atrás. Se eu continuasse meus movimentos, tudo iria voltar como um *flashback*. Um beijo não é o tipo de coisa que você faz pensando em fazer, você apenas vai lá e faz.

E eu fiz.

Beijei minha ex-melhor amiga.

Beijei a única garota que eu amei em toda minha vida. Beijei o único vício que era impossível de largar.

Senti um arrepio na espinha.

O toque dos seus lábios foi quente demais para mim. Não estava preparado para tudo que podia sentir. A adrenalina desse toque acertou em cheio minhas veias. Estava respirando com um animal prestes a atacar.

Apertei sua cintura quando ela entreabriu os lábios. Foi mais macio do que nunca. A sua língua encontrou a minha. O beijo não foi apenas intenso, voraz, foi puro êxtase. Minhas mãos passaram por cada parte do seu corpo, eu tinha tanta saudade que não era suficiente, era como se eu quisesse morar dentro dela.

Eu passei esses últimos anos pensando em voltar atrás na minha decisão. Ainda estava sentindo o gosto amargo do que fiz. A dor sempre voltava como uma náusea repentina.

Callie era o meu familiar, o meu conhecido, mas ao mesmo tempo meu único infinito. Como eu pude viver por tanto tempo sem meu coração?

Ao tocar aqueles lábios doces, me senti capaz de novo de ver as cores que eu perdi.



BORBOLETA DE VIDRO

“Mas não quero me meter com gente louca”, Alice observou.
“Oh! É inevitável”, disse o Gato; “somos todos loucos aqui.
Eu sou louco. Você é louca.”
(Alice no País das Maravilhas,
Lewis Carroll)

ANTES

— E sabe o que mais? Eu não vou chorar no seu velório — esbravejei para minha mãe.

Nós brigamos, discutimos sobre a minha expulsão do colégio, porque, claro eu fiz merda ao ter a ideia mirabolante de que se eu

fosse considerada uma má companhia, eles me deixariam em paz para escolher minhas próprias amizades.

Eu fiquei muito brava e soltei essas palavras ruins porque minha mãe disse algo assim:

“Eu sabia que você seria como o louco do seu pai, o fruto não cai longe da árvore. Criei três filhas e a que dá mais trabalho tem que ser você! O mundo não gira ao seu redor, Callie, temos nossos problemas e você cria mais um?”

Então eu agi como uma adolescente que sim, acha que o mundo gira ao seu redor, e disse que a odiava e o resto todo.

— Você está de castigo, ouviu, mocinha? De castigo até os seus dezoito anos. — Ela não esmoreceu com o que eu disse, apenas piscou duas vezes e agiu como uma mãe autoritária. Senti-me mal sozinha no quarto e chorei pensando que eu choraria muito se ela morresse, mas não ia mudar minhas palavras, porque eu tinha esse temperamento que me impedia de pedir desculpas na maioria das vezes.

A razão do meu castigo era porque fui convidada a me retirar do colégio cristão por posse de ilícitos. Não fui expulsa e nem ganhei

esse delito na minha ficha escolar porque a diretora era amiga da minha tia.

Voltei para Bell Buclke como eu queria e assim que acabasse as férias de verão, também retornaria para o meu antigo colégio. Meus pais queriam muito saber onde consegui as drogas, eu inventei que foi com um colega que também havia sido expulso nos últimos dias, eles acreditavam que Landon e eu não nos falávamos mais, nem desconfiavam que sempre estivemos juntos às escondidas, porque eu parei de pedir para vê-lo.

Cumpri a promessa de não fazer perguntas sobre o meu pai biológico para não magoar o meu *verdadeiro pai.* Nas minhas férias, também comecei a me consultar em uma terapeuta, meus pais achavam que as drogas eram em decorrência da descoberta do que me omitiram e que eu precisava falar sobre isso com alguém, pois eu não colaborei com eles. Eu nem cheguei perto de consumir a droga, não tive a mínima vontade e muito menos coragem, eu era louca, mas não tanto.

Pelo menos as consultas com a terapeuta eram boas, eu contava quase tudo para ela, não tudo porque nem eu mesma sabia o que se passava na minha cabeça. Era um alívio poder confidenciar e não ser julgada por isso.

Lily Brown foi me visitar ainda nas férias, ela agiu toda falsa com a minha volta, dizendo que estava super feliz de me ter por perto de novo. Em Nashville, eu me toquei que ela não era nem um pouco minha amiga, pois não recebi sequer uma mensagem. Era óbvio que sua aproximação decorria da sua obsessão por Landon Davis, todo mundo sabia o quanto ela era louca por ele e nem tentava esconder mais.

Agi como deveria agir, com toda a cautela possível. Eu não a queria como inimiga, nada disso, e nem havia motivo para brigar com ela. Por isso eu apenas fingi que estava tudo bem e a observaria de perto. No colégio cristão, eu aprendi uma lição valiosa: nem todo mundo era quem parecia ser.

Comecei a trabalhar na lanchonete dos meus pais para substituir Elena Davis. Ela saiu por conta da briga das nossas famílias e estava trabalhando em uma fazenda, que, por ser uma cidade minúscula, era a fazenda dos Browns. Lewis continuava com seu trabalho como pintor em cidades vizinhas, por isso na maior parte do tempo ele ficava ausente. Landon também estava trabalhando, era algo com entregas, ele dizia, mas eu não cheguei a perguntar a fundo, pois ele parecia sempre muito cansado.

Voltei a frequentar o *Cascade High School* e estava feliz demais em voltar à minha antiga rotina, no primeiro dia de aula, eu saltei da minha cama e perdi um tempão no espelho pensando no novo estilo que eu ia adotar, pois tinha me livrado do uniforme sem graça. Eu havia visto *As Patricinhas de Beverly Hills* na noite anterior e queria copiar o estilo das personagens, mas não havia nada parecido no meu guarda-roupa.

Também fiz o favor de acabar com a minha sobrancelha, pois queria tirar o pelinho do meio delas com o barbeador. O pelo saiu e uma parte da sobrancelha esquerda também, tentei consertar com lápis de olho, o que não ficou muito bom. Senti falta da Melissa, o que era bem raro, pois ela era sempre tão controladora, ela amava maquiagem e saberia o que fazer. Aceitei que a minha sobrancelha iria ficar feia para sempre e fui resolver o problema do vestuário.

Visitei o guarda-roupa da minha mãe e encontrei algumas peças que ela devia usar na adolescência. Encontrei um vestido curto preto de veludo e alça fina, vi que o decote era profundo e adicionei uma blusa branca no look. Coloquei um short por baixo do vestido, pois iria de bicicleta. Fiquei um tempo pensando se colocava um cinto, mas desisti da ideia, calcei o *All-star* e tive que dizer não mil vezes para o meu pai que queria me dar uma carona.

Cheguei ao colégio de bicicleta e estacionei-a enquanto olhava aos arredores à procura de rostos conhecidos. Droga, quem eu queria enganar? Eu era invisível, simples assim. Se antes eu não tinha amigos, naquele momento, piorou.

Vi as líderes de torcida com o uniforme de saia e blusa de manga longa preta e detalhes como o logo do colégio em azul claro, Lily era uma delas e acenou para mim.

Uma garota que participava do jornal da escola me parou antes que eu chegasse ao meu armário e me metralhou de perguntas:

— Callie Heart, queremos saber, por que você voltou? — Enrolou a ponta do cabelo loiro e cacheado com o dedo enquanto me olhava de cima abaixo.

— Porque eu quis — respondi, sabia da fofoca que inventaram sobre mim e eu não estava disposta a fomentá-la.

— Dizem que você ficou grávida e foi abortar em Nashville, procede? — Ela apertou os olhos grandes e verdes.

— Não, você pode me deixar abrir o armário? — Ela o bloqueava com seu corpo.

— Mais uma perguntinha — A garota tinha uma voz irritante de paparazzi, acho que ela estava no caminho certo de profissão —,

você foi expulsa do colégio cristão? Estão dizendo que você transou com um cara na mesa da diretora.

Meu Deus!

— Cala a boca e me deixa abrir o meu armário — falei com os dentes cerrados.

— Ok… eu só estou perguntando o que estão dizendo, eu não inventei nada — disse me olhando feio. — E, ah, esse seu look está pavoroso, encontrou onde? No guarda-roupa da sua mãe? — *Humilhação.* Ela saiu saltitando rumo ao seu grupo de amigos mediamente popular.

Coloquei minhas coisas no armário e assim que o fechei, quase morri de susto ao dar de cara com, literalmente, uma cara de cavalo.

Era a mascote da nossa escola que foi escolhido por todos como um cavalo ambulante, afinal, éramos uma cidade rural. Nós, alunos, não queriamos ser chamados de *"cavalos*", então pensamos da seguinte forma: *"O que queremos que um cavalo seja?"* A resposta de todos era: um campeão! Assim, nos tornamos os *Campeões do Cascade*. Nossa *logo* era boa, intimidava nossos adversários nos jogos de futebol americano.

— Por favor, me ajude — disse a pessoa por trás da máscara. Eu não fazia ideia de quem estava falando comigo.

— O que foi? — perguntei rápido, será que a pessoa estava passando mal?

— Eu não quero mais isso aqui. — Ele tirou a máscara de cavalo e vi que a figura por trás era o filho do delegado. — Eu não suporto mais os jogadores, preciso que alguém menos popular e que ninguém goste muito assuma o posto por mim, por favor?

— O quê? Eu sou essa pessoa? — Apontei para mim incrédula.

— É. As pessoas te veem apenas quando você está perto do gostoso do Landon ou com a cabelos sedosos, vulgo Lily Brown — ele falava com admiração. — Enfim, você me ajuda? Sei que não vai aguentar muito tempo, por isso, faça como eu, passe a coroa para algum outro desajustado. — Entregou-me a “coroa” que era a máscara de cavalo e saiu correndo. Minha boca ficou aberta por vários segundos, enquanto eu tentava digerir o que acabara de acontecer. Sempre soube que eu não era popular, mas não gostei nadinha de ter a existência anulada pelas pessoas que eu convivia.

Fui para a aula de biologia e fiquei feliz ao descobrir que Landon também estava nesta aula. Ele já estava na sala debruçado na carteira e cochilando. Cheguei bem perto e soprei sua orelha, assustando-o. Seu piercing estava em perfeito estado, já o meu eu tive que tirar porque inflamou e, óbvio, levei um sermão daqueles.

Ele abriu os olhos e me iluminou de amor com aquela cor linda da sua íris e sorriu para mim. Sussurrei que o veria mais tarde e fui para o meu lugar. Combinamos de fingir que não estávamos juntos no colégio, para termos um pouco de paz na nossa relação, era como se o mundo inteiro conspirasse contra nós e o tempo todo tivéssemos que lutar.

A professora começou a aula falando sobre espécies raras da natureza e uma delas me chamou a atenção, a borboleta de vidro, *Greta Oto* ou simplesmente borboleta transparente.

— Elas têm asas transparentes pois os tecidos entre as veias não possuem as escamas coloridas presentes em outras borboletas — explicou a professora. — As asas são feitas de um material tão fino que a luz consegue atravessá-las. Os pássaros são predadores comuns da borboleta *Greta Oto*. Entretanto, ela os combate consumindo toxinas através de plantas, o consumo dessas toxinas lhe dá um sabor desagradável que desencoraja a predação.

As borboletas de asas-de-vidro tinham a capacidade da invisibilidade e isso era uma proteção contra predadores. Por muito tempo eu fui uma borboleta de vidro, eu queria ser invisível, eu tinha o meu próprio mundo, mas naquele momento eu queria ser uma borboleta-monarca, queria que na minha lápide lembrassem de mim como eu era e não pelas pessoas que me rodeavam.

— Quer que eu te acompanhe até sua casa? — perguntou Landon na saída da escola, ele me acompanhou até chegarmos perto de onde estacionei minha bicicleta.

— Não precisa — falei enquanto abaixava para tirar o cadeado da bicicleta. — Você vai trabalhar? — questionei.

— Vou, mas podemos nos ver mais tarde?

— Se você for na lanchonete dos meus pais, sim, mas isso vai acabar com nosso teatro. — Eu estava trabalhando na lanchonete, ganhava um dinheiro e meus pais me mantinham ocupada e livre de encrencas.

— Vou dar um jeito.

Landon e eu sempre dávamos um jeito pra tudo.

— Mas se você quiser ir pra casa e descansar, tudo bem, ok? Está exausto, Davis — avaliei sua expressão cansada, as olheiras e

o sono no meio das aulas, esse seu trabalho de entregas estava deixando-o acabado.

— Não, eu vou te ver. — Ele dedilhou os dedos pelo meu braço até chegar na minha mão e me olhou significativamente, cheio de promessas, nem sabia quais eram, mas já as aceitei.

— Te vejo mais tarde, *olhos de oceano*.

E ele piscou pra mim, *soou como uma onda.*



Eu aceitei a triste vida da impopularidade, porque ser a mascote do time era praticamente ladeira abaixo na escala social, mas uma reviravolta da vida me fez visível exatamente por aceitar a máscara de cavalo.

Descobri que estar perto dos jogadores gostosões não era bom como parecia, tudo cheirava muito a suor. As conversas, se não eram sobre o esporte, eram sobre sexo. Assunto que eu não dominava, porque Landon e eu não passamos de amassos por cima da roupa.

No jogo dos *Cascade Champions* contra os *Bledsoe County* de Pikeville, eu fiz a minha performance como a mascote do time. Uma coisa eu consegui mudar, na minha primeira performance eu causei uma impressão gigantesca, com a minha falta de habilidade na dança, todo mundo riu, foi hilário, eu admitia. Mas era isso o que as pessoas esperavam de uma mascote, um alívio cômico antes da tensão do jogo, por isso passaram a gostar de mim e minha entrada triunfal no campo sempre era muito esperada.

Então, eu passei a ser conhecida como Callie, a mascote desastrada. Ou Callie, a mascote louca?

Era ruim? Era, mas pelo menos era conhecida por ser eu mesma.

Os garotos do time não me infernizavam tanto, para ser sincera, o capitão do time gostava muito de falar comigo, na verdade, a maioria dos jogadores pareciam gostar de mim e da minha personalidade expansiva, diziam que eu era divertida, eles praticamente me consideravam um *brother*.

Tudo ficou ainda melhor, ou pior, depende do ponto de vista, quando alguém do colégio cristão encontrou com alguém do meu colégio e contou o real motivo da minha expulsão. A notícia se

espalhou entre os adolescentes e chegou ao meu ouvido de uma forma maior do que era, todo mundo achou que eu era tipo a nova personagem de *Breaking Bad*, pois disseram que eu tinha um contato fortíssimo com alguma gangue e que era o canal para conseguir drogas.

A mascote do colégio, vulgo eu, causou uma grande impressão. Todo mundo me achou destemida e me procuravam porque queriam a amizade de alguém tão descolado como eu. O que era uma grande maluquice, eu não chegava perto de ser rebelde como achavam que eu era, mas pelo menos todo mundo sabia quem eu era sem precisar de nomes de terceiros para que eu fosse reconhecida.

— O que vão querer? — perguntei ao time. Eles estavam comemorando o fato de terem ganhado o último jogo na lanchonete dos meus pais.

— Você… — disse Hugo Garcia, o capitão do Cascade Champions — Você como a nossa mascote pra sempre está nos dando muita sorte — completou e o ar voltou aos meus pulmões. Tive um baita susto, Deus me livre de um cara como ele se apaixonar por mim. Nada contra a aparência física dele que era perfeita, tinha muitos músculos ali, mas eu não queria esse tipo de atenção.

Os outros garotos fizeram um barulho do tipo “*Uooou*” como se ele tivesse me cantado. Ignorei a vergonha que senti e anotei os pedidos. Chequei meu celular quando estava prestes a acabar o expediente e notei que era uma mensagem do Landon pedindo para que eu o encontrasse.

Dei uma desculpa para meu pai que eu tinha dever de casa para fazer urgentemente e consegui sair. Deixei a bicicleta cair no chão, pois encontrei o Davis sentado nos trilhos do trem.

— O que você está fazendo?! Está louco? — Corri para puxá-lo pelo braço.

— Calma, não vai passar nada pela próxima hora, eu só estou descansando.

— Descansa na sua cama — disse, pendendo a cabeça para o lado. Teimoso, ele não se levantou.

Soltei o ar pelas narinas irritada e cruzei os braços à sua frente.

— Odeio o fato que seu uniforme é dessa cor. É amarelo ou laranja? — Ele apertou os olhos como se fosse fazê-lo enxergar melhor.

— Amarelo — respondi, ele me desarmou com uma simples pergunta. Isso me fez pensar que uma borboleta monarca é amarela e laranja, apenas ao redor das duas asas eram pretas com pintinhas brancas e que, por conta das suas cores, Landon não a enxergaria como ela é, então, aos seus olhos, ela não é tão magnífica assim.

Sentei-me ao seu lado e o vi fazer a troca de bala de alcaçuz por cigarro.

— Sério? — Levantei uma sobrancelha.

— Me ajuda a lidar com a ansiedade.

Comecei a entender que o vício dele com as balas era para lidar com sua ansiedade e naquele momento ele a trocou por algo mais nocivo ou que dava na mesma, açúcar também era algo que podia matar.

Peguei o cigarro da mão dele.

— Ei, você não pode.

— Por que não? Se você pode, eu também posso.

— Não quero te influenciar, Callie. Você só tem quinze anos. — Ele tentou pegar o cigarro da minha mão. Estava ventando, eu fiquei com frio e percebi que o meu amigo estava de jaqueta nova.

— Corrigindo, vou fazer dezesseis semana que vem. Outra coisa, faço merda sozinha, não preciso que me influenciem. Anda, acende pra mim — apressei-o. Ele suspirou rendido e acendeu o cigarro. Na primeira tragada, eu tossi, mas depois fui mais devagar e tive aquela sensação um tanto mais feliz do que quando eu comia chocolate.

Nós ficamos em silêncio por um tempo, envolvidos naquela fumaça tóxica e viciante.

— Está com vergonha de mim? — perguntou o Davis de repente.

— Vergonha? Está maluco?! — O vento atingiu meu rosto e eu estremecei. — Por que eu teria vergonha de você? Acho que devia ser o contrário, eu que sou a desajustada — defendi-me. Todo mundo se mataria para ser amigo dele, para andar com ele, as garotas morriam de suspirar sempre que o bonitão passava no corredor e deixava seu perfume delicioso.

— Você quis se afastar no colégio e depois virou amiga do time de futebol inteiro, principalmente daquele cara, o Garcia — dizia enquanto olhava para frente, claramente chateado.

Caramba, ele estava com ciúmes.

— Não foi por mal. — Expirei pela boca e tomei o ar mais uma vez antes de me explicar. — Eu queria ser uma borboleta-monarca. — Ele levantou uma sobrancelha confuso. — Percebi esse tempo todo que eu era uma borboleta-de-vidro e estava tudo bem. — Lembrei-o que ele cochilou na aula de biologia e expliquei o significado antes de retomar. — Mas aí eu ouvi o filho do delegado dizendo que só se lembram da minha existência quando estou com você ou com a cabelo sedosos — expliquei quem era. — Me senti mal, eu queria ser lembrada por ser eu, entende?

Ele rolou o cigarro pelos dois dedos e respondeu:

— Entendi — Molhou os lábios. —, você não quer ser lembrada por estar comigo, mas tudo bem ser lembrada por estar com Hugo Garcia, é isso?

Porra.

— Não, não é, você não entende. — Balancei rápido a cabeça.

— É, eu não entendo. Você quer que eu seja o seu segredo, tudo bem — Levantou-se. —, ótimo, eu aceito. Mas depois você não vai poder reclamar.

— Landon, para, não é como você pensa. — Aproximei-me e segurei sua jaqueta escura. Seus olhos se abaixaram para meu rosto

e eu os vi profundamente exaustos. — Você está bem? — mudei de repente a conversa, porque, nestes últimos meses, eu foquei tanto na minha metamorfose que nem ao menos perguntei-o como estava dentro do seu casulo.

— A vida é uma merda. — Desmoronou no meu abraço, mas voltou à sua postura de durão minutos depois.

Estávamos no meio dos trilhos do trem em um tipo de discussão que nem teria fim.

— O que você anda fazendo? — perguntei, pois logo que virou de costas, eu pude ver o emblema na sua jaqueta, era um tipo de cobra gigante, devia ser um basilisco, e embaixo estava escrito "*Basilisks*".

Ele virou-se e respondeu:

— É um motoclube.

— Uma gangue? — questionei, pois sabia bem a fama que os *motoclubes* tinham, juntei tudo, as suas noites fora de casa, o fato que dormia quase em todas as aulas e sua mudança de comportamento.

Ele não negou e me contou sobre tudo que fazia detalhadamente.

Qualquer pessoa sensata pediria para que ele saísse disso, mas eu e a nova Callie *monarca* decidiu que queria ir em um desses encontros do motoclube com Landon Davis.

O barulho do trem se aproximando era como um sinal de que tudo ia dar errado, mas nós dois ignoramos. A adrenalina de afastarmos dos trilhos do trem pouco antes dele passar foi viciante. Landon puxou-me e me abraçou quando caímos no chão, enquanto o trem passava, nós rimos de alívio, dissipando a tensão.

— Um dia nós vamos embora e vamos deixar essa cidade pra trás — falei próxima ao seu nariz. — Nós vamos ganhar o mundo, eu não tenho dúvidas. Vamos espalhar nossas cores em todos os lugares, começando por Nova Iorque… — Escolhi essa cidade por conta da influência dos filmes.

— Ok, vamos pra Nova Iorque. — Seu nariz tocou minha bochecha, e suas mãos envolveram minha cintura.

— É uma promessa? — perguntei, sorrindo no seu rosto.

— É uma promessa.

Nós rolamos sobre a grama entre beijos. Por um momento, ele se esqueceu que estava chateado comigo. Achava que finalmente

tinha entendido o que Carl Sagan disse com a frase *“Somos como borboletas que voam por um dia e acham que é para sempre.”*

Esse momento que tivemos foi tão forte que eu achei que era pra sempre.

Para nós, a cidade que nascemos era pouco para tudo que imaginávamos viver. Nada acontecia na pequena cidade localizada no condado de Bedford.

Até que, de fato, algo aconteceu.

Bell Buckle era conhecida por suas antiguidades, colchas, artesanato, música country, comida caseira e hospitalidade sulista. Mas podemos adicionar mais uma coisa nesse currículo impecável, uma mancha, digamos, algo que deixou os moradores de cabelo em pé e respingou em todos nós, a cidade ganhou um dia no seu *checklist* um caso de assassinato.

E não, não era apenas um assassinato de um cidadão exemplar, era o assassinato do jovem prodígio do futebol americano, Hugo García.



AGORA

Ao beijar Landon Davis e fechar os meus olhos, eu conseguia enxergar todas as memórias vindo como *insights*. Por muito tempo eu toquei meus lábios com a ponta dos dedos, fechava os olhos e tentava imaginar como seria beijá-lo novamente.

Não era igual a antes, nem chegava perto de ser parecido, era mais forte, definitivamente mais forte, chegava a ser cruel o impacto que seus lábios causavam no meu coração. Eu podia sentir seu toque me atravessando e me revirando por dentro, eu podia sentir de novo aquele gosto doce de quem havia acabado de comer balas de alcaçuz mesmo que ele não tenha comido antes de me beijar.

O jeito que seus lábios se moveram e seu toque me preencheu era completamente novo. Senti na ponta da sua língua à procura da minha que ele também sentia esse “inesperado” em mim. Era como se fôssemos dois estranhos se beijando e ao mesmo tempo conhecidos.

Eu sabia que todos os meus sentimentos por ele estavam guardados no meu *coração de mentira*, porém o medo de ser atingida por esse *amor-dor*, como se eu estivesse presa naqueles trilhos do trem e prestes a ser acertada, me fez afastar.

Separei-me da sua boca e fui atingida pelo frio.

Foi só um beijo.

Foi só mais uma ruína e eu continuava desmoronando.

As mãos de Landon que estavam embaixo da minha camiseta tocando minha cintura se afastaram. Ele me olhou um pouco desconcertado, o pomo-de-adão movimentou-se e ele engoliu sua saliva, os lábios entreabriam e tomou o ar levemente para falar alguma coisa, mas quem disse fui eu:

— Isso foi um erro — a última palavra quase não saiu, pois o que pareceu um erro foi dizer essa frase.

A figura à minha frente me analisou por longos segundos antes de dizer alguma coisa. Lutei para não olhar para toda aquela forma, o *amontoado de átomos* que era o meu ponto fraco. Ele sorriu de canto como se estivesse rindo de uma piada interna e me respondeu:

— É, foi um erro — Passou rapidamente a mão pelo cabelo e a bateu na calça. —, desculpe — Fechou-se para mim, pois não quis

olhar em meu rosto quando eu procurei pelos seus olhos.

Tive raiva de mim por fazer isso. Tive raiva por ter saído do quarto apenas assentindo e aceitando sua desculpa, tive raiva porque eu não queria mais ser a garota que eu já fui. Imprudente, irresponsável, a pessoa que o machucou profundamente. Dizer que foi um erro era abrir a porta para que Landon Davis fugisse antes que estivesse de novo envolvido pelo universo maluco de Callie Heart.

Ele fugiu de mim antes e naquele momento eu não podia empurrá-lo de novo para o meu abismo.



— Então, o Mason te contou seus maiores medos pra te ajudar com os seus? — perguntei a Violet depois que ela me contou o que fizeram quando escaparam do Oz Tattoo.

— É, a gente nunca sabe o que as pessoas sentem ou passam. Ele parece tão despreocupado, né? Ele meio que odeia ler e odiava que na escola o fizessem ler em voz alta. — Violet havia me contado que o Hicks era disléxico. — Por isso, ele meio que tinha

medo de livros. Achava que tinha algum problema com ele, pois tinha que ler várias vezes a mesma coisa até compreender, até que recebeu seu diagnóstico. O Mason disse que não falava do seu medo para as pessoas, porque todo mundo acharia bobo.

— Todo mundo tem medos, só quem vive o medo entende.

— Sim, é isso, eu fico pensando, todo mundo sabe que eu tenho um problema. — Levantou o seu braço mecânico. — E eu sou privilegiada de ter um dos melhores braços mecânicos do mercado, porque meus pais tem dinheiro para isso. — Eu não reparava no fato de que ela usava uma prótese, porque era muito comum pra mim que sempre a olhava além do seu exterior, mas era verdade, a prótese da minha amiga era uma das mais novas do mercado.

No exterior, a prótese não imitava a pele humana e sim era toda preta e biônica, por isso era vista de longe, Violet conseguia fazer tudo, ou quase tudo com ela, e raramente eu a via sem sua prótese. Na infância, ela fez uma amputação transumeral, que ocorre entre a parte superior do braço, entre a articulação do ombro e o cotovelo.

— É verdade, todo mundo tem um problema e é horrível falar sobre, porque parece que te limita a isso — expressei meu

pensamento, porque me sentia dessa forma. Eu era mais do que a minha doença no coração, Violet era mais do que a garota que sofreu um acidente e perdeu um braço, Landon era mais do que alguém que tem daltonismo, e Mason também era mais do que uma pessoa disléxica.

Todos nós tínhamos um problema, éramos um “quarteto fantástico”, mas não nos limitávamos a isso.

— Todo mundo quer que eu fale sobre minha prótese, mas eu não quero. O meu braço não é um evento, é meu, sou eu. E, por isso, o Mason tem razão, eu sou limitada pelo meu medo…

— E qual é o seu medo? — indaguei. Estávamos no meu quarto, Violet sentada na cama e eu no chão, pois estava organizando meus desenhos.

Ela deu um longo suspiro audível, virei a cabeça para o lado para observá-la:

— Eu me acidentei porque soltei a mão dos meus pais. — Ela olhou para o vazio por longos segundos, como se a cena voltasse na sua cabeça. Eu sabia que ela havia sofrido um acidente, mas não sabia dos detalhes. — Eles me disseram pra não soltar, que eu não podia soltar… — sua voz embargou —, mas eu soltei porque queria

ser independente. Eu não consigo lembrar de tudo, foi um flash, sabe? Mas o carro passou em cima do meu braço e todo o resto você sabe…

— E, desde então, você tem medo de soltar a mão dos seus pais, não é? — Estendi o braço para segurar sua mão.

Violet confirmou em um aceno de cabeça e fechou os olhos no momento em que se embargou de lágrimas. Eu fiquei quieta e a abracei, porque sabia que ela queria chorar em silêncio. Tem coisas na vida que só nós mesmos conseguimos resolver e criar coragem é uma delas.

— O Mason vai ser a minha cobaia, vou tatuá-lo quando eu estiver pronta — disse ao nos separarmos. Eu voltei a ficar no chão em torno dos meus desenhos enquanto continuávamos a conversar.

— É sério? Ele deixou?

— Deixou. — Sorriu, secando as lágrimas com as costas da mão.

— Ele é um ótimo amigo — eu não citei que poderia haver algo romântico nisso, porque sabia que era chato enfiar romance no que é apenas amizade —, e você vai se tatuar também?

— Por enquanto não, tatuagem é importante — Ela se debruçou na cama. —, como você disse e, apesar de amar as abelhas, não é o que eu quero eternizar na minha pele.

— Eu sei…

— Você vai apagar a sua um dia?

— Jamais.

— Uau, você e o Landon ainda estão naquela coisa de não falar do passado?

— Aham — eu ficava monossílaba quando estava tensa com algo.

— Dormiu com ele?

— Não dormi e nem transei, não, não ainda. — Mordi os lábios ao dizer.

— Ainda?! Estão planejando então?

— Querida Violet, sexo bom não se planeja, acontece.

— Eu não entendo ainda — frisou —, mas espero mesmo que o Neal faça alguma coisa comigo.

— Ele sabe que você quer?

— Claro que sabe, só falta eu escrever em uma faixa “quero dar para o Neal” e estender em frente à casa dele.

— Não é uma má ideia.

— É claro que é.

— Ok, é. Mas não fique esperando pra sempre, abre sua mente, opções, muitas opções. E você sabe do que estou falando.

— E você vai abrir a sua? — alfinetou-me.

— Eu dou bons conselhos, mas não os sigo.

Nós rimos.

— Espera… esse é um desenho do elenco de Friends? — Ela me viu folheando os desenhos antigos que eu tinha comigo.

— É… — Fui pega. — Foi o Landon que fez pra mim, costumávamos ver a série juntos.

— Sua impostora! — Sentou-se na cama toda acusadora, balançando seu cabelo preso em rabo de cavalo. — Você amava Friends, certo? E passou a odiar porque era algo que vocês faziam juntos.

— Ok, detetive, você acertou — disse em um suspiro e guardei o desenho de novo na pasta.

— Esse tempo todo poderíamos falar gírias da série e você me negou isso, estou profundamente magoada. — Colocou a mão no peito em fingimento.

— Eu não menti, eu não gosto mais da série.

— Ninguém deixa de gostar de *Friends*, ou você nunca gostou ou você sempre irá amar. — Bufou para cima e levantou a franja com o ar.

— Você venceu, sou uma impostora, mas não vai me convencer a assistir a série com você. — Levantei do chão com a ajuda da mão desocupada, a outra eu peguei a pasta e joguei-a no fundo do armário. Eu estava procurando rascunhos antigos do meu quadrinho e achei alguns horríveis.

— Callie? — chamou-me.

— Hum?

— *I'll be there for you… Eu estarei lá por você* — citou a música de abertura da série.

— Eu também *estarei lá* por você, Jung Ji Eui. — Fechei o armário. Era bom dizer isso pra alguém de novo.

— Minha mãe vai viajar à trabalho, vamos fazer algo que ela não aprovaria?

— Claro, que tal darmos uma festa? — brinquei, mas, no final das contas, virou algo real, pois começamos a planejar tudo para a sexta-feira, só faltava a aprovação do anfitrião.



— Está fugindo de mim? — indagou o Davis após me encontrar fora do apartamento. Eu estava fingindo que coloquei o lixo pra fora pela terceira vez na noite. Como tivemos folga do pub dada pelo John, tínhamos a noite inteira livre para nos esbarrarmos e falarmos sobre o que aconteceu na noite anterior e logicamente eu não queria isso.

— O quê? Claro que não — fingi espanto.

— Você não é uma boa mentirosa como antes.

Soltei o ar pela boca.

— Uau, você não perde a oportunidade de me atingir — fui sensível.

— Desculpe. — Ele tinha a capacidade de pedir desculpas naturalmente, isso era louvável. — Você não queria? — perguntou

procurando no bolso algo que eu imaginava que era cigarro, mas errei, ele tirou suas famosas balas de alcaçuz e essa eram sabor morango, a que eu gostava.

— Caramba, eu não sabia que você ainda comia isso.

— Eu tinha parado, mas vi no mercado antes de voltar pra casa e comprei, quer? Espera — Puxou o pacote para si. —, antes, vai ter que responder minha pergunta.

Passei a língua pelos lábios que estavam secos e tomei coragem para responder, mas sem olhar em seus olhos e sim para as latas de lixo.

— Eu te quero tanto, mas você já sabe disso, então por que ainda pergunta? — Ele me olhou nos olhos por longos segundos. Eu ouvi sua declaração de amor no seu mais desesperador silêncio.

Quis dizer que sentia o mesmo, mas ele afastou o olhar e me entregou o pacote de alcaçuz. Aceitei, mas não comi, apenas guardei no bolso da minha calça de moletom.

— Porque você fugiu. — Parecia uma pergunta, mas era uma resposta.

— E você também fugiu antes. — Coloquei as mãos no bolso da blusa e olhei ora para o prédio próximo ao nosso, ora para o

chão. — Acho que vamos viver nesse esconde-esconde pra sempre.

— A culpa foi minha, fui eu quem te beijou — martirizou-se.

— E fui eu quem retribuiu — disse dura, não era momento para se culpar, a culpa não era a questão —, eu acho que não dá pra convivermos sob o mesmo teto e não fazer nada.

— Você vai embora? — Ele colocou a mão fechada em um punho perto dos lábios, o dedo indicador flexionado tremia de nervosismo.

— Você quer que eu vá? — Era o que eu devia fazer, mas queria ouvir dele que não.

— Não, mas é errado, não é? — Olhou para mim no momento em que eu devia levantar a cabeça e olhar para o prédio, mas fui capturada pelo oceano em seu rosto. — Você quase morreu, eu quase te matei.

— Fui eu, eu! — falei mais alto do que deveria — Landon, fui eu quem quase me matou, não você, pare de se culpar.

— Eu posso? — Seu queixo tremeu. — Não é algo que eu possa controlar.

Peguei sua mão antes que ele a mordesse.

— Eu sei que não vamos voltar a ser quem éramos, eu já aceitei isso. Mas fingir que você não existe de novo? Isso eu não posso fazer. — Apertei sua mão e olhando-o de frente, continuei: — Eu posso ir embora, posso mudar de emprego, mas não, eu ainda vou pensar em você como eu sempre pensei.

De novo ficou em silêncio e desta vez deu um pequeno sorriso, no canto dos lábios satisfeito porque ouviu o que queria ouvir.

Fiquei esperando por sua resposta que não veio através de sua fala, mas sim por uma ação. Landon me pegou no colo como se dissesse que não me deixaria ir e eu agarrei-me nele de frente e coloquei a cabeça em seu ombro. Aspirei seu cheiro doce, era o cheiro de bala de alcaçuz que me atingiu e ativou não só memórias, como um novo sentimento.

— Sinto falta da minha melhor amiga. Você lembra, não é? Nós nos entendíamos até por um movimento de sobrancelha.

Eu ri.

— Sim, eu lembro.

— Não posso te deixar ir…

— E eu não quero te perder de novo.

Eu estava me apaixonando mais uma vez por Landon Davis.

Nunca deixei de estar apaixonada. Mas, dessa vez, era ainda mais intenso, perturbador, desesperador e, ao mesmo tempo, era uma sensação extraordinária.



MARSHMALLOW

“Pois, como você sabe, tantas maluquices estavam acontecendo ultimamente que ela já começava a achar que muito poucas coisas eram realmente impossíveis.”
(Alice no País das Maravilhas,
Lewis Carroll)

ANTES

Tive uma folga do meu castigo até os dezoito anos, pois meus pais confiavam totalmente em Lily Brown, que iria fazer uma festa tipicamente sulista, ao ar ao livre na propriedade da família, com fogueira e merengue de marshmallow e chocolate. Eu pensei em não ir e terminar a leitura de *Alice no País das Maravilhas*, mas fui

convencida por Landon que achava que a festa era uma boa oportunidade para nos esgueirarmos e ficarmos sozinhos.

O que não foi bem o que rolou.

Fui engolida pelas pessoas que vinham conversar comigo, assim como o Davis que estava com o grupo de amigos deles. Como todo mundo imaginava que tínhamos rompido laços, ficou bem difícil nos deixarem sozinhos.

Confesso que era uma das melhores festas que eu frequentei ao ar livre nos últimos tempos. A fogueira alta, a trilha sonora country, muita comida e um ambiente bem espaçoso, tudo era perfeito. Por um momento, eu tive uma leve inveja, também confesso, porque no meu aniversário de dezesseis anos que foi três semanas antes, eu ganhei um bolo e um parabéns com apenas meus pais presentes, não me deixaram convidar ninguém e ainda estavam putos comigo por tudo que aprontei.

— Onde você vai passar as férias de inverno? — perguntou Garcia. Nós estávamos em volta da fogueira assando salsichas no espeto e ele puxou assunto comigo.

— Sem planos, vou trabalhar na lanchonete, minhas irmãs vão estar por aqui, então vamos tentar fazer alguma coisa de irmãs, sei

lá, assistir séries e comer besteiras, ouvir a Melissa reclamando do namorado e a Emily falando sobre astronomia. O que eu não reclamo, minha vida não é a coisa mais animada do mundo. — No mesmo instante que eu falava, olhava entre as chamas o Davis conversando com a Brown.

— Sério, *mascote*? Não é o que eu acho, a sua vida parece muito animada e se quiser um ânimo a mais — Ele se virou para mim. —, me chama. — Piscou um dos seus olhos castanhos e deu um sorriso bem safado? Eu achava. Todo sorriso de canto tem um ar de safadeza.

Jesus. Ele me paquerou? Sim? Não?

A salsicha dele despencou do palito e caiu na chama, o que me poupou do constrangimento de dizer algo em relação ao seu flerte. Enquanto ele foi pegar a outra, eu tirei a minha salsicha da chama e fiquei soprando-a com força.

Nossa que assunto divertido que certas pessoas estão tendo, não param de rir. Que. Legal.

— Que faculdade você pretende ir? — Hugo voltou com outra salsicha e mais assunto.

— Não sei, eu não pensei na faculdade em si, eu só sei que quero ser uma quadrinista em Nova Iorque — Ele olhava para minha boca. —, quero ser a mistura de Neil Gaiman e Dave McKean, serei autora e ilustradora dos meus quadrinhos — falei com convicção —, eu tenho rascunhos, nada grandioso, um dia eles serão.

— Não conheço nenhum deles, mas parece incrível.

— Quer conhecer? Posso te emprestar *Stardust,* Charles Vess que ilustrou — citei um romance de fantasia do autor que eu tinha em HQ — ou talvez você prefira algo como *Sandman*, não sei... — Tentei avaliá-lo olhando-o profundamente, talvez encontrasse seu estilo literário.

— Eu aceito esse *Stardust*, posso pegar na sua casa?

— Você quer ir na minha casa? — Mordi mais um pedaço de salsicha ao olhá-lo com descrença.

— Posso?

— Estou de castigo até meus dezoito anos, mas você pode tentar.

Nós rimos.

— Você é diferente, Callie, gosto disso. — Continuou com o sorriso.

— Você vai deixar sua salsicha cair de novo — mudei de assunto, reparando que seu palito estava torto.

— Ah... — ficou sem graça. — Posso te levar pra casa?

— Desculpa, meu pai vem me buscar.

— Pode pedir pra ele não fazer isso?

— Não posso, eu te disse, castigo e blá blá blá.

— Ok, quando você tiver dezoito anos, eu te dou uma carona, mas eu não vou desistir de pegar o seu HQ emprestado.

Eu ri do seu humor e nós conversamos sobre o que ele queria para o futuro que era planejado com base no esporte. Hugo era um bom jogador e possivelmente ganharia uma bolsa escolar, era o que seus pais esperavam. Era legal ter a sua amizade, mas eu percebia os sinais e sabia que para ele era além disso.

Mesmo que eu não fosse desesperadamente apaixonada pelo meu melhor amigo, não corresponderia, o Garcia era o tipo de garoto que queria desafios e eu era um desafio pra ele. Quando eu deixasse de ser, ele se cansaria fácil de mim. Eu lia romances, sabia das coisas.

Comi três cachorros quentes e fui comer mais do merengue de marshmallow e chocolate quando Landon se dignou a falar comigo:

— Está brava comigo? — perguntou, ajeitando sua jaqueta. Ele a ostentava em todos os lugares e muita gente já havia entendido que ele fazia parte de uma gangue, inclusive o pessoal do colégio que o venerava. As meninas que corriam atrás dele triplicaram, se é que tinha como, não tínhamos nem mil habitantes na cidade. Isso não era um empecilho, havia garotas de outras cidades que tinham um interesse no Landon, fiquei sabendo no jogo de futebol que no colégio rival ele era super comentado.

Todos queriam saber se ele tinha namorada, eu sabia que era eu, mesmo que não tivéssemos conversado sobre isso.

Trocamos farpas:

— Estava divertido conversar com a Lily Brown?

— Estava divertido conversar com o Hugo Garcia?

Saíram ciúmes do nosso ar pesado.

— Somos amigos — respondi.

— Digo o mesmo, Callie.

Coloquei um marshmallow na ponta de um galho e fui para a fogueira. Ele me seguiu e fez o mesmo que eu.

— Foi você quem quis isso, estou seguindo o que me pediu — disse ao meu lado.

Mordi o interior dos lábios.

Eu estava em crise, eu me achava bonita, achava que eu era interessante, gostava de mim mesma como eu era, mas sempre me perguntava se Landon não se cansaria de mim. Eu sempre fui intempestiva, irritante e muitas vezes vivia em torno do meu próprio umbigo, talvez em algum momento isso fosse demais para ele. Talvez o meu coração parasse de bater e ele teria que seguir em frente e eu estivesse sendo egoísta ao mantê-lo pra mim, quando ele podia estar com alguém que não guardasse um segredo destrutível.

— Você quer mesmo estar comigo? Por que tudo bem se não quiser, entende? Eu ainda vou ser sua amiga — falei de repente o que sentia.

A luz da fogueira nos iluminou. O estalo da chama me deu um pequeno susto, pois me lembrou que eu precisava virar o marshmallow para dourar do outro lado.

— Que pergunta é essa? — Ele virou o rosto e apertou os olhos tentando me entender. — Eu nunca tive dúvida, você tem? — perguntou rápido.

— Não, não — neguei rápido também.

Retirei o marshmallow da chama e o soprei. Landon deixou o dele cair na fogueira de propósito, virou-se para mim e disse:

— Acho que vou ter que comer o seu.

Aproximou-se, colocou as mãos na minha cintura e chamou a atenção de todos com o próximo gesto. Ele soprou meu marshmallow junto comigo e, quando o mordi, fez o mesmo. Não nos importamos com os olhos curiosos, não queríamos mais esconder, porque as borboletas nos nossos estômagos batiam forte no nosso peito e nos machucava esconder tudo o que sentíamos um pelo outro, tínhamos que libertá-las.

Nossos lábios se tocaram, o galho que segurava o confeito caiu e minhas mãos ficaram livres para segurar seu pescoço. Demos um beijão com um gosto muito doce. Assumimo-nos pra todo mundo. Vimos os nossos colegas em choque, principalmente os dois que eram motivos de ciúme.

Nós nos separamos apenas para sair dali. Como meu pai ainda ia me buscar, eu não podia ir embora com ele na sua moto, por isso fugimos de todos e entramos um pouco na floresta perto da fazenda, o local estava iluminado por conta da festa. Encostados na árvore, nós ultrapassamos alguns limites.

Landon me tocou embaixo da minha roupa e a paixão explodiu no meu peito. Meu coração batia tão fortemente que o volume alto da frequência cardíaca me deixou zonza. Tudo em mim palpitava, era surreal, era como abrir os olhos e ver a imensidão do cosmos.

Em êxtase, sentindo seu toque em meu seio eu sussurrei em sua orelha:

— Meu coração está com você, Landon Davis.

E ele respondeu algo que virou uma promessa:

— E eu nunca vou devolver.



AGORA

Ele me levou em seus braços até o andar de cima, depois me colocou no chão vagarosamente, como se não quisesse perder o meu calor tão cedo, como eu não queria perder o seu, *perdemos*. Eu era acostumada a perdas, nada era para sempre, nada era como o cosmos, ainda assim, não deixei de sentir o embargo na garganta

pela sensação sufocante de querer dizer algo, mas saber que não posso dizer.

— Não tem mais lixo para pôr pra fora, certo? — questionou sarcástico. Balancei a cabeça confirmando. — Quer assistir algo?

Levantei o meu olhar surpresa com o convite e aceitei. Era um grande avanço, porque nunca parávamos para assistir TV juntos, muito era por não termos tempos e também porque quase sempre mantínhamos uma distância segura.

Luzes apagadas com a iluminação apenas do televisor, dividir o sofá e o calor de um cobertor era algo extremamente perigoso para minha mente que já imaginava coisas sexuais, repreendi-me mentalmente enquanto escolhíamos um filme.

O fato que ele se sentou de pernas abertas com a calça de moletom um pouco abaixo da cintura mostrando que estava usando uma boxer com o cós cinza não me ajudou em nada. A perversidade estava na minha mente, será que habitava na dele também?

O filme foi… não sei explicar, assistíamos a um suspense e eu não prestei atenção suficiente para desvendar o mistério porque reparei em cada movimento do Davis. Resolvi testá-lo, para saber em que nível de intimidade estávamos, estendi as pernas em seu

colo e esperei pela sua reação. A minha companhia não olhou para mim, apenas colocou as mãos na minha perna e continuou a prestar atenção no desaparecimento do protagonista.

No meio do filme, eu me levantei para ir ao banheiro porque bebi muita Coca-Cola e, quando voltei, foi Landon que puxou meus pés para que eu os colocasse no seu colo. Entendi que só assistiríamos ao filme mesmo, ainda assim senti aquele tipo de felicidade genuína me preencher.

Discutimos sobre o final do filme ter sido ruim e depois cada um foi para o seu quarto. Eu quis convidá-lo para dormir comigo e eu queria mesmo apenas dormir, era tão bom dormir com ele, queria sentir de novo seu carinho em minhas costas, ter sua respiração na minha nuca e arfar querendo um pouco mais que apenas sua mão na minha cintura.

Eu menti, eu não ia querer só dormir.



Como o Davis não achou uma boa ideia fazer uma festa no andar debaixo de onde morávamos, porque era o Harris pub e

nenhum de nós éramos os donos e não queríamos abusar da bondade do John, Violet e eu tivemos que recorrer ao plano b que ainda não sabíamos qual era.

Ignoramos todas as nossas responsabilidades do trabalho e fomos tomar milkshake em uma lanchonete, enquanto decidíamos o que íamos aprontar.

— Podemos pedir para o Mason? Onde ele mora? — perguntei, antes de experimentar meu milkshake de morango.

— Fora de cogitação, ele falou uma vez que mora em um apartamento e que o síndico pega muito no pé dele.

— Neal?

— Eu quero dar essa festa pra chamar ele e não me convidar pra uma. — Ela estava de mau humor porque o cantor passou a última semana atolado de shows e não respondeu suas últimas mensagens.

Eu queria dizer pra ela desistir do vocalista, porém eu não podia. Se não fosse dar certo, ela precisava enxergar isso sozinha. A probabilidade de ela quebrar a cara era de noventa por cento no mínimo. Mas eu não diria nada, pois seguia no mesmo caminho.

— Quem nós conhecemos que tem uma casa à disposição? — coloquei a mão no queixo — Espera, você! — Apontei para ela que quase engasgou com seu milkshake vegano de banana e cacau. — O seu pai não estará na sua avó? E sua mãe está a milhas de distância, é perfeito.

Ela gesticulou com os dois braços negativamente ao mesmo tempo que tentava respirar após engolir o líquido pelo buraco do nariz.

— Ah não, eu não posso, nunca fiz uma festa clandestina, nunca na vida eu fiz algo do tipo. Não dá. E se meu pai aparecer?

— A sua avó não o deixa embora sem levar *kimchi* e, vamos lá, ela leva dois dias pra fazer. — Kimchi é uma conserva típica coreana feita com acelga, gengibre e pimenta. Eu sempre pegava um pouco pra mim quando ia na casa da Violet, era delicioso.

— É... — Ela levantou o olhar pensativa. — É — confirmou de novo. — É, pode ser uma boa ideia — finalmente concluiu seu pensamento.

— Ótimo, amanhã à noite, então, vamos chamar algumas pessoas.

— Dez pessoas no máximo.

— Vinte? — sugeri. — Dez fica parecendo uma festa de orgia.

— Meu Deus, é verdade! — Colocou a mão na boca em choque. — Ok, vinte pessoas no máximo.

Peguei meu celular e ela fez o mesmo, começamos pelos garotos que chamaram mais pessoas. Neal dessa vez dignou a responder à mensagem e ficou bem animado com a ideia da festa e decidiu chamar a banda toda para comparecer.

Passamos a tarde fazendo compras no mercado e depois fomos pra mansão Jung decidir qual seria o look da minha melhor amiga. Nós fomos muito inocentes ao imaginar que os convidados não sairiam do controle e chamariam mais gente do que o nosso estipulado, porque no dia seguinte quando estávamos ambas prontas para a festa, fomos atingidas pela enxurrada de pessoas que nem fazíamos ideia de quem eram.

Tudo começou com a chegada de Neal e a *The Pressure*, foram os primeiros a surgir com muita bebida. O vocalista reparou no vestido bem decotado da Violet que imitava uma abelha nas cores amarelo e preto, normalmente ela usava esse vestido com uma blusa de manga cumprida e preta, mas dessa vez ela decidiu deixar a pele à mostra.

— Gostei muito do vestido — disse o Meyer, usando sua típica frase no tom mais rouco possível. Minha amiga suspirou, então surtiu o efeito de sedução que ele queria.

Os quatro integrantes da banda foram até a cozinha preparar um ponche e eu fui atrás para ficar de olho neles. Enquanto isso, o cantor ficou paquerando a anfitriã com troca de olhares furtivos e uma conversa meio rasa sobre os últimos shows.

O meu papel na festa era de uma gerenciadora de crises, nós já havíamos guardados todos os enfeites que poderiam ser quebrados ou roubados, eu monitorava a cozinha e não deixava ninguém subir no andar de cima. Algumas pessoas que eram do grupo social dos garotos apareceram, como a intragável Reese e sua amiga Chloe. A minha vontade era de esganar o cabeludo loiro, tinha certeza que ele as chamou, porém agi normalmente e as recepcionei.

Chloe Ainsworth não era uma pessoa ruim, ao contrário da sua amiga, a única coisa que me incomodava era que ela foi direto no Landon assim que ele chegou acompanhado do sócio. Ela não tinha culpa, claro, se ele não a quisesse, deveria falar algo. A partir da chegada dos garotos, mais pessoas do mesmo círculo social surgiram, fora nossos colegas do curso de design. Não tínhamos

comida suficiente para o triplo de pessoas que não esperávamos, mas tínhamos bebida o suficiente que a *The Pressure* comprou.

— É aniversário de alguém? — O Hicks puxou assunto à medida que me ajudava a abrir os pacotes de salgadinho para colocar nos potes.

— Não. Os pais da Violet estão fora e pensamos em aprontar alguma coisa, sabe como é, mente vazia, oficina do diabo — brinquei. — Não que a gente esteja desocupada, estamos com trabalhos atrasadíssimos.

— Eu entendo, vocês estão na idade de se divertir.

— Ah, pare de bancar o velho, você não é muito mais velho do que nós.

— Tenho vinte e cinco com alma de quarenta. — Ele bateu os dedos na bancada, reparei na sua tatuagem de caveira no dedo anelar. — Nossa esse aqui é estranho, não está estragado? — comentou sobre os chips que eu joguei no pote.

— Não, é um Chips de Lemon Pepper orgânico e vegano, é bem bom, experimente. — Peguei um, mas ele se esquivou. — Pare de ser medroso, é bom! — insisti e o coloquei direto na sua boca, ele não teve escolha. Sua mão segurou a minha e ele puxou a batata

com os dentes enquanto me olhava significativamente, fui pega de surpresa, achava que ele também tinha sido, pois logo desviou o olhar.

— É horrível — deu seu veredito. — Eu não gosto de limão.

— Nem com tequila? — peguei a garrafa na bancada.

— Eu tomo pura.

— Uau, agora estou surpresa, você não é normal.

— Topa? — Pegou a garrafa da minha mão.

Aceitei, pegando o copo de dose. Nós tomamos umas três doses juntos antes de voltar pra festa e levar os salgadinhos que acabaram em minutos. Circulei pela galera e conversei com meus antigos colegas de curso que estavam muitos melhores que eu profissionalmente, era o que diziam. Eu não era o tipo de pessoa que contava sobre minhas conquistas para todo mundo, porque não eram todos que vibravam por elas, por isso não falei nada sobre o contato que tive da editora. Eles haviam me dado um prazo para pensar no enredo e definir o fator romântico entre a Rainbow e o Gray, fora a questão que eles achavam que meu título era um pouco previsível. O título do meu HQ era Rainbow, e qual o problema?

Depois de ouvir sobre o desenvolvimento da nova logo de uma grande farmacêutica, eu fui circular entre os músicos e ouvir um pouco sobre maconha, singles e guitarras. Em seguida, fui até a Violet que tinha acabado de me chamar com os olhos.

— O Neal perguntou se não pode subir comigo, o que eu faço?

— Simples, você quer subir com ele?

— Quero.

— Então, vai!

— Mas eu preciso de mais coragem antes. — Ela tomou um gole grande do ponche que tinha mais vodca do que xarope.

— Você quer estar bêbada ao perder a virgindade? — Tomei o copo dela.

— Não, mas quero ficar um pouco mais solta, entendeu? — Pegou o copo de volta — Leve, bem leve. — Sua mão tremia e sua voz saiu mais alta do que nunca, Violet sempre falava mais baixo por conta da timidez.

— Olha… — suspirei. — Se sente que não está pronta, não faça.

— Eu estou, sério, eu estou pronta — insistiu repetitiva, aproximando o rosto para que eu ouvisse, o barulho de conversas

paralelas era alto demais.

— Qualquer coisa você grita e eu te socorro. Espera, eu vou entender o que é grito e gemido?

— Eu chamo pelo seu nome se eu precisar. — Terminou de tomar sua bebida.

Engoli em seco porque sentia que alguma coisa ia dar muito errado. Observei onde o Davis estava e o vi conversando com o Mason, os dois usavam aquela jaqueta dos *Heartless* e de costas estavam bem parecidos, embora o cabelo do Landon fosse bem mais escuro, liso e cheio e ele fosse pelo menos uns dez centímetros mais alto que o amigo. Os dois se viraram na minha direção e sorriram, isso foi um atentado a minha perversidade, porque os dois eram bonitos pra caralho. Embora meu coração verdadeiro estivesse nas mãos de um só, eu não era cega.

Fiquei paradinha ao passo que minhas pernas deram uma leve tremida. Observei mais dois garotos com a mesma jaqueta aproximando deles e entendi que beleza era um pré-requisito para entrar nesse motoclube.

— Hey, Callie, o seu amigo pediu pra encontrar com ele daqui meia hora lá em cima — disse Chloe, de repente aparecendo atrás

de mim.

— Ah, ok, obrigada por avisar. — Ela saiu sem dizer mais nada. Olhei para o Landon, por que ele me mandaria recado através dela? Ele não era tímido, mas tudo bem, talvez seja pela quantidade de pessoas e o barulho que não deixava ninguém interagir direito.

Dei uma circulada pela casa para ver se tudo estava no devido lugar, separei uma briga, separei um casal que estava quase transando no corredor e conversei com todo mundo que me parava. Depois subi passando por cima da barreira de fita que deixamos na escada onde dizia claramente “não suba”.

Subi as escadas e fiquei parada no andar de cima esperando pelo meu encontro. Ele surgiu ajeitando a jaqueta no ombro e me olhou bem surpreso. Aproximou-se e disse:

— Você queria me ver? — Droga, achava que tinha havido uma confusão e o Hicks subiu no lugar do Davis.

— Na verdade, eu pensei que… — Eu não ia dizer que estava esperando pelo Landon, porque a Chloe não especificou, mas expliquei: — Achei que você tivesse me chamado. — Olhei para trás dos seus ombros e notei que Violet e Neal subiam as escadas, seria bem constrangedor esse encontro, por isso puxei o Mason pela

jaqueta e nós dois nos enfiamos em um cômodo que era um dos quartos de hóspedes.

— Isso é estranho. — Ele olhou para minha mão que formava um punho no seu peito.

— Desculpe. — Afastei-me coçando a cabeça.

— Então? — Ele gesticulou com a mão, apressado para saber o que eu queria.

— Eu não te chamei, foi a Chloe que fez alguma confusão.

— Entendi. — Apertou os lábios e ficou encostado na parede como se estivesse preso a ela. — Não vamos sair? — perguntou ao ver que eu continuava parada, atenta na risada barulhenta da Violet e os passos lentos do Neal.

— É que, a Violet subiu com o Neal e eu achei que ia ficar estranho.

— Por quê?

— Porque na minha imaginação você gosta dela. — Ele inclinou a cabeça para frente para prestar mais atenção no que eu dizia. — É isso. Não queria que você se magoasse.

Gesticulou negativamente e curvou os lábios. O seu sorriso acentuou as curvas que rodeavam sua boca.

— Você é tão boa em identificar sentimentos quanto é boa em pular muros.

— Ei! Isso é uma ofensa?

— Desculpe, mas, apesar de gostar muito da Violet, eu não estou apaixonado por ela.

— Sério? Sério mesmo? — Ele sempre tinha um olhar meio perdido, pupilas dilatadas e muito charme deslizando pelos lábios quando eu o via. Isso era sinal de alguém que gostava de alguém.

— Sério. E eu bebi muito, por isso vou descer antes que eu fale alguma merda. — Ele desgrudou da parede e se aproximou da porta. — E Callie?

— Hum?

— Seu cabelo está bonito hoje, mas fica ainda melhor com uma decoração, tipo casca de banana.

Grunhi em desaprovação e dei um tapinha no seu ombro, pois estava bem atrás dele para também sair do cômodo. Virou-se para mim de repente, sua respiração era muito densa. Eu encontrei seu olhar como nunca encontrei antes e vi seus olhos castanhos se dilatarem bem na minha frente. Aí eu entendi tudo e aí eu quis bater em mim mesma por ser tão idiota.

Foi estranho.

Tive uma sensação que daria meu coração a ele se estivesse comigo.

Abaixei a cabeça para desviar o olhar e ele voltou-se para a porta e a abriu. Mason saiu com as mãos no bolso e quando eu olhei para o corredor, vi Landon Davis vindo em nossa direção. Ele passou pelo amigo sem dizer nada e nem me deixou sair do quarto, apenas entrou.

Notei seus lábios rígidos de irritação. Ele me olhou tentando desvendar cada parte do meu rosto que pudesse contar alguma coisa, uma expressão, um detalhe, algo que me traísse e eu me traía com um olhar de canto vergonhoso.

— Não aconteceu nada… — dizia no mesmo momento em que ele trancava a porta. — Foi um mal entendido — expliquei tudo e ele continuou a me olhar em silêncio. Landon tirou a jaqueta e jogou-a em um canto, ficando apenas com a camiseta simples e branca. Seu estilo, apesar de ser ordinariamente o mesmo, me fazia suspirar toda vez que o olhava com detalhes. — Você não vai dizer nada? — indaguei preocupada depois de terminar minhas explicações.

Ele apertou os lábios e fez um barulho de estalar de língua.

— Um tatuador é um bom ouvinte e um bom contador de histórias. — Deu dois passos para frente e eu me encostei na parede. — Nós ficamos um longo tempo com o cliente e eu sempre estou ouvindo, nem sempre falando, mas absorvo tudo.

— Então? Não tem nada a dizer?

Ele se afastou rapidamente, mas eu ainda me senti encurralada.

— Não, quer um marshmallow? — perguntou, tirando o pacote do bolso da jaqueta que estava na cama.

— Quero? — Soou como uma pergunta, pois fiquei confusa com o que estava acontecendo.

Ele pegou um marshmallow e se aproximou de mim e em vez de me dar na mão, colocou-o na minha boca, mordi e ele também mordeu no momento que sua mão deslizou pela minha coxa, subiu a saia do meu vestido e foi parar na minha bunda.

Caralho.

Minha garganta secou e eu engoli o doce com dificuldade.

Ele lambeu o lábio.

Um sorriso escapou da sua boca no momento que sua mão foi parar na curva do meu pescoço. O jeito que me olhou era como se

estivesse prestes a me morder, como uma serpente olharia para sua presa. Achava que naquele momento eu realmente era.

Seu hálito atingiu meus lábios e me beijaram primeiro. Ele também bebeu tequila, mas com limão. Olhou-me duro, cheio de segredos, de palavras não ditas, era um olhar de muita coisa reprimida, mas ao mesmo tempo um olhar que entregava seus próximos passos.

O seu desejo, a sua fome de me tomar, seu toque que me preenchia e me esvaziava repetidas vezes, tudo me deixou em combustão. Minha pele estava tão quente que parecia que ia se rasgar pelo magnetismo da sua expressão. Ele tinha uma decisão para essa noite e acabou de me contar com uma confirmação ao apertar os olhos, *ele vai me foder.*

Minhas pupilas se dilataram, me inundaram e se afogaram dentro do oceano à minha frente. Seu maxilar forte contraiu mostrando que ele estava prestes a perder o controle. *E* perdeu. Sua boca cobriu a minha com vontade, aberta para que eu abrisse a minha e recebesse sua língua sedenta.

Beijou-me profundamente, meus órgãos se remexeram e suspiraram, me envolvi em sua boca como se nunca a tivesse

conhecido, chupei seus lábios, ele chupou os meus. E movimentamos em um beijo tão molhado, tão ritmado e muito, muito gostoso. Mesmo que eu estivesse quase engolindo sua boca, ainda me sentia faminta. Cacete, ele usava a língua de uma forma tão precisa que podia me fazer gozar com um beijo.

Arrepiei.

Seus quadris se movimentaram pressionando minha barriga, nossa diferença de altura em pé era um pouco difícil, mas nada impossível. A forma que ele me ergueu para que eu me prendesse em sua cintura, era tudo que precisávamos para igualar e me fazer gemer com a pressão que seu pau fazia no meio das minhas pernas.

Ele apertou minhas coxas chegando até a bunda, o vestido curto facilitou a nudez. Apertei os olhos sentindo o êxtase da pressão de seus toques me invadir. A pulsão no meu clitóris me deixou aflita por mais.

Recebi muito mais da sua boca, dos lábios puxando os meus. Minhas mãos foram parar no seu abdômen, passei a mão embaixo da sua camisa e mordi seu lábio inferior em provocação.

Com a ponta dos dedos, ele desceu a alça fina do meu vestido e me deixou com o vestido preso na cintura. Separou-se da minha

boca em um grunhido de tesão e apertou minhas coxas para que eu segurasse mais em seu quadril e me transportou para a cama. Ele se sentou na beirada e eu fiquei por cima. Rápido, me ajudou a tirar sua camisa. Eu me esfreguei ao sentir o seu pau rijo por baixo da calça jeans, estava tão duro, tinha certeza que ele não aguentaria muito tempo. A forma com que o tecido se friccionou na minha calcinha me deixou maluca.

Nesse instante, não importava mais o que tinha acontecido no passado, tudo que importava era a tensão sexual que precisava ser aliviada. *Agora*!

Beijei-o forte. Beijei-o como o quis beijar desde o momento que o revi. Meu estômago deu cambalhotas na barriga, senti-me nervosa, quase em pânico pela sensação avassaladora que sua mão espalmada nas minhas costas me fez sentir.

A adrenalina passou pela minha coluna.

Caralho.

Eu estava beijando Landon Davis.

O meu Landon Davis.

Talvez ele ainda guarde meu coração ao lado do dele.

Suas mãos continuaram no meu quadril, e sua boca desceu pelo meu queixo, depositando beijos molhados e deslizando até o pescoço. Os pelos da minha nuca se eriçaram e o bico dos meus seios enrijeceram. Ele reparou na excitação e deu o que eu precisava ao sugar o seio esquerdo com vontade, em uma fricção na língua tão forte que eu gemi duro. Eu precisava me silenciar e mordi levemente suas costas. Landon continuou e chupou o outro seio ainda mais firme.

A pulsação no meio das minhas pernas ficou ainda mais potente, ofeguei contra o pescoço da minha perdição. Beijei-o no pescoço, trouxe sua boca de volta para a minha, suguei sua língua, desci pelo maxilar, estava enlouquecendo, rebolei o quadril e também o fiz vulnerável.

— Porra, Callie… — grunhiu, deu um tapa na minha bunda e voltou a sugar meu seio. Sua língua deslizou retesada pelo meu mamilo e sua mão espalmou minha cintura, estava me deixando vermelha, era o que eu queria, pois acabei de arranhar suas costas.

— Landon, eu… — ofeguei, inclinando-me ainda mais na sua boca para que ele continuasse a chupar meus seios com toda sua lascívia. — Eu preciso do seu pau, agora!

Eu amava preliminares, mas o desejo latente de tê-lo dentro de mim logo estava me fazendo perder os sentidos.

— Não ouvi, pode repetir? — perguntou depois de deslizar a boca para cima e parar em frente à minha.

Eu ri em desespero.

— Não faça jogos comigo.

Ele chupou minha boca e disse com a voz rouca, segurando o meu queixo:

— Pode repetir o que você quer?

Contorci-me.

— Me fode, que inferno, eu disse pra você me foder — reclamei na direção da sua orelha.

Ele me fez mudar de posição, segurou-me em si e me fez cair na cama em seguida. Seu corpo ficou em cima do meu, sua mão enrolou meu cabelo e ele me fez uma pergunta bem perto do meu ouvido:

— Gosta do Mason?

— O quê? — Perdi as palavras com a pergunta inesperada.

Separou sua face da minha e todo seu corpo se afastou.

— Gosta do Mason? — repetiu a pergunta.

Apertei os olhos confusa, irritada, com ódio porque entendi o que ele acabou de fazer.

— Não… — respondi após um grunhido de irritação.

— Mentirosa — desaprovou com um sorriso irritado.

Sentei-me na cama assustada com tudo que aconteceu, enlouquecidamente frustrada, prestes a morrer de tesão. Ajeitei as alças do vestido para cobrir meus seios e tentei respirar com mais calma.

Ele pegou a camisa e a jaqueta, tentou ajeitar os cabelos com as mãos que eu mesma baguncei e caminhou até a porta.

— Para… — pedi quase sufocada, mas ele abriu a porta. Eu iria atrás, porém fui atingida pela furação Violet que passou pelo Landon.

Ela usava o vestido avesso e pânico estava impresso no rosto, parou na minha frente e exclamou:

— Eu preciso de você, agora!



ATÉ AS ESTRELAS QUEIMAREM

“Eu poderia lhes contar minhas aventuras... começando por hoje de manhã – Alice falou um pouco timidamente.
– Mesmo porque é inútil voltar a ontem,
já que eu era uma pessoa diferente da que sou agora.”
(Alice no País das Maravilhas,
Lewis Carroll)

ANTES

No dia dezenove de março do ano de dois mil e quinze, Zayn Malik anunciou que abandonaria a turnê *On The Road Again* do *One Direction.* Eu pensei que esse seria o pior dia da minha vida, mas estava enganada. Dias depois, em vinte e cinco de março, o grupo

emitiu um comunicado que anunciava a sua saída da banda. Também fiquei arrasada, porém esse ainda não foi o que eu chamo de *o-dia-em-que-eu-pensei-que-fosse-morrer*, porque esse dia chegou perto do aniversário de dezessete anos de Landon Davis.

Tudo começou depois da festa da Lily Brown, voltando pra casa, eu contei ao meu pai que estava namorando com nosso antigo vizinho e que não importava o que eles fizessem, não iam nos separar. Papai não gostou nadinha disso, muito menos minha mãe, mas não puderam fazer nada fora impor limites nos horários que eu chegava em casa.

O fim da amizade entre nossos pais ainda vigorava e era uma verdadeira luta sempre que o Landon ia na lanchonete para me ver. Nossos horários eram ruins, o dia todo na escola, depois trabalho e depois tentar ler alguma coisa para diminuir o tamanho do buraco que era a vida.

Depois do natal e ano novo, nós conseguimos um pouco de flexibilidade com meus pais que tiveram que aceitar o inevitável, nós nunca nos separaríamos. Quando eles decidiram que precisavam dar uma animada na vida de casados e focarem em si mesmos, digo sexualmente, eu tinha bons ouvidos, o Landon voltou a pular a janela do meu quarto durante a madrugada. Se tudo já era intenso, ficou

ainda melhor, eu tive meu primeiro orgasmo com a ajuda da língua dele.

Uma calmaria durou cerca de quase três meses, pensamos que poderíamos namorar como qualquer adolescente normal que vive pensando em uma coisa, sexo. Eu tinha dezesseis anos e pensei que era uma boa idade pra perder a virgindade. Seriamos conscientes, tínhamos camisinhas e planejávamos fazer isso na casa dele, porque era o lugar que teríamos privacidade, afinal, seu pai sempre estava fora de casa.

Nós matamos aula nesse dia, eu havia feito uma preparação prévia como depilação e tomei um banho bem demorado pela manhã, me sentia tão animada, radiante, meu peito enchia de alegria e amor sempre que respirava. Era uma sensação tão gostosa que me deu medo. A felicidade dava medo de sentir tristeza. Grandes alegrias, quedas gigantescas.

Não fantasiar como seria a nossa primeira vez fez com que ela fosse real. Nós conversamos antes sentados na sua cama, não fumamos para relaxar, apenas aliviamos a tensão com nossas vozes. Landon tentou colocar uma trilha sonora e nós perdemos um bom tempo fazendo isso, nossos gostos musicais não eram similares,

pelo menos eu não quis ouvir *One Direction* que ele odiava, porque eu estava magoada com a possibilidade de a banda dissolver.

Desistimos da música, eu tirei a minha blusa primeiro para o meu melhor amigo entender que o que importava era apenas nós, peguei sua mão e coloquei no meu seio. E definitivamente ele entendeu tudo porque se colocou no comando. Fechei os olhos e me deixei levar por toda aquela sensação inebriante, eu me senti embriagada sem tomar uma gota de álcool. Por estar tão relaxada, por estar com a pessoa que me entendia mais do que qualquer outra no mundo, por estar com Landon Davis, o garoto que a vida toda esteve comigo, nos piores e nos melhores momentos, por ver seus *olhos de oceano* antes que me pedisse permissão, a experiência foi incrível. Não digo incrível na ideia de que tudo foi perfeito, porque não foi. O coitado tremeu na hora de colocar o preservativo, ele mordeu os lábios de nervoso e tentou mostrar que era fodão, eu insisti que ele não precisava se preocupar, porque era eu, a pessoa que ele tinha mais confiança no mundo.

— *Love, Luvy*… — sussurrou no meu ouvido. — Eu amo você, Callie Heart.

— Eu te amo, Landon Davis — disse pela primeira vez o que eu já sabia há muito tempo. — O meu amor por você… — murmurei.

— É tudo que foi — continuou a frase se envolvendo no meio das minhas pernas.

— Tudo que é… — Senti sua pressão.

— E tudo que sempre será — concluiu ofegante.

Eu vi estrelas por um pequeno momento.

Ele se acalmou, eu me acalmei e a dor foi *algo ok.* Não senti dor-dor, não dor de verdade, foi um pouco desconfortável no começo, porque obviamente eu não estava acostumada com algo daquele tamanho e grossura dentro de mim. Landon tinha algo para se gabar e ele tinha orgulho disso. O que eu senti foi certeza, certeza do que fazíamos, e a sensação de que eu pertencia a mim. Todo o amor que eu sentia por ele, também era o amor que eu sentia por mim mesma.

Nós deitamos lado a lado, eu me cobri inteira, ele ficou sem roupa do meu lado e fumamos um cigarro. Eu sabia que não devíamos ficar viciados em nicotina, porém já estávamos. Depois ficamos abraçados um tempão, eu me senti sensível e apesar do carinho que fizemos um no outro, não transamos de novo. Mas fizemos algo que foi como uma jura de amor, promessas sobre o futuro.

Eu consegui imaginar nós dois viajando juntos de carro, passando por todo o Tennessee, tiraríamos muitas fotos, comeríamos em vários lugares diferentes, faríamos sexo no carro, ele dirigiria enquanto eu descansaria com os pés para cima, depois planejaríamos o que faríamos pra viver. Landon era bom em muita coisa, ele sempre dizia que queria ganhar dinheiro, mas com certeza sua profissão seria algo relacionado a arte, como eu. Os meus quadrinhos seriam descobertos por uma editora e eu seria muito feliz fazendo o que eu amo.

Tudo estava planejado e era perfeito.

— Você está bem? — perguntou diante do meu silêncio.

— Estou, estou! — confirmei mais uma vez indo direto para seus lábios. — E você está bem? — questionei de olhos abertos, ainda próxima a sua boca.

Em resposta, beijou meu queixo.

Levantamos da cama quando notamos que passamos do horário do colégio e que eu deveria estar na lanchonete há mais de uma hora. Nós nos beijamos todo caminho até a sala, eu o fiz prometer que pularia minha janela de madrugada. Encostamos o

nariz um no outro enquanto ríamos por absolutamente nada, ríamos por estar com uma alegria tão forte no peito que ela explodia.

Mas então, como diria Shakespeare, alegrias violentas têm fins violentos.

Bateram de forma violenta na porta e tudo que se sucedeu foi como um *flash*. Prenderam o Landon e eu entrei em pânico. Tentei respirar enquanto forçava-me a entender o que aconteceu, não consegui.

Pensei que iria morrer, que era o meu problema no coração. Eu buscava o ar, coloquei a mão na garganta, mas o ar não vinha. Meu Deus, foi horrível, desesperador e violento. Era como se minha respiração não fizesse a volta completa no peito. Mais tarde, eu fiquei sabendo que aquilo foi um ataque de pânico e foi a pior sensação que já tive na vida, era como se eu tivesse sido engolida por um buraco sem fim.

Mais tarde, eu também fiquei sabendo que o Landon foi preso por conta de uma denúncia anônima de que ele vendia drogas. Revistaram tudo na casa dele, obviamente não encontraram nada, mas aquilo foi o prelúdio para a merda que viria. Deixaram-no preso por conta de uma denúncia que conseguiram sobre as entregas que

ele fazia. Lewis ficou sem chão, Elena não ajudou em nada e acusou o marido de negligência, foi tudo um caos.

Eu me desesperei em lágrimas, porque tudo que eu queria era protegê-lo de tudo que estava acontecendo. Entretanto, meus pais não me deixaram nem o visitar. Ele ficou cinco dias na prisão, passou seu aniversário de dezessete anos lá, sendo pressionado por interrogatórios sem fim. Pediram uma fiança que seus pais não podiam pagar, eu fiquei louca com a possibilidade de ele ir a julgamento, eu pesquisei e descobri que a duração média de uma sentença por porte de drogas sob acusações estaduais era de cerca de vinte meses, ou um pouco menos de dois anos.

Ia fazer oito dias que o mantinham naquela merda de delegacia da cidade e finalmente consegui falar com ele por telefone. Era estranho, por que o mantinham? Não tinham provas. O delegado era como a lei em Bell Buckle, e ele havia decidido que iria manter o Landon.

Fiquei um longo tempo em silêncio enquanto ele me tranquilizava, afirmando que estava tudo bem, que logo sairia e que eu não deveria me preocupar.

— Você não teve mais aquilo, né? Você está bem? — Foi a primeira coisa que me perguntou quando eu liguei. Sua imagem sendo preso e eu em desespero ainda me causavam angústia.

— Estou bem, a questão aqui é você.

— Não se preocupe, fui eu que me meti nessa.

— É, mas não é justo. — Apertei os lábios e respirei fundo para dizer: — Eu te protejo e te protegeria de todas as coisas.

— Você vai fazer alguma coisa?

— Eu já fiz…

Há dois dias uma pessoa estranha apareceu na lanchonete, eu e minha mãe estávamos atendendo e eu que fui até a mesa dele. Reparei que sua jaqueta era igual a do Landon e imaginei que fosse o membro da tal gangue que se denominava "*Basilisks*". Perguntei-me o que ele fazia ali, porque a polícia estava à espreita, pegaram o Davis porque queriam descobrir alguma coisa sobre essa organização.

— O que vai querer? — fiz a pergunta costumeira.

— Café e torta de abóbora — pediu uma comida de café da manhã, na nossa lanchonete sempre servíamos esses pratos independente do horário.

— Mais alguma coisa? — Ele reparava em mim com uma curiosidade bem absurda.

Antes que eu levasse o pedido ao balcão, ele voltou a indagar:

— O seu nome é Callie, certo? E sua mãe é Rachel Heart, aquela mulher que está atendendo a mesa sete? — Minha mãe não tinha reparado que ele entrou, pois estava ocupada atendendo a nossa fiel e exigente cliente que fazia todas as refeições conosco.

— É, isso mesmo. — Tremi. Será que ele ia nos assaltar?

— Caralho… — Passou a mão pelo cabelo escuro — Sou o Wes, Wes Regenbogen.

— E? — fui ousada na pergunta. O que esse idiota queria?

— E acho que sou seu pai — disse sem rodeios. Dessa vez eu olhei em seus olhos e reconheci algo familiar neles. *Eu mesma.* Não fiquei em choque, mas sim irritada por saber que meu pai era o chefe filho da puta do Landon, eu lembrava dele ter falado algo sobre *"o Wes pediu isso, o Wes me mandou fazer aquilo."*

Demorei alguns segundos para dizer alguma coisa, mas eu disse:

— Parabéns — falei, guardando o caderninho no bolso do meu avental. — Não vou te dar um abraço.

Ele gargalhou alto, o que chamou a atenção da minha mãe e todo o resto foi gritaria:

— Eu te disse pra não aparecer aqui, o que falou pra minha filha? Se não for embora agora, eu vou chamar a polícia! — Minha mãe atropelou várias palavras, o que deu pra entender era que os dois se encontraram em algum momento que eu não sabia qual foi para falar sobre mim.

Wes saiu, mas deixou na mesa seu número.

Pensei muito se deveria ter contato com ele. Eu já tinha um pai, um pai normal que me amava muito e que faria tudo por mim. Não queria um pai líder de uma gangue de motoqueiros que fazia mil coisas ilegais e que de alguma forma era responsável pela prisão do meu melhor amigo. Porém, esse último pensamento me fez ligar pra ele, o que me traz a esse momento com Landon Davis ao telefone.

— O que você fez?

— Falei com uma pessoa, ele sabe como te tirar daí, vamos nos ver nesse fim de semana, você vai estar livre, Landon — falei com a voz embargada de emoção.

— Callie, não, o que você fez? Como quem falou? Você não tinha que se meter nisso, é perigoso!

— Eu te protejo — repeti.

— Sou eu quem deveria te proteger.

— Não. Uma coisa não anula a outra. Eu te protejo e vou te ver nesse final de semana — afirmei com convicção. — É até o fim, entendeu? Até as estrelas queimarem.

Acho que ele chorou do outro lado da linha, porque ficou muito quieto.

— Eu te amo, Callie Heart.

— Eu sempre soube, Landon Davis.



AGORA

— Calma, respira e me explica o que aconteceu — pedi. Minha melhor amiga estava em surto e nada do que ela me falou depois que eu a segui até o seu quarto foi entendível.

Ela fechou a porta e explicou desde o começo:

— Eu e o Neal fomos a fundo e antes que me pergunte, fizemos o que eu queria fazer. — Gesticulou exageradamente.

— Tudo? Tudo mesmo?

— Sim, nós dormimos juntos sem dormir. — Tentou arrumar os cabelos com a mão, a franja estava bem torta, a pegação foi pesada.

— Transaram — corrigi, ela não conseguia falar então não deveria ter feito sexo, porém estava tentando não ser grosseira nesse momento.

— Isso. Foi legal no começo, depois eu não senti nada — deu ênfase na entonação da última palavra —, porque foi muito rápido.

— Entendi, acontece, vocês estão em uma festa, meio bêbados, afobados, é normal que o sexo não seja tudo aquilo.

— Esse não é o problema.

— Está triste porque perdeu a virgindade?

— Não. Eu tô em pânico por outra coisa.

— E o que é então?

— A camisinha tá dentro de mim — falou pausadamente de forma dramática.

— O quê?

— Essa merda está presa na minha vagina! — Apontou embaixo do vestido.

— Meu Deus! Cadê o babaca do Neal? — Passei os olhos pelo cômodo, pensando que ele fosse sair do banheiro a qualquer momento e ouviria meus xingamentos.

— Eu o expulsei do quarto depois que percebi que o idiota não colocou a porcaria da camisinha direito, por isso essa merda prendeu. A minha vagina é uma planta carnívora eu acho, ela sugou essa coisa e agora eu nem sei como vou tirar.

— Quê? Tá chapada?

— Fumei, foi só um trago na maconha dele, coisa leve.

Eu comecei a rir de desespero.

— Não ri, a situação é caótica.

— Calma, respira e pensa. Você usa coletor menstrual, certo?

— Sim.

— E como você tira o copinho?

— Com o dedo, tipo uma pinça.

— É isso, faça a mesma coisa, vai no banheiro, se precisar olha no espelho e calmamente procure pela camisinha e tire igual você tiraria o copinho.

— Ok, eu vou. Sem pânico.

— Você já está em pânico.

— E se eu tiver que ir no hospital? — Colocou a mão na cabeça enquanto andava de um lado para o outro — Os colegas dos meus pais vão me ver! Callie, eu não posso! Isso é questão de vida ou morte.

— Vai pro banheiro, Jung Ji Eui, agora! — Tive que segurar o seu ombro para que parasse o surto. — Ou você quer que eu te ajude? — perguntei para deixá-la com vergonha e que resolvesse isso de uma vez por todas.

— Eu vou sozinha.

Ela ficou algum tempo no banheiro e eu fiquei perguntando se estava tudo bem. Depois voltou com o preservativo na mão.

— A planta carnívora expulsou o látex.

— Sério que você vai chamar sua vagina assim?

— Isso nunca aconteceu com o Neal antes, então, é, vou chamar ela assim. — Ela voltou ao banheiro, jogou fora o

preservativo e depois lavou demoradamente as mãos, pude ouvir o barulho da água caindo.

— O problema não é você, sabe disso, certo? — falei quando finalmente saiu do banheiro. Violet se debruçou em sua cama e eu fiquei ao seu lado digerindo o que me aconteceu no quarto de hóspedes. Apertei os dedos no meu polegar em sinal do meu nervosismo.

Landon Davis era um babaca.

— Eu sei, é que não era o que eu imaginava.

— Não é ruim como parece, não são só os caras que precisam saber como colocar um preservativo, vou te ensinar para nunca mais passar por isso. Mas, antes, precisamos resolver mais uma coisa.

— Ai que merda — Enfiou a cabeça no travesseiro. —, está todo mundo lá embaixo.

— Isso também é um problema, mas vamos resolver uma coisa de cada vez, e uma delas é que você precisa tomar uma pílula do dia seguinte.

— Ai, merda, merda, merda — praguejou, batendo a mão na cabeça.

— Primeiro, você quer tomar? — Tive que perguntar porque não era uma decisão minha.

— Claro que eu quero — falou rápido.

— Ok, vou dar um jeito. Você fica aqui, se recompõe e o resto deixa comigo. — Levantei-me e fiz o sinal de “ok” com a mão pra ela.

Desci correndo as escadas à procura de um certo indivíduo. Reparei que Neal Meyer havia ido embora e Mason Hicks também. O restante do pessoal estava bêbado ou chapado. Achei o Davis falando alguma coisa com um cara do seu clube e ouvi algo sobre estar de saída. Barrei-o no mesmo instante.

— Preciso que me ajude com algo.

Ele me olhou desconfiado achando que era algo sobre nós, mas assim que o levei para um canto, contei sobre o que eu precisava e expliquei que não era para mim. Depois que saiu, dei um jeito de expulsar um por um da festa, menos os integrantes da *The Pressure*, que fiz questão que me ajudassem a organizar a bagunça. Eles não conseguiram fugir de mim, eu era muito persuasiva.

Consegui que organizassem as latas e garrafas de bebida e levassem embora com eles. Ainda tinha muita coisa para arrumar, mas poderíamos fazer isso depois de gerenciar a maior crise.

— Obrigada — agradeci, pegando a sacola do Landon ao pará-lo na porta. — Pode ir embora.

O Davis fez um aceno com a mão, como se dissesse “sim, capitã”, só para me irritar. Sua mandíbula ficou tensa como sinal que estava puto comigo. Eu que não era de perdoar com frequência, estava mil vezes mais puta com ele. Vi-o ir embora com sua moto e apertei os olhos ao piscar, esquecendo rapidamente o gatilho que essa visão me trouxe.

— Você foi buscar? — perguntou Violet quando eu lhe entreguei a sacola. Ela estava na mesma posição que eu a deixei, sentada em pânico.

— Pedi pro Landon fazer isso por nós.

— E ele sabia comprar?

— Ah, sim, ele sabia.

— Devo me preocupar?

— Não, não fizemos sexo e nem vamos fazer.

— Oh, eu sou a Callie. Eu amo o Landon. Eu odeio o Landon. Eu amo o Landon. Eu odeio o Landon — imitou minha voz, afinando a sua.

— Está citando *Friends* para me irritar?

— Estou — desafiou, abrindo a caixa do remédio.

— Que feio, Ji Eui, que traiçoeira — acusei —, não faça isso, você precisa de mim agora.

— Preciso, desculpe, quis aliviar a tensão. — Fiz um barulho de desgosto e a observei tomar o remédio. — E agora?

— Vamos garantir que você não vomite e arrumar a bagunça.

— Tá muito feio lá embaixo?

— Você não faz ideia.

Comi sopa de tofu às cinco da manhã. Não estava bom, a Violet cozinhava mal, mas como eu estava com fome, era tudo que tínhamos à nossa disposição. Depois de virar a madrugada arrumando a casa e deixando tudo no lugar, nós comemos e deitamos exaustas em seu quarto.

— Devíamos ter feito diferente, uma festa de pijama só entre nós — comentou minha amiga, se cobrindo.

— Não poderia concordar mais, Ji — falei, virando de costas para dormir um pouco. — Você está bem? — perguntei ao ouvir sua respiração pesada.

— Eu estou e não era você que deveria me perguntar isso…

Neal filho da puta Meyer, eu vou te matar.

Virei-me e a abracei pelas costas.

— Vai ficar tudo bem, se te consola, eu perdi minha virgindade e o Landon foi preso no mesmo dia.

— Ai meu Deus, vai me contar tudo?

— Você quer saber?

Ela confirmou e eu contei a história até o momento que ele foi solto. Lembrar dessa época me fazia apertar os dedos de ansiedade, eu nunca pensei que a minha vida fosse mudar tanto e indiscutivelmente ela se transformou. O que me trazia de volta presente àquele momento, eu não era mais a mesma pessoa, mas uma coisa nunca mudou: eu sempre protegeria Landon Davis.



Fui pra casa depois do almoço focar no meu quadrinho. Coloquei a luva de *scetch* para desenhar no *ipad* e fiz a cena que eu havia escrito previamente. A possibilidade do romance entre a minha heroína e o vilão me deixou pilhada. Eu não queria que fosse

superficial, então pensei em introduzir aos poucos. Até a parte que fiz e entregaria para a publicação semanal, Rainbow não sabia que o Gray da universidade era o cara que roubava as cores das pessoas, para ela, ele era apenas o *bad boy* chato da universidade que derrubou seus livros no seu primeiro dia de caloura e, não, ele não a ajudou a pegá-los. E que, por destino, vulgo a autora que sou eu, ele se tornou seu parceiro nas aulas de *Artes e Design.*

Desenhei toda a cena deles discutindo sobre o conceito de heróis e vilões e pensei que talvez ali fosse o ponto de tensão sexual:

"Um herói não é nada sem o vilão, Rainbow." Desenhei seus olhos cinzentos arqueados para mostrar como ele se sentia superior em tudo que dizia.

"E um vilão é o que sem o herói, Gray?" Fiz um sorriso debochado nela e seus braços cruzados.

Os dois trocaram um olhar firme que durou mais de um quadrinho. Achei que não ficou bom o desenho e refiz pelo menos quatro vezes. Tomei muito café durante o processo e respondi várias mensagens no celular. Uma delas me surpreendeu, era do Mason Hicks e ele nunca ficava de conversa comigo.

“Está tudo bem? O Landon não veio trabalhar hoje, disse que foi visitar o John por conta da folga. Eu só queria me desculpar se passei dos limites com você.”

“Mas você não fez nada”.

“Podemos conversar? Mais tarde ou amanhã?’

“Amanhã, tenho trabalho hoje.”

“A Mel tá bem? Não respondeu minhas mensagens”.

“Crise com o Neal, ela vai aparecer, acredite.”

E ela apareceu em seguida com uma mensagem pra mim:

“O Neal pediu desculpas, vamos nos ver mais tarde.”

É, ela não estava bem. A síndrome de paixão platônica não foi curada, nem depois de ele ter desaparecido após transar com ela. Isso sem nenhuma desculpa, ele não foi preso. Babaca.

À noite, com o saldo de mãos cansadas, dor nas costas e um leve olho piscando porque exagerei na cafeína, decidi comer alguma coisa. Abri a geladeira, encontrei um pote de sorvete com sabor de abóbora, foi certa pessoa que comprou, mas só poderia ser pra mim, ele odiava abóbora.

Encostei na geladeira e enfiei a colher no sorvete com ódio ao me lembrar da noite anterior. Ouvi o barulho da chave na porta, mas nem me mexi, Landon Davis surgiu com uma expressão de fiz-algo-errado-e-não-sei-como-me-desculpar.

— Vai comer tudo sozinha? — perguntou-me ao me ver.

— Vou. — Ajeitei a minha blusa de tricô no ombro.

— A Elle me ligou, ela queria falar com você.

— Ah, eu amo a Elle — iluminei-me em um sorriso —, aconteceu alguma coisa?

De repente, o telefone dele tocou em uma videochamada e sua irmã surgiu radiante. Elle era igual ao Landon de aparência e partiu tantos corações quanto ele.

— Oi, Callie! — Acenou no momento em que ele passou o celular pra mim, seu corte de cabelo estava bem bonito, curto atrás e com uma franja grande na frente. — Quando o meu irmão idiota me contou que você estava aí, eu não me aguentei. Eu não acredito que a dupla dinâmica está de volta! — vibrou. — Vocês são tipo Yin e Yang, um não vive sem o outro. — Olhou-me firmemente com seus olhos azuis. Ela gostava dessa coisa holística, pois trabalhava

com medicina alternativa. Nesse momento, ela usava um colar difusor de cristal ametista.

— Elle, que saudade, como estão as coisas?

— Melhor impossível. — Mostrou o anel com uma grande pedra verde. — Eu e a minha linda noiva temos anéis iguais.

— Sério? Vai se casar com quem? É alguma namorada do passado?

— Você não a conhece ainda, depois de alguns relacionamentos fracassados e muita terapia, pois eu não tive a sorte de conhecer meu verdadeiro amor na infância — jogou a indireta —, eu fiz um retiro há alguns meses e a conheci. A Blake é incrível e traz o melhor de mim. Quero que a conheça no próximo mês, pois está convidada pro meu casamento. Você vem? Com o Landon?

— É claro que eu vou!

Nós conversamos um pouco mais antes de eu passar a ligação para o irmão dela que levou uma bronca da mesma, pois ela percebeu que um clima ruim nos rondava.

— Foram cinco anos, *Trouble* — Ela o chamava de problema. —, não vacila.

Saí da cozinha para dar um espaço a eles e voltei a comer meu sorvete de abóbora. Nem o sorvete me acalmou, eu era o tipo de pessoa vingativa que sempre agia com o lema olho por olho, dente por dente. Por isso, quando ouvi o barulho de chuveiro, eu soube o que fazer.

A porta estava apenas encostada, eu abri e me deparei com a seguinte visão, pois o bendito não fechou a cortina:

Vi a água caindo na cabeça do Landon e sua bunda para todo o deleite da minha visão. Eu ia resolver algumas coisas nesse momento, uma, descobriria se ele tem piercing no pênis e também, quase o mataria de tesão.

— Callie? — Virou-se assustado, a água deslizou pelos seus lábios entreabertos.

Baixei os meus olhos, a água caía no seu abdômen, era muito sexy, passei pelo caminho do pecado até encontrar definitivamente *o pecado*.

Não tinha um piercing ali, o que não foi uma decepção, porque eu gostava do pau dele de como eu me lembrava.

— Você deveria fechar a cortina. — Aproximei-me. — Vai inundar o banheiro.

— O que está fazendo?

— Nesse momento? Nada. — Coloquei uma perna dentro da banheira e depois a outra. Landon nunca teve o costume de ficar dentro da banheira, ele sempre ligava o chuveiro. — Se pergunte o que eu vou fazer daqui a pouco. — Entrei completamente de roupa. Bastou uma frase para que o pau dele respondesse ao primeiro estímulo que eu daria. Fechei a cortina e ele me olhou de novo como se nunca tivesse me visto.

Molhou os lábios tentando não sorrir.

— Eu sei que está brava comigo e, tá, eu fui idiota, mas…

Balancei a cabeça negativamente à medida em que continuava a olhá-lo com malícia. Eu teria que ter um autocontrole muito forte nesse momento, porque a água caindo no corpo dele nu e sua voz ressoando nos meus ouvidos me causavam arrepios da espinha até os pés.

Queria colocar a mão em cada músculo e fiz isso bem vagarosamente. Primeiro eu passei a mão pelo seu pescoço e molhei a manga da minha camisa, depois desci pelo seu peito até parar na barriga, tive que me aproximar mais para descer no ponto “V”. Molhei-me toda. Levantei a cabeça e encontrei o seu queixo, nós nos

olhamos em um embate que questionava se iríamos nos beijar ou não, ele tentou, eu não deixei, Landon entendeu o que eu estava fazendo e segurou a minha mão que quase encostou em seu pau.

— O que pretende?

— Deixa eu te mostrar.

Ele soltou sua mão da minha e eu a desci até encontrar seu membro completamente rijo.

— Vai bater uma pra mim?

Eu ri.

— Você vai implorar por isso — Coloquei a mão desocupada na sua bunda e, primeiro, deslizei a ponta dos dedos na base do seu pau, depois coloquei a mão inteira ao sentir o arfar da sua expectativa. Fiz um movimento de vai e vem, ora rápido, e depois mais lento para torturá-lo. Eu sabia como tocá-lo, foi ele que me ensinou a fazer isso.

Grunhiu.

— Eu sei o que tá fazendo.

Coloquei um pouco mais de pressão no meu toque.

O barulho que saiu da sua garganta foi mais audível.

Ele não tentou me beijar de novo, mas ficou o tempo todo me olhando nos olhos, nossas bocas a milímetros uma da outra.

— Está gostoso? Quer foder minha boca?

Apertou a mandíbula.

— Cacete… Você gosta de provocar…— Espalmou a mão na minha bunda depois que intensifiquei os movimentos lá embaixo. Reparei na veia que sobressaltou no seu pescoço que em breve ele gozaria e por isso eu soltei a mão.

— Não sou diferente de você. — Abri a cortina.

Landon fechou o chuveiro imediatamente.

— Que merda, você está sendo infantil. — Balançou a cabeça.

Saí do box com as roupas pingando e roubei sua toalha.

— De novo, não diferente de você. — Ele colocou a mão em um punho na boca e a mordeu. — Termina sozinho, bonitão e limpa toda essa água depois.

Saí do banheiro satisfeita com a minha vingança e ainda mais frustrada sexualmente. O que Landon queria ao me questionar sobre o Mason era uma confirmação que eu jamais me apaixonaria por outra pessoa. Senti lágrimas nos olhos em frente ao espelho depois

de trocar de roupa. O que me doía era que eu e o Landon éramos o que sua irmã disse, um não existia sem o outro.

Eu sabia que sentimentos eram mutáveis, e tinha muitas coisas que nos colocaram para baixo, dentro de um buraco profundo que nos fez nos perder, mas uma coisa nunca iria mudar, eu amaria Landon Davis até as estrelas queimarem.



BASILISCO

“Fuja enquanto ainda tem ar nos seus pulmões,
sangue nas veias e vida no seu coração.
Fuja enquanto ainda é dona de sua mente e de sua alma.”
(Coraline, Neil Gaiman)

ANTES

Ele apertou os olhos ao ser exposto no sol, colocou a mão na cabeça para se proteger da claridade, tentou mexer nos cabelos porque estavam uma bagunça e depois, finalmente, olhou pra frente. Por um momento, eu quis estar por trás dos seus olhos e enxergar exatamente o que ele via. Landon viu eu e seu pai, um ao lado do

outro, os dois quase chorando, as lágrimas embargavam minha garganta.

Corri, não consegui ficar parada, pulei em seu colo e o abracei e beijei em cada detalhe do seu rosto. A sua ausência quase acabou com minha sanidade, quando ele piscou seus olhos próximo à minha orelha e engoliu a emoção que estava sentindo, eu me senti voltando ao meu estado normal. Seu calor preencheu o frio que eu senti durante sua ausência, nesse momento eu prometi a mim mesma que não o deixaria, nunca, jamais, porque a dor de perdê-lo eu nunca mais queria sentir em toda a minha vida.

Lewis se aproximou, eu dei espaço para que abraçasse seu filho e depois nós três nos abraçamos. Não teve acordo com meus pais sobre a decisão de estar lá ou não, eu apenas comuniquei. Eles podiam me proibir de fazer qualquer coisa, menos me proibir de estar perto *dele*.

Tivemos um tempo para conversarmos a sós perto dos trilhos do trem. Se eu pudesse voltar no tempo, eu não seria imprudente. Não teria feito o que fiz, porque minha ação de tirar Landon Davis da cadeia fez com que uma das minhas maiores culpas existisse.

— Tudo vai ser diferente agora — disse o Landon, olhando para a imensidão de árvores à nossa frente. — Vou sair da gangue, arrumar outro emprego, ajudar o meu pai, sei lá, fazer qualquer coisa que não me meta em encrencas de novo.

Respirei fundo, coloquei um pé perto dos trilhos, ajeitei as mãos no meu bolso e virei o rosto em sua direção:

— Sinto muito, mas nós não podemos — falei pausadamente, repudiando minhas palavras. — Temos uma dívida com o Wes.

— O quê? — Fez uma careta desacreditando no que eu dizia. — O que você fez?!

— Sua liberdade em troca da minha? — Eu não tinha certeza ainda do que eu havia feito e como o meu "*contrato*" com aquele cara iria funcionar.

— Callie, você… — Landon não conseguiu terminar, porque seu pai nos gritou, parecia desesperado. Nós corremos até a casa e vimos uma notícia que me fez afundar de novo *naquele buraco*.

— Hugo Garcia foi encontrado morto essa manhã — recebemos a notícia do Lewis.

Engoli fortemente a saliva e tentei lembrar por onde se respirava. Era culpa minha, eu tinha plena noção disso. Abri a boca

para a pessoa mais perigosa que já conheci, ele sabia atacar no silêncio.

Tudo aconteceu dois dias depois que prenderam o Davis. Eu estava mal, não consegui ir à escola e o Hugo apareceu em casa para finalmente pegar o exemplar de *Stardust* e me levar o dever de casa. Meus pais deixaram que ele entrasse em casa, subisse as escadas e ficasse no meu quarto, não deram escândalo, nem nada, minha mãe parecia até feliz, porque era ele, Hugo Garcia, o capitão do time do colégio, tinha ótimas notas, pais muito dedicados, era a figura perfeita comparado a alguém que estava preso.

— Ei, sinto muito pelo que aconteceu com seu namorado — disse, folheando o meu livro. Não foi convidado a se sentar comigo na minha cama, mas se sentou.

— Ele vai sair em breve, ninguém tem provas.

— Qual é, Callie, todo mundo sabe o que ele faz.

— Não importa. Não pegaram ele em flagrante, o Landon vai sair.

— E depois? Vai voltar a ficar com ele? Você sabe que ele não é pra você. Ele mora naquela espelunca de casa perto dos trilhos do trem, o pai é falido e a mãe está dando para o pai da Lily Brown.

— O quê?! — Levantei-me imediatamente. — Que merda você tá falando?

— A verdade. — Ele também se levantou e deixou o livro na minha cama.

— Não, não é verdade. E mesmo que seja, você não sabe nada sobre os Davis. — Cruzei os braços em fúria.

— Eu sei que é melhor fugir enquanto é tempo. O Landon não vai sair tão cedo, deve ir pra algum reformatório. E quando ele sair, você já vai ter se esquecido dele. Eu posso garantir que esqueça. — Deu dois passos para frente e colocou a mão no meu rosto. — Ele é perigoso, como não enxerga isso?

Coloquei a mão em cima da dele e a retirei da minha face. Apertei sua mão firmemente mostrando a ele que não havia nenhuma fragilidade em mim, como ele achava que tinha.

— Será que só ele é perigoso?

Hugo soltou sua mão e me olhou com malícia:

— Gosto disso.

— Do quê? Tá querendo um soco na cara também?

Ele riu.

— Gosto de você, desse seu jeito. E queria um pouco mais de você. Eu vou esperar que mude de ideia, não tenho pressa. — Colocou a mão no bolso do seu moletom dos *Champions* e virou-se para ir embora.

— Foi você que denunciou o Landon? — perguntei de repente e ele virou o rosto para responder.

— Eu deveria. — Piscou. — Se precisar de mim, me liga.

Não entendi o que ele quis dizer, se sim ou não, mas eu tomei sua resposta com um sim. Então, quando o Wes perguntou se eu sabia quem denunciou um membro da gangue, eu disse que achava que era o Hugo Garcia. Foi apenas uma suposição dita em um momento de desespero e fim.

Foi o fim de alguém.



Não ligaram o Landon ao assassinato, porque ele estava preso quando ocorreu. Eu fiquei presa no meu quarto tentando entender o que aconteceu, mas tive medo. Medo de confrontar o Wes e

descobrir que o meu “verdadeiro” pai matou um garoto de dezesseis anos inocente. Não importava se ele tinha denunciado o Davis ou não, ele não merecia ter levado o fim que teve.

A morte do Hugo foi bem na praça da cidade. Ele acordava muito cedo para sua corrida matinal e nem viu quem o acertou, foi silencioso. Foi um choque. Não tivemos aula por uma semana, ninguém queria sair de casa, os moradores estavam petrificados. Ninguém conseguia entender a motivação do crime, todos amavam o Garcia. Eu não consegui nem olhar para os pais dele na missa do seu enterro. Fui um monstro, a culpa era minha. Na missa em homenagem a ele, eu fugi. Peguei um maço de cigarro e fui embora.

Topei com a antiga mascote no caminho que estava acompanhado do seu pai, o delegado da cidade. Tive que fingir que estava apenas dando uma volta para espairecer, enquanto o ouvia falar sobre a tragédia. O delegado nos deixou a sós e eu fingi que escutava, louca para ir embora, até que algo me fez realmente escutar:

— Essa cidade não é mais a mesma, eu pensei que denunciando o Landon Davis, as coisas iriam voltar ao normal. Afinal, um dia também serei como meu pai.

— Espera, você fez o quê?!

— Desculpe por denunciar o seu namorado, mas ele é um delinquente.

Eu soquei o nariz dele e fui ao encontro de certo alguém.

— Me diz que não foi você… — pedi ao Wes quando o encontrei. Eu mal conseguia respirar, eu queria ouvir que não, ainda que fosse uma mentira.

— Eu? Não. Não sujo minhas mãos. Mas aqui nós protegemos os nossos. Espero que entenda isso, filha, agora que faz parte dos *Basilisks*. — Ele sorriu.

No colégio cristão, a gente sempre ouvia muitos sermões. Um dia, eu ouvi algo que me deixou bem atenta. Muitas pessoas poderiam relacionar ao uso de bebidas alcoólicas, mas eu poderia dar minha própria moral da história para essa frase de provérbios:

"*Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoa suavemente. Pois ao final te morderá como a cobra e picará como o basilisco.*"

Não beba, era a moral daquele sermão.

O riso do meu pai era o vinho, resplandeceu em seu rosto e escoou suavemente em uma expressão diabólica. Silencioso, ele

tinha aquele tipo de olhar que te circuncida, te engana e você nem fica sabendo o que ou quem te atacou.

Na mitologia grega, o basilisco é um lendário réptil com fama de ser uma serpente rei, que pode causar morte com um único olhar. O último olhar que dei para o Garcia foi ruim. Eu desejei mal a ele. Não era o meu pai o basilisco, era eu.



AGORA

Achei que estivesse pronta para adentrar no mundo fantástico da Missy, mas eu não estava. Eu deveria ter inventado alguma coisa, dizer que fiquei doente e não comparecer àquele desastroso jantar de sábado à noite. Tudo começou quando eu tive a péssima ideia de convidar o Landon para vir comigo sabendo que ele e minha irmã não se davam muito bem.

Sempre achei que cometi um erro ao aceitar que meu médico fosse o irmão do Alex, porém ele era um dos melhores do ramo e

era divertido em todas as consultas. Naquele momento, que todos nós estávamos reunidos em uma mesa gigante com todos os membros em silêncio depois que Melissa perguntou o que o Davis estava fazendo comigo, eu percebi que não se deveria misturar as coisas.

— Não vamos brigar, é pra ser uma noite agradável — disse o meu médico, Jacob Clark.

— Eu concordo, quem mais quer vinho? — perguntou a esposa dele.

— Eu, por favor, e enche o copo — respondi, observando minha irmã repudiando o fato de que eu ia beber mais.

— Então, Landon, você é tatuador agora? — indagou o Alex. O meu problema com o marido da minha irmã era que ele sempre se achava o melhor em tudo. Ele sempre falava de trabalho, para falar sobre o trabalho dele e contar como ele era renomado e qual prêmio ganhou dessa vez.

— Sim, abri o estúdio com meu sócio há dois anos e também gerencio um bar.

— Uau, você cresceu, a gente achava que você acabaria morto ou preso de novo — disse o *famoso doutor.* É nesse ponto que eu

queria chegar, por isso o Alex é tão insuportável.

— Obrigado, fico feliz por não esperarem muito de mim, qualquer coisa que eu fizer parece louvável. — Landon riu.

— E o que aconteceu com o Asher? Ele parecia ótimo — comentou Melissa. Provavelmente Emily contou a ela sobre ele, pois eu nunca lhe confidenciava nada. Encarei o meu prato e pensei que poderia comer em paz, mas não era isso que queriam e sim fazer um interrogatório sobre a dupla dinâmica que fez muita merda no passado.

— Ele fugiu — respondi.

— Oh, o que você fez?

Tomei um grande gole de vinho antes de responder.

— Nada, só fui eu mesma.

— Está explicado. — O que explica também o porquê de eu não falar frequentemente com a gêmea do mal.

— Fiquei sabendo que vocês querem engravidar — toquei no assunto que os feria. Eu era assim, se me machucavam, eu revidava.

— Você é impossível! — Melissa se levantou da mesa de jantar e seu marido foi atrás. Eu sabia que era um assunto difícil, mas não um completo tabu.

— Alguém quer pão? — disse a senhora Clark para aliviar a tensão. Eu aceitei e comi uns três.

Antes da sobremesa, eu fui atrás da minha irmã, não pra pedir desculpas, mas para tentar pelo menos melhorar o clima ruim que ficou. Encontrei-a do lado de fora da casa, perto da piscina. O Alex havia ido ajudar o irmão com a sobremesa, por isso ela ficou sozinha.

— Por que se casou com ele, Missy? — questionei algo que poderia virar em escândalo.

— Porque era a melhor escolha. — Ela se virou em minha direção para responder. Segurava uma taça de vinho e eu pensei que a jogaria na minha cara a qualquer momento.

— Por que ele é rico? — deduzi. — Nada me faz entender porque você deixou o Matias pra se casar com o Alex. — Minha irmã teve um lance com um cara entre suas idas e vindas com o médico. Ele era legal, a amava muito, mas era um simples garçom. Perto do que ela queria para sua vida, ele não estava à altura, de acordo com a Missy.

— Eu ia ter uma vida de merda ao lado dele. Eu não insisto em um erro igual você, Cal. É simples assim.

— Ok, eu entendo que está com raiva porque eu trouxe o Landon, mas ele não é nenhum vilão. Tudo que eu fiz foi escolha minha.

— Eu sei, você é igual ao seu pai — referiu-se àquele cara.

Merda. Apertei as mãos. Eu não queria explodir e não iria.

— Você sabe ser bem desprezível.

— Eu tive que cuidar da mamãe e do papai depois que você foi embora. Você e suas maluquices, as merdas que você fez com seu amiguinho, tudo isso deixou eles arruinados. A mamãe quase teve uma overdose de remédios mês passado, mas eu a levei no hospital a tempo, sabia disso? — perguntou e tomou um gole do vinho que parecia bem amargo igual sua expressão.

— Está insinuando que a culpa é minha? A mamãe é hipocondríaca desde que eu nasci. — Inspirei fundo em uma tentativa de não explodir.

— Não. Só que piorou depois de tudo. — Apertou os lábios tentando se reprimir, mas não conseguiu. — Você pode ficar com o Landon de novo e fingir que está tudo bem, mas olha pra trás um pouco e pensa em todo mundo que vocês machucaram. Inclusive aquele cara, Hugo Gonzales? — tentou se lembrar, porém errou o

sobrenome. Foi um erro eu ter contado a ela que a culpa era minha. — Olha o que a sua imprudência fez, pensa em quem ele seria agora e esquece o Davis de uma vez por todas.

Ela me calou. Eu poderia retrucar, mas eu não retruquei, porque isso ainda me machucava muito. O jeito que jogou sal na minha ferida e apertou o dedo nela para adentrar ainda mais na minha dor me deixou em silêncio o resto da noite que foi mais curta do que o esperado. Antes de ir embora, eu decidi falar algo para a Missy e escorrer o veneno que me corroía:

— Eu posso ser culpada por muita coisa, mas eu não tenho culpa porque nossa mãe não sabia lidar com os próprios problemas, não sou culpada pela má alimentação do nosso pai e muito menos tenho culpa pelo seu marido não querer ter filhos. E, ah, antes que eu me esqueça, eu não tenho culpa porque hoje você é infeliz. Foram suas escolhas, suas — enfatizei, sussurrando perto da sua orelha.

Dessa vez fui eu quem a calei.

Agradeci aos Clarks pelo jantar e fui embora com meu garoto problema. Na volta, em seu carro, eu abri o porta-luvas à procura de algo para me acalmar. Encontrei os cigarros e uma foto.

— Você não havia parado de fumar? — questionou, olhando para estrada.

— Sim, mas eu estou uma pilha de nervos e… — parei de falar ao reparar na foto, éramos nós, ainda crianças, em nossas bicicletas, devíamos ter dez ou onze anos. — Você guardou isso? — Ele olhou por um instante.

— Eu fiquei bonito na foto.

— Idiota. — Eu ri. Guardei a foto e coloquei um cigarro na boca. — Cadê o isqueiro?

— Não tá comigo. — Não acreditei e coloquei a mão no bolso da frente da sua calça, ele guardava o isqueiro ali normalmente. — Eu disse que não tá comigo, planejei não fumar essa noite.

— Por quê? A Missy já te odeia, não precisa tentar impressioná-la.

— Pensei que as coisas teriam mudado.

— Tem pessoas que nunca mudam.

— Vamos mudar de assunto, me conta sobre sua história, vai enviar na segunda? — Outro motivo dos meus nervos estarem à flor da pele.

— Preciso, tenho que melhorar o cenário, nunca fui boa em desenhar objetos.

— E como sua heroína virou uma heroína? — Eu contei brevemente a ele sobre a *Rainbow* mais cedo enquanto vínhamos para Nova Jersey e isso despertou sua curiosidade.

Eu dei uma risada idiota ao dizer:

— Foi por acaso, estilo homem aranha.

— Uma picada por um animal colorido?

— Nada disso, ela encontrou, por acaso, o fim do arco-íris. E sabe o que tinha nele?

— Um pote de ouro?

— Não, ela viu todas as cores na frente dos seus olhos. Isso mudou para sempre como ela vê o mundo. Pode parecer meio bobo, mas essa história me tirou do fundo do poço.

— Eu não achei bobo, Callie. — Mesmo sem tirar os olhos da estrada, ele me confortou ao segurar a minha mão. — Eu achei incrível.

Nós entramos no apartamento e não acendemos as luzes. Eu senti as mãos do Landon na minha cintura. Na ida e na volta nós tivemos uma terrível tensão sexual que estava me deixando prestes a subir pelas paredes. E eu literalmente subi quando ele me pressionou na parede e me fez segurar em seus ombros. Tirei os pés do chão com seu aperto forte no meu quadril.

Não me recuperei da última vez que quase transamos e nem queria, precisava de mais marcas. Sua respiração forte entrou em um embate com a minha. Seu nariz tocou minha bochecha e eu esperei seu próximo passo que veio com uma pergunta:

— Tem certeza? Não tem volta.

Eu o beijei porque precisava beijá-lo antes de dizer que eu não tinha mais certeza. Depois do que a minha irmã me disse, eu me sentia a pior pessoa do mundo. Eu não me culpava com frequência, era complacente comigo mesma. Mas naquele momento eu podia sentir os dentes do basilisco tocando minha carne, prestes a entrar e me revirar, a fazer com que eu queira fugir, correr daquele rastro de sangue.

Pisquei.

Vi o mostro.

Apertei os olhos e lutei.

O beijo do Landon quase me deixou zonza.

— Eu… me dá, me dá um tempo — pedi ao sentir sua boca perto da minha garganta. Se ele descesse mais um pouco, eu estaria arruinada.

Ele acendeu as luzes. Vi seus olhos confusos, nossa indecisão estava nos matando aos poucos. Eu não queria ser assim, nunca fui de ter dúvidas e muito menos estava em dúvidas nesse momento, o problema era o monstro na minha cabeça chamada culpa.

Fugi. Peguei o cigarro, o isqueiro e saí pra fumar sozinha.

Odiei fumar de novo e nem me acalmei com a nicotina como achava que iria. A única coisa que aconteceu foi que aquela fumaça me levou de volta ao passado. Eu vi o Wes saindo dela e dizendo *“Nós somos iguais.”*

Eu sempre fui muito forte, porque era tudo que eu podia ser. Porém, desta vez, eu me permiti sofrer um pouco. Chorei com o cigarro entre os dedos, as lágrimas vinham sem escândalo. Senti o gosto salgado na minha boca, amarguei. Voltei a aquele buraco que me engolia. A escuridão me abraçou.

Bati a mão naquela fumaça e gritei:

— Eu não sou igual a você!

E chorei mais uma vez.

O monstro no meu peito urrou.

Talvez um dia eu me perdoasse, mas naquele eu não conseguiria fazer isso.

Não fui até o quarto do Landon mesmo que esse fosse o meu maior desejo. Antes de se deitar, ele ficou um longo tempo na sala esperando que eu dissesse alguma coisa sobre nós, no entanto eu não disse. Estávamos quites e a tensão sexual era cada vez maior, essa manhã eu tive pensamentos terríveis ao vê-lo comer cereal.

Eu também havia conversado com o Mason mais cedo, nos encontramos na lavanderia, eu precisava lavar minha roupa, ele também. O local deixou a conversa menos estranha, ou mais, depende do ponto de vista. Nós já havíamos tido essa conversa antes, dizemos que nada ia ficar estranho entre nós, mas ficou estranho. Eu estava cheia de sentimentos pelo melhor amigo dele e não me sobrava nada para ficar confusa.

Gostava da companhia do Hicks, de como tudo fluía muito naturalmente perto dele, ele era muito bonito, era o estilo de cara

que eu me interessava. Mas eu não podia mentir pra mim mesma, não podia fingir que essa ponta de interesse que eu tinha por ele era pelo fato de que me lembrava muito Landon Davis. Todos os caras que eu já cheguei a me interessar era um tipo de versão dele que eu procurava em todos os lugares. Contudo, *ninguém era igual a ele.*

Melissa estava certa, éramos egoístas por querermos estar juntos depois de todos os destroços que deixamos para trás. E eu acabei dando um passo para trás aquela noite, porque fui até o meu quarto e me tranquei. A tranca era para proteger eu de mim mesma de sair facilmente e ir até a minha criptonita. Precisava me focar, minha heroína precisava de mim para escrever sua história.

Vez ou outra, eu me maltratava ao pensar na morte de Hugo Garcia. Principalmente naquele momento que minha irmã fez questão de jogar na minha cara. Demorei para dormir e ainda tive um pesadelo terrível com o basilisco. Eu lia muita coisa e misturava todas elas em meus sonhos, mas dessa vez ele foi mais vívido, eu vi o Hugo, vi ele me culpando por sua morte, me vi sendo consumida pela culpa que parecia queimar meus ossos. Para mim estava tão quente no quarto que acordei pela manhã suando muito.

Corri direto para o banheiro e vomitei. Sentia meu corpo pesado, a cabeça latejava, meu estômago parecia ter girado em

uma roda gigante a noite inteira. Fiquei ao lado do vaso esperando que o enjoo passasse e pensei: *que merda, estou doente.*

— Callie — Ouvi meu nome após duas batidas na porta. —, você está bem?

— Pareço bem? Acho que o olhar maldoso da Missy me deixou doente.

— Isso ou você comeu demais.

— Nada disso… eu… — Merda, meu estômago revirou de novo.

Landon abriu a porta.

— Sai daqui — falei, tirando o cabelo do meu rosto.

Ele não saiu e segurou meu cabelo, depois quando meu estômago parecia vazio, voltei pra cama e meu ex-melhor amigo cuidou de mim. Ou melhor, eu deveria retirar esse "*ex*" do meu vocabulário.

— Vou te trazer água, não saia da cama.

— Que inferno — reclamei. — Eu tenho trabalho pra entregar, meu prazo é até amanhã. — Tentei me levantar, mas minha cabeça pesou para trás.

— Não se preocupe com isso.

E eu não me preocupei, porque estava me sentindo muito mal pra pensar em alguma coisa. Landon voltou com a água e mediu minha temperatura, tomei um analgésico pra febre e depois dormi por um bom tempo.

— Não precisa ficar do meu lado… — disse eu, entreabrindo levemente os olhos, até a claridade do dia estava me matando.

— Não preciso ir a lugar algum — disse Landon. E eu dormi de novo.

Sonhei de novo com o Hugo e com o basilisco. Sabia que não era uma boa ideia reviver esse animal nos meus quadrinhos, era por isso que estava tendo pesadelos com ele. O meu desenho desse rei das cobras ficou tão ruim, que ele estava vindo me atormentar nos meus sonhos.

— Estou com frio… — sussurrei. — Puta merda, tá muito frio — reclamei. Eu estremeci, meu estremecimento causou um aperto no peito e eu me chacoalhei.

— Eu posso ligar o aquecedor.

— Não, aí vai ficar muito quente. — Enrolei-me no cobertor.

— Vou te trazer mais um — disse o Davis que voltou com o seu cobertor.

— Está com seu cheiro — falei depois que ele me cobriu. — Por que você não deita em vez de ficar me observando? Isso está me deixando constrangida, eu durmo com a boca meio aberta, não durmo?

Ele riu e aceitou meu pedido se deitando em cima das cobertas, ao meu lado.

— Às vezes, você dorme com a boca aberta, sim…

Senti-me fraca para rir, mas peguei sua mão e coloquei ao meu redor.

— Não quer ir ao médico?

— Não, eu vou ficar bem — neguei. Ele me abraçou, senti sua respiração em minha nuca, seu calor no meu corpo e pensei que estivesse de volta aos nossos catorze anos, deitados um ao lado do outro, pensando que nada nos separaria. Podia sentir o cheiro do giz de cera se eu voltasse atrás alguns anos. Podia lembrar de como eu era mandona e recordava-me que peguei sua bicicleta pra mim, eu era terrivelmente mimada.

E de novo me veio o pensamento do quanto eu era egoísta por querê-lo de volta, por não conseguir refrear meus pensamentos e muito menos conseguia dizer que eu o odiava. Isso nunca foi verdade.

Dormi de novo e acordei ainda mal, mas não tanto quanto quando acordei pela manhã. Queria saber o que eu comi que me fez tanto mal, afinal, todo mundo comeu a mesma coisa. Talvez fosse o sanduíche que comi na lavanderia no dia anterior e que o Mason não quis experimentar.

— Descansa. — Landon se levantou e voltou a medir minha temperatura que percebemos que abaixou. O quarto estava escuro com apenas a luz do abajur acesa. Era sinal de que já era a noite. Apenas olhei o celular para checar as horas e ignorei qualquer mensagem.

Ganhei mais água e sopa de batata feita pelo meu colega de quarto.

— O meu trabalho, Landon, eu tô fodida — falei, tomando uma colherada de sopa.

— O que falta terminar?

— Os cenários.

— Não se preocupe, eu faço pra você.

— Sério?! Você consegue?

— O que eu não faria por você? — sussurrou.

Exatamente o que eu não faria por ele.

Engoli a sopa, ainda sem vontade. Meu estômago doía, por isso eu precisei comer mesmo a contragosto. Durante a noite, Landon cuidou de mim enquanto trabalhava no meu quadrinho. Eu dormi mais uma vez assim que ele estava prestes a terminar a última cena.

— Eu sou o Gray? — perguntou em um momento, eu fingi que estava dormindo. — É. Eu sou o Gray — constatou sozinho.

Acordei no dia seguinte com o Landon sentado na cadeira e com a cabeça deitada na minha mesa de trabalho. Sentia-me melhor, embora meu estômago estivesse bem sensível. Aos poucos, me aproximei dele e o acordei, acariciando seu cabelo.

— Você está melhor? — questionou em um suspiro.

Confirmei.

— Ótimo. — Bocejou indo até o termômetro para medir de novo minha temperatura. E quando vimos que estabilizou, ele disse:

— Agora que você não está com febre, pode me responder, eu sou um vilão?

Dessa vez eu consegui rir.

— Não sei do que você está falando.

— Isso é injusto, Callie. Acho que devemos inverter os papéis.

— Está insinuando que eu deveria ser a vilã?

Ele abriu a boca em choque.

— Está confirmando que é baseado em nós?

— Nada disso. Não relacione o artista a arte, somos diferentes. E quer saber? Vou tomar um banho.

— Precisa de ajuda?

— Landon?!

— Eu não perguntei no duplo sentido, você ainda não se recuperou.

— Não, não preciso. A menos que queira esfregar minhas costas.

— Posso? — Ele deu aquele sorriso. Aquele sorriso de um canalha que, sinceramente, ele nem era.

— Me pergunte isso amanhã. — Devolvi um sorriso igual ao seu.



Consegui entregar para a editora o meu quadrinho com todas as modificações que me solicitaram e que eu achei necessárias. Os cenários feitos pelo Landon ficaram incríveis, o que me deixou morta de vontade para chamá-lo para ser meu assistente, mas eu sabia que ele não teria nenhum tempo para isso. O estúdio e o bar tomavam todo o seu tempo, ainda mais que na terça-feira, na reabertura das minifférias que tivemos, o Harris Pub lotou.

Bethany colocou a filha para ajudar a servir as mesas, a Mackenzie estava de castigo de novo, e por isso teve que vir com ela para o bar. Olhar para ela me fazia lembrar de mim na sua idade, que nem fazia tanto tempo assim, mas parecia que foi há milhares de anos.

Enquanto eu fazia as bebidas, também reparei como o Davis trabalhava, ele fazia de tudo um pouco, ainda que não precisasse. Eu entendia sua gratidão pelo John, eu mesma me sentia grata por ele

ter acolhido o meu melhor amigo quando ele não tinha nada, nem para onde ir.

Olhar para o Landon me fazia sentir saudade de casa. Da nossa casa, aquela que inventamos na nossa cabeça. Senti um embargo na garganta, meu emocional não se estabilizou, eu podia chorar a qualquer momento.

Sorri no momento que ele olhou na minha direção.

A sensação que eu corri e corri, perdi o fôlego e quase vomitei meus pulmões para chegar no mesmo lugar era real.

— Ei, está tudo bem? Não quer subir e descansar? — perguntou Davis.

Neguei.

Entreguei um *Negroni* para um cara, depois um mojito para uma garota e ouvi uma conversa entre amigas no balcão:

— Eu fiquei com o canalha ontem e é como aquela garota disse, ele tem um piercing no pau. — Saquei na hora de quem elas estavam falando. O que confirmava minha teoria de que *o canalha de Nova Iorque* foi inventado pelas garotas. Eu não acabei com a graça delas e disse que era tudo mentira, apenas observei.

No final do expediente, quando finalmente todos foram embora e estávamos mortos de cansados, eu parei o Landon e disse:

— Você não tem algo para me perguntar? — Ele entendeu na hora o que eu quis dizer.

Não havia mais jogos.

Era tudo cru e nu agora.

Éramos apenas nós, de novo.

Nem tive tempo de pensar, ou ajeitar meu cabelo atrás da orelha. Suas mãos vieram com tudo pra cima de mim, direto na minha bunda. Landon me subiu e me fez sentar no balcão do bar. Enrolei minhas pernas nele, observei seus olhos de oceano revoltos e recebi o melhor beijo da minha vida.

Antes, eu estava me afogando lentamente e, ao tocar meus lábios, ele tirou a água dos meus pulmões.



AS ONDAS

“Se olhar para o céu do fundo de um poço,
mesmo no dia mais luminoso,
você verá um céu noturno cheio de estrelas.”
(Coraline, Neil Gaiman)

ANTES

Eu me quebrei na frente do Landon ao contar sobre minha culpa e ele me ajudou a juntar os meus cacos. Sangrei para contar que aquele monstro era o meu pai. Perdi o ar para contar que eu me tornei alguém que eu não queria ser. Mas não tinha mais volta, sabíamos que a escolha era se juntar ao inimigo. Foi a pior decisão que fizemos nas nossas vidas, saímos dela estraçalhados.

Fazia três meses desde a morte do Garcia, estávamos nas férias de verão e eu tentei conciliar minha vida dupla. Na maior parte do dia, eu vivia como uma adolescente normal, lia, estudava, pensava no meu futuro, pensava no meu namorado e em uma forma de fugir de todo o caos. À noite, às escondidas, Landon e eu íamos para uma cidade próxima para praticar as novas atribuições na gangue, corridas ilegais.

O Wes foi para Los Angeles fazer alguma coisa que não era boa, ele não contou a ninguém. Na semana anterior houve um assalto nas redondezas de *Bell Buckle*, foi algo feito pelos *Basilisks*, mas apenas nós sabíamos disso. Não participei do roubo, porém tinha consciência de que fazia parte disso.

— Aonde você está indo? — Minha mãe acendeu a luz do quarto e me pegou no flagra prestes a pular a janela.

— Vou sair, você sabe para onde e para fazer o quê.

— Com o Davis? — Estreitou os olhos, embaixo deles tinha uma fina camada de olheiras.

— É.

— Você não vai. — Cruzou os braços.

— Vou sim. Se não me deixar ir, vou contar ao papai que conversou com o Wes às escondidas — joguei. Ela caiu.

— Quer saber? Vai, vai mesmo. — Soltou os braços e os balançou ao seu redor. — Eu não vou mais te proteger, Callie. — Ajeitou o roupão no corpo. — Faça o que achar melhor, mas use preservativo. É sério, eu não consigo fazer mais nada por você.

Fiz um aceno de “sim, capitã” e pulei minha janela.

Desde que fomos no ginecologista há alguns dias, minha mãe encheu minha gaveta com preservativos, porque me amarrar no pé da cama e trancar a minha janela que era o método contraceptivo mais eficaz, ela não podia fazer. Por conta do meu problema no coração, eu não podia tomar anticoncepcional e isso a deixou ainda mais maluca.

Era sábado à noite e todo mundo ia se reunir para as corridas clandestinas em Salem, uma cidade fantasma. A área de Salem era um antigo município em Middle TN perto de Murfreesboro. Lá, ainda existiam alguns edifícios remanescentes da cidade original, especificamente uma antiga loja de campo, posto de gasolina e uma histórica Igreja Metodista que remontava a 1812.

Salem estava sendo absorvida pela cidade de Murfreesboro e por isso existia apenas uma parada de três vias. Diziam que coisas estranhas aconteciam nessa área, era uma lenda urbana igual as da verdadeira Salem em Massachusetts. E os *Basilisks* estabeleceram ali o local onde se iniciavam as corridas clandestinas. A quantidade de pessoas que apareciam para participar ou apenas assistir era assustadora, e o dinheiro das apostas era ainda mais assustador.

— Acha mesmo que a gente dá conta? — perguntou Landon assim que chegamos ao local. Claramente havia muita gente da nossa idade ou um pouco mais velho. Em sua maioria, os *Basilisks* eram jovens, havia os membros antigos e os mais novos. O mais velho deles era o Wes, o nosso líder.

— Não, mas precisamos. Estamos responsáveis pelo dinheiro, os outros caras vão ajudar a organizar. Porra — praguejei observando a multidão —, tem gente demais aqui hoje, justo quando o Wes não está.

— Eu não queria que você estivesse aqui, é perigoso. — Landon tirou o capacete da minha cabeça.

— E eu não queria que você estivesse aqui — Apontei para ele. —, se é perigoso pra mim, é pra você também. Não vai ser pra

sempre, ok? — Eu tentei, quando conversei com o Wes eu pensei que ele deixaria o Landon sair da gangue, mas o que ele fez foi apenas mudar o que ele fazia como membro. — Vamos aguentar um ano e depois de juntarmos uma grana e vamos embora.

— E ele vai deixar? — A pergunta me faz lembrar que tentamos desistir da gangue antes que o líder viajasse, mas ele, sem dizer uma única palavra, nos amedrontou.

— Nós vamos dar um jeito — falei firmemente.

— É, nós vamos — concordou. Eu acreditei nele e ele acreditou em mim, porque era a única coisa que podia nos fazer seguir em frente.

Às vezes, eu me pegava pensando em nossa infância, às vezes, eu voltava para aquela época em meus pensamentos, em como nos divertíamos andando de bicicleta juntos. Recordava nossos desenhos no meu quarto, nossas brincadeiras, nossas brigas, tudo que vivemos juntos. Éramos tão felizes e mesmo que tivéssemos alguns momentos de felicidade naquele momento, na maioria das vezes vinha o momento de apreensão logo em seguida.

Eu lembrava de como a Elena colocava o nome das cores nos lápis do Landon e em como ele se recusava a pintar porque na

cabeça dele não fazia sentido algum. Por isso ele nunca pintava seus desenhos, em um raro momento, eu o vi pintar, das cores como ele via e depois rasgou o desenho em seguida.

Tudo era em tons de preto e branco. Era mais fácil não lidar.

Depois que crescemos, aquela onda de cores que eu via estava começando a escorrer e perder suas cores. A gente cresce e a visão da vida vai mudando de cor de uma forma até que, sem nos darmos conta, perdemos todas aquelas cores.

— Você vai competir hoje — disse o braço direito de Wes para o Landon. Nós o chamávamos de Dash, esse não era o nome dele e eu nem fazia questão de saber qual era. Eu tinha medo dele, da sua postura de mau, a cicatriz no seu rosto de faca também amedrontava um pouco, fora que sabíamos bem quem sujava as mãos para deixar as do Wes bem limpas. Meu sangue congelou ao pensar que eu estava em frente ao executor da morte do Hugo.

— O quê? Como assim? — perguntou o Davis. Apertei o braço dele em nervosismo.

— Você precisa provar seu valor pra gangue, ou seja, ganha essa porra. — Ele mostrou os dentes, os quatro de cima eram prateados.

— Por que ele precisa e eu não?

— Você também precisaria, princesa, mas como é filha do Wes…

— Ele não vai. — Coloquei-me na frente do Landon que segurou minha mão tentando me parar.

Dash gargalhou, cuspiu no chão e disse em seguida:

— Isso não é um pedido, caralho — disse com a face bem próxima da minha. A parte branca dos seus olhos estava bem vermelha, não sei se ele bebeu muito ou se drogou. Engoli em seco, tive medo, tentei não demonstrar.

— Eu vou junto. — Não me prostrei.

— Como quiser — aceitou Dash e nos deixou a sós depois de acender um cigarro. Naquele dia, a corrida funcionava com um carona e se alguém tinha que ir junto, essa pessoa deveria ser eu.

— Você não vai. — Landon virou de frente pra mim e me implorou com os olhos. — Sério, Callie, você não vai — tentou mais uma vez, eu estava irredutível e mostrava isso com minha postura.

O queixo do Landon estava cada vez mais marcado, quem o observava imaginava que ele se preparava para entrar no exército ou para uma grande luta. Já fazia um tempo que ele treinava todos os

dias, ele se preparava para algo, para uma luta de verdade, ele não queria ser fraco, mas não eram apenas músculos que demonstravam nossa força.

Segurei sua jaqueta e olhei com a mesma súplica:

— Eu preciso ir, eu não posso ficar aqui e esperar você completar o percurso sozinho, não dá, você tem que entender que não dá. — Puxei-o para mim através da sua jaqueta. Landon encostou no nariz no meu, senti-o ansioso, respirava mal, se eu pudesse, o puxaria para longe dali, mas estávamos afundados naquela merda que não nos dava uma saída, ou fazíamos parte disso ou seria o nosso fim.

Ele cedeu. Nós levamos a moto até o ponto de partida, não olhei para os competidores, porque não queria ficar mais nervosa do que eu já estava. Landon olhou, era por isso que ele tremeu. Os caras ao nosso redor faziam barulho entre a embreagem e a aceleração, a plateia gritava e especialmente Dash permaneceu de olho em nós.

Senti a descarga de adrenalina em meu organismo. O hormônio que foi liberado na corrente sanguínea no meu corpo também devia

ter sido liberado no do Landon. Nossos corpos em alerta para lidar com a forte emoção que viria.

O aviso foi dado.

Os gritos quase me deixaram surda e então, *começou*.

Era ganhar, perder ou morrer.

Minha boca ficou tão seca, eu não queria olhar, mas eu via alguns caras fazendo manobras no meio da corrida, vi alguém caindo não apenas por si só e sim sendo derrubado por outro. Abaixei o rosto e o pousei nas costas do Landon, o vento forte cortou minha pele. Eu podia sentir as vibrações dele vindo direto para mim, nervoso, impaciente, com medo, ao mesmo tempo o senti implacável.

Fizemos uma curva tão perigosa ao ultrapassar alguns dos concorrentes que quase senti meu ombro abraçar o chão, mas nos mantivemos firmes. Qualquer movimento abrupto que eu fizesse também o derrubaria.

Um pouco mais de velocidade, uma curva mais sinuosa, ouvi o baque de mais *alguéns* que caíram. Landon não falou nada no trajeto, focado demais pra dizer qualquer coisa, estávamos perto da linha de chegada, o fim que era onde iniciamos a corrida.

Um cara ficou na nossa cola, ameaçando nos derrubar. Tinha apenas espaço para um, ou esse cara e a carona dele cairiam, ou nós. Landon quis reduzir, mas o nosso adversário acelerava com força, quase fiquei surda, o filho da puta não estava para brincadeira, ele sabia bem o que queria. Vencer? Talvez. Nos derrubar? Com certeza.

— Acelera, porra, acelera — pedi. Não tinha como diminuir ou parar, com a velocidade da moto, qualquer sinal de que iríamos parar poderia nos matar. Então, o Davis fez o que precisava fazer, acelerou forte, a moto ao lado quase grudou na nossa. Ele olhou para nós nos ameaçando com os olhos, porque um de nós tinha que parar, não tinha espaço para todos. Porra! Não tinha espaço!

Filho da puta.

Tremi.

Quase senti o chão.

Fechei os olhos e quando os abri novamente percebi que nós conseguimos. Outras pessoas sentiram o chão. Nem olhei pra trás, abracei o Landon e permaneci grudada nele até cruzarmos a linha de chegada. Eu mal consegui descer da moto, meu coração batia rápido

demais, minhas mãos não obedeciam ao estímulo de ficarem paradas.

Olhei para o Landon, ele estava com a mandíbula cerrada, seus olhos quase saltavam para fora do rosto e seus nervos visivelmente inflamados. Assim que o Dash se aproximou, ele disse:

— Acabou?!

Caralho, ele estava maluco de desafiar o cara dessa forma. Acho que isso é o que acontece quando se chega a um limite. Você não se importa mais com o limite. Estávamos no fundo do poço, sabíamos que tinha uma saída, mas como poderíamos subir sem nenhum apoio?

O braço direito do Wes abriu aquele sorriso diabólico e respondeu:

— Acabou, quer um cigarro?

Ele negou, me puxou pela mão e fomos embora. Ainda tensos, longe daquela bagunça, olhamos um para o outro e pensamos a mesma coisa: *estamos fodidos.*

E nos beijamos.



AGORA

Ele sugou o problema direto dos meus lábios.

Perto demais, Landon foi implacável com a língua. Durante o beijo, em alguns momentos, ele abria os olhos e eu fazia a mesma coisa quase que em sincronia. Tantas emoções me golpeavam e faziam meu estômago se contorcer pelo delírio provocado pela visão da revolução que acontecia por trás dos seus olhos. Ele lutou contra si mesmo para entrar de novo na minha confusão e cair novamente no nosso ciclo vicioso.

A onda gigantesca que vinha dos seus olhos me inundou e eu continuei respirando sem me afogar. Meu sangue que corria frio passou a correr quente e inflamou todos os meus estímulos. Meus olhos que se fecharam no primeiro beijo se abriram em fogo.

Cada beijo me levava mais para perto dele. Cada toque me levava de volta ao que eu perdi. Posicionei minhas mãos ao redor do

seu pescoço e me aprofundei um pouco mais na sua boca, deixei minha língua ser guiada pela dele cheia de pressa, cheia de vontade.

Pude sentir o trovão lá fora nas minhas veias, talvez houvesse uma tempestade se formando, porque aqui dentro com certeza já estava tendo. Landon afastou a boca ligeiramente para que eu me inclinasse mais para ele, ele perdeu o fôlego por um segundo, mas o recuperou traçando um beijo que começou no meu queixo, desceu até meu pescoço e chegou no meio dos meus seios. Ainda por cima da camiseta, depositou um beijo e me apertou. Desceu as mãos pela cintura e voltou a me beijar ainda mais sedento.

Ele agarrou meu quadril quando eu mordi sua boca e me mordeu de volta após um grunhido de excitação.

— Caralho — sussurrou e chupou minha língua.

Desci minhas mãos pelas suas costas e permaneci prendendo minhas pernas em seu quadril. Fui mais ousada e cheguei a alcançar os músculos da sua barriga.

— Ainda treina muito… — foi uma constatação.

— Me ajuda a relaxar — murmurou na minha boca e sugou meus lábios inferiores.

Pensei que minhas formas de relaxar eram diferentes, como por exemplo, deitar e ver uma série. Mas não reclamava do método dele, porque, puta merda… ah. Quase gritei com a chupada que ele me deu perto da orelha. Os pelos do meu pescoço se eriçaram e o tesão desceu até as minhas costas, senti o meu quadril receber o estímulo e se friccionar para chegar mais perto do seu pau.

Seus dentes roçaram na borda da minha camiseta e eu perguntei em provocação:

— *Canalha de Nova Iorque*, sabia que você tem um piercing no pênis?

Ele riu, pois já sabia do que eu estava falando.

— O que mais?

— Uma pinta na bunda… Dizem que você comeu todas as mulheres de Manhattan e está chegando no Brooklyn. — Puxei o ar com a boca aflita pelo seu próximo movimento. — Acho que preciso avisar que o perigo está a espreita — Eu ri.

— Você não vai conseguir — Beijou minha covinha. —, vai estar ocupada comigo te fodendo — disse com rigidez na voz cheia de excitação, percebi sua contração positiva de divertimento no lábio.

— Hum, vai rasgar minha camiseta? — Um sorriso se deslizou na minha boca.

— Então levanta os braços. — Voltou a me beijar ao subir a camisa pelo meu tronco. Foi sofrível nos separarmos para tirar a peça de roupa. E depois, quando conseguimos, ele se deparou com mais um obstáculo.

— Por que está usando sutiã?

— Porque estou trabalhando, chefe. Vai ter que me pagar hora extra.

Ele riu com a mão posicionada na alça esquerda do sutiã, mas desistiu no meio do caminho e decidiu fazer diferente. Sua boca voltou a aquecer minha pele e tracejou rastros de beijo do meu ombro até chegar no meu seio. Suas mãos voltaram a se agarrar no meu quadril e seus dentes fizeram o trabalho de soltar a alça do sutiã e todo o resto. Desceu a peça e um movimento de friccionar da língua o fez tirar o tecido do meu mamilo e o expô-lo nu para seus olhos.

Ele me deu um sorriso que foi brutal em meus estímulos, reverberou e tremeu em minhas veias. Dei uma respiração profunda e arqueei o queixo em prazer quando sua boca circulou no meu

mamilo. Sugou me levando do chão e me fez tocar a primeira nuvem do céu. Sua língua permaneceu dura e pressionou-se ao redor da minha sensibilidade, caí direto no inferno tão rápido que gemi quase assustada e voltei muito rápido para o céu, acima da primeira nuvem. Senti muita coisa ao mesmo tempo, ondas e ondas de prazer que me levaram junto com elas para uma sensação ainda mais profunda, mergulhei. Pendi a cabeça para trás quando ele se afastou de um para sugar o outro seio.

Suas mãos ora estavam apertando minha bunda, ora minha coxa. A calça estava dificultando um contato mais intenso da nossa pele, ainda assim, eu conseguia sentir todo o formigamento do seu desejo e do meu se fundindo.

— Está sensível, hein? — comentou entre uma sugada e outra.

Gemi e arquejei as costas, Landon me trouxe de volta com suas mãos.

— Você está me matando…

— Eu ainda não estou nem perto de chegar no que eu quero fazer com você.

— E o que você quer? — perguntei ao encontrar a minha luxúria no reflexo dos seus olhos.

— Te comer em todos os cômodos, pode ser? — Sugou um seio e esfregou a língua no bico em um movimento de subir e descer lento. — Começando por… — chupou dessa vez apenas com os lábios e me olhou, ele também podia ver o seu desejo nos meus olhos.

— Porra — resmunguei no instante que ele arrastou meu mamilo com seus dentes.

Ele subiu seus lábios no meu pescoço e me pressionou para que eu me envolvesse mais no seu corpo. Tirou-me da bancada e me colocou exatamente em cima de umas das mesas do bar. Empatamos na nudez no momento em que ele jogou sua camiseta em algum canto qualquer e tirou o sutiã preso abaixo dos meus seios.

Não fomos devagar, porque em segundos eu estava sem minha calça, sem meus sapatos, estaria completamente sem roupa se eu não estivesse com apenas a calcinha fio dental.

— Você não quer que eu tire com as mãos — constatou Landon ao parar com os dedos na borda dela. Ele ficou vestido apenas com a boxer e eu quis observar um pouco de como ele estava duro, imaginar como seria tê-lo em mim, em todos os lugares.

Sua boca cobriu cada canto do meu corpo ao me deitar sobre a mesa. Começou sugando meus lábios, desceu pelo meu pescoço, talvez tenha feito uma marca ao sugar mais forte, não me importava. Queria mais, ganhei mais no instante que sua língua traçou um rastro na minha barriga e parou na borda da calcinha. E fez o que eu imaginei, puxou-a para baixo com os dentes bem devagar e me olhou cheio de devassidão. Impulsionei meu quadril para cima para que o tecido se deslizasse com mais facilidade.

Uma onda se formou em seus olhos em um aviso de perigo iminente. Cada perna minha foi parar em seu ombro depois que minha calcinha foi parar em qualquer outro canto, ele deu um sorriso que incendiou e fez redemoinhos de excitação que se fecharam e expandiram a partir do meu umbigo e desceram feito ondas para baixo. Beijou minha coxa até subir e chegar na virilha, traçou a língua me deixando molhada e finalmente chegou no ponto onde eu latejava aflita por mais.

Mordeu os lábios e me olhou de novo. Provocação fazia parte do seu charme.

— Me chupa lo…go… — quase não consegui terminar a frase porque ele não esperou, apenas enterrou-se em mim tracejando a

língua ao redor do meu clitóris, com a ajuda da mão, afastou os lábios para que conseguisse chupar o ponto mais sensível.

Quase me sufoquei em ânsia ao sentir a pulsação cada vez mais latejante. E quando Landon percebeu que precisava de mais, ele investiu em mais e chupou meu clitóris. Contraí-me, deslizei o prazer sussurrado pelos meus lábios em um gemido.

Sua língua fez redemoinhos alternados de subida e descidas em curto espaço e me desesperei em um choramingo. Os bicos dos meus seios ficaram mais duros do que nunca, feito pedra, e ele praticamente sentiu meu estímulo, pois subiu uma mão e alcançou o seio esquerdo.

Ofeguei, perdi o fôlego três vezes seguidas, até tomar o ar completo após um espasmo atingir minha perna direita.

Ele saboreava como se estivesse bebendo um líquido quente bem devagar. Meu grito de prazer saiu quase espremido pela minha inibição repentina. Landon sabia a influência que seus toques causavam em mim, mas ele não precisava saber que eu só gozava se pensasse nele. Também não precisava saber que à espera por esse momento foi uma tortura lenta e sádica.

Ele achou que sua boca não fosse suficiente para me matar, por isso usou os dedos e me penetrou com um apenas para observar minha reação, em seguida usou os dois. Gemi alto porque essa sensação alucinante foi substituída pelos lábios dele voltando a me chupar e sugar o meu clitóris. Tremi, espasmei e senti o orgasmo iminente com o calor que se expandia e voltava a se comprimir no meu centro, até que, com seus movimentos ainda mais intensos, fortes e decididos, a explosão e a sensação prazerosa e completa em seu grau máximo me atingiu. Gozei com força.

Enquanto eu recuperava o ar, ele voltou a marcar minha pele com seus beijos que subiam pela minha barriga até chegar em meu rosto. Respirei em seu pescoço e ri em desespero, era como se eu tivesse sido atingida por um trem.

— Você não goza com alguém há muito tempo — sussurrou a constatação. Agarrei sua cintura com as pernas e voltei a subir o tronco apoiada em seu ombro e me sentei.

— Você quer que eu diga? — Landon sabia o meu segredo. Eu só conseguia ter um orgasmo sozinha pensando nele ou não tinha. Para ser sincera, depois que eu fiquei destruída, eu não confiei em ninguém a ponto de ficar tão vulnerável, o que eu vivi com aquele desgraçado que me roubou nem chegava perto de ser real. Ele não

me conhecia e muito menos eu sabia quem ele era. — Se eu disser, você vai ter que me fazer gozar sempre que eu quiser. A qualquer momento e em qualquer lugar.

Ele aceitou depois de morder o lábio:

— Estou sob suas ordens.

— A última vez que gozei com alguém foi com você, lá naquele lugar em sua moto. Nossa última vez.

Ele ficou quieto por um momento e agiu ao segurar minha bunda, pressionar-me em seu corpo e me levar para outro lugar.

— Não vai ser mais a última… — disse finalmente me levando sabe-se lá para onde. Não importava o lugar, eu apenas queria mais dele.

Segurou-me na parede, em cima da escada, devíamos subir, mas não aguentávamos mais a distância dos nossos lábios e voltamos a nos beijar. Estávamos aflitos, tentando matar a crueldade que nos infligimos ao ficarmos separados por tanto tempo. Nós nos beijamos tentando roubar de volta todos os beijos que poderíamos ter dado. Não sabíamos quantos beijos poderiam acabar com a nossa sede infinita, não era possível, não era, mesmo assim,

precisávamos de mais, eu precisava da sua boca, submergir em sua água e destruir quaisquer resquícios de medo que tivéssemos.

Seu pau se apertava em mim, faltava apenas um movimento para entrar, porém faltava também o essencial, o preservativo. Ele se tocou sobre o que precisávamos quase no mesmo instante que eu, pois me puxou mais para perto, segurei-me em seu ombro e fui levada até o andar de cima. Landon abriu o apartamento com dificuldade por usar apenas uma mão, pelo menos não estava trancado, e ao escancarar a porta me levou até o seu quarto. Mais uma porta aberta e finalmente caímos na cama.

Meu coração bateu forte *em seu peito*.

Ele tirou a última peça que faltava e ficamos nus.

Éramos.

Somente pele.

Inverti a posição e me sentei no seu quadril, comecei beijando sua bochecha, a mandíbula sem barba, subi para roubar mais um beijo e voltei a descer pelo pescoço. Passei a língua por cada parte inferior do seu corpo, passei as mãos pelas suas tatuagens, as senti de perto, quase consegui viver as histórias por trás delas e desci até encontrar seu pau melado no ápice do seu tesão.

Ele abriu as pernas e eu sentei no meio delas em cima das minhas, com a mão esquerda eu apenas segurei e subi e desci em toda a extensão do seu pau, apenas queria observar sua reação. Landon ficou aflito, esperando pelos meus próximos movimentos, o líquido que revestia seu pênis estava fazendo barulho de tão melado, ele não iria aguentar muito tempo de provocação, por isso fui rápida.

Desci minha cabeça e olhando para frente eu lambi da base até o cume, um grunhido veio rápido do Landon, eu estava com água na boca para chupar tudo até fazê-lo gozar e eu iria fazer isso, pois queria que ele aguentasse mais tempo quando estivesse dentro de mim. Coloquei a boca toda lentamente para me acostumar com a grossura, com a pele fina, senti uma pulsação da sua veia e me aprofundei até quase chegar perto das bolas, tive que manter minha respiração calma e levar quase até a garganta e, quando consegui, ele gemeu em resposta.

Ouvir sua voz me excitou ainda mais e eu voltei a boca subindo-a para cima enquanto fiz pressão com a língua como se eu a pressionasse para chegar ao céu da boca, mas tudo que encontrei foi o pau dele latejando em prazer.

Acostumei-me com a grossura e respirei fundo para aguentar o tamanho e comecei de novo indo e voltando, mais rápido, com a

ajuda da mão eu intercalei os movimentos e o senti ainda mais perto do ápice. Voltei ao movimento lento e o lambi com mais saliva.

— Acho que é você que quer me matar… — comentou Landon. Sua testa estava franzida e seus lábios entreabertos à procura de ar.

Olhei em resposta com malícia e retornei com movimentos rápidos, apertei a boca e a língua e fui fundo ao segurar a respiração para que seu pau chegasse na minha garganta e, ao conseguir, ele soltou um palavrão em prazer e avisou que estava prestes a gozar. Segui com os movimentos até sentir uma pulsação, depois duas e finalmente três anunciando o gozo. Respirei fundo e investi mais uma vez para engolir.

Engoli tudo.

Landon fez um barulho alto com a garganta e eu tirei seu pau da boca.

— Você se lembra — disse enquanto eu passava pela sua perna para me deitar de novo ao seu lado.

— Lembro de cada detalhe.

Antes, quando começamos a fazer sexo oral, tanto eu quanto ele, tínhamos dificuldade normais de qualquer pessoa experenciando uma vida sexual, mas aprendemos um com o outro como nos

tocarmos. Eu guiei o Landon em cada passo, onde ficava o clitóris, quando ir mais rápido ou mais lento e ele também me ajudou com isso.

Ele voltou a me abraçar, começamos tudo de novo com calma, bem lentamente para que nossa frequência cardíaca se acalmasse e nos recuperássemos dos orgasmos que tivemos. Beijamos, lambemos, curtimos cada pedacinho do corpo um do outro. Não falamos de nada que não fosse relacionado a esse momento.

E quando ele se deitou sobre meu corpo após colocar o preservativo, cada terminação minha relaxou para recebê-lo. Eu queria que Landon estivesse por cima para me dominar, queria sentir seu corpo todo abraçando o meu e foi isso que ele fez.

Molhei os lábios sentindo meus seios empinarem pela excitação da expectativa.

— Posso? — perguntou pronto para entrar em mim, senti a cabeça do seu pau bem na minha entrada.

— Deve.

Iniciou-se uma ligação íntima, simbiose, dependência. Precisava da sua pele na minha. Ele necessitava da minha pele resvalando na sua. Respirei devagar, o ar parecia comprimido, pouco

para fazer a volta completa no meu corpo e expirar. Eu estava nervosa, tremia, a ânsia, o desejo, o sôfrego sentimento de precisar ser preenchida por ele, tudo me enlouquecia. E fui atingida. De uma vez só. Abri a boca com o choque porque foi mais do que eu esperava. Um gemido foi calado pelos lábios dele, puxei seu ar e o senti duro dentro de mim. Nós dois quase perdemos o fôlego. Não esperávamos ser arrebatados com tanto tesão. Era muito mais do que tudo que já experimentamos juntos.

Foi surreal.

— Puta merda… *Luvy* — sussurrou Landon com a voz densa. A intensidade que nos atingiu era mais do que podíamos aguentar, mas continuamos e ele foi mais fundo ao colocar minhas pernas mais para cima para me foder por completo.

Gemi, gritei, implorei por mais chamando pelo seu nome. *Mais rápido, mais rápido, mais rápido.* Cada nervo do meu corpo respondeu aos movimentos latejando e me fazendo derreter em prazer. Gritei mais uma vez e Landon desceu o corpo chegando perto do meu pescoço, beijou-me ali, me roubou um beijo na boca e passou a penetrar de maneira mais curta.

Ele continuou se movendo, desta vez, devagar como fumaça. Em um momento, ele tirou seu pau de dentro de mim e o passou pelo meu clitóris, indo e vindo para me enlouquecer. Depois voltou a me penetrar, com tudo. Intercalou entre ondas calmas e avassaladoras. Eu continuei a sentir a eletricidade e magnetismo da fusão do contato das nossas peles. Meu coração bateu muito forte em meu peito, martelando, me deixando fora de órbita, em descompasso.

O fato de olhar para ele e sentir seu corpo já era forte o suficiente para me deixar louca de desejo. Mas ele fez mais, muito mais. Se as garotas soubessem de verdade como ele era na cama, fariam fila imediatamente na frente do bar para receber um pouquinho de Landon Davis.

Agarrei-me em suas costas, desci as unhas por ela e o arranhei quando voltou a me foder com mais força. Seus braços fortes se tencionaram com os movimentos frenéticos e eu senti a pulsação mais intensa que do que nunca. O calor se comprimiu se comprimiu e se apertou e eu pedi para ele ir mais rápido. Mais.

Mais.

Caralho.

Explodi em um orgasmo tão avassalador que ao se apertar se explodiu em seguida, não estava preparada para o baque, minhas pernas, meus braços, tudo ficou tão sensível e me tremulou que se o Landon não estivesse me segurando, eu teria caído da cama.

Fiquei tão sensível que ele teve que parar por um minuto dentro de mim e desceu a boca para chupar meus seios. Ele apertou o mamilo com a ponta da língua, entrei em desespero por ser tão bom e apertei seus cabelos subindo pela nuca. A investida voltou curta e lenta, intensamente prazerosa. Gemi baixinho. Eu não sabia o que era o significado de intensidade até esse momento. Um dia eu achei que sim, mas naquele dia tudo era mil vezes melhor.

Landon gemeu perto do meu ouvido e eu o abracei bem forte, apertei suas costas, senti seu cheiro, tive uma overdose de paixão, eu podia rir e chorar ao mesmo tempo tamanha a confusão que seu impacto causou em mim.

Eu o amava pra caralho.

E amava como ele me fodia.

Caímos naquela fenda entre a razão e a emoção. Não tínhamos que lidar com isso, não queríamos mais lidar com tudo isso. Landon se agitou mais no meu corpo e em um gemido longo e

rouco, senti sua contração em uma investida forte seguida de uma curta e atingiu o ápice do seu prazer. Não o soltei, queria que ficasse mais tempo dentro de mim, em cima de mim, e ele ficou como se quisesse o mesmo. Abracei-o e segurei seu corpo bem juntinho do meu.

Viramos espuma do mar.

Nossas respirações se acalmaram juntas. Eu tinha muito pra falar, mas não sabia o que dizer primeiro, por isso não disse nada. Perguntei-me se ele se sentia arruinado e reconstruído após esse momento como eu.

E ele me respondeu com seu batimento cardíaco.

Aos poucos, tivemos que nos movimentar e nos separarmos. Landon foi no banheiro, eu fiquei deitada com os joelhos dobrados. Pensei em tanta coisa nesse curto espaço de tempo em que fiquei sozinha. A chuva batia na janela, um relâmpago veio antes do trovão. A velocidade da luz era absurdamente mais rápida em comparação com a velocidade do som, por isso eu me preparei para o som que veio alto e me fez acordar para o óbvio.

A emoção sempre atinge antes da razão e eu estava embriagada por ela.

A verdade era uma só, *está escrita em nossa pele.*

O Davis voltou a se deitar ao meu lado e aproximou seu corpo do meu para me abraçar.

— Quer falar? — questionou.

Acariciei o seu rosto.

— Acha que podemos ter mais uma chance? — perguntei passando o dedão pela curva do osso acima da sua bochecha.

Ele engoliu em seco.

— Você quer?

— Merecemos?

Eu queria dizer sim para sua pergunta como ele queria dizer sim para a minha. Passei os dedos por toda sua face até chegar ao seu pescoço. Encontrei sua tatuagem em “L” e falei algo que eu imaginava:

— É uma homenagem ao seu pai.

Ele fechou os olhos por um segundo e depois os abriu. A onda que se formou em seu oceano quase me engoliu…

— Sim… talvez não mereçamos uma segunda chance — emendou com mais uma resposta. — Mas eu não posso ignorar sua

existência. Eu preciso — falou entredentes — de você. Você me mata e eu ainda preciso de você.

— Mais uma chance — sussurrei, sentindo lágrimas em meus olhos. — Vai ser diferente, eu sei que vai.

Aproximamos nossas testas, ele beijou minhas lágrimas salgadas. O que tínhamos era permanente como tatuagem e nenhum dos dois tinha coragem para tentar apagar.

Mais uma chance.

Era tudo que tínhamos.



MEMÓRIAS NA ÁGUA

“Eu não quero ter tudo. Ninguém quer. Não necessariamente.
Que graça existiria em ter tudo que eu sempre quis?
Assim, do nada, não teria o menor sentido. E depois?”
(Coraline, Neil Gaiman)

ANTES

Com um mês de antecedência, minha mãe e Melissa começaram a preparar a casa para o Halloween. Desde que ela se formou e estava dando um tempo em seu relacionamento caótico, a gêmea do mal voltou pra casa. Tinha que dizer que ela era a malvada

em comparação a Emily porque eu podia sentir a sua energia caótica de longe, me vigiava o tempo todo e implicava com o Davis sempre que o via.

Por ser obcecada com a data festiva, ela me deixou em paz com as minhas saídas noturnas, pois queria tudo perfeito para nossa casa ser a mais horrível em termos de horror fantasmagórico da vizinhança.

Fomos no mercado para comprarmos as abóboras e fazermos as *carving pumpkins* e me deparei com uma cena que me deixou bem enjoada. Elena Davis estava acompanhada de Lily Brown e o pai dela. Se Landon visse essa cena, iria ficar maluco, ele não aceitou nada bem a separação dos pais e muito menos o fato de que a mãe superou rápido demais o casamento.

— Melissa, Callie, que bom ver vocês! — disse Lily com sua animação exagerada e falsa de sempre. — Vamos fazer um Halloween na nossa fazenda, vocês vão vir, certo?

Elena me olhou constrangida e também nos cumprimentou de longe, focando sua atenção em fingir que escolhia uma marca de sabão para lava-louças com seu *amante*, opa, namorado.

— Obrigada, mas estamos planejando nossa própria festa — falou a Missy me livrando de tomar a frente.

— Oh, entendo. Mas você não quer mesmo vir Callie? O Landon disse que viria — continuou a Brown ajeitando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— Ele disse? — Cruzei os braços. — Ele pode ir sem mim, não nascemos grudados.

— Ótimo, ele precisa se acostumar com a nova família. Você não tem ciúmes, né? — Arregalou os olhos. — Nós vamos ser irmãos. — Ai meu Deus, como ela podia agir tão falsamente?

— Jamais. Te vejo na escola, temos muitas abóboras para abrir — puxei meu carrinho para trás e dar meia volta.

— Ela está a fim do seu namorado — disse minha irmã ao nos aproximarmos do caixa.

— É, e já faz um bom tempo. Eu diria que é mais do que isso, ela é obcecada por ele.

— E você não tem medo?

— Dela com ele? Nunca, confio nele.

— Eu diria medo dela, ela parece uma psicopata.

— Eu sei que você é fanática por filmes de terror, mas a Lily é inofensiva.

— Acredite, ela não é inofensiva.

Eu deveria ter confiado no que a minha irmã disse e percebi isso no dia seguinte no colégio. Nas aulas de natação, eu sempre ficava até mais tarde, pois gostava de ficar um tempo sozinha embaixo d'água. Era sexta-feira e todo mundo no colégio estava se preparando para as festas que teríamos de Halloween, pensei em sair no sábado com minha fantasia e pedir doces mesmo não sendo mais criança.

Fiquei mais tempo que podia na piscina, escondida da nossa professora, porque eu não queria ir pra casa. Melissa ia me obrigar a ir na terapeuta, porque ela e mamãe descobriram que eu faltava se fosse para ir sozinha. A questão não era que eu não gostava das sessões, mas que eu não podia falar sobre tudo, em especial sobre a gangue. E se não era para ser sincera, eu preferia não ir.

— Ei! — Do nada Lily Brown surgiu no meio da piscina. Meu susto foi tão grande que eu senti meu coração batendo na língua. Eu estava embaixo d'água quando ela chegou e nem senti sua aproximação. Normalmente eu gostava de ficar sozinha na piscina e

treinar, pois não era uma boa nadadora. — Desculpe te assustar, mas eu queria mesmo falar com você.

Passei a mão pelo rosto, tirando o excesso d'água e tentei acalmar minha respiração antes de responder:

— Caramba, você me assustou. E nós conversamos ontem, o que você quer?

— Uau, você anda muito estressada, pensei que fôssemos amigas. — Ela entrou na água e nadou até a mim.

— Nós nunca fomos amigas, Lily, não de verdade ou estou mentindo?

— Como você é ingrata, Heart. — Desfez o sorriso. — Eu fui sua única amiga, ninguém te suportava.

Mergulhou antes que eu pudesse responder.

— Meu único amigo de verdade é o Landon — respondi quando ela voltou à superfície.

— E você o sufoca, nunca percebeu isso? A Elena acha que vocês não fazem bem um para o outro. Quando o Landon for morar com a gente, tudo será diferente.

— Ele nunca vai deixar o pai, pare de falar merda. — Afastei-me, pois ela se aproximava cada vez mais de mim, batia os pés

lentamente como se fosse um tubarão prestes a atacar.

— É o que veremos. Por enquanto… vamos dar um mergulho, você está precisando esfriar a cabeça.

— Obrigada, mas eu vou sair. — Movimentei.

— Eu disse vamos dar um mergulho. — Cerrou os dentes. Senti um frio na espinha quando ela mergulhou o corpo. De repente, pegou minha perna e me puxou de uma vez para debaixo d'água. O susto me deixou alguns segundos sem agir, não entendi de imediato o que estava acontecendo e engoli água no primeiro instante. Isso me deixou tão desnorteada que entrei em desespero, era como se eu estivesse esquecido como nadava.

Lily continuou a puxar meus pés e me afundou. Debati-me depois que meu cérebro captou o que acontecia. Lily Brown estava tentando me matar ou dar um susto em mim. Fosse o que fosse, precisava me defender.

Consegui subir a superfície e a empurrei para longe de mim:

— Que porra você estava fazendo?

Ela sorriu maliciosa e me respondeu afastando-se:

— Nada, foi só uma brincadeira. *Happy Halloween*! — Deu de ombros.

Eu quis revidar, mas parei como uma estátua ao pensar no que aconteceu ao Hugo quando eu revidei.

— Se encostar em mim de novo, você tá fodida — consegui dizer algo ao sair da piscina. Lily virou a cabeça para mim e piscou debochada.

— Callie, o que foi? — Landon me perguntou quando o encontrei no estacionamento da escola. Contei sobre o que havia acabado de acontecer e ele me olhou estranho.

— Você tem certeza? Por que ela faria isso?

— Está defendendo a sua meia-irmã?! — Soltei minhas mãos das suas.

— Não, primeiro que ela não é minha meia-irmã. Segundo, não fica brava, mas…

— Mas qualquer um que ouvir minha história vai pensar que eu sou louca — adiantei seu discurso.

— Não, Callie, não é nada disso. É que se isso chegar nos ouvidos do Wes…

— Ok, você está certo. Não quero ser a culpada pela morte de alguém de novo. — Engoli em seco ao pensar na minha culpa. —

Não precisa ir na minha festa hoje, ok? Vai ser bem chato. É melhor você ir lá na fazenda, ficar com sua mãe.

— Você está distorcendo tudo, não é assim… eu só não quero que seja imprudente de novo. O Wes esconde muita coisa de você, você não sabe do que ele é capaz.

— A Missy chegou — encerrei o assunto.

Fui na terapeuta nesse dia porque minhas mãos não paravam de tremer no caminho de volta para casa.



— Gostei da peruca — disse o filho do delegado elogiando minha peruca azul e curta. Ele foi a única pessoa que compareceu na festa planejada pela Missy do meu círculo social, porque eu não convidei mais ninguém. Depois que eu o soquei no nariz, ele resolveu me pedir desculpas e a minha culpa de quase o ter matado me fez aceitá-lo como amigo.

— Gostei também da sua peruca, Jonah. — Ele estava usando uma peruca rosa curta com franja, mas eu não havia entendido sua

fantasia ainda.

— E quem é você? Para que a capa de chuva?

— Sou Coraline Jones — Coloquei a mão na cintura. —, uma garota que encontrou a coragem ao olhar para o medo. É uma história do Neil Gaiman — expliquei ao notar que não conhecia. — E você, quem é?

— Sou a Alice em Closer. — Também fiquei confusa, pois não conhecia a história.

— É um filme adaptado de uma peça, assista, você vai chorar um pouco.

— Gostei do roupão também — Jonah trajava um roupão rosa e tinha uma cinta liga na coxa.

— É porque você não viu o que tem por baixo, querida.

— Ai meu Deus, que safadeza, adorei! Mas eu estou achando que você não colocou tudo isso só pra vir na minha festa de Halloween — apontei o óbvio.

— Acertou. Vai rolar uma festa incrível com direito a tudo, se é que me entende — sussurrou —, e eu preciso de você para me colocar lá dentro.

— Você é meu amigo porque de alguma forma eu sou popular?

— Sim, mas eu também gosto desse seu jeito excêntrico, meio vintage. E, vamos lá, você socou meu nariz.

— E você fez o meu namorado ser preso.

— Eu me arrependendo e já te pedi desculpas, fofa, vamos superar?

— Tá. A gente vai depois de comer, essas festas nunca têm comida. — Puxei sua mão para passarmos entre as cortinas negras.

Comemos tudo que minha irmã preparou, ela sempre cozinhou bem e a escola de gastronomia potencializou suas habilidades. Ouvimos a Missy lamentar o fracasso da nossa festa e tiramos fotos com as abóboras. A gêmea do mal foi junto depois de mandar seus três amigos para casa, o que foi bom para ela esquecer o idiota do médico. Ela acabou encontrando um funcionário do restaurante que trabalhava na cidade vizinha e os dois ficaram bem amigos até onde vi, pois o Jonah me puxou para uma roda em que estava acontecendo uma contação de histórias de terror.

Bebi três copos de ponche de vampiro que nada mais era do que uma bebida com licor de cereja e muita vodca. Contei uma história de terror e assustei todo mundo com o olho de botão que coloquei, pois fazia parte da minha fantasia. Vi minha irmã beijar o

colega dela, vi o Jonah beijar um garoto que fazia parte da torcida dos *Champions*, vi metade da festa se beijando e a outra metade ou estava drogada ou curtindo a companhia dos amigos.

Fui embora da festa e entrei em um grupo de crianças da vizinhança que pedia doces.

— Você não é velha pra isso? — perguntou um dos adultos que abriu a porta da sua casa.

— Doces ou travessuras? — falei a última palavras com um sorriso sinistro.

E foi assim que eu enchi uma sacola de doces.

Fui comendo no caminho de volta pra casa a pé, pois queria ver a decoração da casa da vizinhança. Tomei alguns sustos no meio do caminho com as fantasias bem elaboradas, principalmente as dos gêmeos que moravam na rua de trás da minha casa.

Senti-me solitária. Sempre fui, na verdade. Sempre tive dificuldades de me ligar às pessoas, de confiar, de cultivar amizades. Depois do que a Lily fez, eu me sentia ainda mais fechada sobre isso. Quis muito revidar, mas também me empertiguei ao pensar no Hugo.

De longe, eu vi alguém sentado na escada da varanda da minha casa. Meus pais não estavam, pois foram para uma festa mais adulta nos vizinhos, basicamente eles bebiam muito vinho e falavam mal dos filhos, sei porque já espionei. Preparei-me para pegar o spray de pimenta no meu bolso, mas ao chegar mais perto, vi alguém vestido de desculpas.

— Doces ou travessuras? — perguntou Landon.

— Você não está fantasiado. — Notei que usava as roupas de sempre.

— Culpado, você se fantasiou bem por nós dois, mas é uma maldade comigo usar amarelo. — Levantou-se e colocou as mãos no bolso. Ele odiava a cor amarela por motivos de não enxergar o amarelo como ele era, assim como o azul da minha peruca que tinha outro tom para ele. — Desculpe pelo atraso, eu estava com meu pai, ele teve uma inspiração pra um quadro e queria minha opinião. Fiquei conversando com ele por umas duas horas, ele está tão empolgado… — Passou a mão pela nuca.

— Não foi nos Browns?

— Jamais iria. — Apertou os lábios e olhei para o chão. — Desculpe por ontem. Eu acredito em você, sempre vou acreditar. Eu

só não quero que algo como aquilo aconteça de novo… contou pra mais alguém o que aconteceu? Quer contar pro diretor?

— Eu sei e não contei pra ninguém. — Ele dedilhou seus dedos na minha mão e subiu pelo meu braço. — Eu também não quero que aquilo aconteça. Vamos esquecer, ok? — Balancei a cabeça tentando tirar as imagens do quase afogamento da minha cabeça.

— Tem certeza? — Colocou uma mão no meu queixo para que eu o olhasse.

— Tenho. E sabe de uma coisa? Tenho muitas balas de alcaçuz comigo, peguei dos vizinhos.

Ele riu ainda preocupado comigo.

— Eu falo sério, se quiser falar com o diretor, eu vou com você.

— Está tudo bem, eu quero me entupir de doces, só isso. Vamos pra sua casa, quero ver o quadro do seu pai. Minha irmã fez uma torta que ninguém comeu ainda, podemos levar. — Segurei sua mão e entramos na minha casa para pegar a torta, mas, antes, no meio da cortina negra da decoração, nós nos beijamos.

Eu me sentia muito bem sozinha, mas estar com Landon Davis também era bom demais.

— Travessuras? — perguntou tirando a minha capa de chuva.

— Sempre — respondi ao sentir suas mãos quentes em minha pele.



AGORA

Nós dormimos demais. Havia muito tempo que eu não dormia tão bem e podia sentir que para o Landon o mesmo sentimento prevalecia. Acordei primeiro que ele, remexi nos lençóis, percebi que não colocamos uma peça de roupa sequer. Estávamos cansados demais para isso. Olhei para o rosto dele dormindo, para seu braço forte e as tatuagens em evidência. A minha vontade era de tirar uma foto e guardar esse momento, porque ele era absurdamente lindo dormindo, o que parecia uma frase de alguém apaixonado, mas não era por isso.

Ele se remexeu na cama, sentindo os raios de sol atingirem seu rosto, virou-se para o meu lado e franziu o nariz dando o primeiro sinal que abriria os olhos. E, quando abriu, senti meu coração de

mentira batendo em meu peito em desespero para se tornar um de verdade.

— Ei… — disse com um sorriso lento e me abraçou pela cintura. — Acho que dormimos muito.

— Você não vai poder fazer sua corrida matinal e daqui meia hora precisa estar no estúdio. — Imaginei, pois ele sempre tatuava logo no primeiro horário.

— Droga. — Colocou a mão no rosto e a subiu, tentando arrumar o cabelo. — Será que temos tempo para… — Olhou-me com segundas e todas as intenções.

— Para? — perguntei, vendo-o descer os olhos para meus seios metade cobertos pelo lençol. Ele desceu a mão e com o indicador puxou a coberta para baixo e espiou. — Tomar café? — provoquei.

— É, estou com muita fome, faminto. — Meu corpo foi todo descoberto por um instante e logo depois foi preenchido por todo seu corpo. Eu fiquei de bruços, ele me beijou por toda a minha coluna. Ele estava duro e eu o queria dentro de mim mais uma vez. E foi o que Landon fez após longos beijos em todo o meu corpo. Bem lentamente, friccionando na minha bunda, ele me penetrou duro e

firme, mordi o travesseiro para não fazer tanto barulho. E quando terminamos, eu tive a sensação que queria tudo de novo.

Nós rimos muito enquanto procurávamos pelas nossas roupas no andar de cima e no de baixo. Não encontrei minha calcinha e fiquei com a tarefa de encontrá-la antes do expediente. O que não foi o que eu fiz quando o Landon saiu, pois precisava entregar um trabalho de desenho encomendado por uma editora. A Violet havia sumido e eu teria que entregar o trabalho por ela. O *Sketch* havia sido aprovado e eu precisava passá-lo para meu *ipad* e seguir com o desenho de acordo com a paleta de cores que minha amiga pré-definiu.

A primeira pessoa que chegou para trabalhar no bar foi a Bethany, pois ela havia levado sua filha para a casa do pai.

— Aquele babaca é impossível. — Ela chegou reclamando no momento que eu finalizava o e-mail anexando o trabalho que demorou o dia todo.

— O que aconteceu?

— O de sempre, fica questionando os meus gastos, como se o dinheiro que ele nos mandasse fosse uma enorme quantia. Enfim, ele que se foda. — Ajeitou as tranças, tirando-as do ombro.

— Quer beber algo?

— Podemos fazer isso? — Franziu a sobrancelha com um recente piercing feito junto com a filha. Ela havia me dito que foi uma forma de fazerem algo juntas para que a Mackenzie não fizesse escondido.

— O expediente ainda não começou, então, sim. — Fechei o notebook e fui até o bar. — Ah droga, preciso achar uma coisa. — Lembrei da calcinha.

— O que você perdeu? — Bethany se sentou na banqueta.

Meu rosto enrubesceu na mesma hora.

— Minha calcinha… — sussurrei ao servir vinho branco para ela, seu favorito.

— Sua calcinha? Como? — Ajeitou uma mecha de cabelo na orelha. — Ah, meu Deus. Sempre imaginei que o sexo entre vocês era selvagem.

— Bethany!

Ela percorreu os olhos pelo salão e disse entre um riso:

— Achei.

Acompanhei seu olhar e vi que minha calcinha estava em cima do lustre. Tirei uma foto e mandei para o Davis que me respondeu pouco depois:

“Pelo menos ela está inteira”.



Landon e eu criamos uma nova forma de nos comunicarmos. Já fazia duas semanas que nossa rotina se resumia em novas posições e novas explorações. Eu não quis colocar expectativas, mas estava cheia delas. Acreditei firmemente que era um recomeço, talvez Landon também estivesse acreditando, eu sentia em seu toque, estávamos perto demais de tocar o cosmos e não queríamos frear.

Fui visitar o Copper na casa dos Harris e encontrei com John que me falou que estava pronto para aposentar-se do bar. Ele queria que a gerência fosse toda do Davis, mas que sabia que ele não dava mais conta, por isso tinha a ideia de que ele poderia treinar a Bethany para o cargo. Também conversamos sobre o fato de que ele não teve filhos.

— Conheci o amor da minha vida aos cinquenta e cinco anos. Não tínhamos mais condições físicas ou mentais para ter filhos, nem biológicos, nem adotados. Por isso temos nossos cachorros e o Copper foi um belo presente pra nós.

— Uau, ela demorou pra chegar na sua vida, né? — citei a Wendie.

— Mesmo que eu a conhecesse por um minuto, ela seria inesquecível.

Sorri ao presenciar seu amor por sua mulher e entendi tudo que ele quis dizer. Apesar de estar perto dos meus vinte e quatros anos e ter muita coisa para viver, eu me senti um pouco mais madura apenas por conversar com ele.

Há duas semanas também tive um pequeno desentendimento com a minha melhor amiga, porque eu disse que o Neal Meyer não a merecia. Mas, com sua mente apaixonada, ela ouviu o contrário e ficou brava comigo. Então, decidi dar um tempo para ela pensar no que queria para sua vida amorosa. Fora que ela me usou para mentir para os pais. A senhora Jung encontrou a caixa da pílula do dia seguinte no banheiro da filha e também ouviu a fofoca do vizinho

sobre a festa que fizemos. Para se safar, Violet colocou a culpa em mim.

— Quer ir a um jogo de beisebol comigo amanhã? — perguntou Landon ao se aproximar de mim quando eu estava preparando um *Bloody Mary*.

— Você curte beisebol agora?

— Um pouco. O rebatedor dos *Mets* tatuou hoje comigo e me convidou pro jogo.

— Gosto dos *Mets*, apesar do azar deles. — O time do *New York Mets* não tinha uma conquista desde de 1969, mas a fama do rebatedor era grande, diziam que ele mudaria a sorte do time.

— Ok, eu vou. — Coloquei um pouco mais de pimenta no drink e o Landon reparou.

— É para a Chloe?

— Aham.

Ele riu balançando a cabeça em negativo.

— Sinto cheiro de ciúmes — falou próximo ao meu ouvido.

— Talvez seja a fumaça que esteja saindo da cozinha… — Senti sua mão bem perto da minha bunda, mas paramos, pois o

movimento não nos permitiria escapar.

Entreguei a bebida para a Bethany que, como eu, não suportava mais as visitas da modelo. O meu motivo era ciúme, e o da minha amiga era que a garota e suas companhias não consumiam muito e sempre eram mal-educadas.

"Não estou grávida" recebi uma mensagem da Violet.

"Parabéns" respondi.

"Desculpe…"

"O que aconteceu?" perguntei sabendo que ela tinha algo a mais a dizer pelas reticências.

"Você tinha razão, o Neal é um babaca."

"E o que mais?"

"E eu fui uma idiota por ter mentido e não ter encarado meus pais, pode me perdoar, por favor? Vamos nos encontrar amanhã?"

Respirei fundo, eu era um pouco rancorosa, mas entendia minha amiga, eu já agi muito por impulso por estar apaixonada. Eu sempre fui uma pessoa de poucos amigos e não confiava em quase ninguém, mas com a Violet era diferente, não precisava me esforçar para ser amiga dela, era fácil. Não queria perdê-la, por isso fui flexível.

“Ok, amanhã no Panera Bread.”

— Mexendo no celular durante o expediente? — cutucou o Davis.

— É. Por quê? Vai me punir? — perguntei focando o olhar em sua boca.

— Posso?

— Quero.

— Eu quero um martini — disse um cliente quebrando o nosso momento de flerte. Afastamos nossos olhares e voltamos ao trabalho. Eu não era uma pessoa de redes sociais, mas decidi olhar o Instagram no Neal Meyer, o encanto da Violet não iria se quebrar à toa, tinha algo por trás. Descobri isso em segundos depois de ver a última foto postada em seu perfil. Era ele, uma garota e uma legenda *“Como é bom te reencontrar.”*

Podia ser parente dele? Não. Nos comentários pessoas próximas e até fãs diziam que amaram o reencontro e que ela deveria deixar de ser a ex dele, se é que já não deixou. Balancei a cabeça pensando que meu instinto não falhava. O nome dela era Judy, vi na marcação e a música da *The Pressure*, *Forever Judy* dizia muita coisa.



— Eu sei lá, sou eu. Eu que fui uma *stalker*, eu que o beijei, eu que sempre puxava assunto, eu que convidei ele pra transar. Eu fiz tudo isso, achei que não tivesse coragem, mas tive e no final eu, sou eu que estou na merda. E ele está lá com aquela garota que sempre gostou — disse Violet sentada em uma das mesas do Harris pub. Nós decidimos apenas pegar o café para viagem, pois ela não queria mostrar sua cara de choro pra todo mundo.

— Pelo menos você tentou, ok? Não vai ficar mais pensando no e se…

— Eu tô acabada — soluçou. — E nem tenho como competir. Sabe o que ele falou pra mim? — Não esperou que eu adivinhasse. — Que não quer perder a minha amizade. A porra da minha amizade! Eu nunca fui amiga dele, eu queria transar — finalmente falou a palavra —, namorar, não ser amiga. Inferno. — Bateu na mesa e quase derrubou o meio litro de café que eu pedi.

— Calma. — Peguei meu copo. — Eu quero tomar meu café.

— Ele sempre esteve com ela, era ela a garota que ele também ficava quando estava comigo. E ele decidiu assumir. E eu? Fui quem nessa história? A idiota, a fã maluca, a perseguidora. E ele me deu trintas segundos de uma sensação de merda, eu nem sei o que é orgasmo. Quer saber? — Bateu na mesa de novo. Meu Deus, vamos perder uma mesa se ela bater com mais força de novo. — Eu vou ligar, vou xingar ele, esse merda, esse babaca, esse…

— Violet. — Segurei sua mão. — Eu sei tudo que ele fez com você, mas você nunca percebeu que ele não fez nada? Quer dizer, ele nunca deu abertura para crescer isso que vocês tinham. Eu sei que você precisava tentar, mas, caramba, Ji, como você disse, você teve que fazer tudo. E em um relacionamento não é assim que as coisas funcionam. Eu sei que não sou a melhor pessoa do mundo para dar conselhos, mas pare. Pare agora. — Coloquei a mão no seu celular e o peguei para mim.

Ela chorou bastante. Lembrei de como me senti quando Landon e eu terminamos, eu tive aquela sensação esmagadora que ainda batia como um relógio no meu peito. Um *tic-tac* que a cada dia soava mais baixo.

— Meus pais querem que eu passe um tempo na Coreia. E eu acho que é uma boa ideia — disse, secando as lágrimas com a

manga da camiseta.

Fui pega de surpresa, eu não queria ficar sem minha melhor amiga. As últimas semanas foram difíceis sem ela.

— Você tem certeza? Por quanto tempo?

— Ah, não sei…eu tô cansada, cansada de ser a Violet. Talvez eu deva ser apenas Jung Ji Eui mesmo.

— Mas você nunca quis morar lá. Não decida agora por impulso, ok? Dê um tempo pra você mesma — tentei convencê-la. Falei sobre nossos trabalhos, como a demanda estava alta e ainda a lembrei sobre a possibilidade de ela ser uma tatuadora. Notei que falar sobre isso não adiantava e a convidei para o jogo de beisebol. A resposta também foi negativa. — Os garotos vão sair em mais uma viagem do moto clube no próximo fim de semana, vamos? — Fiz mais um convite.

— Talvez seja uma boa despedida.

— Ótimo, só tenho que convencê-los a nos levar.

Ela concordou que sim e afogou-se novamente em lamentações.

Eu já imaginava em que momento pediria isso para o Davis e por isso sorri satisfeita. À tarde, nós fomos ao jogo de beisebol.

Fiquei na fila do refil de pipoca e ele na de refrigerante antes do início do jogo e depois de encarar a longa fila, fomos para o nosso lugar. Por ter ganhado os ingressos do rebatedor, conseguimos sentar na primeira arquibancada. Dá última vez que fui em um jogo, paguei dezoito dólares e me sentei no último andar perto das pombas.

— Não é por nada, mas eu prefiro os Yankees — cutuquei o Landon.

— Só porque eles têm mais títulos.

— É claro, eu gosto de torcer pra time que ganha.

— Ei, fala baixo, a torcida dos Mets pode ficar puta com você.

Era verdade, a mulher do meu lado me olhou apenas com o canto dos olhos me julgando. Vez ou outra eu segurava as mãos do Landon e ele me dava um beijo. Senti-me de novo uma adolescente em um encontro com o namorado. Era a nossa segunda chance de fazer dar certo e embora não tenhamos definido nada, eu sabia o quanto isso significava pra ele.

Era um voto de confiança muito forte. Quando eu parava para pensar nas coisas que fiz, no que eu omiti, quando pensava no meu

coração e no fato de que era uma bomba-relógio e mesmo assim, ele decidiu por nós, eu me sentia viva de novo.

Tinha tanto medo, mas não conseguia parar meu sentimento. Toda a lembrança daquele fatídico dia era como um borrão em minhas memórias, quando eu apaguei, eu bloqueei tudo que aconteceu. Foi o que a minha terapeuta disse. E, para ser muito sincera, eu não queria desbloquear essas lembranças.

Mas *ele lembra de tudo*.

— Tudo bem? — perguntou apertando minha mão.

— Claro, tudo bem… — perdi o foco do meu olhar. — Landon, você tem muitos sonhos? — Balancei a cabeça ao mudar de assunto.

— Sonhos pro futuro? — tentou entender a minha pergunta e eu confirmei. — Não penso em muita coisa. Quero tatuar, não só por aqui, mas viajar, tatuar em vários lugares do mundo. Quero colocar os quadros do meu pai pro mundo inteiro ver e… — Ele olhou para frente e focou na figura de um pai com o filho torcendo pelo time. — Quero ser pai.

— Sério?

— É… — Olhou para o chão em constrangimento. — Se eu conseguir ser um pai um pouquinho como o meu, é, eu quero ser pai.

— Uau, eu não sabia desse seu desejo.

Tive que me esforçar para sorrir, sabendo que comigo essa possibilidade era perigosa. Eu sabia das minhas limitações e ter filhos era uma delas. Seria um risco pra mim e para a criança. Senti um aperto triste no peito e me esforcei ainda mais para não transparecer.

— E você?

— Quero deixar um pouco das minhas cores por aí, conhecer novos lugares. Desenhar coisas novas. Quero lançar meu quadrinho e muitos outros se eu tiver ideias suficientes, talvez eu não faça muito sucesso, mas apenas se eu ouvir de algumas pessoas, algo como ‘você deixou meu mundo mais colorido’, eu estou feliz.

— Você deixou meu mundo mais colorido — sussurrou ele perto do meu ouvido. — Talvez não da mulher ao nosso lado, porque conversamos muito. — Nós rimos. — Mas o meu está em alto contraste nesse momento.

Beijei o canto da sua boca e ele beijou minha covinha.

Beisebol era um passatempo longo demais, já estávamos na oitava rodada e faltava mais uma e eu cochilei duas vezes até que tive uma boa ideia.

— Preciso que me faça gozar — sussurrei no ouvido do Davis.

— Agora?

— É. Agora.

Ele olhou para os lados constrangido porque não tínhamos para onde correr.

— Vem. — Levantou-se me puxando pelo braço. Nós seguimos até o banheiro, eu entrei primeiro, vi que ele podia entrar e fiz um sinal positivo. Nos trancamos. — Você vai ter que ficar bem quietinha — passou a mão por debaixo da minha saia.

— E se nos pegarem?

— Damos um jeito de fugir.

Ele parou o meu quase riso ao assumir o controle da minha boca com seu beijo. Uma de suas mãos foi parar na curva do meu pescoço e a outra se dedicou a parte inferior do meu corpo. Seus dedos subiram pelo meio das minhas pernas em um ritmo apressado e foram parar na minha calcinha, ele apenas a colocou de lado e esfregou os dedos enquanto descia sua boca até meu queixo.

Queríamos ser rápidos, e ele foi muito rápido, ao descer a alça do um vestido e chupar um seio.

Arfei quando a sucção se ritmou com seus dedos entrando e saindo de mim. Só o fato de pensar no que poderíamos fazer havia me deixado molhada. Não falamos, usamos a boca para outra coisa. A adrenalina era alta, porque em breve o banheiro estaria lotado de pessoas, tínhamos que resolver uma pendência, na verdade, Landon a resolveu muito fácil.

Com sua boca, seus dedos, sua urgência. Calou meus gemidos me beijando, me fez gozar nos seus dedos e me fez sair do banheiro com as pernas tremendo. Demos as mãos e corremos para ir embora, pois achamos que um segurança estava de olho em nós, o que jamais saberíamos, porque entramos no carro antes de sermos expulsos.

Ao chegarmos em casa, ele foi para o banho primeiro, mas acabou me chamando:

— Pode pegar a toalha pra mim? — gritou.

Quando fui entregá-la, abri a porta do banheiro e o encontrei com a cortina aberta, com a banheira cheia e os músculos dos

braços flexionados encostados na borda da banheira. Nu, pronto pra mim.

— Você quer que eu te seque, é isso? — brinquei.

— Não, quero te deixar bem molhada. — Piscou pra mim e isso foi o suficiente para que eu me derretesse pelo seu charme.

Despi-me aos poucos para excitá-lo com a expectativa do que viria. Tirei vagarosamente o vestido, primeiro as alças e o desci bem lentamente pelos meus seios. Era incrível como ele sempre olhava como se estivesse vendo-os pela primeira vez. Passei o vestido pelo meu quadril e o retirei pelos pés. Depois que tirei a calcinha, joguei ela para ele que riu por ter sido atingido no rosto.

Entrei na água e cobri seu corpo com o meu. Beijei-o, dessa vez com muita calma. Tão devagar que parecíamos agir em câmera lenta. Ele me tocou entre minha pele e a água. Beijou-me vagarosamente, senti alguns pelinhos de sua barba nascendo, deslizou as mãos por todo o meu corpo e espalmou suas mãos pela minha bunda quando eu toquei em seu pau.

Nós curtimos esse banho lento como se ele nunca fosse acabar.

Por um momento, eu encarei minhas memórias na água, vi um reflexo. Metade dele era meu, metade era a imagem *dele*.

Eu quis que as memórias ruins escorressem pelo ralo, mas seria impossível separá-las das boas.

Eu senti urgência em dizer que o amava muito.

Eu senti medo em dizer que o amava demais.

Então eu falei apenas pela linguagem corporal. Passei a mão pelos seus ombros, desci pelo seu peito e acariciei seu abdômen, gemi em sua boca, ele gemeu na minha. Meus olhos ficaram fechados o tempo todo, meus sentidos ficaram mais aguçados.

Era intenso demais. Forte demais. Perto demais.

Meu peito inflava rápido, de uma maneira tão intensa que eu pensei que fosse explodir em um milhão de cores. Landon Davis coloria o meu coração, ele o tinha para si. Mas por quanto tempo eu poderia ser egoísta? Por quanto tempo eu poderia fingir que viveria o suficiente para ver seus sonhos acontecerem?

Ele me apertou mais forte em seu peito.

Beijou-me, me viciou.

Entorpeceu-me.

Deslizei minhas mãos.

Chupei seus lábios, enlouqueci desejando que entrasse em mim, me fodesse, me reivindicasse. Queria ser sua mais uma vez, para continuar sendo minha. Cada vértice e curva do meu corpo foi tocada por ele.

E quando tivemos que sair para ir para a cama, ele me penetrou bem devagar e eu pensei que poderia ser egoísta, um pouco mais, porque o queria ainda perto demais. Perto como se pertencêssemos a mesma matéria corporal.

Achava que sempre tínhamos sido, sempre tínhamos pertencido.

Enganei-me mais uma vez, achando que o tempo poderia passar. *Tic-tac*, meu coração bateu em meu peito em uma contagem regressiva, ele poderia parar a qualquer momento.



DIAMANTE DE SANGUE

“Ela olhou no fundo da gema
E percebeu que era um diamante de sangue”.
(Serpente de diamante, Callie Heart)

Landon Davis

ANTES

Fiquei zonzo ao abrir e fechar os olhos depois do soco que eu recebi e, mesmo assim, consegui revidar. Tive uma briga com um membro da gangue depois que eu me recusei a participar de um roubo. O motivo da discórdia foi que o Wes aceitou que eu ficasse

de fora. O meu colega me acusou de ser protegido por conta da Callie e seu vínculo de sangue com o nosso líder.

Eu o soquei, ele me socou de volta, uma vez só, porque na próxima vez que eu formei minha mão em um punho e desferi um soco, ele caiu no chão. Dei um aviso. Ele tentou se levantar e apenas conseguiu com a ajuda de outro membro da gangue.

A gangue não ficava muito tempo em um mesmo lugar, mas, dessa vez, o Wes decidiu que ficaria na região e estabeleceu a sede dos *Basilisks* em uma oficina de motos. Ele estava ganhando muito dinheiro com as corridas, os roubos e as vendas de drogas, era claro que o desgraçado não iria embora tão cedo. Vivia falando que queria estabelecer conexão com a Callie, afinal, de acordo com ele, eles eram: *Blut von meinem Blut.* Traduzido do alemão, sangue do meu sangue. Odiava quando ele falava coisas que eu não entendia, às vezes, eu ficava me perguntando se ele não nos ameaçava em alemão ou se estava apenas contando uma piada.

A *filha* não queria saber muito sobre ele e nem sobre suas raízes, mas ele contou mesmo assim que seus pais eram alemães e que estavam mortos há muitos anos. Eu me perguntava se ele realmente se considerava um pai ou quis a filha na gangue por

capricho e mostrá-la como uma herdeira. Seja o que fosse, nem eu, e nem ela, o queríamos por perto.

— Que porra está acontecendo aqui? — Wes nos pegou no flagra.

Passei a mão nos lábios e limpei o sangue escorrendo.

— Nada — respondi.

— Eu perguntei o que está acontecendo aqui, caralho! — Cerrou os dentes e direcionou o seu olhar para o outro membro da gangue. O cara nos dedurou rapidamente. — Então vocês estão com tempo de sobra pra brigar? Ótimo, vamos fazer isso direito.

Todo mundo se entreolhou e, pelo que vi em suas expressões, eles entenderam o que ele quis dizer. Eu entendi depois quando foi marcado uma corrida entre mim e o filho da puta que falou merda sobre meu relacionamento com a Callie.

Estava de saco cheio desse inferno, das saídas noturnas, das corridas e tudo relacionado aos *Basilisks*, mas eu não podia sair. Não naquele momento. Não até juntar dinheiro suficiente, ir embora com a Callie e levar o meu pai junto com a gente. Desde que ele soube do meu envolvimento com a gangue e da traição da minha

mãe — que ela negava —, não o sentia mais o mesmo. Eram raros seus momentos de felicidade.

No aniversário da Callie, tivemos um problema porque o Wes quis participar e apareceu na casa dela sem convite. A mãe dela o expulsou, claro, mas a sensação de que ele iria aprontar algo nunca desaparecia e embargava sempre nossos pensamentos. No dia de ação de graças, nós ficamos separados, assim como no natal. No ano novo escapamos para ficarmos juntos. Só eu, ela e meu pai. Foi incrível.

Já que as festas passaram e a responsabilidade de escolher uma faculdade invadiu nossas mentes, tudo voltou a ser nebuloso de novo. Prometi ao meu pai que ia sair da gangue, prometi que arrumaria um emprego, mas não foi o que fiz e continuei mentindo pra ele. Eu podia sentir que, no fundo, ele sabia que não saí da gangue, porém, estava tão cansado do trabalho, de tentar que sua arte desse certo, mais e mais uma vez que, a sensação que transmitia, era como se o seu corpo estivesse com a gente e sua alma não. A única coisa que o fazia ser ele mesmo era sua arte, suas pinturas a óleo sobre tela.

Um dia ele estava pintando na varanda e eu dei uma ideia a ele:

— Por que não vamos pra Nova Iorque? Pode ser depois que eu terminar a escola, lá tem muitas oportunidades para artistas como nós.

Ele usava técnica de *Sfumato* para fazer o retrato de uma garota. A técnica de *Sfumato* foi desenvolvida por Leonardo da Vinci e aplicada na obra Monalisa, a técnica reproduzia com fidelidade a textura da pele humana por meio de uma série de camadas de tinta que davam um efeito de esfumaçado. Meu pai amava falar sobre isso e eu sempre escutava com muita atenção.

O quadro era um dos trabalhos raríssimos que encomendaram, porque, com os softwares de hoje em dia, aplicar um filtro de pintura a óleo em uma foto era algo simples de ser feito. Nada se comparava a um trabalho manual, mas não era assim que as pessoas viam. Meu pai gostava de fazer o retrato observando a pessoa, porém, a garota estava na faculdade e o quadro era um presente do avô, por isso ele usava uma foto como referência.

— Você quer ser pintor? — Virou-se para mim.

— Não exatamente, porque…

— Por que você não gosta das cores?

— Eu só não gosto de vê-las diferentes que todo mundo. E não fala que eu sou especial, porque eu não me vejo assim.

— Tudo bem, como quiser. E o que gostaria de fazer para o futuro? Faculdade?

— Não sei… eu gosto de tatuagens. — Na gangue, muitos caras tinhas tatuagens e eu estava começando a me interessar por isso, porém eu não tinha contado pra ninguém ainda o que se passava na minha cabeça.

— Tatuagens… — Ele pensou e encostou a mão suja de tinta no queixo.

— Posso?

— Eu apoio o que você quiser ser, filho.

— Pareço um delinquente por isso?

Ele riu.

— Não, por isso não. — De repente, cessou o sorriso. — Você precisa decidir o que vai fazer, Landon, você sabe do que estou falando. Eu não quero enterrar um filho, entendeu?

— Tá, pai, eu sei — disse impaciente. — Mas você não me respondeu, quer ir para Nova Iorque?

Suspirou cansado e respondeu:

— Podemos pensar.

Fiquei feliz por ele pelo menos considerar, tudo que meu pai dizia não era um irremediável nunca. Mas como ele considerou, poderia pelo menos sonhar com essa possibilidade. Sentei-me ao seu lado e o vi pintar e falar sobre suas técnicas, eu conhecia quase todas elas por ouvi-lo falar todos os dias. Era nosso momento pai e filho sem nenhuma preocupação externa, eu queria que ele soubesse o quanto eu era o seu fã número um.

À noite, fui para a casa da Callie e pulei sua janela como sempre.

— Vamos fazer uma tatuagem quando tivermos dezoito anos? — perguntou quando eu sugeri a ideia. Estávamos deitados lado a lado e fazendo todos os planos possíveis.

— É, eu pensei que seria algo legal, mas em um lugar seguro, por favor. — Recordei-me do piercing que já estava cicatrizado e que doeu por longos dias.

— Ótima ideia, não vejo a hora de fazer dezoito anos, temos tanta coisa pra fazer. — Seus olhos se perderam em pensamentos. — Me fale, o que você vai querer tatuar?

— Não tenho ideia.

— Que tal uma aposta? Se você perder, vai fazer um desenho que eu fiz quando era criança e vice-versa.

— Espera, posso ver o desenho antes? — Coloquei a mão em sua barriga.

— Nada disso. Vai ser às cegas. — Olhou-me maliciosa.

— Tá, eu aceito.

Meu sorriso desapareceu quando eu pensei que talvez eu não chegasse nessa idade. As corridas clandestinas eram um forte risco à vida.

— Sabe aquela sua história? Sobre a serpente que engoliu o coração da garota?

— Sei, o que tem ela?

— Qual é a moral?

— Oh! — Deitou-se de barriga para baixo. — Você não sabe mesmo?

— Eu queria ouvir de você.

— A boca é a única coisa que as cobras têm para pegar as presas, essa é a moral da história.

Não entendi, porém não perguntei de novo.

— E, no fim, os diamantes valeram a pena?

— Ah não, eles eram diamantes de sangue. — Virou de lado e encontrou meus olhos. — Diamante de sangue é um termo usado quando a pedra é proveniente de uma zona de guerra, ou seja, foram extraídas sob trabalho escravo. O que quero dizer com isso é que vale a pena encontrar o caminho dos diamantes em cima do sofrimento de alguém?

— Dizem que o fruto não cai longe da árvore, mas cai sim. Você é diferente do Wes, Callie.

— Eu queria ser, mas não sou. — Colocou a mão no meu rosto e fechou os olhos por um segundo. — Vamos embora daqui, Landon. — Sua voz embargou em angústia.

— Quando você fizer dezoito anos, nós vamos. Eu já conversei com meu pai.

— Promete? — Abriu os olhos.

— Você sabe que sim. — Beijei o topo da sua cabeça e não tive coragem para contar o que aconteceria no fim de semana.



— Você está maluco? Landon, não! Não! Você não vai. — A Callie ficou sabendo sobre a corrida e tentou de tudo para me parar. Ela ficou parada na porta da minha casa e tentou bloquear a saída com o seu corpo.

— Eu não posso fugir.

— Você pode, sim, eu falo com o Wes.

Eu ri em desespero.

— Quando você vai entender que ele não vai parar? Hein? Nunca! Isso só vai acabar quando alguém morrer.

— Quem?! Você?! Ele?! — Irritada, ela puxou minha jaqueta.

— É. — Fiz um aceno afirmativo e passei a mão no queixo. Cerrei os dentes por tanto tempo em nervosismo, que meu maxilar doeu.

— Por favor, não faz isso — pediu quando eu coloquei a mão em seu ombro.

— Desculpa.

— Lewis! Lewis! — chamou pelo meu pai.

— Ele não está, saiu para assistir um jogo com um amigo.

— Vou ligar pra ele.

— Callie, chega, por favor, para. Não dá pra você me proteger de tudo. Tem coisas que eu preciso fazer.

— Se você for, estará arriscando sua vida! Landon, você não entende?

— É você que não entendeu ainda. — Fixei meu olhar nela, uma nuvem sombria cobriu minha visão. — Se eu não for, estarei arriscando a minha vida também. As duas opções são a mesma coisa! — Ela soltou os braços no batente da porta ao sentir o choque das minhas palavras. Caminhei até a moto e fiz algo que meu coração amargou, a deixei sozinha.

Todo mundo dos *Basilisks* e dos apostadores se encontraram em Salem. Os burburinhos já haviam se iniciado, as apostas haviam sido feitas. Os caras batiam nas grades que os separava da pista feito brutamontes ansiosos pelo massacre. Barns, o cara com que briguei, era o melhor nas corridas, isso queria dizer que eu não tinha chance. Eu sabia que um momento assim chegaria, um combate, por isso me preparei há algum tempo, eu ainda não era mais forte fisicamente que qualquer um dos *Basilisks* e também não era o mais

habilidoso com as corridas, mesmo assim, eu havia me preparado para algo do tipo.

— Atenção — começou o Dash. Desde a corrida que fiz com a Callie, esse filho da puta estava me marcando. — O primeiro que chegar aqui, vence. Simples, né, seus filhos da puta? Alguma dúvida?

— E quais são as regras? — perguntou meu adversário.

— Sem regras — Coçou o nariz gigante. —, tentem chegar vivos — finalizou com um sorriso macabro.

Montei na moto, ouvi o sinal sonoro e pensei em dar meia volta e sair dali. Mas eu não tinha saída. Tudo à minha volta era como uma armadilha, só teria fim ao percorrer o rastro de sangue e encontrar uma poça vermelha. A adrenalina pulsou em minhas veias, eu nunca senti tanto medo. Barns bateu em mim com sua moto ao dar o seu aviso que apenas um de nós chegaríamos na linha de chegada. Minhas mãos tremiam no guidão da moto, tentei ser firme segurando-as o mais forte possível. Olhei para o retrovisor e vi o meu adversário perto de novo.

Eu não iria conseguir ganhar, porque a moto dele era melhor que a minha, por isso eu fugi, peguei o caminho contrário. Não

esperava que ele me seguisse, percebi na mesma hora o que estava acontecendo. Ele não queria chegar primeiro, ele queria me matar.

Para ser sincero, quando chega perto do momento de ver a morte de frente, você não pensa no passado e muito menos no futuro, você pensa no agora e no que pode fazer para escapar da sua sentença.

Então, quando ele me bateu de novo com sua moto, eu revidei e bati na dele. Nós dois quase caímos. Gritei para ele parar, pois qualquer um que caísse na velocidade que estávamos poderia morrer em questão de segundos.

Um zumbido no meu ouvido soou, o sangue em minhas veias fluiu como fogo me queimando por dentro. Meus músculos faciais se tencionaram, respirei mal, olhei fixamente para a frente e vi o túnel e, como um estalo, uma ideia surgiu em minha mente.

Nós dois seguimos pelo túnel quase que grudados, uma água do teto escorreu e caiu diretamente no meu rosto, olhei de canto para meu adversário e fiz uma manobra contrária do que ele imaginava, virei para o lado, poderia dar de cara com as paredes cheia de pichações se eu não fosse rápido o suficiente. Consegui contornar, meu coração bateu na garganta e instantaneamente

chegou na ponta dos meus dedos, tremi, quase não consegui segurar a moto. Meu ombro bateu na parede, a dor não soou na hora, porque eu estava afoito para me livrar do meu oponente.

Ele virou a cabeça para trás atento ao meu movimento, porque eu peguei o caminho da volta, ou ele faria o mesmo que eu para me perseguir ou se preocuparia em vencer. Ele escolheu me perseguir. Barns presumiu que eu pegaria o caminho da entrada do túnel, mas na verdade eu fiz um retorno de trezentos e sessenta graus e voltei para frente alcançando o caminho da saída.

Os pneus da moto rasgaram no asfalto, acelerei, corri o mais rápido que pude, eu não consegui ver nada, nem ouvir, meu coração batia no meu peito tão rápido que me deixou zonzo. Na verdade, não era isso, o impacto da batida do meu ombro estava começando a fazer efeito. Meus pulmões contraíram, forcei ao respirar pela boca, o ar não entrava, quase me sufoquei com o meu desespero.

Não parei.

Estava obsessivo pelo meu único propósito. Eu iria vencer para contrariar a grande maioria que apostou que eu perderia. Mordi a língua, senti o gosto metálico do sangue, ouvi os gritos próximos a linha de chegada, ao parar a moto, zonzo, cuspi meu sangue no chão

e olhei ao meu redor. Todo mundo gritava meu nome ensandecidos, pedindo por mim, pedindo por mais. Eu podia ouvir bem no fundo desses gritos, um barulho de faca riscando o asfalto, era como um prelúdio de um derramamento de sangue.

Dash levantou minha mão e me anunciou como o vencedor. Meu adversário chegou pouco depois, jogando o capacete no chão, querendo partir pra cima de mim mais uma vez, porém não teve coragem pra movimentar um dedo contra mim.

— Você é o futuro dos *Basilisks*, eu sabia disso… Um dos meus, *Blut von meinem Blut* — cumprimentou Wes. Meus olhos se encheram de ganância. — Vamos tomar uma bebida, temos negócios para tratar.

— Espera um pouco. — Tossi e vi a Callie tentando se desvencilhar da multidão. — Tenho que falar com a Callie — anunciei e corri em direção a ela.

— Você vai me matar! — Ela bateu no meu peito quando a agarrei em um abraço. — Porra, eu não tô nem conseguindo respirar. Caralho, Landon. — Afastou-se rápido, batendo bem no meu ombro machucado.

Grunhi de dor e segurei a lesão com o outro braço.

— Desculpa…

— Desculpa?! Que merda. — Apertou os lábios e respirou alto. — Vamos embora, deixa a porra da moto, eu vim de carro. — Puxou-me para longe da multidão.

— Eu não posso deixar a moto.

— Pode, você nem consegue pilotar de volta.

—Callie, para. — Parei de andar. — Para de me proteger.

— Landon, vem comigo, agora!

O barulho da multidão ainda clamava pelo meu nome.

— Eu não vou. — Afastei-me, balançando a cabeça em negativo.

— O que você está fazendo? — Colocou a mão na cabeça em desespero, lágrimas encheram seus olhos.

— Estão chamando por mim. — Virei os calcanhares e dei as costas para ela.

— É isso que você quer?! — gritou, não respondi porque era algo que eu nem sabia, mas iria pagar pra ver. — Tá! Faz o que você quiser, eu não vou mais ficar nessa merda. E ah, vai pro inferno! — despejou sua raiva.

— Eu já estou nele… — murmurei, limpei o canto da boca que escorria mais uma gota de sangue e fui em direção ao diabo ou, melhor dizendo, Wes.



AGORA

— Pode me contar o significado das suas tatuagens? — perguntou Callie, acariciando meu abdômen. Estávamos deitados em minha cama e eu estava quase dormindo quando despertei com sua pergunta. — O que significa a cobra?

— Nem tudo que tá aqui faz sentido. — Gesticulei com a mão de cima a baixo do meu corpo. — Mas a cobra significa renascimento, troca de pele…

— Interessante, posso ter uma?

— Você quer fazer? Vai ter coragem?

— Vai doer?

— Não vou utilizar o recurso da mentira que os tatuadores contam, porque é claro que dói.

— Vou deixar pra quando eu tiver muita coragem. Vai arrumar um espaço na agenda pra mim?

— Quando quiser. — Acariciei suas costas.

— Por que quis ser tatuador? Você me falava sobre tudo, mas nunca exatamente sobre isso.

— Lá na gangue, eu fiz tatuagem nos caras. — Ela havia saído dos *Basilisks* nessa época. — Eu sabia desenhar e eles não, foi por isso. Um cara me ensinou, lembra dele? O mais alto que tinha tatuagens no rosto.

— Sei quem era, ele era estranho. E ficou bom?

— Horrível, nada comparado com o que sei hoje. Mas eu gostei, porque é como contar história na pele das pessoas. Cada uma das tatuagens que faço conta alguma coisa, mesmo que a pessoa não tenha esse intuito.

— Você é um contador de histórias.

— Assim como você. — Apoiei o queixo em sua cabeça.

Fechei os olhos, estava muito cansado da minha rotina que começava cedo demais e terminava muito tarde.

— Landon?

— Hum?

— Posso ver os quadros do seu pai? Você está com eles, não está?

— É… estou — respondi e dei uma pausa longa em silêncio, ela fez o mesmo, sua respiração alta denunciava uma ansiedade. — Posso te mostrar amanhã… — minha fala a acalmou. Abracei-a para que ficasse mais próxima do meu corpo. Sua companhia me fazia ter as melhores noites de sono. — Está sem sono?

— Não, é que eu fico pensando em coisas demais antes de dormir. Como, por exemplo, estou fazendo a promessa mental de comer mais saudável a partir de amanhã, mas aí pensei que quero comer uma pizza à noite. Por isso, pensei de novo que posso postergar para a semana que vem. Só que semana que vem é muito perto do meu retorno com o doutor Clark e eu prometi a ele que comeria de forma mais saudável e faria exercícios físicos.

— E você não fez nada disso.

— É…

— Vamos correr amanhã, vai ser leve. No seu ritmo — sugeri.

— Sexo não conta como exercício físico? — Desceu sua mão até chegar no cós da boxer.

— Nada disso, não vale. — Tarde demais, assim que sua mão entrou em contato com minha pele, o meu instinto soou mais forte que o sono, e a beijei. Impulsionei seu corpo para que subisse em mim. Meu pau enrijeceu quando ela rebolou no meu quadril, tirou a camiseta, chupei seus seios e, sem demora, ela sentou cheia de malícia deixando que eu a fodesse bem lentamente, da forma mais gostosa possível.

No passado, quando eu terminei com ela, eu prometi a mim mesmo que não iria me render à fumaça de problemas que a envolve, por isso tive que fingir que não me importava mais. Mas então que eu estava aos poucos conseguindo largar o cigarro, podia perceber que ela, Callie Heart, era o único vicio que não conseguia largar.



Mason me devolveu o HQ de Sandman que eu emprestei e resmungou que a série era grande demais para ler. Ele não gostava

muito de livros, porque sempre foi algo difícil para ele, que mesmo com o tratamento para dislexia na infância, ainda não era algo simples para seu entendimento.

— Não precisa ler rápido, eu demorei anos.

— Também não gostava de ler?

— Não era isso, o difícil era comprar um por um. Tem setenta e cinco edições.

— Porra, vai se foder, eu não dou conta.

— Tá bom, então não empresto mais. — Coloquei o exemplar na minha gaveta.

Ele fez uma careta e mudou de ideia:

— Quero o próximo, provavelmente vou demorar mais seis meses pra ler.

Eu ri, peguei a segunda edição e entreguei a ele. Algumas coisas pessoais ficavam no estúdio, por conta do espaço que eu tinha no apartamento em cima do bar. Planejava me mudar no final do ano, mas ainda não tinha ideia de onde iria morar. Eu tinha dinheiro o suficiente para comprar algum lugar, talvez em Nova Jersey, porém provavelmente não era o local pra mim. Não me via como um pai de família aparentemente perfeita, entediado com seu

trabalho que assistia jogos na tv enquanto tomava uma cerveja servida pela esposa.

Meu próximo cliente chegou e afastou meus pensamentos. Começamos a primeira sessão da sua tatuagem que dividi em três. Ele quis tatuar uma fênix da costela até o quadril e, por conta da dor, além de todo o trabalho, optei em fazer por etapas.

Depois de um dia longo no estúdio e de uma noite longa no bar, Callie e eu nos reunimos na sala, pois eu peguei os quadros do meu pai, escondidos no fundo do meu armário, para mostrá-la.

— Uau, o Lewis era um artista à frente do nosso tempo. Isso aqui precisa ir para uma galeria de arte urgente! — comentou sobre o trabalho dele dos trilhos do trem.

— É, eu quero que isso aconteça um dia.

— Espera, esse quadro aqui não parece o estilo dele… — Ela pegou um quadro na pilha e eu percebi que ele era meu. O quadro era de uma serpente envolvida em um coração.

— Não, é meu.

— Mentira? Desde quanto você pinta?

— Aprendi muita coisa com ele, e não, eu não sei pintar. Foi algo que fiz para me aproximar dele. Quando eu sinto o cheiro da

tinta era como se as memórias tivessem mais vida, como se as lembranças pudessem ser coloridas. — De novo, aquele gosto metálico atingiu a minha boca, sempre que uma memória me ocorria, eu era acometido por essa sensação.

— Posso te pedir uma coisa?

— O quê?

— Pode me desenhar? — Abaixou os olhos envergonhada.

Sorri e balancei a cabeça contrariando minha reação positiva anterior.

— Por que você quer?

— Porque eu não tenho mais aquele desenho que você fez de mim. Porque eu queria me ver de novo através dos seus olhos de oceano. — Levantou o queixo.

— Não faço retratos.

— Mas faz artes. — Ela desabotoou a camisa e eu observei que ela estava com ideias bem ficcionais.

— Viu Titanic recentemente?

— Como adivinhou? — Olhou-me maliciosa. — Vai me desenhar nua?

— Não sei se consigo terminar o desenho.

— Podemos fazer em etapas. — Aproximou-se ao deixar a calça no chão. Seus seios roçaram na minha camisa e eu perdi o controle dos meus neurônios, fui comandado por ela.

— O que vai usar? — perguntei em sua boca. — Um colar de diamante? — Ri ao fazer a comparação.

— Absolutamente nada. — Separou-se de mim. — Vamos começar?

— Agora? E qual o propósito disso?

— Ser eternizada por suas mãos — Olhou-me firme.

Meneei a cabeça contrariado, mas fiz exatamente o que ela queria. Preparei o material, me vi desenhando a lápis de novo e isso me atingiu nostalgicamente. Callie se deitou, virou a cabeça para o lado e estendeu as pernas para deitar-se de lado. Uma das suas mãos foi parar exatamente no seu coração.

— Pode fazer colorido? — pediu.

— Prefiro em preto e cinza — respondi da forma que eu fazia minhas tatuagens.

— Pare de ver a vida em preto e branco, Landon — censurou-me.

— Eu não vejo a vida em preto e branco porque quero, mas porque, aos poucos, eu perdi aquelas cores. — Apertei o lápis com tanta força no papel que a ponta quebrou.

— Quais cores?

— Aquelas que você também perdeu, não finja que vê a vida diferente, eu te vejo, Callie, e eu te conheço mais do que ninguém.

Ela abriu a boca querendo protestar e soltou o ar fortemente ao perceber que eu estava certo.

— Ok, faça como quiser.

Desenhei-a dos pés à cabeça, exatamente como eu a via, talvez menos bonita do que seja, pois transformar a figura de alguém em uma imagem estática, impede de ser mostrado todas as facetas, nuances e vida que ela pode ter. O brilho dos seus olhos mudava a cada rabiscada, seus lábios contraíam querendo rir, seus dedos dos pés se mexiam o tempo todo, pedi um sorriso, ela ficou séria.

— Por que não se vira? Quero ver sua bunda — brinquei.

— Ei! Isso não é romântico, diga que quer ver meus olhos — fingiu indignação e fez exatamente o que eu pedi.

— É assim que eu gosto, gostosa pra caralho. — Meus olhos quase saltaram do rosto e a ereção foi imediata.

Observei suas curvas, a sua bunda que era perfeita. Aproximei-me e dei um tapa em uma de suas nádegas, levemente, apenas por provocação.

— Landon Davis, você é um safado. Canalha — pronunciou entre um sorriso.

— E você adora.

Virou-se para mim e me puxou para si. Enrolou sua boca na minha e me beijou profundamente. Tirei a roupa enquanto ela passeava as mãos por todo o meu corpo. Em euforia, nós dois nos deitamos pelados no sofá. Abracei, apertei e chupei cada curva do seu corpo. Queria fodê-la rápido e duro, mas acalmei meu instinto, porque ao mesmo tempo queria amar vagarosamente cada curva do seu corpo.

Seus seios me deixavam maluco desde que um dia, magicamente, eles surgiram. Um dia ela era Callie, a minha melhor amiga que eu via como um garoto, e depois se tornou a Callie, com peitões maravilhosos. Sempre foi difícil controlar a minha vontade de beijá-la desde que eu a beijei pela primeira vez. Ignorá-la e dizer que a odiava foi uma das cosias mais difíceis que já fiz. Acreditar que

estarmos debaixo do mesmo teto e não sucumbir à tentação foi o meu maior engano.

Eu a desejava com fúria, ela era a maior tentação que eu já fui exposto e que me fez cair. Mais baixo, no fundo. Profundamente perdido, alucinado e apaixonado pela garota que um dia eu deixei. Ela sabia que eu a queria, eu sabia o quanto ela me queria e sempre me quis, mas nenhum dos dois queria dizer isso ainda. Estávamos com medo de dizer, mesmo sabendo que era tarde demais para frear qualquer estímulo que era capaz de resultar em apenas uma coisa, uma palavra capaz de nos arruinar mais uma vez, *amor*.

Chupei cada um dos seus seios ouvindo-a suspirar meu nome. Desci pela sua barriga e senti seus espasmos na minha boca ao encostar a ponta da minha língua no seu clitóris. Sua mão foi parar na minha cabeça, puxou meu cabelo, indicando que queria mais rápido. Ela estava tão molhada que eu nem precisei de muita saliva para abocanhá-la. Tremeu com cada investida e implorou para que eu entrasse dentro dela.

Subi e voltei a beijá-la primeiro no pescoço, depois sua boca.

— Ah, porra, Landon, eu preciso de você agora — murmurou quando eu voltei ao seu pescoço e subi para morder sua orelha.

Suas pernas se envolveram no meu quadril e me puxaram para si. Meu pau estava muito próximo da sua entrada e a ideia de tê-la e sentir sua pele foi alucinante demais. Não pensei, ela não pensou.

Fui devagar, o contato da sua carne diretamente na minha me deixou maluco. Entreabri a boca em um gemido ao puxar o ar. Ela sentiu o mesmo e mordeu o lábio pelo impacto. Senti-a tão úmida, era como se meu pau fosse recebido por uma massagem quente que me pressionava cada vez mais. Um pico de energia me atingiu como se eu tivesse recebido açúcar em minhas células e eu investi mais fundo. Deleitando-me com a visão dos seus lábios vermelhos, seios expostos, seus olhos semicerrados e aquela covinha que surgiu em sua bochecha ao sorrir de prazer pra mim.

A curva positiva em meus lábios foi involuntária.

Senti-me *fodidamente* apaixonado.

Deitei-me sobre seu corpo em uma estocada lenta, meu corpo todo foi abraçado pelo calor da sua pele macia. Seu pescoço elevou-se, uma de suas pernas tremeu com força. Fui mais rápido, ela gemeu alto. Um formigamento dos pés à cabeça me atingiu quando jorrei meu gozo dentro dela. Ainda continuamos deitados, grudados de suor por um bom tempo. Palavras sussurradas em minha cabeça

quase foram ditas, mas eu recuei. Nós deitamos no chão, porque o sofá era pequeno para ficarmos lado a lado. Ela acariciou meu pau, eu acariciei seus seios enquanto conversávamos sobre os quadros.

— Posso ver meu desenho? — pediu.

— Ainda não, é apenas um rascunho.

— Você vai me matar de ansiedade. — Suas palavras mesmo que inocentes me causaram um embrulho no estômago, ao pensar que sim, eu quase a matei no passado, não foi por querer, não foi deliberadamente, mas aconteceu. E todos os dias eu tentava me livrar dessa sensação esmagadora. — Aquele quadro… Ele foi…

— Foi o último que meu pai fez. — Cessei o toque. Ela também parou ao perceber que tudo ficou sério demais. — Eu daria tudo pra ter mais um minuto com ele — disse enquanto vestia minhas roupas.

Ainda nua, Callie se sentou no chão e perdeu seus olhos por um momento no quadro. O jeito que olhou era como se lembrasse de alguma coisa. Eu não sei o quanto ela se esqueceu, ou o quanto daquelas memórias bloqueou, mas ela foi a última pessoa que viu meu pai vivo e eu queria que me contasse pelo menos quais foram as últimas palavras dele.



SEJA MEU ÊXTASE

“Ser corajoso não significa não ter medo.
Ser corajoso significa estar com medo,
muito medo, mas mesmo assim fazer o que é certo.”
(Coraline, Neil Gaiman)

ANTES

Era o dia do aniversário de dezoito anos do Landon e eu ainda não estava falando com ele. Desde que arriscou a sua vida em uma corrida apenas para alimentar o seu ego, eu não quis olhar na cara dele. Por isso, no colégio, quando todos os seus amigos se juntaram para gritar parabéns, eu não abri a minha boca.

— Vocês terminaram? — Jonah apareceu de repente, sentando-se para comer comigo. Era o horário do almoço e eu fiquei sentada sozinha e solitária. A minha popularidade diminuiu desde que eu deixei de ser uma mascote e também porque eu afastava todo mundo que queria ficar perto.

— Eu não sei. Acho que sim.

— É sério? Mas vocês são Landon e Callie, a dupla inseparável, vocês são tipo Bonnie e Clyde — citou o mais famoso casal de criminosos norte-americanos fazendo referência as nossas atividades ilícitas na gangue.

— É, mas tudo tem seu fim.

— Olha lá, a cabelos sedosos está fazendo a parte dela — ignorou o que eu havia dito, pois focou sua atenção na mesa que Landon estava sentado. Lily havia entregado algum presente para ele e o sem-vergonha aceitou.

— Vou fumar… — anunciei.

— Mas você não pode fumar na escola.

— E quem disse que eu vou ficar na escola? — Peguei a bandeja ainda cheia de comida para sair logo dali. Eram raros os

momentos que eu não tinha fome, mas, ultimamente, era o que mais acontecia.

Peguei o carro para ir embora, meu pai me deixou dirigir sozinha no último mês e o antigo carro do vovô ficou pra mim. Isso me dava autonomia para ir e vir da escola ou fugir. Fumei a caminho do covil do Wes, vulgo a oficina de motos, enquanto pensava se deveria escolher uma faculdade ou não, é claro que só seria possível se eu melhorasse minhas notas. Elas haviam decaído mais uma vez.

— Deixa o Landon sair da gangue — disse assim que avistei o Wes. Ele estava sentado no chão da oficina do lado da sua moto e ajustava alguma coisa no motor quando eu cheguei.

— Você não deveria estar na escola? — falou com a boca apertando o cigarro, quase não entendi o que disse.

— Ouviu minha pergunta? — ignorei.

— Ouvi. — Tirou o cigarro da boca. — E desculpe, criança, mas não. Se você quer ficar de fora, tudo bem. Mas o Davis não, ele tem futuro nos *Basilisks*.

— Você é um filho da puta, sabia disso? — Segurei forte a chave do carro em minhas mãos. — Babaca, desprezível — resmunguei.

— Ei, calma aí, eu sou seu pai. Não mereço respeito?

— Respeito?! Você é a porra de um líder de uma gangue. Você rouba, mente, mata pessoas e quer pedir respeito?

— É, quero respeito, sim. — Levantou-se. — Você é minha filha e eu posso fazer tudo que você quiser, menos tirar seu namoradinho da gangue, a menos que…

— A menos que?

— Você queira que ele saia direto pro caixão. Ninguém sai dos *Basilisks* vivo. Então, filhinha, se acalma. Você pode ir e vir quando quiser, é minha única filha, mas o seu namorado, não. Entendeu?

— Entendi. Então eu vou esperar que você morra. Talvez não demore muito tempo, o seu coração está se atrofiando aos poucos, não é?!

— Mas que porra você está falando?

— Você tem uma doença, cardiomiopatia hipertrófica.

Ele passou a mão no cabelo irritado:

— Como sabe?

— Além de ter visto você tomando comprimidos betabloqueadores, eu sou sua filha, né? Como você diz, sangue do

seu sangue. Eu herdei a porra da sua doença.

— É sério?! — Seu pomo-de-adão movimentou-se, engolindo em seco. Confirmei que sim em um meneio de cabeça. — Sinto muito por isso. — Desarmou-se, olhando para o chão. — Eu nunca quis ter filhos por diversos motivos, mas esse era o principal. Pensei que você teria a sorte de não herdar a doença. — Jogou o cigarro no chão e o amassou com o pé.

— É, mas eu não tive.

— Você tá bem? Precisa de dinheiro pro tratamento? — Adotou um tom de preocupação em sua voz que normalmente era autoritária.

— Não preciso de nada que venha de você. — Levantei um ombro em descaso.

— Desculpa. — Fiquei em choque pelo seu pedido de desculpas que nem consegui falar algo. Ele mesmo me observou em silêncio por longos segundos antes de continuar. — Quando eu fiquei com a Rachel naquele banheiro da lanchonete — *Meu Deus! Eu fui concebida em um banheiro* —, eu não pensei muito, era jovem, burro e nem sabia da minha doença ainda, descobri uns dois anos depois.

— E por que você veio pra cá? Por que veio bagunçar a minha vida?

— Foi por acaso… Estávamos de passagem pela cidade e eu vi você com sua mãe. Algo me chamou a atenção, fui atrás dela na lanchonete e, você a conhece, fui expulso. Isso só confirmou minha suspeita. Depois você sumiu — Lembrou do período que eu fiquei no colégio cristão. —, ela disse que iria chamar a polícia se eu ficasse atrás. Um dia você voltou e eu fui atrás e todo o resto você sabe. Eu só queria te conhecer, por isso eu fiquei.

— Ótimo. Nos conhecemos. Eu te acho um cuzão, você já pode ir embora.

— Nada disso — negou com estalo de língua. — Ficar aqui é bom para os negócios. Vou te dar um tempo pra se acalmar. Depois você vai cair em si e vai pedir para voltar. — Olhou dentro dos meus olhos. — Minha filha, *Blut von meinem Blut*. Nós somos iguais.

A fúria me atacou, tentei expirar e inspirar com calma, mas não consegui. Chutei a moto dele e gritei exasperada:

— Nunca seremos iguais!

Wes respondeu ao meu ataque com uma risada carregada, seguido de um comentário que me arrasou:

— É disso que estou falando.



AGORA

— O que faz aqui? — perguntou Landon, olhando-me de cima a baixo. Fiz uma surpresa ao aparecer no *Oz tattoo* pouco antes de fechar.

— Bom, tive uma reunião com o meu editor, foi online, a editora não é daqui, você sabe…

— Sim, eu sei. Aconteceu alguma coisa? — Deu espaço para que eu entrasse e trancou a porta.

— Eu não sei… Eles queriam mudar o título, de Rainbow para Rainbow & Gray e eu não quis. Agora eu estou pensando se fiz a escolha certa. Espera, desculpa, você está com algum cliente? — questionei ao vê-lo abrir a cortina.

— Não, ela acabou de sair. Eu estava higienizando tudo quando você chegou. Desculpa, eu vou parar tudo e vou te ouvir.

— Não, não. Você pode organizar, eu sento aqui e conto tudo — falei em direção à maca que ele havia acabado de passar álcool.

— Então, você negou mudar o título — continuou o assunto. — E está certa sobre isso, você é a autora.

— É que eles querem que esse lance dos personagens serem inimigos seja o foco, mas não é assim que eu penso. Eu entendo a questão do romance, gosto disso. Mas o meu quadrinho é sobre a Rainbow. O Homem-Aranha é apenas Homem-Aranha, não Peter Parker & Mary Jane. O que eu quero dizer é que uma heroína pode ter sua própria voz e sua própria história e ter o seu nome nela, sozinha — desabafei.

— E mais uma vez eu digo que você está certa. Eles declinaram com a proposta? — questionou, descartando a biqueira em um lixo e a agulha em outro.

— Não, na verdade não. Mas eu estou com medo, a publicação vai ser semana que vem e eu tenho medo da recepção dos leitores.

— Por que você tá com medo? É o que você sempre quis.

— Porque depois não depende mais de mim. As pessoas podem amar ou odiar. Não estou preparada. Ai meu Deus, as

pessoas vão odiar. — Olhei para minhas mãos em pânico. Eu estava com tendinite no punho.

— Calma, as pessoas não vão odiar. Você teve coragem e foi firme na sua escolha e na sua visão. Você sempre soube o que queria. Lá atrás, quando éramos adolescentes, você dizia que iria publicar seus quadrinhos. Chegou a hora, Callie. Coragem! — Aproximou-se de mim e me deu um beijo na testa. — Eu já volto — anunciou depois de jogar a luva fora.

— Eu não sou corajosa — anunciei quando ele voltou do banheiro.

— Não? — indagou, cético. — Você pulou o muro da casa do Neal só pra que sua amiga pudesse paquerá-lo. Quer uma lembrança mais antiga? — Aproximou-se de mim, colocando suas mãos no apoio de braço da maca. — Você aprendeu a andar de moto para disputar as corridas no meu lugar. Quer mais? Porque eu tenho uma lembrança sua na infância, você entrou de penetra na casa do velho Norman só porque eu desafiei e, convenhamos, ele era bravo pra cacete.

— Eu não tenho muito filtro. — Balancei a cabeça sorrindo e dei espaço para que sentasse ao meu lado.

— Não tem mesmo. — Passou o indicador na ponta do meu nariz. — Mas isso é o que faz você ser você. Callie sendo Callie.

— E você gosta, não é?

— Eu adoro o seu jeito — Passou a mão no meu queixo. —, essa sua covinha — Subiu para minha bochecha. — e sua boca. — Entreabri os lábios ao sentir a aproximação dos seus.

— E o que mais? — indaguei após ser beijada.

— Preciso ver tudo de novo para me lembrar — disse, em seguida, ao curvar os lábios me direcionando um olhar safado, desceu o indicador até minha clavícula.

— Estamos sozinhos?

— Aham… — Seu dedo esbarrou na borda da minha camiseta. — Essa camiseta, BTS? Você sempre teve mau gosto musical.

— O quê?! Cala a boca. Você que não sabe apreciar coisas boas.

— Ainda bem que não formamos uma banda de rock, nossas opiniões iriam divergir. — Pensamos nisso por um dia só quando tínhamos doze anos e desistimos, porque não conseguimos concordar em nada sobre a banda.

— Você sempre discordou comigo sobre tudo, só pra ser do contra, Davis.

— É bom te irritar, Heart. Você faz sempre essa cara… aperta essa boca de coração e fica toda vermelha.

— Ah é? Quer me ver brava? — fingi indignação e me levantei depois de tirar sua mão dos meus seios. — Estou indo embora.

— Você não vai embora… E, se você for, vai me encontrar de novo, nós moramos juntos. — Puxou-me pela mão. Colidimos. Dei de cara com seu peito.

Ele colocou a mão no meu queixo. Inclinei a cabeça para cima para olhá-lo.

Rimos um contra o outro. Andei empurrando-o de volta para a maca. Landon se sentou para que eu sentasse em cima dele.

— Admita pra mim, você copiou o corte de cabelo do Zayn Malik, só pra me impressionar — perguntei para irritá-lo.

— Eu não lembro de nada, *Callieflower* — relembrou meu apelido de infância se contradizendo. — Você amava meu corte de cabelo, né? Não parava de olhar pra mim, aí eu tive que te beijar. — Apertou suas mãos em minha cintura.

— Que convencido. Eu tive que fazer tudo, você era um medroso.

— Sério? Pois você achou o meu beijo tão bom, mas tão bom, que ficou com ciúmes.

— Treinou antes, né? Com uma laranja? Maçã?

— Quem faria isso?! — Ele riu. Encolhi-me. — Eu tinha uma habilidade nata.

— Ah não, me conta, treinou com a mão? Com a mão é mais fácil, né?

Ele deu de ombros.

— Não fiz nada. Eu sempre soube que beijar você seria fácil, porque era você. — Derreti-me um pouco, mas não acreditei nele. Landon sempre soube ser um conquistador nato e do jeito que ele me agarrou nesse momento para me beijar, eu não poderia discordar que era fácil demais estar com ele.

— Não mente, eu sei tudo sobre você.

— Ah é? O que por exemplo?

— Sei que sua música favorita era *Enter Sandman* do Metallica, mas não é mais, porque você tá sempre escutando *Nothing Else Matters.* Você sempre amou HQs, mas não lê tanto

agora porque vive muito ocupado. Também sei que você não gostava da casca do pêssego, mas agora ama pêssegos e cai de boca neles — brinquei, ele riu perto do meu pescoço concordando.

Sua respiração voltou a colidir com a minha. Suas mãos, que estavam no meu quadril, me trouxeram ainda mais para perto. Nossos corpos quase se esmagaram um no outro. Ofeguei com a alta quantidade de sentimentos que se reviraram em mim. Sua língua traçou um caminho do meu pescoço até a minha orelha. Ele me mordeu para me arrancar uma risada, depois voltou para minha bochecha e lambeu meu lábio antes de penetrar sua língua na minha boca.

Recebi sua boca em um forte anseio de lamber cada parte do seu corpo. Suas mãos continuaram a me percorrer, indo das coxas até a cintura. Queríamos um contato imediato de pele, por isso ele tirou sua camiseta, eu tirei a minha e tanto sua calça como a minha foram parar em um canto do seu ambiente de trabalho.

Ele me ajudou a tirar minha calcinha e o sutiã e eu puxei bem rápido sua boxer para baixo. Livramo-nos de tudo.

Nus, ele me colocou de volta em cima dele e me beijou de olhos abertos. Atento a cada parte do meu corpo. Eu fiz o mesmo. Não

havia constrangimento, eu queria vê-lo e capturar cada movimento do seu corpo. As suas tatuagens às quais todo dia eu atribuía um significado novo, os seus músculos que eram duros daquela forma gostosa e me faziam gemer apenas por imaginá-los se tencionarem.

Passei a mão pela sua barriga trincada, ele apertou minha bunda e subiu até a cintura com a mesma pressão de aperto. Minha boca tracejou uma lambida entre seu queixo até chegar na sua orelha, lambi seu piercing. Ele arfou. Desci para seu pescoço e o chupei com pressão e ele me apertou com a mesma intensidade de toque.

Minha pele formigou contra sua, ele estava tão quente. Será que o ar condicionado estava ligado? Meu Deus. Estávamos nos incendiando e poderíamos queimar tudo ao nosso redor. Ele me sugou, mordeu e lambeu minha boca enquanto suas mãos encontraram meus seios, apertaram com a pressão certa, seus polegares brincaram com meus mamilos, um suor escorreu do meu pescoço e percorreu toda a minha coluna. Arrepiei-me e contraí pendendo a cabeça para trás.

Meus mamilos estavam tão duros, ansiosos pela boca dele. Sua mão foi parar no meu pescoço, envolvendo meu cabelo e me

trouxeram de volta para seus lábios. Sugou-me, fodeu com a minha boca e desceu inesperadamente até meu seio.

Caramba.

Eu me tremi todinha.

Formiguei da ponta dos pés até o último fio do meu cabelo.

Sua língua se friccionou e deixou meu mamilo ainda mais duro. Fez isso em um seio com muita demora, a excitação desceu e chegou até meu clitóris que pulsou bem no seu pau. Ele estava tão duro e molhado por mim, não iria aguentar muito tempo de provocação. Eu rolei meu quadril nele bem lentamente, rebolando bem devagar, ele gemeu e soprou meu seio. Depois o abocanhou mais uma vez.

Deslizei-me em seu quadril me esfregando ainda mais.

— Caralho… — Arfou mais uma vez e voltou sua atenção para meu outro seio. Suas mãos voltaram para meu quadril seguindo meu movimento.

— Oh, Deus — choraminguei excitada ao nível extremo.

Ele voltou a me beijar e a me lamber. Eu fiz o mesmo, várias e várias vezes. Mesmo querendo o *clímax*, eu tinha muita paciência para sentir todo aquele corpo molhado no meu. Nossos suores quase

nos fundiam. Ele puxou o lóbulo da minha orelha entredentes e me fez pulsar mais uma vez.

Será que estávamos fazendo barulho demais? Tínhamos vizinhos comerciais. Talvez todo mundo já tivesse ido embora.

Gritei esquecendo-me desse pensamento.

Ele colocou a mão na base do pênis e eu apenas subi um pouco para conseguir sentar. Landon me olhou ansioso, eu olhei para ele provocando.

Um suor escorreu na sua testa de nervosismo.

Sentei bem lentamente, senti a cabeça rosada do seu pau, e fui descendo por toda a sua grossura cheia de veias. Ele tomou o ar com a boca entreaberta e suspirou quando eu sentei até a metade. Coloquei a mão no seu ombro, a cadeira flexível teve que nos acomodar, nos apertamos ainda mais um no outro.

Gemi.

Dei um grito exasperado quando ele me preencheu por completo. Subi e desci curtamente, suas mãos ficaram na minha bunda e me deram um tapa. Apertei os olhos e gemi inclinando a cabeça para trás. Apertei-me contra ele, e me movimentei um pouco mais rápido, Landon voltou a me pegar pela nuca, enrolou meu

cabelo em sua mão, meus olhos se abriram e recebi os dele cheio queimando de luxúria, aflitos em me foder *mais e mais*.

Meus seios balançaram e ele se inclinou para chupá-los. Deixou um caminho de sua saliva indo e vindo entre eles. Meus gemidos saíram ora em ofegos lentos e quase sussurrados, ora em um arfar muito alto. Alto até demais.

A campainha do *Oz Tattoo* tocou.

Eu dei um gemido ainda maior.

— Cacete — urrou Landon quando eu me apertei nele em uma estocada bem lenta.

A campainha tocou mais uma vez.

Olhamos um para o outro de olhos arregalados.

Jesus. Fizemos barulho demais.

Foda-se, pensamos.

Calamos nossas bocas uma na outra.

Sentei por completo e ele se movimentou para me foder bem curto. Inclinou seu quadril para a frente quando eu me deitei em seu corpo. Beijou-me duro, quase sem fôlego. E me penetrou em estocadas bem rápidas. Fechei os olhos.

Senti seu cheiro pelo seu pescoço, seu suor escorreu bem na minha boca. Beijei-o ali. Voltei a subir, coloquei minha mão bem no seu ombro e inclinei-me ora para frente, ora para trás. Ele se deliciou com a visão dos meus seios balançando-o bem na frente dos seus olhos. Eu estava prestes a atingir o orgasmo, por isso fodi-o bem rápido, engoli seu pau e ele gemeu, apertando os dentes para manter o silêncio.

Empurrei meus quadris, várias e várias vezes. Senti aquele calor explodindo e voltando, até que tive que puxar o ar pela boca ao sentir minhas pernas tremerem e fraquejarem, tive um orgasmo tão avassalador que eu mal consegui ficar sentada. Landon me segurou, trazendo-me para seus braços e continuamos bem lentamente, quase paramos, mas ele voltou ainda com tudo.

Fiquei tão sensível, choraminguei perto do seu pescoço quieta para não fazermos mais barulho. Ele sussurrou o que ele gostava muito em mim e gozou em seguida. Estávamos cansados quando terminamos, nem nos movemos, fiquei deitada no peito dele, acariciei seu peito. Senti-me submersa naquele universo que nos pertencia.

Naquela imensidão de um *para sempre* que chamamos de *cosmos*.

E pensei alto ao olhar para ele:

— Eu amo você…

Ele me deu um olhar que quase me matou. O oceano dos seus olhos me engoliu. Seu vacilar roubou meu sorriso.

Acariciou minhas costas, mas não disse nada.

Landon me fazia sentir como se eu tivesse engolido êxtase. Ele me fazia sentir extremas sensações dos tipos mais variados, o estímulo emocional que ele me trouxe de amor, também trouxe o sentimento de medo.

Ele acabou de me fazer pular sozinha em um abismo.



Eu tentei ignorar o que aconteceu no estúdio de tatuagem. Tivemos que lidar com a vizinha comercial que não nos denunciou pelo nosso barulho, porque ela tinha uma queda pelo Landon. Como eu havia prometido a Violet que iríamos em um encontro do moto clube dos garotos, eu perguntei a ele quando estávamos deitados na cama sobre como funcionava essa entidade.

— A gente não tem uma hierarquia, nem nos chamamos de um moto clube de verdade, somos um grupo que se diverte sobre rodas, é tudo informal, não tem uma estrutura fixa, ninguém tem uma responsabilidade específica — explicou Landon sobre os *Heartless*.

— Então você não é o líder?

— Não. A gente não tem isso. É pra ser divertido, não é pra ter um autoritarismo.

— Ótimo, a Violet e eu vamos com vocês nesse fim de semana.

— O quê?! E quem convidou?

— Você daqui a pouco vai me convidar. Não vai querer ficar sem isso, né? — Passei a mão pela sua calça. — Para onde vocês vão mesmo?

— Ohio... — Suspirou no momento em que toquei sua pele.

Precisei de cinco minutos para convencê-lo.

— E quando vou ver meu desenho? — Aproveitei seu momento de vulnerabilidade para fazer perguntas.

— Termino em alguns dias… não me apresse, curiosa. — Colocou o dedo indicador na ponta do meu nariz. Landon me olhou

de um jeito diferente, sua pupila se dilatou, era como se tivesse se desarmado por um momento.

Apesar de estarmos juntos, transando, trabalhando lado a lado, nós não tínhamos conversas profundas sobre nós. Sobre o que seríamos, éramos exclusivos? Não éramos? Era como se deixássemos nos levar pelo tempo. E o tempo passou rápido, porque em breve seria o casamento da sua irmã e, que merda, muita coisa do passado poderia se reacender.

Como no dia anterior, no momento em que eu vi o último quadro que o Lewis fez. Eu o vi produzindo aquele quadro, eu o vi falando que era sua melhor obra, tão boa que poderia fazer parte de suas memórias póstumas. Lembrei do seu sorriso nesse dia, recordei-me de como estava feliz, pronto para superar o fim do seu casamento. Transmitia uma paz tão grande, como se soubesse que seu fim seria nesse mesmo dia.

— Um dólar pelo seu pensamento — disse Landon, passando o indicador por todo o contorno do meu rosto.

— Meu pensamento vale muito mais que um dólar.

— Dois dólares e não falamos mais nisso.

— Ei! — protestei. Nós nos rendemos a cócegas em uma tentativa de negociação, até que meus pensamentos se esvaíram e nós adormecemos na mesma cama. Acordei de mãos dadas com ele e lembrei que há alguns meses eu nem imaginava que poderia viver tudo isso de novo com Landon Davis.

Compartilhamos a mesma cama quase a vida toda e quando eu me vi sozinha pela primeira vez, em definitivo, sem ser uma de nossas brigas que sempre resultava nele voltando pra minha cama, eu percebi que, a vida toda, no meu eu solitário, eu nunca estive sozinha de verdade, sempre era Callie e Landon.

Permaneci solteira por muito tempo, não dividi a cama com mais ninguém. Tive encontros casuais, nada sério. Até que decidi que era hora de me abrir de novo, tentar confiar em alguém. E nisso eu caí na armadilha do Asher Gallagher, porque eu desesperadamente não queria mais ficar sozinha, achava que tinha sido esse o meu erro.

Falando no diabo… que porra é essa?

Houve três batidas na porta do bar e eu que levantei primeiro para buscar o café da manhã, dei de cara com o cafajeste foragido. Ele olhou pra mim com o olho esquerdo todo roxo e eu olhei pra ele

pensando como o torturaria lentamente. Resultado: dei um soco no olho direito para igualar sua cor, bem roxo, do jeito que ele merecia.

— Que merda, Heart — praguejou. — Eu só queria falar com você. — Colocou a mão no olho direito.

— Cadê meu dinheiro?!

— Eu vou explicar, me deixa entrar e eu explico.

— Como sabia onde me encontrar? E, caralho, você abandonou o Copper, o Copper, seu babaca de merda. Espera… você anda me seguindo? — Juntei as pistas. Ele me encontrou naquele dia no estúdio de tatuagem e dessa vez estava no bar.

— Eu não tive escolha, poxa, você não entende. — Passou a mão pelo cabelo despenteado e o deixou ainda pior. — Eu queria falar com você naquele dia… — Olhei para ele da cabeça aos pés e reparei como ele estava aos trapos. Sua barba que sempre foi rente, estava média e com cara de suja, suas roupas também não eram as mais limpas e ele estava descalço? Por quê?

— Tá, entra.

Eu estava curiosa pra saber onde o babaca se meteu e em que enrascada ele entrou para estar todo fodido. Eu só não pensei muito bem que juntar ele com o Landon fosse um desastre iminente. Assim

que o Asher colocou os pés para dentro do bar, o Davis desceu as escadas vestido apenas com uma calça de moletom.

Engoli em seco e olhei, ora para um, ora para o outro.

Os dois se entreolharam.

O olhar do Landon me assustou e o Asher se encolheu todo.

— Landon, esse é o Asher — apresentei. Ele pulou cinco degraus de uma só vez e chegou até a nós com os punhos cerrados, pronto para atacar. Sua mão foi parar no colarinho da camiseta surrada da visita inesperada e eu tive que, sem querer, pará-lo. — Calma aí, eu já bati nele. Por que não vai pegar um café pra gente? — Puxei-o pela mão e o levei para longe do seu alvo de pancadas.

— Você vai ficar sozinha com esse cara?!

— Ele é inofensivo, tá? Preciso falar com ele.

Não respondeu, ficou com raiva, percebi pela tensão que começou na veia do seu pescoço e chegou no seu maxilar. Ele subiu e voltou rapidamente vestido:

— Já volto. Se fizer qualquer coisa suspeita — dirigiu-se ao Asher —, você tá morto.

Meu ex-namorado se estremeceu. Depois da ameaça, saiu batendo a morta.

— Fala logo, no que você se meteu? — questionei de braços cruzados, o cafajeste se sentou com os olhos marejados, eu conhecia bem o safado pra saber que ele queria fazer chantagem emocional comigo.

— Pode me dar gelo? Eu nem sei qual lado dói mais.

— É esse o intuito, quero que doa bastante. Você me roubou! E pra quê? Anda, fala logo! — vociferei.

Ele se acuou e resolveu falar:

— Eu estava devendo um cara.

— Que cara? Um agiota?

— Meu irmão. — Envergonhado, abaixou a cabeça, fixando seu olhar no chão.

— Seu irmão?! Caralho, você me roubou pra pagar o seu irmão? — Passei a mão pela nuca.

— É… — Encolheu os ombros. — Ele pagou minha faculdade e eu devia pra ele. Acontece que ele me deu o Copper e ameaçou tirá-lo de mim. O dinheiro não era suficiente, você sempre ganhou uma mixaria. — Pisei no pé dele que urrou. — A gente foi parar na rua, tivemos que morar dentro do meu carro, por isso eu tive que entregá-lo pra você. O meu irmão sabe ser filho da puta.

Balancei a cabeça desacreditada.

— E você é uma criança por acaso?

— Você não conhece meu irmão, ele é tipo um pai pra mim. Meus pais morreram quando eu era criança — adicionou mais um fato triste para que eu me compadecesse pelo seu sofrimento.

— Hum, — Bati o pé. — E de onde saiu seu olho roxo?

— Foi você.

— O outro, idiota!

— Ah, foi um cara, eu meio que peguei a namorada dele.

— Aham, meio que pegou, que cretino! Ai, Asher, dá o fora daqui. — Perdi a paciência. Ele claramente não ia devolver meu dinheiro. Não ia mais perder meu tempo.

— Eu sinto muito, Callie. Me perdoa? Eu queria te explicar, falar com você antes, mas você estava sempre com aquela sua amiga que não gosta de mim, ou com esse cara tatuado. Você tá com ele?

— Cala a boca. Você não tem que saber da minha vida. Dá o fora.

— Preciso que me devolva o Copper.

— Nem pensar. Vai levar ele pra morar onde? Dentro do seu carro?

— Vou morar com uma amiga.

— A garota que tinha namorado? — saquei. Ele havia arrumado uma nova vítima. Seus olhos entregaram afirmativamente minha pergunta. — O Copper está bem, ele tem pessoas incríveis cuidando dele. É melhor você dar o fora, organizar a sua vida. Eu não vou devolvê-lo.

— Sério que vai ser uma cretina comigo?! Nós ficamos quase um ano juntos. Cadê a sua consideração? — Levantou-se gesticulando.

— Foram seis meses — corrigi. — Eu não sabia nada sobre você e você nem sabia nada sobre mim. Não, eu não tenho consideração. Então vai, antes que bata em você de novo.

— A gente não precisa conversar, nos entendíamos de outra forma. — Aproximou-se, deu aquele sorriso charmoso que me dirigiu na primeira vez que nos vimos. Não me afetou nem um pouco, senti asco.

— É sério, Asher. — Ia completar a minha frase dando um chute no saco dele, já que estava achando que seu charme me

atingiria, mas fui parada quando a porta do bar se abriu. Landon nem saiu, ele ficou escutando tudo do lado de fora.

Ele desferiu um soco no estômago do Asher que se contorceu de dor.

— Nunca mais chegue perto dela — ameaçou o Davis.

— Aaah caralho, seu maluco!

— Ela disse pra você cair fora daqui — disse o Landon ainda com a mão formando um punho.

— Me devolvam meu cachorro, seus malucos! — exclamou, caminhando até a porta do bar.

— Chama a polícia, seu ladrãozinho de merda — gritei.

Ele saiu praguejando contra nós. Observei-o entrar em seu carro e, assim que saiu, eu perguntei ao Landon:

— Não confia em mim?

— Eu só queria ter certeza que ele não ia fazer algo contra você.

Balancei a cabeça irritada.

— Aonde vai? Vamos conversar…

— Tomar café, sozinha — frisei a última palavra.

Aquilo soou como um alerta na minha cabeça, desde o dia anterior, que ele não me correspondeu, esse gosto metálico na minha boca não sumia. Dei uma olhada para ele antes de sair pela porta. Tive vontade de vacilar, seus olhos eram de um oceano passando por uma tempestade. E eu estava ali, bem no meio daquele oceano levada por ele, afogando-me na minha omissão.

Entendi que estava chegando a hora de ser corajosa para acabar com esse temporal e ter *aquela conversa.*



COLISÃO IMINENTE

"Às vezes queremos bater em todo mundo,
mas não adianta nada, absolutamente nada.
A dor permanece."
(Coração de tinta, Cornélia Funke)

ANTES

Fazia muito tempo que eu não pensava na minha doença, era como se, na minha cabeça, ela não existisse. Não ficava pensando se ela me mataria logo ou em uns bons anos. Acreditei no que meu médico dizia, no que meus pais diziam e, de acordo com eles, eu não

deveria me preocupar. E eu não me preocupei nem um pouco, talvez esse tenha sido o meu erro.

Pedi uma moto para meu pai, o pai que eu considerava. Ele não quis porque disse que era perigoso, então eu fui até o meu pai de mentira e pedi a ele uma moto, ganhei fácil. Isso foi um verdadeiro reboliço na minha casa, se minha mãe pudesse, ela me expulsaria de casa, eu não tinha dúvidas. Fui idiota para pedir uma moto para o Wes, mas não o suficiente para pedir que ele me ensinasse. Não pedi ao Landon, porque eu ainda estava puta com ele, mas pedi ao seu pai.

— Seus pais aprovaram? — perguntou Lewis.

— Digamos que eles não tiveram uma opinião positiva.

— O que quer dizer que eles não aprovaram.

— É, mas eu tenho a moto. Se o Landon pode ter e sair por aí, por que eu não? Por que eu sou uma garota?

— Eu dei a moto pro Landon se deslocar da escola pro trabalho, mas ele não tá fazendo só isso. Não posso te ensinar, Callie, seus pais têm que deixar.

Ele não quis da primeira vez que eu pedi, mas eu ia todos os dias na casa dele fazer o mesmo pedido, jurando que iria me

comportar com a moto. No final das contas, ele cedeu porque ficou com dó, pois eu ficava em frente à sua casa tentando andar sozinha. Tudo que o filho sabia, era ele que tinha ensinado, por isso eu quis que a fonte das habilidades me ensinasse.

O Landon sabia o que eu estava fazendo, mas não tentou me impedir, porque eu ainda estava puta com ele. Ainda assim, tentou falar comigo, quando eu fiz uma visita à sua casa. Ele estava sentado na varanda à minha espera:

— Você me deu um bilhete no meu aniversário — supôs levantando-se.

— Dei?

— Aham, e mesmo assim você não veio falar comigo. — Aproximou-se de mim e eu dei dois passos para trás.

— Eu deveria ir atrás de você? — Cruzei os braços.

— Callie, eu já te expliquei, a gente precisa de grana pra ir embora, e o Wes é o meio.

— Trabalhe em outra coisa… sei lá. — Balancei a cabeça. — O dinheiro do Wes é sujo.

— E de onde você acha que veio o dinheiro da sua moto? — Franziu a testa.

— Eu tenho um propósito.

— Eu também tenho.

Encaramo-nos por vários segundos, eu olhei pra boca dele, ele olhou para a minha. Ansiei por beijá-lo. Quis muito o abraçar e acabar com a nossa briga, mas eu não cederia. Se eu cedesse, ele pensaria que estava certo. Fui para a lanchonete, tive um longo turno, sempre que possível, meus pais me faziam trabalhar ao máximo para me manter ocupada e livre de encrencas, o que não funcionava, eu sempre arrumava tempo para fazer alguma merda.

A minha ansiedade era única, eu queria ir embora de *Bell Buckle* o mais rápido possível. À noite, quando eu estava deitada, lendo o primeiro volume da série *Mundo de tinta* da *Cornélia Funke*, eu recebi algumas batidas na minha janela. Foi aí que eu percebi que Landon Davis foi o primeiro a ceder, mais uma vez.

Abri a janela e o deixei entrar, *mais uma vez*.

— Desculpe… é sério, me desculpa. — Sua postura estava caída e tentou se aproximar, eu deixei que segurasse minha mão. — Eu tô tentando, juro que tô tentando arrumar um jeito de resolver tudo.

— Eu sei… — sussurrei e aceitei o seu abraço.

— Eu só quero que fique longe da gangue até eu pensar em algo pra resolver tudo.

— Tá bem — aceitei, mas planejava algo na minha cabeça há algum tempo.

Duas batidas na porta acabaram nos afastando.

— Não precisa se esconder, Davis. Sei que passa mais noites aqui do que na sua casa — disse minha mãe. — Callie, queria te lembrar que amanhã temos que ir na Nancy pra fazer aquele exame, vamos passar o dia lá, ok? — dirigiu-se a mim e eu confirmei com a cabeça. — Tomou seus remédios hoje?

— Sim, mamãe, eu tomei e estou me lembrando.

Ela nos olhou fixamente, percebendo que eu não contei ainda sobre a minha doença para o meu namorado e fechou a porta. Já fazia um bom tempo que ela não brigava comigo, porque estava cansada de eu nunca a obedecer.

— Você tá doente? — questionou o Davis quando ficamos sozinhos.

— Foi uma gripe que eu peguei — falei com descaso e sentei na minha cama.

— Sério? Eu não te vi gripada. — Apertou os olhos em desconfiança.

— A gente não estava se falando.

— É, mas — Franziu a sobrancelha — eu sempre reparo em você. E você não estava gripada.

Fingi uma tosse.

— Eu estava, sim…

— E o médico, é pra quê?

— Ai meu Deus, para com isso. Não é nada demais. Quer ler comigo? — Peguei o livro. A contragosto, ele se juntou a mim, deitou-se ao meu lado e deixou que eu encostasse a cabeça em seu braço.

— É sobre o quê?

— A história é sobre uma garota e seu pai. Ele é um restaurador de livros e, ao ler em voz alta, dá vida às palavras, e coisas e seres das histórias surgem ao seu lado magicamente. É bem interessante, quem nunca desejou que os personagens pudessem ser reais?

— Acho que Sandman pode ficar no livro mesmo.

Eu ri e abri o livro para a leitura.

— ‘Mas a qualquer hora dessas vai acabar sem um tostão furado, pois gasta todo o dinheiro que tem com livros. Receio que ela não hesitaria em vender a alma ao diabo, se ele oferecesse o livro certo em troca’ — li um trecho em voz alta em meio a uma risada, porque Landon me fez cócegas. — Acho que me identifiquei muito com isso.

— Nosso primeiro livro foi *O Mágico de Oz* — lembrou. — Ele vale vender a alma para o diabo.

— Ainda mantém a mesma ideia? Cérebro ou coração?

— Um lar, como a Dorothy — respondeu, em seguida me deu um beijo que virou muitos beijos e *algo a mais.*



— Eu fico um pouco cansada quando faço esforços muito grandes, eu sinto um pouco de palpitações às vezes, mas acho que é algo normal, né? Tipo quando se fica muito nervoso — falei ao meu médico.

— Vamos ver o que seus exames dizem — respondeu.

— Sabe o que ela tá fazendo agora, doutor? Andando de moto — entregou minha mãe. Eu não podia acreditar que ela ia fazer drama com isso.

— Vamos ver os exames — repetiu ele. Eu passei o dia na casa da tia Nancy com um *monitor holter* de vinte e quatro horas. Os fios sempre eram bem irritantes.

— Os eletrocardiogramas dinâmicos que fizemos nos últimos anos em registros de vinte horas revelavam extra-sístoles atriais e ventriculares pouco frequentes e isoladas. — Não entendi nada do que ele disse. — Mas, nesse último, houve o registro de taquicardia ventricular sustentada. Vamos mudar a sua medicação, de atenolol para o carvedilol. — Apertou a caneta para escrever.

— E o que isso quer dizer?

— Que você precisa se cuidar, senhorita Heart.

Ele começou a explicar um monte de coisa pra minha mãe, mas na minha cabeça eu apenas pensava que ser chamada de "*Heart*" por um cardiologista era algo engraçado.

De volta para casa, eu coloquei meus fones de ouvido, mas eles foram puxados pela minha mãe, que vociferou:

— É isso, você entendeu o que o médico disse, não é? Estamos fazendo tudo que podemos, Callie. Eu e seu pai estamos fazendo tudo por você. Tudo! — Ela tinha enormes olheiras embaixo dos olhos, ultimamente ela trabalhava quase toda a madrugada na lanchonete, pois passamos a abrir por vinte e quatro horas. — Mas estamos cansados. Logo você vai fazer dezoito anos e espero muito que faça boas escolhas pro seu futuro.

— Vocês não precisam se preocupar comigo.

— Não precisamos? — Ela passou uma mão pelo rosto, parecia destruída, prestes a desmoronar e chorar. — Você não entende a gravidade. Não, você não entende e nem tem a coragem de contar isso para aquele seu namorado delinquente. Mas eu vou te dar um aviso. Um único aviso. Se você morrer eu vou chorar, vou chorar muito, sim — recordou daquela frase que eu disse. — Mas depois, filha, eu vou viver a minha vida.

Ela chorou muito, muito mesmo, ficou inundada de lágrimas e teve que parar no acostamento porque nem conseguia enxergar a estrada. Abracei-a e me senti muito mal por tudo. Para mim, a ficha ainda não havia caído, porque eu não queria viver pensando na porra da minha doença.

Às lágrimas encheram meus olhos, minha garganta embargou e eu deixei que algumas lágrimas caíssem em silêncio. E eu tive aquele pensamento, não queria que mais ninguém que eu amasse chorasse por mim desse jeito tão destruidor.

À noite, eu estava me sentindo muito mal comigo mesma e, por isso, fui me refugiar na casa da árvore do vizinho. Ele sempre deixava que eu e o Landon ficássemos lá, porque descobriu que fazíamos isso desde a infância. O vizinho construiu para os netos, mas os netos quase nunca apareciam. Levei meu livro, uma lanterna e um cobertor. Deixei o celular na cabeceira da cama, pois queria ter um pouco de paz.

Mais uma vez eu derrubei lágrimas em cima de um livro. De certa forma, eu achava que perpetuava alguma coisa ali. Minhas lágrimas estavam em *Mrs Dalloway* e em outros diversos livros, e então estavam também no livro *Coração de tinta.* Eu não marcava meus livros com marca textos, eu marcava com lágrimas.

— Posso subir? — Era a voz do Landon. Não sabia como ele adivinhou onde eu estava, mas ele sempre adivinhava meus passos.

— Pode — respondi, limpando as lágrimas. Ter uma companhia podia me impedir de me afogar nessa merda de sofrimento.

— Você sumiu, aconteceu alguma coisa?

— Ah, nós passamos a noite passada na tia Nancy — falei vagamente.

— Está tudo bem? Seus olhos estão vermelhos — notou pela lanterna ligada.

— Alergia.

— É sério, Callie. Você está me escondendo alguma coisa? Estava chorando?

— Você sabe como é, os livros, eles nos deixam tristes muitas vezes — funguei.

— Sério?

— Sério. — Fechei o livro.

— Você trouxe comida? — reparei no saco de marshmallow.

Ele se aproximou de mim e analisou meu rosto antes de dizer mais alguma coisa:

— Não tá me escondendo nada mesmo?

— Não — neguei, ele segurou uma lágrima minha com a ponta do indicador.

Beijou-me na bochecha, depois meus lábios e permaneceu beijando minha respiração quando disse:

— Pode confiar em mim, pra tudo. Exatamente tudo. Você sabe, eu tô com você. É pra sempre, Callie. Cosmos, não é?

— É… — reprimi o choro. Meu peito descia e subia descontrolado. Embargado em terríveis e indomesticáveis lágrimas. — Tá tudo bem, eu juro.

Que garotinha mentirosa eu era. Senti-me muito mal por mentir para ele dessa forma, mas, na minha cabeça, se isso era uma forma de protegê-lo, talvez, não fosse tão ruim assim ser uma mentirosa. Segurei o choro fortemente e o abracei.

A minha vontade era de bater em tudo, sair chutando, e perguntar ao universo porque tinha que ser eu. Só que, no final das contas, mesmo se eu tivesse uma resposta, nada ia mudar.

A vida parecia um mar de onda por onda que te engolia e não te deixava se manter em pé. Mas eu não ia me afogar, ia lutar até o fim.



AGORA

— Você não me disse que o look de hoje era estilo *bad girl* — disse Violet assim que nos encontramos no final de semana. Estávamos paradas em frente ao bar à espera dos garotos. Eu estava vestida com calça jeans preta com rasgo no joelho, camiseta branca e jaqueta preta de couro. Por conta do sol, também estava usando óculos escuros e cabelos presos para não ser surpreendida pelo vento. — Por sorte, eu comprei essa jaqueta de couro ontem. — Ostentou sua peça de roupa.

— Você está incrível, é bom vestir algo que não seja pijamas, né? — Na última semana, ela apenas se lamentou pelo seu romance que deu errado e atrasou todos os nossos trabalhos. Devíamos trabalhar no final de semana e resolver as pendências, mas resolvemos postergar mais um pouco.

— É, bom, era confortável.

— E deprimente.

— Você ainda está com raiva do Landon? Vai mesmo pra Ohio com ele? — mudou de assunto.

— Sim, não podemos perder essa oportunidade. Vamos nos divertir antes de você ir pra Coreia. Tenho esperanças que depois da viagem, talvez seja remotamente possível que você mude de ideia. — Eu estava confiante que ela cairia em si.

— Não vou mudar de ideia. Aliás, meus pais estão até mais flexíveis agora. Eles estão bem felizes porque eu vou me reaproximar da nossa cultura.

— Flexíveis? — perguntei cética. — O que disse pra eles?

— Disse que ia passar um final de semana com minha melhor amiga, claro.

— Violet, fala sério. — Ela mentia muito mal.

— Ok, pedi pra minha prima me acobertar.

— Tá, eu também mentia um pouco para meus pais. Mas, depois de quebrar muito a cara, sei que isso não é bom.

— Você mal fala com seus pais, não pode me dar sermão.

Ela estava muito certa, desde o encontro desastroso com a Missy, eu sequer atendi uma ligação da minha mãe. Falei com meu pai uma vez nos últimos dias, mas com ela as coisas sempre eram difíceis, porque sempre me lembrava da minha doença.

— Foda-se. — Cruzei os braços.

— Mel, Callie, fico feliz por se juntarem a gangue — disse o Mason ao estacionar e tirar o capacete em frente ao bar.

— Posso ter uma dessas? — perguntei sobre a moto.

— Sabe pilotar?

— Sei, mas estou enferrujada.

— O Landon te ensinou?

— O pai dele me ensinou.

— Queria tê-lo conhecido. — Mason abaixou os olhos ao dizer, suas palavras e seu gesto corporal denunciavam que ele sabia sobre a morte do Lewis. Ele era o melhor amigo do Landon, mas eu não tinha certeza do quanto da nossa história ele sabia.

— Acho que eu e a Callie vamos de carro — sugeriu Violet ao olhar para a moto cheia de pânico. Era uma *Harley-Davidson FXDR* igual a do Davis, a dele era a versão *Vivid Black* inteiramente preta e a do Mason era bege.

— É tranquilo, sério, já fizemos esse trajeto várias vezes. — Mason passou a mão pelo cabelo. — A gente tá planejando ir daqui até Los Angeles percorrendo a rota 66, assim que tirarmos férias. Isso vai ser uma aventura e tanto, estão convidadas.

— Obrigada, mas eu só vou até Los Angeles de avião — disse minha amiga medrosa.

— Coragem, Mel! A gente tá com você, vem comigo, eu te protejo. — O Hicks estendeu a mão e minha amiga se derreteu toda com o sorriso cafajeste dele. Meu pressentimento era que ela esqueceria rapidinho um certo vocalista nessa viagem.

Landon apareceu com sua moto e eu tive que ir de carona com ele mesmo que não estivéssemos nos falando. Eu não queria ser o tipo de pessoa que complica tudo em um relacionamento, mas a questão era que nós não conversávamos. Nada sobre o passado e nada sobre o futuro. Estávamos vivendo em decorrência do momento e isso mostrava o quanto ele não confiava em mim.

Encontramos os outros membros dos *Heartless* em um posto. Landon e eu fomos os últimos a partir, porque ele decidiu discutir a relação antes de pegar a estrada:

— Em todas as vezes, eu sempre tive que ceder — começou dizendo, o que não era mentira, ele sempre foi a pessoa que corria atrás quando havia algum mal-entendido ou uma briga séria. — Qual é o problema, Callie? Eu não quero ir pra Ohio com esse clima péssimo.

— O problema? Sério? Landon, você não confia em mim. Já se deu conta disso?

— Não é assim, não é que eu não confie em você, é que… — Apertou os lábios se reprimindo — Eu não sei, sinceramente eu não sei.

— Eu não vou ficar aqui e discutir com você, se não quiser vir, eu vou sozinha. — Montei na moto, em vez de ficar parada discutindo sobre algo que não teria uma solução imediata.

— Tá, mas você vai de carona.

— Como quiser. — Desci da moto para dar espaço a ele. Partimos, abracei seu abdômen a contragosto. Não foi nada ruim para ser sincera, foi uma sensação de conforto e segurança muito forte. Sentir o cheiro dele ao abraçá-lo, a textura do couro da sua jaqueta, a sensação libertária do vento no rosto. O ronco do motor, o trânsito, a moto, tudo era sensível para mim, tocava meu âmago, me transportava para o passado, me fazendo viajar em uma linha do tempo. Voltei tanto que podia lembrar de Landon e eu quando éramos crianças, dos nossos medos infantis que pareciam os maiores pesadelos.

Eu tive muito tempo para pensar em tudo e não pensar em nada durante a viagem. Vez ou outra parávamos em algum posto ou em algum lugar para comer e, com isso, interagíamos mais com nossos amigos e evitávamos mais uma conversa vazia. O que eu percebi no fim das contas era que precisávamos falar de uma vez por todas sobre o passado, antes que ele nos engolisse de uma forma tão definitiva que não teríamos sequer uma possibilidade de um recomeço. Não estávamos tentando de verdade, estávamos deixando o tempo nos levar, sem perceber que o relógio estava parado. Não íamos a lugar algum.

Paramos em um posto de gasolina junto com o Mason e a Violet. Minha amiga e eu fomos pegar algo pra comer.

— Ficou mais calma? Tá sendo legal, não tá? — perguntei pra Jung.

Ela estreitou seus olhos que ficaram ainda mais puxados e deu de ombros:

— É. Na verdade, eu estou curtindo mais do que imaginava. Eu acho que eu sou um problema pra mim mesma, Callie. Eu sempre estou cheia de inseguranças e medos. E olha pra vocês! Nós temos

a mesma faixa etária e você são tão destemidos, corajosos. Eu queria mesmo ser assim.

— Você é corajosa, Jung Ji Eui. Você veio mesmo com medo. Pense nisso… — Pisquei pra ela.

Em Cleveland, nós nos hospedamos em um pequeno chalé que cabia seis pessoas, mas acabou apenas em quatro, pois os outros membros do clube seguiram outro destino para além de Ohio. Poderia soar muito romântico se Landon e eu não tivéssemos brigado e se Violet e Mason fossem um casal. Pensei que algo pudesse rolar entre eles, mas não foi o que aconteceu, porque ela só sabia falar sobre o término com o Neal e sua ida para a Coreia. Tínhamos três quartos e foi decidido que eu e a Violet dividiríamos a cama de casal no andar debaixo, Mason no andar de cima que era como um sótão, e o Landon ficou com o quarto com a varanda.

Fizemos uma fogueira e tentamos conversar sem farpas. Assamos marshmallows, contamos histórias idiotas e Mason tentou cantar, foi péssimo. Tentamos animar as coisas e fizemos aquela brincadeira do “*eu nunca*”.

— Eu nunca fui preso — iniciou Mason. Ele bebeu, eu bebi e Landon também bebeu.

— Sério, por quê? — perguntei ao Hicks.

— Nada demais, apenas uma festa clandestina.

— Eu sou a única não delinquente aqui? — questionou Violet pela sua dose intacta e todos nós rimos.

— Eu nunca menti para a minha melhor amiga ou para o meu melhor amigo — continuou Landon e todos nós bebemos. Ninguém quis continuar o assunto.

— Eu nunca olhei no espelho e pensei, 'meu Deus, eu quero ser outra pessoa' — foi a vez da Violet.

Todo mundo bebeu e ela questionou:

— Sério? Eu não sou a única?

— Todo mundo já foi adolescente — disse o Hicks.

— Então eu devo ser ainda — falou baixinho, eu ouvi, pois estávamos muito próximas.

— Eu nunca fui bloqueada por alguém que eu amava — peguei pesado e atingi o meu alvo. Ele olhou pra mim e não tomou sua dose. Nossos amigos tomaram, assim como eu. Entendi que Violet foi bloqueada pelo Neal no mesmo instante.

Nós fizemos cinco rodadas de perguntas e em todas elas, eu falei mais do que deveria. Depois de cinco doses de vodca pura, eu já tinha perdido o filtro que eu não tinha.

— Eu nunca protegi alguém mais do que a mim mesmo. — Foi a minha última dose. Fui para o chalé e o Davis me seguiu.

— Entendi. Eu entendi — disse o Landon, virei-me para ele e o vi bagunçar os cabelos com as mãos. — Você quer falar? Mesmo? Então vamos. — Aproximou-se de mim e pegou nas minhas mãos. Levou-me para o quarto vago e trancou a porta.

— Você nunca mais vai conseguir confiar em mim, não é? — perguntei, afastando-me de suas mãos.

— Você está distorcendo tudo, Callie. Você sempre faz isso, distorce as coisas para ficar com raiva de mim. Eu conheço o seu jogo, tudo que você quer é me odiar. — Ele tentou se aproximar dando dois passos para a frente. Mais perto de mim, mais perto da nossa explosão. — Você precisa se lembrar… talvez a gente consiga conversar de verdade.

Talvez a gente consiga evitar uma nova colisão.

— Tá — solucei. — Eu me saboto. É, eu me saboto porque tá tudo bem agora, mas e depois? Eu queria te odiar, porque — Passei

a mão pelo rosto. — tudo seria muito mais fácil do que é.

— Você disse que me odiava muitas vezes, Callie. Em alguma delas foi verdade? Porque eu duvido.

— Em todas as vezes que eu disse, eu queria muito te odiar, você não faz ideia. Seria mais fácil se todo o sentimento que eu tive e tenho por você evaporasse como fumaça. Mas, porra, Landon, não dá. Então, quando você age como se não confiasse em mim, é como se nunca tivesse me perdoado. — Soltei o ar entredentes.

— O seu ex te roubou, te enganou e ainda te perseguia. Como eu ia te deixar sozinha com ele? Você fala tanto que me protege, mas eu não posso proteger você?

— Eu não preciso ser protegida.

Ele desistiu de ficar perto de mim e se afastou.

— A gente tá bêbado. Nós vamos ter essa conversa que você tanto quer, sóbrios. Mas eu acho que quem não está preparada é você.

Ele acertou em cheio. Senti meu peito inflando em desespero. Lágrimas, meu coração batia forte. Às vezes era difícil distinguir minhas emoções de sintomas da minha doença. Estilhacei-me em

pedaços na nossa última colisão, e naquele momento, como eu poderia reviver aquela maldita memória?

Mas era isso. Eu estava com muito medo, juntar cacos sempre deixa você ferido. É por isso que você não quer se quebrar de novo. Todos os processos envolvem dor. Se quebrar, se juntar e cicatrizar. Principalmente o último, cicatrizar dói demais.



No dia seguinte, nós quatro tomamos café juntos e depois os garotos foram em um encontro de motos. Violet e eu resolvemos ter um momento juntas e saímos para caminhar na praia, perto das rochas. Estava frio, por isso nos agasalhamos e andamos descalças na areia. Falamos sobre tudo, sobre nós, nossos anseios, sobre o futuro, sobre a sua partida. Pensei muito em contar para ela sobre a minha doença, mas eu não podia falar disso naquele momento, porque ia parecer que eu fiz isso apenas para que ela ficasse.

— Amanhã sai a publicação online do seu quadrinho, né? Está feliz? — perguntou-me.

— Muito, mas com muito medo também.

— Pensei que não sentia medo, você é a pessoa mais destemida que eu conheço.

— Ah, é porque eu não penso muito, só faço. E isso, querida Violet, é um grande defeito que eu tenho. Eu machuco muito as pessoas, é por isso que eu sou solitária.

— Você não é solitária, você tem a mim.

— Sim, eu tenho — confirmei, abraçando-a pelo ombro.

— Sabe, eu ando pensando muito na minha vida… — A brisa do vento no seu rosto bagunçou toda a sua franja. — Sobre as coisas que eu quero fazer, ser e toda essa *vibe* chata de ser um jovem adulto, eu não vou ficar pra sempre na Coreia, mas eu quero ir, entende? Passar um mês, respirar novos ares, pensar se vou me dedicar ao design ou se fico louca e decido ser uma tatuadora. É isso… não quero que fique chateada comigo.

— Tá tudo bem, Ji. Sério. É o seu momento. Só você pode se decidir sobre o seu futuro. Se vai fazer bem pra você, faz bem pra mim. Eu vou sentir sua falta, mas a gente vai se encontrar de novo, né? Mesmo com toda a dificuldade do fuso horário, eu vou te mandar muitas mensagens, podemos nos falar pelo *facetime*?

— Sim! Sim! Vou te acordar com minhas ligações. — Caminhamos em direção às rochas.

— Ontem você saiu do quarto de madrugada. — Lembrei de um detalhe. — Onde foi? — Estreitei o olhar em desconfiança.

— Ah… — Ela levantou os braços e se esticou antes de continuar. — O Mason estava sem sono e me mandou uma mensagem, como eu não conseguia dormir, eu fui conversar com ele na sala.

— Na sala ou no quarto dele? — brinquei.

— Na sala. — Sentamo-nos nas rochas para conversar. — Eu perguntei pra ele se ele gostava de você.

— Violet!

— Ele levou na boa, sério. E me disse que teve uma impressão grandiosa de você naquele dia que caiu no lixo. Acho que qualquer um teria, né? — Riu, colocando a mão na boca.

— Que engraçadinha.

— Mas que quando soube que você era a Callie do Landon, palavras dele, estou reproduzindo, ele desencanou.

— É… eu sei, a gente conversou um dia na lavanderia. Eu meio que passei do limite naquele dia no restaurante, porque queria fazer

ciúme no amigo dele. Mas, de verdade, nunca houve nada entre a gente. Então…

— Então?

— Vocês não ficaram ontem?

Ela se encolheu.

— Não foi nada demais, eu dei um beijo nele — falou quase sussurrando.

— O quê?! Como você só me conta agora? — aumentei meu tom de voz.

— Eu estava bêbada e carente, não foi nada. — Balançou os ombros como se não fosse algo importante, mas eu sabia que no fundo era, ela só não admitiria.

— Mas por que você tá triste? Não foi bom?

— Se foi bom? Foi bom pra caralho… Ele tem uma mão, me pegou aqui... — Colocou a mão na nuca. — Eu vi o céu. Tenho certeza que vi, mas…

— Mas?!

— Fui eu quem beijou ele, mas uma vez eu fui a burra que tomou uma atitude. Depois do beijo, ele simplesmente fugiu.

— Ele não falou nada? Nada mesmo?

— Pediu desculpas, acredita? — Balançou a cabeça. — Que burra, que burra! — Bateu na testa. — Isso que dá muita bebida e carência, eu nem gosto dele.

— Mas se ele pegou aqui — Coloquei a mão na nuca dela. —, é porque ele quis. Você tá pensando demais e ele também. Espera um pouco, ele vai vir atrás de você.

— Eu prefiro não ir embora de carona com ele, vou pegar o trem, vem comigo?

— Não dá, o trem vai demorar pra caramba.

— Vamos alugar um carro?

— Violet! Sério, para de fugir.

— Eu sou uma covarde. Você me conhece. — Empertigou-se de frio.

— Não é não. — Peguei em sua mão. — Vamos dar um mergulho?

— Tá maluca? Tá frio!

Dei de ombros.

— Vamos, Ji, coragem.

Ela acabou cedendo. Aproximamo-nos da água, demos vários pulinhos, quase desistimos, mas uma acabou empurrando a outra. Divertimo-nos muito, mas também morremos de frio. A hora de voltar para o chalé foi a parte mais difícil, porque tremíamos muito. O arrepio que o vento me causou me atingiu dos pés à cabeça várias vezes. Assim que chegamos, avistamos as motos dos garotos, percebemos que eles chegaram antes do que imaginávamos.

Landon me viu, eles estavam sentados na escada da varanda e imediatamente entrou e voltou em seguida com a toalha:

— Você está louca? Quer ficar doente? Puta merda! — Levou-me para dentro.

— Calma, não é pra tanto — resmunguei.

— Não é pra tanto? Você nunca se cuida! Porra, você não entende, o coração de qualquer pessoa fica sobrecarregado no frio, imagina o seu.

Meu queixo tremia, por isso não consegui responder.

— Ei! Por que tá brigando com ela? — reclamou Violet vindo atrás da gente.

— Por quê?! — Virou a cabeça na direção da minha amiga e viu confusão nos olhos dela. — Espera… — Olhou pra mim e nós

paramos no meio do corredor. — Não contou pra ela? É sério? Eu não consigo acreditar nisso. — Afastou-se de mim e colocou as mãos na cabeça.

— O quê?! O que ela não me contou?

— Eu vou tomar um banho — fugi.

Landon apertou os lábios e se dirigiu a Violet para responder:

— Pergunta pra sua amiga.

Eu fugi do olhar medroso e desconfiado da Violet e do olhar furioso do Landon.

Senti meu coração batendo muito forte, coloquei a mão no peito, empertiguei-me. Landon tinha razão. Era hora de enfrentar de uma vez por todas o que fez nós chegarmos até aqui. Era doloroso, cruel e foi o nosso fim.



CARTADA FINAL

“Porque o medo mata tudo”, Mo lhe dissera um dia,
“a razão, o coração e até mesmo a fantasia.”
(Coração de tinta, Cornélia Funke)

ANTES

O meu aniversário de dezoito anos foi tudo que eu desejei. O Jonah e o Landon deram uma trégua e me fizeram uma festa. Os amigos do meu namorado também colaboraram e conseguiram fazer uma típica festa adolescente, com muita bebida, conversas e apostas idiotas.

Foi nesse dia que eu consegui vencer a aposta da tatuagem, jogamos *Beer Pong* e eu ganhei. Cansados e bêbados, Landon e eu ficamos no andar de cima, eu acabei perdendo a minha camiseta, porque ele se empolgou demais e a jogou pela janela, um cachorro pegou e eu tive que voltar pra casa apenas de sutiã. Estávamos muito felizes, felizes até demais. Íamos terminar o ensino médio em breve, tínhamos planos para Nova Iorque e também íamos dar um jeito de ficarmos livres do Wes.

Passamos por um pequeno susto poucos meses antes com um preservativo que estourou, mas tudo não passou de um alarme falso. Depois disso, eu e minha mãe fomos ao ginecologista, ele recomendou que eu colocasse o *diu* de cobre, pois era um método contraceptivo não hormonal, ou seja, era liberado pra mim. E foi o que eu fiz, pois ter um filho sendo uma adolescente com cardiomiopatia era suicídio.

Eu também fiquei longe do Wes e da gangue, apesar de ainda achar que meu plano era a única solução. Depois do surto emocional que minha mãe teve, eu pensei um pouco sobre como eu estava sendo má com eles, e decidi tentar ser uma boa filha.

— Eu acho que vai doer muito — falei para o Landon no estúdio de tatuagem.

— Podemos não fazer uma borboleta? Não pode ser uma cobra?

— Nada disso, trato é trato. Vai ser minha borboleta deformada. — Eu ri.

Eu fiquei observando tudo do outro lado do vidro quando ele entrou, vi sua careta e vi o desenho se formando. Havia ficado bom, na medida do possível, ou melhor dizendo, ficou bem feio. O tatuador perguntou várias vezes se ele tinha certeza antes de começar a tatuar, e apenas fez o desenho porque era um conhecido do Landon, normalmente ele trabalhava apenas com ilustrações feitas por ele.

— Ficou lindo — menti e dei um beijo no meu namorado quando foi concluída a tatuagem.

— Não seja falsa, Heart.

— É sério! Tá bonitinho. — Ele balançou a cabeça desacreditado. — Mas a minha vai ficar mais bonita…

— O quê? Sério?! O que vai fazer?

— É uma surpresa, por que não senta e espera?

Ele não estava acreditando no que eu faria, nem eu mesma acreditei, porque era uma pessoa muito sensível à dor. Tudo que me machucava, eu fazia um escândalo, nem poderia lembrar do episódio

que eu quebrei o braço, porque era um gatilho. Mas acabei tomando uma grande dose de coragem, porque eu havia acabado de completar dezoito anos e queria perpetuar de alguma forma essa lembrança.

E, puta merda, eu fui para o inferno da dor e voltei. Landon ficou vendo minha careta através do vidro e também viu a tatuagem se formando. Abaixo dos seios, depois de tatuar uma linha fina de um batimento cardíaco, foi escrita a minha declaração de amor para o meu melhor amigo.

Quando terminamos, o tatuador nos deu um tempo sozinhos e saiu pra fumar. A dor de tatuar era apenas na hora, mas eu tinha certeza que me lembraria dela depois de adulta.

— *A cada batimento…* — Landon leu a tatuagem passando o dedo através do filme protetor.

— A cada batimento cardíaco você está comigo, do mais rápido, até o mais lento. Eu amo você, Landon Davis. E é…

— Até o fim do Cosmos — completou me olhando profundamente. — Mesmo após a última batida do meu coração. — Fechei os olhos quando seu nariz tocou o meu e o abracei quando seguimos para um beijo.

— Tenho que te levar para um lugar, me encontra às dez hoje?

— Aham… o que vamos fazer?

— É uma surpresa…

E foi uma surpresa quando ele me buscou de moto em casa e fez todo o suspense ao longo do caminho até chegarmos em um lugar que eu nunca havia ido. Nós descemos da moto e fomos caminhando até tocar com os pés na areia.

— Você disse que queria ir à praia — comentou. Senti a brisa do vento no meu cabelo, o silêncio da água, tudo isso me deixou muito em paz. — Não é bem uma praia, mas podemos considerar? — Olhou pra mim com um sorriso de canto.

— Sim, pra mim já é uma praia, vou me lembrar como se fosse. — Sorri de volta pra ele a apertei sua mão.

A última vez que fomos à praia tínhamos quinze anos, passamos mais de sete horas dentro do carro com seus pais para irmos a Flórida, especificamente a *Rosemary Beach*. Elena e Lewis estavam tão bem naquela época, Landon e eu estávamos tentando não ultrapassar os limites da amizade de novo e nos divertimos muito fazendo diversas esculturas na areia.

O Tennessee é um estado sem saída para o mar, por isso não era muito comum irmos à praia, pois precisávamos sair do estado para isso. Fiquei surpresa, porque Landon me trouxe a uma “praia”. *Cheatham Lake* era a mais ou menos uma hora de Bell Buckle, não tinha vista para o mar obviamente, era apenas o rio Cumberland, tinha um espaço para recreação e uma areia perto da costa. Então, se tinha areia e água, a gente poderia fingir que estava na praia.

Soltei a mão do Landon e corri.

— Ei! Tente me pegar!

— E o que ganho em troca?

Fiz um gesto descendo a mãos pelo meu corpo.

— Tudo isso, precisa de mais alguma coisa?

Ele passou a mão pelo rosto com uma expressão divertida e se preparou:

— Eu vou te pegar, Heart.

— Então tenta, Davis. — Coloquei as mãos na cintura. Assim que ele deu o primeiro passo, eu virei as costas e saí correndo.

Landon me pegou mais rápido do que eu imaginava, nem tentei fugir, deixei-me levar pelo seu toque, pelo seu beijo, pelo conforto que era estar em seu peito. Estar em seus braços sempre era a

sensação de que tudo era muito certo. Fomos envolvidos pela calmaria das águas, pelo som da noite, por tudo que éramos quando estávamos juntos.

Nós sentamos na areia e ele me disse algo que me fez engolir em seco:

— Quero casar com você. Ainda não é um pedido, eu não tenho um anel, mas eu sei que vou me casar com você. É claro, se você quiser — disse com a mão apoiada no meu joelho, ele colocou a mão no meu queixo para me olhar com todo o seu amor.

— É claro que eu quero, quer dizer, como não é um pedido, eu estou prometendo que direi sim quando você pedir.

— Amo você, Callie Heart. — Passou a mão pelas curvas do meu rosto. — Amo você, *Callieflower*. — Encontrou a linha dos meus lábios. — Amo você, *Luvy*. Amo você e todas as suas cores.

— As que você vê?

— As que eu vejo e as que eu não vejo. — Descansou a mão no meu queixo e acariciou-me com o dedão. Encostou a testa na minha, seu nariz no meu, tocou meus lábios com os seus, mas sem fazer pressão ainda.

Éramos como um reflexo um do outro.

Fiz pressão com meus lábios, derrubei-o com meu corpo e continuamos a nos beijar com ainda mais vontade, mais paixão, como se fosse a última vez. Como se soubéssemos que estávamos correndo contra o tempo.

Nós nem dormimos durante a madrugada, ficamos conversando até perto do nascer do sol. Depois subimos na moto e vimos os raios solares, aos poucos, surgindo. Nós transamos em cima da moto lentamente, sentindo cada ínfimo desse instante que parecia que ia se dissolver com apenas um respirar mais forte.

E foi o que aconteceu quando ele parou na frente da minha casa e se despediu de mim com uma confissão:

— Tenho que te contar uma coisa… — disse segurando sua mão. Eu senti meu coração apertado ao pensar que eu jurava amor para ele escondendo o meu maior segredo. Queria muito protegê-lo, mas ele também queria a mesma coisa que eu.

— Eu também tenho que te contar. Mas pode dizer… — Depois de tudo que passamos e da noite que tivemos, eu não queria mais esconder dele a minha doença. Ele merecia saber, antes que algo acontecesse.

— Não, diz você primeiro. — Acariciei sua mão com a minha.

— Os *Basilisks* estão planejando um roubo a uma joalheria e eu vou ter que ir.

— O quê?! — Afastei-me rapidamente. — Não, Landon, você não vai.

— Callie, me escuta, se der certo, o Wes vai dar o fora daqui, ele me falou que vai ter que sumir por um bom tempo. Eu vou ter carta branca pra ir embora.

— Que porra é essa, Landon? Quem é você, hein?! — Bati no peito dele. — Porque eu não te reconheço. Eu não consigo enxergar a pessoa que eu amo cometendo um puta crime como esse.

— Eu vou ficar fora, só vou dirigir… — respondeu rápido.

— Foda-se. Vai participar de qualquer jeito! Vale tudo por dinheiro agora? A sua vida? A minha? A do seu pai? Porque você vai pôr tudo em jogo.

— Eu não tenho saída! Não tenho! Ou eu me junto a gangue pra fazer isso, ou vão acabar comigo. Callie, eu prometo, é a cartada final — implorou, tentando pegar na minha mão, recusei.

— E se der errado?! E se pegarem vocês? Hein?! Você morre com um tiro no meio da testa? Ou você vai pra cadeia? Eu não vou conseguir te tirar de lá, nem aquele filho da puta!

— É a única solução… — disse em súplica quase perdendo a voz.

— Não, não é a única solução. — Peguei minha bolsa. — Você não vai se tornar um criminoso — falei entredentes. — Eu vou dar um jeito… — Saí dando as costas. Eu fui atrás do Wes, pedir para ele parar, para deixar o Landon em paz, mas assim que me aproximei da oficina de motos, eu ouvi uma conversa dele com o Dash.

— Vai ser perigoso o roubo — comentou o grandalhão.

— Não vão nos pegar, o garoto vai ser a nossa isca, vão atrás dele.

— E se ele abrir a boca?

— Ele não vai, vão dar um fim nele.

Dei os passos pra trás.

— E a menina?

— Prometi a Rachel que a deixaria em paz.

Saí correndo dali, minha boca ficou seca demais. A cartada final do Wes era o fim de Landon Davis.



— Aonde está indo? — Missy me pegou prestes a pular a janela do quarto.

— Vou ver o Landon, você não vai sair com Matias?

— Sabe que ele me convidou pra ver uma corrida ilegal hoje? É seu pai delinquente que organiza, né? — Ela se escorou no batente da porta.

— Ele não é meu pai.

— Biologicamente ele é sim. E eu sei que tá metida nos lances ilegais dele.

— E? Vai fazer o que com isso?

— Eu? Nada. — Cruzou os braços. — Mas você tá dando muito trabalho pros nossos pais. Tá na hora de parar.

— Eu vou parar, vou embora dessa cidade assim que eu pegar o diploma.

— E vai fazer o que da vida? Como vai pagar pelo seu tratamento?

— Vou dar um jeito.

Ela riu em deboche.

— Eles vão mandar dinheiro pra você, vão cuidar da caçula problemática como sempre fizeram. Só que o mundo não gira ao seu redor. Sabia que o papai tá com problemas de saúde? Ele tá com pressão alta.

— Porque ele come demais, Missy. O papai engordou mais de vinte quilos, tudo que saí da chapa ele come. Ele tá viciado em comida. — Nosso pai sempre foi gordinho, mas ultimamente ele estava passando do limite.

— Porque ele come de nervosismo, e você é a causa do estresse dele, minha meia-irmã.

— Eu? Tem certeza que eu sou o mal de tudo? Porque eu tenho culpa por várias coisas, mas, se você quer mesmo encontrar culpados, o papai tá assim porque descobriu que a mamãe tá vendo o Wes. Eu ouvi a briga deles na lanchonete, não tenho ideia do que nossa mãe queria com o Wes, mas o papai tava puto com ela por isso.

— Tá mentindo, a mamãe não faria isso.

— Eu não sei de mais nada, Missy, só quero acabar com tudo isso. Não vou dar mais trabalho, ok? Agora eu tenho que ir.

— Eu vou usar o carro, já pedi pro papai.

— Pois use, eu vou de moto — disse e pulei a janela antes que ela falasse mais alguma coisa.

Fechei minha jaqueta, apertei o cadarço das botas e coloquei o capacete antes de subir na moto. Talvez tudo que eu aprendi não fosse o suficiente, mas eu iria pagar pra ver.

O encontro de motos estava acontecendo em Salem novamente, estávamos intercalando o local para não sermos pegos com as corridas clandestinas. Quando cheguei, avistei todo o circo formado, muita gente estava ali para ver as corridas, me perguntava se minha irmã aceitaria vir com o novo namorado, algo que eu duvidava muito. Se ela me visse, faria um grande escândalo, mas eu iria arriscar.

— Olha minha filha! — O babaca do Regenbogen me viu. — O que faz aqui, *meine liebe* Callie? — Colocou a mão no meu ombro.

— Não fale em alemão comigo.

— Ok, minha querida Callie. Veio ver seu pai? Ou seu namoradinho?

— Eu nunca pensei que diria isso, mas vim ver você.

Ele me olhou desconfiado:

— O que precisa?

— Quero te desafiar.

Wes riu alto.

— Eu ouvi direito? Me desafiar?

— É exatamente o que você ouviu, papai.

— Não.

— Não? Vai negar um desafio? — falei mais alto. — Na frente de todo mundo?

— Você é uma criança, não tente passar vergonha.

— Eu desafio Wes Regenbogen — gritei. A plateia ouviu, Landon que havia acabado de chegar também ouviu e veio correndo até a mim. — Se eu vencer, o Davis sai da gangue — propus. — Se eu vencer, você deixa a minha família em paz. — Eu sabia que ninguém desafiava o Wes porque sabiam do que ele era capaz, mas eu era filha dele, talvez minha queda não fosse tão grande.

— Criança, tá maluca?

— Callie, o que você está fazendo? — disse o Landon tentando me puxar pela mão, suas sobrancelhas se enrugaram ao olhar pra mim. Soltei minha mão da dele bem rápido.

— Eu disse, eu desafio Wes Regenbogen — repeti mais alto. O barulho da plateia foi quase ensurdecedor. — Você não pode recusar, vai perder sua credibilidade, não é, papai?

Ele riu em deboche.

— Tá. Vamos brincar, já que é isso que você quer, princesa. — Ele colocou o braço no meu ombro e eu o tirei rápido.

— Não encosta — disse séria.

— Vou fazer algo ainda maior por vocês, que tal vocês dois me desafiarem? Se um de vocês ganhar, o trato tá feito.

Olhei para o Landon, ele olhou pra mim. Parecia uma má ideia, porque se ele se garantia contra duas pessoas, era a resposta do porquê ele nunca entrava nas corridas, ninguém era melhor que ele.

— Só eu vou — disse o Davis.

— Nada disso… a minha filha treinou bastante, confio nela. Andem, vamos começar o show.

Nós levamos as motos até a linha de partida. O Davis ficou atrás de mim, me convencendo a parar:

— Você não pode, sério, a pista tá perigosa hoje, choveu mais cedo. Você acabou de aprender. — Seus olhos quase caíram em mim tamanho seu desespero.

— É a única saída.

— A gente já perdeu antes de começar. Vai embora, Callie — suplicou-me.

— Não tem outra saída — falei pausadamente pra ele entender. Minhas mãos tremeram, eu segurei firme na moto para disfarçar.

Olhei para os lados, bati o pé em uma poça d'água. As pessoas gritavam, algumas já sabiam meu nome, estavam se divertido muito, pois duvidavam que eu conseguiria. Olhei pro céu, nenhum sinal, nuvens escuras, céu noturno iluminado por poucas estrelas, era o prelúdio de algo ruim.

— São duas voltas — começou Dash, complicando as coisas ao adicionar mais uma volta. — Quem chegar primeiro, vence. — Ele me olhou com seus olhos demoníacos, ele não tinha sentimento algum.

Landon estava ao meu lado com sua moto, ele me olhou, suas narinas dilataram em nervosismo, sua respiração era alta e rápida.

— Eu vou facilitar pra você, te deixo sair primeiro — disse o Wes. Ignorei-o rolando os olhos.

E começou algo que eu chamaria de fim.

Gritos, muitos gritos. Uma torcida contra nós e uma a favor.

Olhei para trás um segundo, vi Wes saindo e bem ao longe o Davis também de moto. Voltei a olhar pra frente, focada no meu único objetivo. Meu coração gritou várias e várias vezes contra mim, como se ele me dissesse *"o que você está fazendo comigo?'*

Meu coração se calou na primeira curva em nervosismo.

Ele soluçou quando eu percebi que a pista estava lisa demais.

Ele gritou de novo porque Wes havia me ultrapassado.

Mais alguém estava se aproximando de nós e essa pessoa era o meu melhor amigo, o meu namorado, o motivo de eu estar tão ensandecida pela vitória. Perdi o fôlego ao acelerar ainda mais. Na nossa frente, o babaca do meu pai fazia manobras com a moto para se mostrar.

— Para! Por favor para — berrou Landon tão alto que eu poderia sentir sua garganta se ferindo pelo esforço.

Engoli em seco, senti meu rosto ficando molhando. Era chuva?!

Não.

Era a porra das minhas lágrimas.

Eu… eu precisava. Eu tinha que dar um jeito.

Fui mais rápida, acelerei, movimentei meu corpo junto com a moto como se fôssemos parte uma da outra.

Como eu queria que tivesse uma fenda no meio da estrada que engolisse o Wes e o levasse para bem longe.

Meu coração soluçou mais uma vez ao chegarmos perto daquele maldito túnel. Ficou tudo escuro e seco. Landon não estava tentando me ultrapassar, porque se ele quisesse, teria conseguido, ele continuou na minha cola, gritando, perdendo a voz. Quase pude sentir seu toque. Sua voz, seu desespero, era quase corporificável. Tanto que, eu senti. Eu pude sentir seu toque desesperado bem no meu estômago.

Quem eu quis enganar?

Eu, eu não era suficiente pra isso.

Eu não era corajosa porra nenhuma, eu era imprudente.

Contorci-me de medo.

Chegamos na linha de chegada para a segunda volta. Wes passou bem antes de mim, eu não ia conseguir. Não havia milagre. Ainda assim, a plateia gritou pelo meu nome. Por um segundo eu imaginei que pudesse ser suficiente, senti como se açúcar fosse injetado diretamente em minhas veias.

Então eu corri mais rápido possível.

Corri mais rápido do que parecia impossível.

E a chuva deu as caras mais uma vez com pingos médios.

Landon Davis veio atrás de mim. Por um momento, eu consegui chegar perto do Wes, porque ele havia abaixado a guarda, como se tivesse diminuído só para me provocar, apenas para me dar o gosto da possibilidade de vencer, e depois, com um sorriso bem debochado, ele fez uma manobra de empinar a moto para mostrar que ele sabia o que estava fazendo.

Meu coração inchou. Eu senti que era taquicardia. Batia tão rápido, eu não conseguia ter intervalos de respiração. Diminui, diminui muito na aceleração e isso fez com que o Davis me cortasse com a moto dele e parasse bem na minha frente.

Eu tive que parar. Saí da moto, caí no chão, coloquei a mão no peito, na garganta, eu não estava bem, eu não estava nada bem.

— Callie, Callie? — gritou Landon por mim.

Respirar. Eu tinha que lembrar como respirar. A taquicardia sempre me deixava em desespero e me fazia entrar em pânico.

— Tá, tá tudo bem — gaguejei.

Landon se ajoelhou no chão e me abraçou forte.

— Chega, é fim de jogo. Chega, Callie, acabou.

— Não dá, ele vai matar você, ele vai te matar — desesperei-me em um choro alto. — Eu não posso deixar. Vamos fugir, vamos sair daqui, agora!

— Você não pode mais me proteger… — Ele chorou. — Tá tudo em jogo, você, minha vida, meu pai.

A chuva ficou forte.

Eu gritei forte com a dor da derrota que me atingiu.

— Acabou — sussurrei tentando me fazer acreditar.

— Acabou — fungou.

Engoli lágrimas, chuvas, desespero, engoli meu coração que foi empurrado pela saliva para descer pela garganta. A chuva nos ensopou, mas nenhum de nós conseguíamos nos levantar, estávamos derrotados.

E me dei conta que essa era a verdadeira cartada final, não tinha saída.



AGORA

Minha melhor amiga ficou derrotada depois que eu contei sobre a minha doença. Não tinha mais como fugir, eu vi o desespero e a amarga decepção em seu rosto. Ela quis saber de tudo, mas também ficou magoada demais por eu não ter contado antes.

Mason e ela foram embora mais cedo para deixar Landon e eu a sós. Eu nem sabia o que falar com ele, como pedir desculpas por tudo, como dizer e reviver tudo e ele também estava relutante em falar comigo, porque saiu e ficou na praia até tarde da noite. Sabia que ele precisava de um tempo sozinho e dei esse tempo a ele, mas depois que foi ficando muito tarde, decidi ir atrás.

Vesti uma roupa quente e me enrolei no cobertor até chegar à praia. Vi que uma família estava soltando fogos e o barulho começou a me deixar ansiosa. Eu pisquei, imagens quase me cegaram, pisquei de novo, e mais uma vez um alerta soou na minha cabeça. Memórias iam e vinham como flashes.

Que porra, que porra está acontecendo?

Desde que eu vi o quadro do Lewis, sonhos e flashes daquele dia me perseguiam. Era difícil separar do que era verdade e o que

era mentira e isso estava me deixando maluca.

Procurei pelo Landon e o vi perto da maré, sentado no chão, jogando pedrinhas no mar e chamei-o:

— Ei, olhos de oceano…

Ele se virou pra mim e resmungou:

— Está muito frio pra você ficar aqui.

— Então vem comigo, você pode ficar doente.

— Não importa, eu não quero que você fique doente. — Ele encostou sua mão na minha quando eu a coloquei em seu ombro.

— Desculpa… me perdoa, Landon. Eu realmente não sei o que estou fazendo da minha vida. Eu sinceramente não sei, tô magoando todo mundo, metendo os pés pelas mãos. Sendo inconsequente de novo. — Agachei para sentar ao seu lado.

— Você precisa se lembrar que tem um coração — disse após um longo suspiro. — Sei que ele tá aqui — Colocou a mão perto do meu peito. — e tá sofrendo porque você acha que o perdeu, mas você não perdeu. Mas se continuar a fazer o que você sempre faz, vai perder a si mesma, e depois que acabou não tem mais volta, Callie, as pessoas morrem e não tem mais volta.

— Eu… — Olhei para cima, forçando-me a não chorar. — Eu tenho uma coisa pra te contar. Acho que você tá confuso sobre algumas coisas e entendo porque não confia em mim. Mas eu não vou morrer porque me joguei no mar gelado, não é assim que essa doença funciona, nada que eu faça vai melhorar ou agravar do jeito que você pensa.

— São os esforços, Callie, eu sei que não pode exagerar.

— É, é isso, exagerar. Eu não posso correr uma maratona, Landon. Não posso ser uma atleta, não que eu tenha vocação pra isso. — Eu ri e fiquei sem graça porque ele não riu. — Mas eu não sou frágil como acha que eu sou. Eu não quero te machucar, não quero que fique transtornado como ficou. Porque a verdade é que não importa o que eu faça, meu coração não vai parar de crescer, não tem cura. A única coisa que eu posso fazer é torcer pra que a hipertrofia aconteça de uma forma bem lenta…

Ele engoliu em seco, seu queixo continuou tensionado.

— Eu não acho que você seja frágil, eu só queria te proteger, como todas as vezes que você fez isso por mim e que não deveria ter feito.

— É… eu exagerei, não nego. Mas eu sou assim, eu quero proteger as pessoas que eu amo da bomba-relógio que eu sou. Não queria contar pra Violet, porque eu não queria que ela fosse mais uma pessoa a se preocupar comigo. — Ajeitei a coberta para cobrir o ombro do Landon também. — Não sou a única pessoa que guarda segredos dos amigos, né? Você nunca contou pro Mason sobre seu daltonismo, eu falei com ele na lavandeira, e adivinhe? Ele sabe, ele sempre soube.

— O quê? É sério?

— É sim, ele sabe, vocês convivem todo dia, como ele não ia perceber? Só que ele ficou sem graça de falar, por isso nunca disse. Por que esconde?

— Não sei... — Passou a mão pela nuca. — Faz lembrar do meu pai, das coisas que ele passou por ser diferente.

— Nós dois guardamos segredos, nós magoamos muita gente. Eu quero superar a culpa, mas tá bem difícil. Tem dias que eu penso em não sair da cama, de ficar ali. Mas aí eu costuro um sorriso no rosto e tento ser a pessoa que todo mundo acha que eu sou. Pareço não ligar pra nada? Pareço. — Franzi o lábio controlando o choro. — Só que não é assim, ninguém vê a gente de verdade, Landon. Há

muito tempo eu vejo a vida em preto e branco, mas eu finjo que tá tudo colorido… Eu queria tanto que tudo virasse um borrão, fosse apagado.

— Nós precisamos superar, eu sei que é difícil. — Passou a mão pelo meu rosto. — Somos culpados por muita coisa, mas sentir culpa não vai reparar os danos. Eu tive que tomar remédios pra dormir por um tempo, tive que fazer terapia, era sempre uma onda após outra. Parecia que nunca ia acabar… aí uma pessoa me ligou e disse que era a garota que eu esqueci.

Apertei os olhos, pois me reconheci.

— Eu pensei, caramba, tem algo de errado, porque eu nunca te esqueci. Só que com você é tudo muito intenso, te ver me fazia lembrar do que perdemos, de quem nós machucamos, de como você quase se perdeu. Achei que não era certo ficarmos juntos, que não era justo depois de tudo.

— Eu também não tenho certeza se é ainda. — Minha garganta ficou seca. — Eu te machuco tanto, por que você ainda não desistiu de mim?

— Era pra sempre…

— Adolescentes dizem isso, adultos sabem que o pra sempre é tempo demais.

— É, é verdade, mas posso te contar uma coisa? Quando eu tinha oito anos, eu te amava, comprava lápis de cores só pra você. Aos doze, eu ainda te amava e subia na casa da árvore por você, mesmo morrendo de medo de altura. Aos quinze, eu te amava e queria ver seus peitos. Aos dezesseis, eu te amava pra caralho e vi seus peitos. — Ele riu quando eu bati no seu ombro. — Aos dezoito, eu te amava, mesmo quando você disse que me odiava. — Meu queixo tremeu — Aos vinte e quatro anos, eu ainda te amo, mesmo com medo de dizer isso. É quase toda a minha vida, Callie, é o meu para sempre, eu só tenho isso por enquanto.

Meu coração se apertou, se remexeu no meu peito, eu o senti mais vivo do que nunca.

— Você também é meu para sempre, Landon. Sempre foi. Sempre será. — Coloquei a mão no rosto dele, aproximamos nossas faces e respiramos juntos.

— Como acabamos aqui? — perguntou, segurando as lágrimas tanto quanto eu.

— Você, ao se despedir de mim — comecei a relembrar, depois que vi o quadro, eu passei a lembrar de muita coisa —, disse com essas palavras… — Uma lágrima caiu e foi seguida por tantas outras.

— Eu disse, Callie — Tremeu —, você matou o meu pai — completou minha fala mordendo o lábio. — Me desculpa…

Longe de nós, eu ouvi o estouro de mais fogos e o gatilho se apertou na minha cabeça. Tudo que eu lutei para esquecer, tudo que se foi depois que eu tive uma síncope. Eu bloqueei muitas memórias, eu tentei esquecê-las, mas elas nunca me deixaram.

Meu coração bateu forte no meu peito, depois da cirurgia, eu achei que o tivesse perdido, mas ele estava ali, pronto para contar uma história, pronto para contar como foi que ele parou de bater.

As memórias explodiram de uma vez.



MORTE SÚBITA

“Ninguém pode despertar os mortos, Meggie” prosseguiu Mo.

“Talvez seja verdade que a morte é apenas o começo de uma nova história, mas ainda ninguém leu o livro em que ela está escrita.”

(Coração de tinta, Cornélia Funke)

ANTES

Passei a semana toda em estado de alerta, tudo que eu queria era fazer uma denúncia anônima e acabar com o império dos *Basilisks*, mas eu sabia que o desgraçado tinha fortes ligações dentro da polícia. Eu contei ao Landon o que ouvi às escondidas e o que o Wes planejava, porém ele não acreditou em mim, achava que eles poderiam estar falando de outra pessoa.

Eu fiz tudo que podia ter feito e era hora de me retirar.

— Se eu não voltar, cuida do meu pai. Faz ele expor os quadros dele e, por favor, se cuide. Pare de se sacrificar pelos outros. Por favor, não faz mais nada. Não faça mais nada. Deixa as coisas acontecerem.

— Tá, tudo bem, eu não vou fazer mais nada.

— Se eu não voltar, por favor, pare de brigar com seus pais e publique seus quadrinhos. Você vai fazer muito sucesso, Callie, eu não tenho dúvidas.

— Eu não posso fazer isso… — Despedacei em lágrimas.

— Você pode. Fui eu que fui atrás do meu caminho de diamantes, não é?

— É tudo culpa minha. Você cruzou comigo, com a minha vida! Se não tivéssemos nos conhecido, se eu não tivesse insistido em ser sua amiga, nada seria assim.

— Para. Não dá pra mudar nada. E eu não mudaria. Tudo que eu vivi até agora com você valeu a pena. — Ele beijou minha testa. — *Cosmos*. Eu te amo.

Balancei a cabeça em negação. Sua mão aos poucos se soltou da minha.

— Eu te amo, Landon Davis. Sempre, sempre e sempre.

Eu o vi ir embora, a última coisa que vi foi a sua jaqueta com o emblema dos Basilisks. A última coisa que vi foi o basilisco, e isso era um mau sinal.

Minha cabeça doía de tanto chorar. Fui até sua casa, porque o Lewis havia me chamado para ver uma obra que ele havia feito. Encontrei-o na varada, feliz e sorridente, tentei ao máximo fingir que estava tudo bem.

— Meu Deus, Lewis! — exclamei ao ver o quadro. Era a sua obra mais linda que eu já havia visto. — É o Landon! Caramba, isso tá insano de lindo!

— É, meu filho pintado nas cores que ele vê.

— É incrível, sério, eu tô sem palavras. — Coloquei a mão na boca.

— Eu que fiz, o quadro e ele. — Riu e me arrancou uma risada lenta. — Ultimamente acho uma boa ideia me mudar daqui, pode ser bom para ser reconhecido pela minha arte. Eu estava relutante porque pensei que pudesse me entender com a mãe dele.

— Por que ela desistiu de tudo, Lewis?

— A nossa vida não era fácil. Amor não é suficiente, ela queria estabilidade, queria que parássemos de perder a casa. A Elena jamais conseguiria morar perto do trem e eu não conseguia proporcionar mais nada a ela além disso.

— E por que vocês brigaram com meus pais? Eu não sou mais criança, quero saber, vocês eram melhores amigos.

— Porque eles não gostavam do Landon, achavam que ele era má influência pra você. Porque se alguém não quer o meu filho perto, eu também não quero ficar perto dessa pessoa. E porque a Elena acusou a Rachel de ser infiel com seu pai. Eu não sabia do que ela tava falando, mas aí o Ben — citou meu pai — me confidenciou que você não era filha dele. A gente decidiu se afastar pelo bem das nossas famílias.

— Eu não acho que a minha mãe tá sendo infiel, sinceramente, não acho que ela faria isso com meu pai.

— Eu quero ficar fora disso. Aliás, pode me contar onde o meu filho está?

— Trabalhando… — respondi vagamente.

— Ele tava estranho hoje de manhã. Eu preciso saber se tá acontecendo alguma coisa.

— Não está acontecendo nada. Por que não comemos algo e você me conta o processo do quadro?

Ele me olhou profundamente, não acreditava no que eu dizia, no entanto, eu não queria abrir a boca e colocá-lo em perigoso. Já era noite e o assalto aconteceria em menos de quatro horas. Eu estava rezando para que as horas passassem rapidamente, mas o relógio batia cada vez mais devagar.

— Eu conheço você, tanto quanto conheço meu filho. O que ele foi fazer?

Se eu dissesse, colocaria a vida dele em risco. Se eu não dissesse, seria culpada pelo resto da vida por tê-lo privado de ajudar seu filho. Se tudo desse errado, se o Landon não voltasse, como eu iria olhar na cara dele e dizer que escondi o fato de que seu filho estava caminhando pra morte?

— Sempre que eu abro a boca, algo ruim acontece. Não posso, Lewis.

— Por favor, você precisa me dizer. Eu consigo ver nos seus olhos. Eu vejo seu medo.

— A gente fez tudo errado, eu me arrependo tanto — comecei a chorar.

— Mas não precisam continuar errando, me conta, eu preciso saber. — Ele me olhou com seus olhos de oceano iguais aos do seu filho. Entendi que eu precisava dizer, mesmo que isso acarretasse em um desastre.

Então eu disse.

Imediatamente o Lewis entrou dentro do seu quarto e saiu colocando um revólver atrás da calça e o cobriu com a camiseta.

— Isso acaba agora.

— Lewis, não! Por favor, não! Ele não tá sozinho. Ele é perigoso! — Ele saiu da casa e correu até minha moto. — Vai ser mais rápido se eu for de moto. Aquele filho da puta deve tá na oficina, né?

Eu não sabia onde ele estava, não sabia se ele participaria do roubo ativamente ou se iria colocar em risco apenas os membros da sua gangue.

— Eu não sei, juro que não sei.

— Onde vai ser o roubo?

— Eu não sei, é uma joalheria, mas não sei nada. Tenta se acalmar, podemos ligar para o Landon.

Ele colocou o capacete e disse:

— Se eu não voltar, diz pro meu filho que eu o amo e que não importa o que ele tenha feito, eu o conheço. Diz pra ele mostrar ao mundo como ele vê. Fala pra ele se cuidar e cuidar de você.

— Por favor — supliquei.

Mas ele foi embora.

Corri até sua casa e peguei a chave do seu carro. Se ele encontrasse o Wes eu não tinha muito tempo pra alcançá-los. O carro era velho, eu estava desesperada e com as mãos suando, tive dificuldades para tentar me acalmar e dirigir. Antes de sair, eu peguei o celular e liguei para o Landon, ele não me atendeu. Depois liguei para o Jonah que me atendeu depois da terceira chamada:

— Ai meu Deus, ninguém faz ligação hoje em dia.

— Fica quieto, é urgente. Preciso que fale com seu pai, fala pra ele aparecer na oficina do Wes Regenbogen o mais rápido possível — gaguejei tanto que tive que repetir tudo de novo.

— Tá, ele não é de atender o celular, eu posso ir na delegacia. O que aconteceu?

— Te conto depois, é sério, Jonah, é caso de vida ou morte.

— Ok, tô indo agora.

Saí dirigindo rumo a oficina, talvez o Wes não estivesse lá, era muito provável que não. Talvez nada de ruim acontecesse. Talvez o roubo fosse bem sucedido e ele deixasse o Landon ir embora. Talvez eu tivesse escutado tudo errado. Talvez, meu Deus, talvez…

Eu estava na metade do caminho quando o carro parou, havia acabado a porra da gasolina. Desci do carro com as mãos no joelho pensando no que eu ia fazer. Se eu corresse poderia chegar a tempo.

Exercícios aeróbicos haviam sido proibidos pelo meu médico. Mas não havia saída, se eu não chegasse a tempo, se o Wes encontrasse com o Lewis, seria o fim.

Então eu corri. Corri com toda a velocidade e força que eu tinha. Corri como se não houvesse saída e não tinha. Corri colocando em risco a minha própria vida. Eu tinha que fazer isso. Eu tinha que salvar o Lewis. Meu Deus, eu precisava…

Caramba, por quê? Por que tinha que ser assim? Por que esse tinha ser a porra do fim?

Sem saída. Sem saída.

Eu…

Eu.

Corri. Corri, corri.

Perdi o fôlego.

Corri mesmo que fosse o meu fim.

Meu coração batia descontroladamente quando eu cheguei à oficina. Coloquei as mãos no joelho tentando acalmar a minha frequência cardíaca. A oficina estava fechada. Caí no chão pensando que o encontro fatal não havia acontecido. Os segundos de alegria que me acometeram duraram pouco, vi minha moto, vi a moto do Wes e entendi que o lugar não estava vazio.

Levantei me sentindo muito cansada e espiei pela parte detrás, consegui ver pela fresta o Lewis apontando a arma para o Wes. Eu quis gritar, mas isso poderia surpreender o pai do Landon. Eu não podia fazer nada, se eu me metesse, poderia me pôr no meio do fogo. Sempre fiz coisas imprudentes, sempre me coloquei em frente ao fogo zombando dele. E, dessa vez, mesmo querendo fazer algo, fui impedida por um grande medo, fui impedida pelas palavras do Landon ao se despedir.

Lewis não ia fraquejar, ele estava decidido a matar o líder do *Basilisks*. E se fosse pra ser, eu não iria fazer nada.

— Você vai matar meu filho, desgraçado! — gritou o senhor Davis.

— O garoto é carta marcada. Ele tá dando trabalho, se dependesse de mim, seria diferente, mas o Dash tá cansado dele — disse o Regenbogen. — Abaixa essa arma, e a gente pode negociar.

— Negociar o cacete. Isso acaba aqui.

Lewis apertou o gatilho. Eu me preparei para o barulho, tapei os ouvidos.

Mas. O quê?

Nada aconteceu.

— Ops, a sorte não tá com você. — O desgraçado levantou sua arma, eu olhei para o senhor Davis. Abri a boca para gritar, o choque me atingiu. — Isso acaba aqui — imitou.

Meu coração deu três batidas assustadas.

O coração do Lewis deu a última.

Eu vi o rosto dele. Meu Deus. Eu vi o rosto dele.

Eu gritei muito alto, gritei a plenos pulmões.

Respirei rápido forte. Xinguei o Wes. Pisquei rapidamente em desespero.

— Lewis, Lewis! — chamei por ele, mas minhas pernas não se moviam.

Caí no chão, ele veio atrás de mim.

Caí no abismo incompreensível da dor.

Tive um apagão.



Eu acordei uma vez dentro da ambulância. Depois mais uma vez na cama do hospital. Eu estava muito mal, era como se meu coração batesse em um ritmo muito lento. Apaguei. Não sabia o que estavam fazendo comigo. Não senti nada. Era como se tivesse acabado. Como se meu coração tivesse parado e eu tivesse tido uma morte súbita.

Quando eu finalmente acordei de novo, eu soube pelo médico o que havia acontecido:

— Você chegou no hospital após sua síncope e te internamos para fazer os exames. Você acordou algumas vezes, mas não conseguia falar.

— O que aconteceu? — Eu não conseguia me lembrar de nada desde a corrida com o Landon.

— Seus pais vão te contar. Mas tivemos que fazer uma cirurgia em você. Fizemos a ablação da via anômala póstero-lateral. Especificamente, foi uma cirurgia via cateter, não precisamos fazer a abertura do tórax. — Tudo que ele me dizia, nem conseguia ouvir direito. — Após a cirurgia, você apresentou uma frequência cardíaca muito baixa, seguida de uma parada cardíaca em atividade elétrica sem pulso. Por sorte, conseguimos reverter.

— E agora? Eu vou ficar bem?

— Vamos fazer o possível para que sim.

Eu entendi que a esperança era pequena.

Minha mãe surgiu depois que o médico me deixou e me abraçou como se eu fosse feita de vidro.

— Mãe, o que aconteceu?

— Descansa, meu amor, descansa.

— O que foi essa cirurgia?

— Eu não entendo bem, são tantos termos. Mas a outra médica que participou da sua cirurgia me explicou, um pouco. Assim que ela passar por aqui e tiver um tempo, eu pelo pra ela te contar.

Eu ouvi tudo que a médica contou, ainda assim, me senti confusa:

— Na ablação, um cateter é inserido em uma artéria da perna e guiado pela artéria até o coração. Quando que o cateter atinge o local alvo no coração, os eletrodos na extremidade do cateter emitem *radioenergia*. Esta energia aquece e destrói o tecido cardíaco que está causando o ritmo anormal. Você é uma sobrevivente, nós ficamos muito preocupados, pensamos que a perderíamos, mas você sobreviveu.

Eu fiquei calada, quieta com a mão no peito.

Uma parte do meu coração foi destruído, literalmente.

Meu pai apareceu para me abraçar:

— Eu quase perdi você, *Rainbow Bright.* Filha, minha filha…

Os meus pais choraram muito me apertando no meio deles. Eu estava tão confusa, não entendia o que havia acontecido, como eu fui parar no hospital? Onde o Landon estava?

O meu coração.

Meu Deus, eu nem o sinto.

Onde está meu coração?



EFEITO BORBOLETA

“O caminho dos diamantes a levou para o seu fim”.
(Serpente de diamante, Callie Heart)

Landon Davis

ANTES

Fiquei na porta do hospital, porque não me deixaram entrar. Eu havia brigado com o segurança e por isso fui impedido de ficar no ambiente. Depois que soube da pior forma possível sobre a doença da Callie, eu me revoltei, fiquei maluco, fora de mim. Tudo que

aconteceu nos últimos três dias foi um baque tão grande que mal conseguia ficar em pé.

O roubo ia acontecer naquele dia, eu queria muito desistir, porém o Dash estava na minha cola. Faltava apenas duas horas para acontecer e o Wes não havia aparecido ainda, por isso o capanga dele resolveu ir até a oficina de motos, foi uma oportunidade para que eu fosse atrás.

Dash foi preso assim que chegou ao local, a polícia estava lá, a ambulância estava lá e a cidade toda se espremia para tentar ver o cenário por trás da fita da barricada da cena de um crime. Fiquei à espreita e me envolvi na multidão para ver o que havia acontecido. E eu vi. Primeiro, Wes dentro da viatura e depois, eu gritei, gritei muito alto, a moto da Callie estava no chão, não a vi. Meu Deus, onde ela estava?

Gritei e gritei.

Até que vi saindo da cena do crime meu pai deitado de olhos fechados.

Havia tanto sangue.

Caí no chão.

E morri por dentro.

Eu nem sei por quanto tempo fiquei ali, nem sei como alguém me explicou tudo que aconteceu. Foi o Jonah que me disse que a Callie ligou, mas onde que ela estava? Eu ultrapassei a cena do crime, eu gritei pelo meu pai, pedi pra ele acordar, pedi pra que aquilo não fosse verdade.

As lágrimas caíam do meu rosto e explodiam em dor.

Solucei, engasguei com meu choro, era como se a dor me dilacerasse por dentro, me contorcesse, a dor era tão forte e emocional que parecia física. A angústia foi tão forte que quiseram me levar pro hospital, eu não quis. Tentei ficar ali, perto do meu pai, perto daquele desastre, meu estômago se contraiu, eu vomitei.

Eu nem sabia o que falar quando me pediram um depoimento.

Nem soube o que dizer quando tive que ir à delegacia.

Eu quis matar o Wes.

Pensei até em como faria isso.

Mas aí minha ficha caiu de que eu precisava saber onde a Callie estava. Alguém me contou que ela estava no hospital. Os minutos até o local foram uma tortura lenta, meu medo era que ela também tivesse levado um tiro. Eu encontrei o senhor Heart na entrada e foi ele quem me contou tudo.

— Você tá matando a minha filha — disse ele após falar sobre a doença que ela tinha e que me escondeu durante tanto tempo. — Você tá matando a minha filha — repetiu. — Você, filho da puta! Deixa-a em paz, eu tô falando sério, deixa ela em paz. — Ele colocou a mão no coração em nervosismo. Seu rosto ficou bem vermelho e eu tive que chamar uma enfermeira pra vê-lo.

Fiquei louco. Tentei ver a Callie, mas fui impedido, briguei com o médico e fui levado pelo segurança. Todo esse tempo, tudo que fizemos foi a causa da sua parada cardíaca? Era verdade que eu quase a matei? Era verdade que ela me escondeu uma doença por todo esse tempo?

Como eu ia sobreviver a morte do meu pai, como eu ia sobreviver com a culpa de machucar as duas pessoas que eu mais amava?

Benjamin Heart voltou a falar comigo quando estava mais calmo. Ele se sentou perto de mim em um banco do lado de fora do hospital e me fez uma súplica:

— O seu pai foi um grande homem, ele se sacrificou por você, pra que você se livrasse daquele filho da puta. E agora eu preciso que você seja como ele e se sacrifique deixando a minha filha em

paz. Se você a ama, você precisa deixá-la. Vocês não fazem bem um ao outro, vocês se destroem e destroem todo mundo que está em volta. Pelo seu pai, Landon, eu preciso que você pare.

— Eu… — Meu queixo tremeu — eu posso fazer isso. Mas e ela?

— Tem que garantir que ela não vai atrás de você.

E foi o que eu fiz.

Fiquei de fora, soube tudo que aconteceu com a Callie enquanto ela estava no hospital, contudo não me aproximei. Eu soube da sua parada cardíaca, soube o quanto era grave. Eu quis muito estar no lugar dela para que não sofresse. Quis muito ser a pessoa que estava ao seu lado durante toda a recuperação, mas eu não pude.

No velório do meu pai, eu tive que falar. Tive que fazer um discurso, saiu afetado, a culpa me corroía. Fui eu quem começou tudo, fui eu que disse sim ao diabo. Eu não consegui dizer nada que fizesse sentindo, nada que fizesse jus a quem Lewis Davis foi. Senti-me perdido, em luto. Morto.

Eu vi a luz da dor, forte e brilhante e me entreguei a ela, me entreguei ao luto.

Fiquei na porta da igreja quando acabou a missa e vi, de longe, Callie Heart surgindo. Ela estava muito magra, sempre foi magra, porém era notável o quanto emagreceu no hospital. Olhou pra mim com seus olhos assustados, com muito medo. Ao longe, eu vi seu pai com o carro estacionado, esperando-a.

Há alguns dias, ele fingiu que teve um infarto somente para que sua filha desistisse de ir ao velório. Ele estava disposto a fazer de tudo para que eu a deixasse em paz.

— Landon… eu sinto muito. — Ela se aproximou de mim. Desci as escadas da igreja e fiquei um pouco mais longe dela.

— Não. Não. Você mentiu pra mim, Callie, todo esse tempo você mentiu pra mim.

— Me desculpa, me perdoa. Eu fiz tudo de errado. Eu fiz tudo errado mesmo. — Ela respirou rápido, estava tão pálida. — Eu só queria te proteger… Eu só queria... — Sua testa franziu, seu rosto se transformou em uma careta prestes a desabar em lágrimas. — Eu só queria te salvar, porra. Eu queria, você ia morrer, iam te matar. Ai meu Deus. — As lágrimas desceram pelo seu rosto, fluídas, rápidas, sem fim.

— Me proteger? Você fodeu com tudo — comecei a encenação.

— Eu sinto muito pelo Lewis, ele realmente queria o melhor pra você.

— O que aconteceu? Ele estava com a sua moto, o que aconteceu?

— Eu não lembro, juro que não lembro. Eu desmaiei e não consigo me lembrar.

— Mentirosa…

— Landon! Por favor. — Ela tremeu seus lábios cheios de problema.

— Você matou o meu pai — minha fala afiada a acertou e ricocheteou em mim.

— Não, eu não matei… — Ela tentou se aproximar e pegar na minha mão, afastei-me de novo. — Eu, caramba, eu não lembro…

— Você o fez ir atrás do Wes.

— Para, por favor.

— Eu não quero nunca mais ver você. Eu te odeio. — Apertei as mãos tentando me controlar, tentando ser convincente.

— Por favor, Landon, não faz isso.

— Não quero ver você nunca mais, ouviu? Vai embora, Callie. Acabou.

— Landon!

— Acabou! Eu odeio você!

— Não… não é verdade — sua voz tremeu.

— Vai embora, eu odeio você e odeio que seja parecida com seu pai. Você estava certa, você e ele são iguais.

Ela abriu a boca em choque pelo que eu disse. Isso a atingiu em cheio e a fez desistir.

— Você é um canalha, Landon Davis! — gritou e saiu correndo.

Olhando pra ela indo embora, eu tive aquela sensação de efeito borboleta.

A teoria diz que o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo.

Se nós nunca tivéssemos nos conhecido, tudo seria diferente. O simples fato de termos colidido causou a morte de pessoas inocentes.

Éramos desastrosos. Éramos um caos. O fim um do outro.

Eu estava no fundo do poço. Dentro do meu inferno da culpa. Os demônios me assombraram, me puxaram para baixo e me fizeram queimar com o remorso.

Senti-me um monstro por tratá-la mal sabendo tudo que ela passou no hospital. Senti-me mal porque o meu pai fez de tudo para que eu tomasse o caminho correto, mas eu escolhi o caminho dos diamantes. Perdi meu coração, perdi todos que eu amava. Perdi todas as cores ao *perdê-lo*, ao *perdê-la*.



FÊNIX

“Acredite, os livros são como papel pega-moscas.
Não existe nada melhor para grudar lembranças
do que páginas impressas.”
(Coração de tinta, Cornélia Funke)

ANTES

Seis meses após a morte do Lewis, eu fui presa por desacato, porque queria visitar o Wes e não me deixaram. Tudo que eu queria era olhar na cara do desgraçado e perguntar o porquê, queria entender o que aconteceu, queria saber porque ele era assim. Mas algumas pessoas são filhas da puta e não havia motivos pra isso.

Desde que o Landon foi embora, eu ainda estava tentando entender tudo que aconteceu. Ele devia estar com raiva de mim, porque, pelo que eu entendi, eu fui a última pessoa a ver seu pai vivo, teoricamente, porque quem o viu por último foi a pessoa que o matou.

Decidi ser uma pessoa diferente, longe do meu caos. Continuei a trabalhar na lanchonete para ajudar meus pais que estavam quebrados. Também descobri pela minha mãe que o Wes deu dinheiro para o meu tratamento depois que ele soube da minha doença, era por isso que eles se encontraram. No final das contas, a minha cirurgia foi custeada por ele. Isso não diminuía nem um pouco o ódio e nem as atrocidades que ele fez, mas era estranho saber e lidar com o fato de que ele salvou minha vida.

Passei a trabalhar no único hotel da cidade no período da noite, isso me ajudou a manter a mente ocupada. Eu decidi ser a filha que meus pais queriam, do trabalho para casa, livre de encrencas. Eu ficava sozinha muito tempo, às vezes eu via o Jonah, mas em feriados, porque ele foi para a faculdade. Lily Brown também foi estudar, ela estava em Nashville, mas sempre que possível aparecia para visitar o seu pai. Ele ficou sozinho, porque a Elena, após a

morte do Lewis, o abandonou. Nem sabíamos onde ela estava, assim como o filho, ela sumiu.

Todos nós fomos pegos pela morte do Lewis. Eu chorei durante dias, amarguei tudo que aconteceu. Queimei a jaqueta dos *Basilisks* para fechar esse ciclo. Mas não consegui queimar nada que era relacionado ao Landon. Nossas fotos, nossos livros, eram recordações de uma vida inteira. Ele me odiava, e eu entendia o porquê, eu também me odiei por um tempo.

Havia dias que pareciam sem fim. Eu me pegava olhando para o vazio, pensando porque eu tive a minha segunda chance. Era para eu ter morrido naquele dia, mas eu voltei. Eu voltei e não sabia o porquê. Qual era o sentido da minha vida? Magoei todo mundo que eu amava, magoei a mim mesma. E alguém que merecia sua segunda chance mais do que tudo, não conseguiu.

Durante as consultas com minha terapeuta, eu fiquei muito tempo sem dizer nada até conseguir me abrir sobre as coisas que eu sentia. Tive pânico desencadeado pela minha ansiedade. Eu visitava o túmulo do Lewis com frequência e, consequentemente, o túmulo do Garcia. Duas pessoas morreram, duas culpas me perseguiam.

Tudo seria diferente se eu e o Landon não tivéssemos colidido.

Eu não pude participar como testemunha no julgamento do Wes, porque minha memória estava comprometida. Ele foi julgado por homicídio culposo entre vários outros delitos que cometeu na gangue.

A minha vida virou um inferno durante o julgamento, apareceram jornalistas em casa, os vizinhos trocavam de calçada ao me ver, ninguém queria ser visto comigo, eu era a filha de um assassino e então todo mundo sabia disso. Lily Brown soube pela Elena e acabou espalhando pra todo mundo.

— Olha ela, a filha daquele cara da gangue, a filha de um assassino — me julgou uma senhora quando eu estava no mercado.

— Ele também matou aquele garoto, é o que estão dizendo — disse outra mulher. — Você deveria ter vergonha.

E eu tinha, tinha tanta vergonha, tanta amargura. Eu tive que criar uma armadura muito forte ao meu redor para aguentar tudo que estava acontecendo comigo. Tive que me apoiar no que me restou. Meus livros, meus quadrinhos, minha família, apesar dos nossos problemas, ainda assim, isso não me fazia feliz. Fui roubada de mim mesma, eu havia me perdido. Como eu ia me recuperar?

Passou-se um ano desde que tudo aconteceu, quase dois.

Eu os vivi como se eu fosse um verdadeiro zumbi.

Foi quando eu decidi encerrar o ciclo ao visitar o Wes na prisão. Todo mundo era contra a ideia que eu o encontrasse de novo, mas eu precisava. Eu tinha que falar com ele, entender o que aconteceu naquele dia porque eu não me lembrava, apenas sabia do que diziam. Por isso eu fui, nós nos falamos através do vidro por um telefone.

Ele estava com uma aparência cansada, cabeça raspada e sem barba. Trajava um macacão laranja e usava uma pulseira amarela na mão, soube que era pra indicar seu problema médico.

— Eu não esperava por você — foi ele quem falou primeiro. — Que bom que está bem. Viva, linda.

— Primeiro, eu odeio você como nunca odiei tanto alguém em toda a minha vida, eu não estou aqui por consideração, eu só quero respostas — iniciei para que não houvesse um mal entendido. — Me disseram que você foi preso porque ficou na cena do crime, é verdade? Porque você ficaria? Parecia tão esperto e foi pego em flagrante.

— Eu tive que matá-lo, ou ele me mataria. — Ele manteve sua postura perto do vidro. — Dente por dente, sangue por sangue.

— E assim se criam monstros.

— E assim se criam sobreviventes — corrigiu-me com sua ideologia. — Eu ia fugir, mas você estava lá. Gritou e desmaiou. Eu não sabia se a polícia estava vindo, mas sabia que você precisava de uma ambulância. Por isso eu fiquei. Fiquei até a ambulância chegar e, consequentemente, a polícia também.

— A gente nem se conhece, Wes. Por quê? — Mesmo que tivéssemos passado um tempo juntos na gangue, eu passava a maior parte do tempo com medo dele, nunca fomos próximos.

— Você é minha família, a única, querendo ou não. A sua doença foi herdada de mim, eu precisava fazer algo por você, mesmo que fosse minha sentença de morte. Não espero que me perdoe, criança. Você não entenderia.

— E eu não vou. Como eu poderia entender? Você matou o Lewis, caramba, ele só queria salvar o filho!

— É o que todos nós queremos. — Ele movimentou a cabeça e estralou o pescoço.

— Por que matou o Hugo? — questionei de repente. Era tudo que eu queria saber e não tive coragem de perguntar antes.

— Ele tava me devendo. Comprou drogas e não pagou, o Dash não perdoava essas coisas. Já fazia um tempo que estávamos prensando ele, ameaçando. Aí ele quis se pôr pra cima da gente, falando que ia denunciar, tivemos que dar o recado.

— Espera… espera. Não foi por que eu falei que ele denunciou o Landon?

— Ah, criança, eu não faço nada por achismo. É claro que protegemos os nossos, mas não foi por isso.

Abri a boca em choque, seria verdade? Por que ele mentiria? Não havia motivo.

Ainda assim, eu não me senti menos culpada. Ainda sentia que tinha a ver comigo.

— Como pode ser tão frio?! São pessoas, porra! Você não tem o direito sobre a vida delas. Não tem o direito de matar alguém por um simples recado! Você é um monstro, Wes, é sério, isso é cruel demais.

— Talvez eu seja. Nasci e fui criado como um Basilisks. Meus pais morreram na gangue, eu fiquei com essa herança. Não dá pra ser diferente quando se comanda uma gangue. Meus dias estão contados, vão me transferir pra outra prisão. Uma gangue rival matou

o Dash. O meu caminho se não for esse, vai ser natural. Meu coração não serve pra mais nada.

Apertei os lábios. Vi seus olhos, sem querer, eu me vi. Balancei a cabeça.

— Eu vou embora. — Minhas mãos tremeram no telefone.

Ele colocou a mão no vidro e deu um sorriso sem mostrar os dentes pra mim.

— Você é uma Regenbogen, a última, minha filha. Tenho certeza que terá uma boa vida.

— Adeus, Wes — falei, tentando controlar minha voz que oscilou junto com meu queixo tremendo.

Eu saí daquele lugar claustrofóbico e fui andando pela rua sozinha. Deixei o carro no estacionamento porque meus pensamentos estavam em frenesi, eu precisava andar, pensar, respirar. Fazer qualquer coisa que pudesse acalmar o turbilhão de sentimentos que eu sentia.

Não sabia no que acreditar sobre o que o Wes disse. A culpa pela morte do Hugo ainda me assombrava. A culpa pela morte do Lewis também. De alguma forma, eu devia ter algo a ver com essa

história. Será que fui eu que o induzi a ir? Será que fui eu que falei pra ele que matar o Wes era a única solução?

Continuei andando sozinha. A rua estava um pouco molhada, havia chovido mais cedo e naquele momento o sol estava mostrando seus raios de novo. Olhei para o céu e vi um arco-íris. Balancei a cabeça pensando como um arco-íris poderia ser tão trágico.

Acabou para *eles*.

Acabou para o Landon.

Acabou para mim.

Mas esse arco-íris fúnebre me deu a sensação de que eu poderia começar de novo. Em outro lugar, longe de todo mundo, descobrir definitivamente o meu caminho. Sem *ele*, sozinha.

Estava tudo bem.

Eu iria sobreviver.

No final das contas, eu era uma sobrevivente.



AGORA

Na mitologia grega, fênix é um pássaro que morria e depois de algum tempo renascia de suas próprias cinzas. O pássaro, antes de morrer, entrava em combustão e depois ele renascia. Foi exatamente isso que aconteceu comigo, foi o que aconteceu com o Landon também, queimamos, viramos cinzas e renascemos ao vivenciar novamente toda a dor que sofremos pela nossa culpa.

Ficamos abraçados na praia, em frente ao mar, olhando onda após onda. A cura não era um processo rápido, era uma onda que vem e vai. Tem dias que as ondas são maiores e te engolem, e há dias que você consegue surfar sobre essas ondas.

Nós nos apertamos um no abraço do outro. Sofremos e agarramos nossa dor com tudo. Tivemos que vivenciar esse luto. Tivemos que olhar um para o outro e quebrar cada caco de vidro em nossas mãos. Sangramos e iríamos estancar a ferida em um processo que não era rápido.

— Eu não queria te deixar, mas…

— Mas foi necessário — completei a fala do Landon. — Precisávamos nos separar, precisávamos quebrar o nosso ciclo de

erros. — Agora eu conseguia enxergar isso.

— Você se lembra o que meu pai disse? — Sua voz quase falhou.

— Pouco, sinceramente. As memórias não voltam como nos filmes, é tudo meio confuso. Mas eu sei que era algo relacionado ao seu daltonismo. Como você se esconde das cores. O Lewis sempre quis que você não se escondesse, acho que seu pai queria deixar essa mensagem pra você. — Landon se deitou no meu colo, ele estava com os olhos vermelhos e se segurava pra não chorar. — Ele tinha muito orgulho de quem você era. Ele te pintou, foi o último quadro dele. Seu pai te amava mais do que tudo, e ele te salvou Landon. O Lewis se sacrificou por você. — Passei os dedos pela sua tatuagem em L.

— Eu sei, mas eu que deveria ter me sacrificado por ele. Foi um idiota, louco e inconsequente. — Fez uma careta em mais uma tentativa de segurar as lágrimas.

— É, nós fomos. E não dá pra mudar o passado. Não temos mais o antes, a gente só tem o agora.

— Eu sei, mas na prática as coisas são difíceis. Todo dia dói, alguns mais do que os outros. Eu lembro dele pintando, às vezes eu

ouço a voz dele e às vezes eu tento me lembrar de algumas coisas e as memórias se perdem. Como eu odeio o fato que as melhores lembranças são como borrões em preto e branco.

— E as piores são cheias de cores, tão vívidas que nos assustam.

— É horrível. — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Você pode chorar, Landon, você pode gritar… nós podemos.

Eu aprendi da pior maneira possível que se esconder da dor era como correr dentro de um labirinto sem saída.

— Você está escondendo algo sobre sua doença? Por favor, me conte se tiver.

— Eu não estou. Muita gente convive com ela e é até assintomático, muita gente vive a vida sem saber que tem cardiomiopatia. Não foi o meu caso, eu descobri cedo, e isso não é um prognóstico favorável, mas, como meu médico disse, eu estou bem. Por isso, não se preocupe comigo, eu posso andar no *Central Park*, praticar a minha corrida lenta, fazer coisas que outras pessoas fariam, bom, na medida do possível, *crossfit* está fora de cogitação.

— Uma pena que não pode ser uma atleta, você tinha jeito pra isso — brincou. — Desculpa, eu não posso agir como se eu fosse

seu pai, né?

— Não, mas eu te entendo. Eu escondi algo que poderia me matar e você nem saberia. Eu entendo mesmo. — Afirmei com a cabeça. — Mas fui eu que ignorei os avisos que meu coração dava, você não precisa se culpar mais.

— Não é fácil assim, mas, a partir de agora, não vamos nos esconder, ok? — pediu. — Vamos ser sinceros de verdade.

— Não, nunca mais. Não tenho o que esconder, sou eu, sem mentiras e omissões, sou eu *a garota que você nunca esqueceu.*

Ele olhou para mim, no fundo dos meus olhos e me deu o beijo que eu esperei por muito tempo. O mais sincero deles. O beijo que dava a sensação de que, pela primeira vez em muito tempo, *vai ficar tudo bem*.

Nós corremos juntos na areia, nós gritamos, nós nos libertamos.

— *Callieflower* — gritou Landon de longe.

— Tente me pegar! — exclamei. Ele ficou parado por um momento, me analisando. Olhando-me da cabeça aos pés.

Eu também o olhei, vi o garoto que eu amava quando eu ainda nem sabia que podia sentir isso por ele. Vi o quanto ele cresceu, por

dentro, por fora. Vi-o com todas as suas cores, fiquei apaixonada quando ele sorriu, entreguei-me ao sentimento mais completo que senti em minha vida.

— Amo você! — gritei.

— O quê?! Eu não ouvi! — Colocou a mão próxima à orelha e inclinou sua cabeça em um gesto para que eu falasse mais alto.

— *Cosmos!*

— *Cosmos*?!

— É! Sempre será! — gritei de volta.

— Vou ter que chegar mais perto pra ouvir… — Ele começou a correr em minha direção e eu deixei que me alcançasse. Nós caímos na areia juntos. Nós nos entregamos àquele sentimento de que havia cores brotando em todos os lugares.

O mar ficou azul.

A areia era mais brilhante.

Os lábios dele mais rosados.

Suas pupilas se dilataram. Seus olhos azuis quase se tornaram pretos por completo.

— Eu te amo, Callie Heart — sussurrou no meu ouvido.

— Eu te amo, *amontoado de átomos.*

Ele me olhou estranhando e eu tive que explicar o significado.

O meu pequeno universo novamente colidiu com o pequeno universo dele e peguei meu coração de volta. Algo incrível estava esperando por nós, eu tinha certeza disso.

Ficamos mais um dia no chalé, ficamos em volta da fogueira juntos, falamos sobre tudo, passado, presente e futuro. Landon me abraçou e me olhou nos olhos sem se fechar ou nublar sua visão com o passado.

No final da noite, ele me pegou no colo e me levou em seus braços. Bem demoradamente, ele me deu um beijo e me colocou na cama. Nós apagamos a luzes. Ficamos sentados de frente um para o outro. Apoiei-me em minhas pernas, passei a mão pelo seu abdômen embaixo da camiseta. Ele passou suas mãos em baixo do tecido da minha.

Descansamos a cabeça um no outro.

Beijamos mais uma vez.

Tudo foi em câmera lenta, como se o tempo tivesse parado para nós.

Permitimos que nossas barreiras fossem ultrapassadas, que os ressentimentos se dissipassem, permitimos que a culpa não fosse um obstáculo para o amor que sentíamos um pelo outro.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos e encostou seu nariz no meu em um carinho. Senti as maçãs do seu rosto molhadas, senti a pressão do seu beijo me trazendo para ele de novo e de novo. E eu voltei pra ele tantas e tantas vezes.

Na minha mente e no meu coração.

— Desculpa… — sussurrei.

— Desculpe… — murmurou.

Não precisávamos contar o motivo. Cada um de nós sabia o que desculpar. Beijei suas lágrimas salgadas, me envolvi no seu corpo em cada centímetro e ele entrou em mim como se eu fosse sua casa. E eu permiti que ele fosse a minha.

Éramos um para o outro o passado.

O presente.

E, se o universo permitisse, o futuro.

Quando voltamos para casa, fomos direto para o estúdio. Pedi ao Landon para fazer minha segunda tatuagem. Fiz no antebraço um coração humano florescendo. Queria lembrar do que aconteceu,

queria lembrar que meu coração continuava batendo. Queria lembrar que não podíamos podar os galhos do meu coração, devíamos deixá-lo crescer e florescer.



AMONTOADO DE ÁTOMOS

“Saboreie cada palavra, Meggie”,
a voz de Mo sussurrava dentro dela.
“Deixe-as derreter na boca. Está saboreando as cores?
O vento e a noite? O medo e alegria? E o amor.
Saboreie, Meggie, e tudo despertará para a vida.”
(Coração de tinta, Cornélia Funke)

AGORA

A publicação do meu quadrinho me gerou muita ansiedade e apreensão, mas também me deixou em êxtase ao ver a recepção dos leitores. Muita gente se identificou com a *Rainbow*, muita gente ficou apaixonada pela *Phoenix*, a fiel escudeira dela. E, claramente,

havia fãs obcecadas pelo Gray. Eu estava trabalhando sempre um passo à frente, pois a publicação era semanal. Se fizesse o sucesso esperado pela editora, em menos de um ano, meu quadrinho poderia estar em todas as livrarias.

De alguma forma, sentia que eu eternizei a história da minha vida colocando-as nessas páginas. Muitas pessoas iriam me conhecer através dela e isso me gerava um frio na barriga gigantesco. Eu sempre fui reclusa e me abrir para o mundo desta forma era assustadoramente empolgante.

— *Rainbow*! — Violet me gritou no aeroporto. Fui me despedir dela, pois a sua decisão de ir para a Coreia vigorou. Nós duas nos abraçamos bem forte para amenizar a saudade que sentiríamos.

— Querida Vi, ou melhor, querida Ji — Lembrei que então ela iria usar seu nome coreano. —, eu amei o seu novo corte de cabelo. — Ela o cortou na altura do ombro, simbolizando o seu novo começo.

— Eu também gostei, é diferente. Acho que combina com a minha franja. — Puxou-me pela mão para nos sentarmos nos assentos. Estávamos adiantadas para o voo, pois queríamos o máximo de tempo juntas.

Depois que voltamos da viagem, nós tivemos que nos acertar, Violet quase desistiu de ir embora por minha causa, mas eu não deixei que fizesse isso.

— O plano *Cyan e Coral* falhou, mas você pode encontrar suas cores de outra forma. — A sua história com o Neal estava encerrada e ela ficou muito bem com isso.

— Eu percebi que quero encontrar essas cores em mim mesma. Eu não vou cair de novo em uma paixão que vai me puxar como areia movediça. Gosto do Mason, mas eu nem sei dizer o quanto, eu estava apaixonada por outro cara há pouco tempo. E, sinceramente, não tô a fim de ficar correndo atrás de um cara de novo. Não quero esperar que ele decida se gosta ainda da ex ou se gosta de mim. Não quero ser uma segunda opção, não quero ser a garota do sexo sem compromisso. Eu quero mais, Callie. Quero descobrir quem eu sou sozinha.

— E eu não poderia estar mais orgulhosa da minha menina.

— Para com isso, sou eu que tenho que ser protetora com você.

— Tá bem, vamos fazer assim? Eu te protejo e você me protege?

— Perfeito. — Demos as mãos e fizemos nosso aperto, acabamos de inventar um.

— Eu nem consigo acreditar que seu pai era um líder de uma gangue. Como ele era? Desculpa — corrigiu-se ao me ver arregalando os olhos. — Você não vai querer falar sobre ele.

— Tudo bem… — Apesar de não gostar de falar sobre ele, eu sabia que qualquer um teria essa curiosidade. — O Wes era implacável, sarcástico, vivia falando em alemão e era um grande filho da puta. Mas, sinceramente, ele só sabia ser assim, nasceu e morreu em uma gangue, isso, obviamente, não diminui as atrocidades que ele fez. É difícil falar que ele matou o pai do Landon, é difícil falar que ele deve ter matado muita gente. Eu nunca o conheci de verdade, então, o que eu posso dizer? — Engoli em seco.

— E como ele morreu?

— Morte súbita. Foi pouco depois que eu o visitei.

O ex-líder dos *Basilisks* morreria de qualquer forma, fosse pelo seu coração ou quando fosse transferido de prisão. Não soube o que aconteceu com a gangue, todo mundo se dispersou depois que os “cabeças” foram presos.

— Meu Deus. Você pensa nele?

— Às vezes, só em momentos que me culpo e acho que sou parecida com ele. Mas, no geral, eu tento pensar nas pessoas que estão vivas.

Depois que eu fiquei sabendo da morte dele, eu passei a ter muito medo de que o mesmo acontecesse comigo. Por isso era muito difícil falar da minha doença, dizer sobre ela, era mantê-la mais viva do que nunca.

No momento que chegou perto do horário de embarcar, nós nos abraçamos muito forte e fizemos a promessa de que nos falaríamos diariamente. Poderia ser por poucos meses, ou ela acabaria se apaixonando pela Coreia e talvez encontrasse algum membro perdido do BTS por lá.

Na saída do aeroporto, eu vi o Mason parado perto da sua moto.

— Não vai sair correndo e tentar parar o voo? — perguntei a ele que riu em resposta.

— Não tenho direito.

— Seria legal, eu só vi essa cena em filmes.

— Bom, na vida real, o cara chega no aeroporto e pensa que não tem o direito de pedir pra garota não ir embora, porque ele tá

confuso sobre seus sentimentos e não sabe nem como pedir pra ela ficar.

— Eu avisei, eu sabia que gostava da Ji!

— Eu a conheci gostando de outro cara e caramba, eu fui o cara que quase foi abandonado no altar, poderia dar certo?

— Talvez. Em *Love, Rosie* — citei um romance que li —, eles têm vários desencontros, vários — frisei. — Talvez não fosse o momento, mas quem sabe na próxima?

— É, por que não? — Colocou as mãos no bolso da calça. — Quer carona?

— Não, vim com a minha velha e fiel bicicleta. — Ele olhou para a entrada do aeroporto pensativo. — É sério, segundas chances existem.

— Tem mel vegano? Eu sinto muita falta de mel.

Eu comecei a rir.

— Aham, tem sim, eu sei o quanto você sente falta de mel. — Bati na jaqueta dele. — Ela vai voltar… e, quando ela voltar, talvez vocês possam começar do zero.

— É… — Ele montou na moto. — Talvez — disse com a voz baixa. Vi-o indo embora sentindo aquele arrependimento de algo que

era pra ser, mas não foi.

Quando cheguei no apartamento, fui recepcionada pelo Landon segurando meu quadro em suas mãos. Ele estava apreensivo para me mostrar, apertou os lábios em dúvida, mas eu peguei o quadro da mão dele afoita para ver como ficou.

— Uau! — exclamei ao me ver que ele finalmente havia se libertado do seu estigma de não pintar a cores. Era lindo, poético porque ele tampou as partes que eram censuradas com flores, e incrivelmente apaixonante.

— Quero que nossos filhos possam ver o quadro um dia — brincou por ter tampado minhas partes íntimas.

— Filhos?

— É… um dia. Podemos adotar também, não é? — perguntou, pois sabia da minha condição.

— Claro! Iria ser incrível. Filhos… — Pensei que ter uma família com ele era tudo que eu queria. — Por que não? — Abracei-o, segurando o quadro com uma mão.

Ele me apertou de volta.

— Será desafiador.

— Imagina se derem o trabalho que nós demos?

— Pensando bem… — Beijou meu nariz — Acho que não quero mais — brincou. — Mas podemos pelo menos treinar… se é que me entende. — Colocou a mão na minha bunda.

— Aham… — Suspirei, deixando o quadro no chão. — Entendo e muito…



No mês seguinte, foi a minha vez e a do Landon de pegar um avião para o casamento da Elle. O casamento iria acontecer em Bell Buckle, na casa dos pais Blake, todos estariam lá. Inclusive a Elena que, durante muito tempo ficou fora da cidade, mas eu soube que voltou para ficar perto da filha. Eu sabia que ela e o Landon falavam às vezes por telefone, porém não se viam há muito tempo.

Minhas irmãs também viriam em breve para cidade para o dia de Ação de Graças que iria acontecer uma semana depois do meu aniversário e do casamento da Elle. Nós chegamos no apartamento dela e fomos recebidos pelas noivas. A Blake era alto-astral exatamente como sua noiva a descreveu. Ela tinha um cabelo bem

cacheado e volumoso, seus olhos eram castanhos escuros e sua pele tinha um tom castanho avermelhado.

A Blake e a Elle se conheciam há menos de um ano, mas vendo-as juntas, era perceptível a sintonia que tinham uma com a outra. Elas queriam se casar e formar uma família assim que possível.

— Estamos pensando em ter dois ou três filhos, vamos adotar um e eu quero engravidar também — disse a Blake quando nos reunimos para o jantar. — Sempre quis ser mãe e a Elle também quer ter filhos. — Apertou a mão da noiva ao dizer. As duas se olharam apaixonadas pelos planos com o futuro.

— E vocês? Vão ter filhos, *Trouble*? — perguntou a Elle para o Davis.

— No futuro, quem sabe, não está nos nossos planos agora — disse ele.

— Eu queria ter um filho um dia, mas… — Parei ao pensar que seria mórbido falar que ter filhos poderia ser um risco para o meu coração. — Ainda estamos muito anos pela frente pra pensar nisso — mudei o pensamento.

— Não tão novos quanto o papai e a mamãe eram. Mas tudo no tempo de vocês, preciso muito conhecer o seu estúdio de tatuagem — Elle dirigiu-se ao irmão.

— Gostou dos aspargos, Callie? — questionou Blake. Eu remexi eles no prato porque senti o gosto meio metálico na minha boca. O fato de comer mais saudável ultimamente estava me matando.

— Muito bom — menti. — Preciso da receita. — Ela me olhou desconfiada, mordendo os lábios para não rir. — Ok, admito, eu não gosto muito de legumes.

— Eu percebi, você é uma péssima mentirosa.

Landon e eu nos entreolhamos e rimos.

No dia seguinte, eu fui com mas garotas para a prova do vestido de noiva, eu acabei topando com uma figura conhecida e que perdemos o contato pela distância.

— Ai meu Deus! Callie Heart! Eu não acredito que você tá de volta — Ele me abraçou. Reparei no seu corte de cabelo mais curto e pintado de azul.

— E eu não acredito que você não seguiu o caminho do seu pai. Uau, Jonah, isso aqui é incrível!

— Bom, eu sou assistente do estilista, mas tô no meu caminho. Aquilo de seguir o caminho do meu pai era loucura da minha cabeça, descobri que ele era corrupto. Mas eu tenho muita coisa pra te contar e você também, quero saber tudo! A gente conversa depois de atender as noivas. Vamos experimentar os vestidos, meninas? — dirigiu-se as garotas. — Primeiro a Blake, depois a Elle.

As noivas não viram uma a outra na prova do vestido, pois queriam deixar a surpresa para o casamento. Mas eu vi a prova dos vestidos e amei cada particularidade e detalhes que elas escolheram para os vestidos. O da Elle era mais colocado no corpo na cor branco pérola liso de seda, e o da Blake era com a saia mais armada, um estilo mais romântico e floral, a cor era um tom de branco pastel.

Jonah conseguiu uma pausa para tomar café comigo e me contou um pouco do que aconteceu na cidade depois que eu fui embora. Ele trancou a faculdade e se jogou de cabeça no mundo da moda.

— Você e o Landon eram a atração da cidade, depois que vocês foram embora, as coisas ficaram meio chatas por aqui. Inclusive a Lily Brown se mandou.

— E onde ela tá agora?

— Em Chicago, fiquei sabendo que ela vai se casar.

— Caramba, espero que ela tenha melhorado o jeito obsessivo de ser. Pelo menos está bem longe de mim.

— E você, tá saindo com alguém?

— Ah sim… você o conhece, o chamava de delinquente.

— Landon Davis?! Sério?! É lindo e cafona que estejam juntos, essa coisa de amor de infância, é, é bonitinho… Espera, quem é esse deus tatuado? — Ele olhou para a entrada do café e não reconheceu a pessoa que estávamos falando até o momento. — É o Davis? — Apertou os olhos. — Retiro o que eu disse, você é minha inspiração a partir de agora, visionária desde a infância. — Nós rimos e ele ficou o tempo todo paparicando o Davis durante o nosso café.

— Falou com sua mãe? — perguntei ao Landon quando estávamos voltando para o apartamento. Nós andamos a pé porque era muito próximo do café e do ateliê.

— É, a gente conversou. — Colocou as mãos no bolso em desconforto.

— E tá tudo bem?

— Vai ficar tudo bem. Ela sente muita culpa, como eu sentia. Ela disse aquela coisa que muitas vezes parece não ter sentido, mas tem. As vezes só o amor não é o suficiente, por isso ela e meu pai se separaram.

— Eles estavam se destruindo antes de se separarem. — Foi o que eu notei no tempo que convivemos.

— É isso. Os dois queriam coisas diferentes, ela não conseguia mais apoiá-lo. Antes de morrer, ele havia desistido de ir atrás dela. Decidiu que queria a felicidade da minha mãe, mesmo que fosse longe dele.

— Eu entendo… é difícil abdicar de quem amamos, não é?

— Muito, muito mesmo. — Respirou profundamente.

— Mas é a maior prova de amor.

Coloquei a mão no seu braço, me apoiando nele.

— É, é verdade.

Beijou-me, senti seu nariz gelado.

Caminhamos juntos, lado a lado. Isso, agora, era o suficiente.



— Você voltou com o filho da Elena? — perguntou minha mãe. Eu fui sozinha visitá-los e contar o que eu estava fazendo da vida durante esse tempo que morava em Nova Iorque.

— É, estou com o Landon. Moro com ele em cima de um bar, trabalho com meus quadrinhos e ganho uma renda extra como bartender.

Ela fez uma careta, mas logo mudou sua expressão, forçando-se a julgar menos.

— Por que tem que ser ele de novo?

— Nunca deixou de ser ele, mamãe.

— Tá, eu não acho uma boa ideia, esse garoto sempre foi um problema. Eu vou fazer o quê? — Mexeu um ombro em desagrado. — Você é adulta, seu pai e eu já fizemos tudo o que podíamos.

— Acho que você nunca parou pra perceber que eu era um problema. Eu não era um exemplo de comportamento. E eu sei que vocês acham que foi o Landon o culpado por tudo que aconteceu, mas não é assim, nenhum de nós era inocente — afirmei. — São e foram minhas consequências, não é? Amo você e amo o papai. E eu sinto muito pelo que já fiz vocês passarem. — Segurei sua mão, ela

estava relutante, magoada pelo meu sumiço. — Podemos recomeçar? Sei lá, de alguma forma podemos reiniciar? Eu prometo que tá diferente agora. O Landon e eu realmente estamos diferentes.

— Bom, o seu pai não vai ficar feliz com isso, mas assim como quando você decidiu ir morar naquela cidade maluca sozinha, nós não iremos nos opor. — Pulei em seus braços ao ouvir isso.

Falei com meu pai quando fiquei com ele, ajudando no seu turno na lanchonete. Primeiro eu contei sobre a publicação dos meus quadrinhos que estava dando muito certo, depois eu comecei a falar do passado e contei que eu sabia que ele mentiu para mim e que eu também sabia que foi ele quem pediu pro Landon se afastar.

Eu não estava chateada com isso, porque sabia que ele faria de tudo para me proteger. Ele, ao saber de tudo, agiu como minha mãe, deixou por minha conta. Isso queria dizer que a relação com o Davis e minha família iria demorar para se reestabelecer, mas não seria algo impossível.

— Eu não estou feliz com isso, *Rainbow Bright,* ele quase te matou.

— Fui eu, papai, você não conhece a filha que tem? E nem estou defendendo o Landon, pensa bem, eu sou inocente assim?

Ele apertou as sobrancelhas e suas bochechas ficaram mais rosadas:

— É… a tia Nancy tem pesadelos com o Peter Pan por sua causa.

Nós rimos. A nossa tensão diminuiu. Meu pai me olhou com seus olhos protetores e disse:

— Tudo bem, o que você escolher, vamos te apoiar.

Abracei-o forte, era tudo que eu queria ouvir. Era tudo que o meu eu adolescente rebelde queria escutar da primeira vez, mas não sabia agir com cautela por conta de tantos hormônios à flor da pele.

— Ai meu Deus! M&M, eu não acredito que você veio já! — exclamei ao ver minha irmã passar pela porta da lanchonete. Ela correu para me abraçar e nós quase caímos em uma mesa.

— A Elle me convidou pro casamento e eu consegui um tempinho pra vir — contou indo abraçar nosso pai.

— Querem milkshake? — ofereceu o papai.

Nós duas confirmamos animadas.

Emily me puxou para sentarmos em uma mesa e me contou sobre tudo que acontecia na cidade de Cambridge. Falou sobre seu

rolo amoroso com o cara mais novo e que iria dar errado como ela previu.

— Pelo menos você tentou.

— É, eu acho que não era pra ser. E você e o amontoado de átomos, tudo bem?

— Pela primeira vez em muito tempo, eu posso dizer que sim.

— Nossa, agora é pra valer.

— Sim, é sim! — exclamei.

— Você tem absorvente aí? — Confirmei que sim e me toquei sobre uma coisa. Eu tinha absorvente na bolsa, porque eu não o usei, isso queria dizer que minha menstruação estava atrasada.

Eu usava o *diu* de cobre desde os dezoito anos e nunca fiquei preocupada porque sempre usava preservativo, mas eu e o Landon meio que confiamos apenas que o *diu* iria funcionar. Balancei a cabeça tentando tirar o pensamento da cabeça e sorri ao receber o *milkshake* do papai.

Nós ficamos um tempão conversando e, depois, eu dormi na minha antiga casa para matar a saudade que eu tinha daquele cantinho. Tinha alguns livros antigos, retratos e até meus pôsteres do *One Direction*, tudo me trazia uma nostalgia enorme e aquela

sensação no coração de que eu perdi algo. Acho que pensar no passado nos faz ter esse sentimento.

— Ei, não estou conseguindo dormir. — Emily bateu na porta do meu quarto.

— Pois eu também não. — Dei espaço para que ela se deitasse na minha cama. Acariciei seus cabelos enquanto ela me falava dos seus sentimentos. — A Melissa vai vir?

— Ah, eu não sei, ela está com crises no casamento, descobriu que o Alex mentiu pra ela todo esse tempo. Não é que ele não queira ter filhos, ele é infértil, bom, não é estéril, ele pode fazer tratamento, provavelmente uma cirurgia, mas ele não quer.

— Nossa, eu nunca confiei no Alex. A Missy deve ter surtado, né?

— Você não faz ideia, ela surtou quando me ligou de madrugada.

— E o que ela vai fazer agora?

— Não sei, acho que eles vão se separar. Eles querem coisas diferentes.

— Por que ela quer tanto ter filhos?

— Não sei, desde pequena ela sempre brincou de ser mãe das bonecas, eu já preferia ser a tia.

Eu ri, porque isso me trouxe um pensamento e me fez desfazer o sorriso.

— Você parece preocupada — notou.

— Falando em bebês, eu tô com uma neura porque minha menstruação tá atrasada.

— Ai meu Deus, sério? Eu sempre soube que Landon Davis iria te engravidar um dia.

— Em! Sério, você tá me deixando mais nervosa.

— Eu estou falando sério. Vamos fazer um teste amanhã cedo, ok?

— E se for positivo? — Engoli a saliva com dificuldades.

— Vai nascer um amontoadinho de átomos — disse e me arrancou uma grande risada misturada com medo, muito medo.



O casamento da Elle foi incrível. As noivas estavam lindas e radiavam amor. Tudo ficou ainda mais emotivo, pois Elena estava presente. Ela e a filha haviam feito as pazes há alguns anos e a presença dela na fileira da frente junto com o Landon foi o que a família Davis precisava para se curar.

Longe dos convidados, eu levei o Landon para conversar, nós sentamos e um banco próximo ao jardim, ele estava de terno e se estranhando por usar uma gravata.

— Eu odeio isso aqui, já posso tirar? — perguntou, afrouxando o nós.

— Eu acho uma boa, não quero que você se sufoque, precisamos conversar.

— O que foi? — Olhou-me com aqueles olhos de oceano profundos, começando a formar uma onda.

— Não sei como contar isso…

— Callie, o que aconteceu? Você está bem, está passando mal? É algo com seu coração? — perguntou muito rápido.

— Ah não, Landon, calma, não é isso, não é com o meu coração… — Coloquei a mão na sua e a aproximei na minha barriga. — Tem um pequeno coração florescendo aqui…

— Espera… — Estreitou a visão sem entender o que estava acontecendo. — Isso é sério?

— Bom, eu fiz três testes de farmácia e tenho que fazer um de sangue pra confirmar, mas é, é sim. — Minhas mãos tremiam sobre as dele.

Ele engoliu em seco.

— Eu… meu Deus! — Abraçou-me forte. — É perigoso pra você? — Pegou nas minhas mãos e as beijou. — Caramba, é claro que é, que droga! A gente vacilou…

— Amor, calma… Eu não vou mentir, estou com medo, muito medo, mas eu também estou com aquela sensação que tá deixando meu estômago cheio de borboletas, e não é enjoo, eu mal tive. — Ri. — É que eu estou feliz, sei lá, eu tô feliz e muito apreensiva.

Ele riu em meio a lágrimas.

— Eu também estou, *Luvy*, muito feliz e com medo, tanto quanto você.

— Nós vamos conseguir, nós vamos. Temos um terceiro coração aqui, e vamos lutar por ele. — Passei a mão em suas lágrimas e mal consegui conter as minhas.

Ele me beijou em cada canto do meu rosto e eu o beijei em cada parte.

Estávamos com medo, muito, mas também estávamos ansiosos pelo o que estava por vir.

Medo. Amor. Medo.

Mas o amor iria prevalecer.



ARRANHA-CÉUS

“Você conhece aquele lugar entre dormir e acordar,
o lugar onde você ainda pode lembrar de sonhar?
É onde eu sempre te amarei.
É onde eu estarei esperando.”
(Peter Pan, J. M. Barrie)

AGORA

Descobrimos que meu o *diu* estava fora do lugar e por conta disso eu engravidei. Depois de me consultar com a obstetra, eu também me consultei com o meu cardiologista. Ele iria me monitorar com frequência para que tudo ocorresse bem durante os nove meses que viriam.

Eu senti meus nervos à flor da pele. O enjoo era sempre no fim da tarde, meus seios ficaram pesados e doloridos, algumas espinhas surgiram no meu rosto e eu fiquei mais sonolenta do que nunca. Parei de trabalhar no bar, pois estávamos também de mudança, Landon alugou um apartamento próximo ao seu estúdio de tatuagem e estava deixando aos poucos a gerência do Harris pub para a Bethany.

A saída do Davis do bar foi um alarde para as garotas que inventavam boatos sobre ele. Elas meio que acabaram entendendo, no fim das contas, que ele não era o canalha que os boatos diziam. Principalmente a Chloe que começou a frequentar outro bar.

Optamos por contar para todos sobre minha gravidez apenas depois que se completou doze semanas. Os meus pais ficaram bem aflitos, mas felizes. A Elena, a Elle e a Blake vibraram com a notícia e John e a Wendie ficaram em êxtase e compraram a primeira roupa do nosso filho.

Violet gritou pela videochamada e disse que logo estaria de volta para me acompanhar nos últimos meses de gravidez. Emily foi a primeira pessoa a saber, pois estava comigo no dia do teste, e a Melissa acabou sabendo no dia em que liguei pra ela, pedi para encontrá-la, tomar um café e resolver de uma vez por todas os

nossos problemas. Ela ficou feliz e aliviada em dizer que estava se divorciando para seguir com sua vida e seus sonhos.

A mudança para o novo apartamento foi ótima para começar o ano. Eu tinha um espaço para trabalhar com meus quadrinhos, consegui contratar uma estagiária para me ajudar, ela havia acabado de começar o curso de Artes de Design e era muito boa no que fazia. A história da Rainbow conquistava o público a cada publicação. A cada comentário, cada resenha, eu ficava mais feliz por ter conseguido realizar o meu sonho. Às vezes, havia um ou outro comentário de pessoas que não se identificavam com a história, as vezes um *hater*, nesses momentos, eu precisava de autocontrole para não ser a Callie destrutiva e lidar com tudo calmamente.

— Já vai levantar? — perguntou Landon sonolento. — Tá cedo e é sábado.

— Preciso ir ao banheiro pela décima vez, eu já volto — avisei, observando-o se espreguiçar. Eu adorava vê-lo acordar de manhã, era sempre algo bonito de se ver.

Assim que me aproximei da pia do banheiro para lavar as mãos, senti um leve mal estar, como se estivesse prestes a desmaiar. Segurei-me e abaixei a cabeça esperando a péssima

sensação passar. Havia apresentado esses sintomas duas vezes na última semana e presumi que era algo normal da gravidez.

Eu estava na 26ª semana de gestação, o que era equivalente ao sexto mês. Toda semana eu e o Landon tirávamos foto em frente ao espelho, ele adorava acompanhar o crescimento da minha barriga que só despontou no quarto mês.

— Tá tudo bem? — perguntou quando voltei pra cama.

— Eu senti que ia desmaiar, não sei se isso é normal. Eu vou ver o doutor Clarke na segunda-feira, não se preocupe.

— Se precisar, vamos no hospital.

— Não, tudo bem. — Aconcheguei-me em seu abraço. — Hoje não é a despedida do Mason?

— É, ele tá bem animado. É um grande passo pra carreira dele.

O Hicks foi convidado para tatuar fora do país e ele aceitou ficar fora pelos próximos meses, esse convite também foi feito para o Landon, mas nós não podíamos viajar.

— A Violet chega hoje à noite, quem sabe…

— Ela não estava namorando um coreano?

— Sim, mas ele vai ficar na Coreia e ela vai voltar. Talvez ela e o Mason se cruzem…

— Está inventando coisas na sua cabeça de novo. — Abraçou-me, a barriga foi um pequeno empecilho entre nós.

— Estou, é um mal inevitável.

Landon me deu um beijo na testa, depois em cada bochecha minha e por fim na minha boca.

— É inevitável que você esteja ainda mais bonita.

— Está flertando comigo?

— Sempre… — Passou a mão pelo meu rosto. Ele agia muito cuidadosamente desde que soubemos da gravidez, era tão carinhoso e sempre vinha almoçar comigo para saber se eu estava bem ou se precisava de alguma coisa.

Nós ficamos um tempão na cama, e só levantamos porque tínhamos um almoço marcado na casa dos Harris. Eles não se conformavam sobre o fato que optamos por não descobrir o sexo do bebê, queríamos saber apenas na hora do parto. Assim que entramos, encontrei com o Copper na entrada, ele pulou nas minhas pernas e abanou o rabo animado. O antigo dono não tentou pegá-lo

de volta e estava bem longe e, sinceramente, não me importava nem um pouco o que estava fazendo.

Saímos de lá com muita comida, porque a Wendie achou que eu estava muito magra. Depois de nos trocarmos no apartamento, decidimos ir a pé até o Oz Tattoo, era por volta das oito da noite e nos deparamos com uma aglomeração de pessoas.

Ouvimos alguns burburinhos e identificamos que a aglomeração era por conta do *Manhattanhenge*.

Landon e eu nos olhamos e decidimos ficar para observar o evento. Eu não havia presenciado ainda, mas sabia que o *Manhattanhenge* era a união da natureza com a arquitetura urbana, o Sol se põe alinhado às ruas do sentido Leste-Oeste, enquadrado de forma perfeita pelos arranha-céus da cidade.

Nós ficamos abraçados e vimos o sol bem no meio dos prédios.

— Nós conseguimos, Callie — disse o Davis com os braços em volta de mim.

— Sim, nós conseguimos — afirmei.

Muitas pessoas duvidaram que nós estaríamos onde estávamos naquele momento. Até nós mesmos duvidamos. Mas

conseguimos. Estávamos onde queríamos estar, juntos, conquistando os nossos sonhos.

— Só falta uma coisa — sussurrou na minha orelha. — Quando você vai casar comigo?

— Hoje? — indaguei. Ele me apertou em seus braços. — Mas você vai ter que se ajoelhar. — Virei-me para ele e lhe dei um beijo.

— Se eu pudesse me mexer, faria isso agora — brincou.

Os raios de sol esvaecendo nos iluminaram e eu pensei que não poderia ser mais feliz.



Todos foram no Oz Tattoo para a despedida do Mason, inclusive Neal e sua banda, mas ele não estava mais com a tal Judy, de acordo com o que eu ouvi, ela o traiu. Tive que me esquivar do cantor, quando me perguntou da Violet.

— Esse quadro é incrível — disse o Mason para mim, pois o Landon pendurou o último quadro que seu pai fez. — Eu estou feliz por vocês, de verdade.

— Obrigada, você é importante pra nós, vamos sentir sua falta. — Coloquei a mão no seu ombro.

— Eu vou voltar e vou trazer um presentão pra essa menininha ou menininho. — Olhou pra minha barriga ao dizer.

Meu celular apitou e vi que a Violet havia me mandando uma mensagem, dizendo: “Meu voo foi cancelado, remarcaram para amanhã, fala pro Mason que eu desejo boa sorte.”

— Boa sorte em Londres, a gente tá torcendo por você. A Mel também desejou boa sorte.

Ele sorriu e me agradeceu. Caminhamos para ver os outros quadros, pois fizemos uma pequena exposição dos quadros do Lewis no estúdio de tatuagem, queríamos que nossos amigos vissem o que ele já pintou. As pessoas ficaram malucas com os quadros, muitas queriam comprar, mas estávamos sendo mesquinhos, pois queríamos ficar com todos para nós.

Olhei para o quadro do Landon e senti aquele mal-estar de novo, tentei me segurar no ombro do Mason, foi em vão, eu desmaiei. Acordei um pouco depois com um monte de gente à minha volta, todos preocupados comigo. Não fazia ideia do que estava

acontecendo, foi uma síncope, de novo aquele sinal de que alguma coisa estava errada.

Tive muito medo, tanto quanto o Landon que me pegou em seus braços. Estava tudo bem com o bebê, foi o que soubemos ao chegar no hospital, mas comigo não tanto, o ecocardiograma transtorácico diagnosticou uma progressão da minha doença com septo interventricular com trinta milímetros de espessura.

Fomos a Nova Jersey conversar com o doutor Clark e decidir o que esperar dessa descoberta. Landon estava apreensivo, não parava de bater o pé enquanto estávamos esperando por notícias. O meu médico se sentou na nossa frente e contou o que precisávamos fazer:

— O seu pai teve morte súbita, correto? — Afirmei com a cabeça. — Bom, não quero que se desesperem, mas vamos precisar fazer um implante de um cardio-desfribilador em você ainda gestante. Ele é necessário para prevenir que ocorra morte-súbita durante sua gestação, é um pequeno dispositivo que vamos introduzir, ele é capaz de detectar arritmias graves e tratá-las imediatamente através de estímulos elétricos.

— Resumindo, ele vai me dar um choque caso meu coração pare, é isso? — perguntei.

— É, podemos dizer que é isso, sim.

Landon ficou muito quieto, não disse nada. Sua mão estava segurando a minha e ela suava muito.

— Faremos sob sedação intravenosa e anestesia local. Não se preocupe com o bebê, seu abdômen será protegido por manta de chumbo — explicou o procedimento e eu fui concordando com a cabeça conforme ele esclarecia minhas dúvidas.

Quando voltamos pra casa, eu percebi o Landon muito calado, mesmo afirmando que estava confiante, que tudo daria certo. Chamei-o para subir comigo até a cobertura do nosso prédio, queria tomar um pouco de ar e de alguma forma encontrar um pouco de esperança.

Landon ficou tamborilando as mãos no parapeito do edifício, inquieto, nervoso, com muito medo.

— Está querendo fumar né? — notei. Ele tinha parado de fumar nos últimos meses, principalmente por conta do bebê.

— Sim — suspirou e pegou balas de alcaçuz no bolso. Ele comeu o pacote inteiro depois que eu neguei, estava tentando

controlar a ingestão de açúcar. — Eu tô com medo, *Luvy.* — Passou a mão no rosto.

— Eu também…, mas a gente já passou por muita coisa, vai dar certo, meu amor, eu sei que vai. — Passei as mãos pelas suas costas.

— Eu não posso te perder — murmurou, tentando controlar suas lágrimas, sua voz tremeu, respirou rápido em mais uma tentativa de se segurar.

— Não pense em nada — sibilei, abraçando-o. Ele soluçou alto, seu peito descia e subia incontrolável.

— Toda vez que estou perto demais da felicidade, quando finalmente eu a agarro, parece que ela escorre nas minhas mãos.

— Não vamos desistir, ok? — Coloquei as mãos no seu rosto. — Eu te amo e não vou desistir de você, nem do nosso filho. Eu vou estar aqui com vocês… e se eu não estiver... — Apertei os lábios.

— Não, Callie, não…

Ele não queria que eu dissesse. Eu não queria dizer, mas ele precisava saber.

— Se eu não estiver — Coloquei a mão no seu peito. —, o meu coração vai estar, aqui, bem do lado do seu.

Lágrimas inflaram meu peito, ainda assim, eu permaneci forte e resiliente, eu tinha que permanecer, era um trato que eu fiz comigo mesma.

— Eu amo tanto você. — Ele colocou a cabeça no meu ombro. — Eu te amo tanto, meu Deus.

— Nós dominamos mares violentos antes, vamos dominar mais um agora. Confia, Landon, confia.

Ele se agarrou a mim, eu me agarrei a ele.

Olhei para os arranha-céus, subi os olhos para o céu e pensei, tudo bem, eu estava preparada para o que viesse para mim, tudo que eu vivi, quem eu fui, quem eu era naquele momento, foi incrível.

Meu coração escorreu feito tinta ao ser abraçada pelo Landon. Fosse o que fosse que acontecesse, eu senti que deixei minhas cores no mundo.



O meu coração já foi partido, dilacerado, queimado, ele já foi um coração de verdade, depois de mentira e por fim, verdadeiro de

novo. A cada batida desse coração que não sabia parar de crescer, eu tinha a certeza de que eu queria viver o agora.

O implante do CDI ocorreu com sucesso e minha gestação continuou sem anormalidades. Não pudemos fazer o teste de desfibrilação, para verificar a funcionalidade do implante, mas faríamos isso ao final do puerpério.

Meu parto foi por feito por Cesária, por conta do meu coração, o ritmo cardíaco foi monitorado e as terapias de choque desligadas. Landon ficou o tempo todo ao meu lado, muito mais aflito do que eu, eu estava muito tranquila, como eu nunca pensei que poderia estar.

Quando eu ouvi o choro do nosso filho, eu mal consegui me conter, as lágrimas escorreram pelo meu rosto em cascata. A voz dele me trouxe de volta, me trouxe confiante, me trouxe mais motivos para lutar e continuar viva. Eu não iria desistir, jamais.

— É um menino — disse a médica.

Eu chorei ainda mais quando ela o colocou perto do meu rosto, Landon aproximou-se, beijou-me.

— Ele é lindo — sussurrou.

— Muito, muito, ele é perfeito. O nosso Louis — murmurei o nome que havíamos escolhido. Era uma variação do nome Lewis,

tinha a mesma sonoridade, uma homenagem ao nosso eterno Lewis Davis.

Havia uma coincidência do nome Louis ser o nome de um dos membros do One Direction, mas isso o Landon não precisava saber, *um segredinho.*

Tínhamos medo que nosso filho herdasse a minha condição, tínhamos medo que ele crescesse sem mim, mas, naquele momento, queríamos apenas sentir o que a vida tinha para nos entregar. Iríamos viver o presente acima de tudo. Iríamos aceitar que não há como controlar o futuro.

Tudo que tínhamos era o momento.

Ao final do meu puerpério, fui submetida ao teste de desfibrilação. Sob sedação intravenosa, a fibrilação ventricular foi induzida e o choque automático foi efetivo para desfibrilar o meu coração.

Ficamos mais tranquilos com isso, ficamos esperançosos e felizes porque, mais uma vez, eu sobrevivi e iria sobreviver todas as vezes que fosse preciso para ficar ao lado das pessoas que eu amava.

Um dia, eu fiz uma surpresa para o Landon, levei-o para o Central Park. Eu comprei para ele óculos de daltônico, eu soube que, à luz do dia, as cores, apesar de não ficarem idênticas, ficavam muito similares através dos óculos e enfim ele pode ver as cores que eu também via.

— O que acha, meu amor? — questionei-o.

— Meu deus, isso é o amarelo?! — Ele perguntou por conta do vestido que eu usava propositalmente. Passou a mão pelo meu rosto, pela minha boca. Olhou em meus olhos, ficou assustado com as cores reais das minhas pupilas. — Eu acho que você é incrivelmente bonita em todas as cores. — Beijou-me, pegou-me e me puxou para cima, tirou meus pés do chão.

Amá-lo me fazia ter a sensação de alcançar os arranha-céus.

Amá-lo me fazia ser quem eu era de verdade.

Amá-lo me fazia enxergar todas as cores.

Landon e eu nos casamos na primavera. Tivemos um casamento perfeito pra nós. Rodeados das pessoas que amávamos, cercados de cores. Cercados de amor.

Na vida, nós perdemos pessoas, perdemos amores, perdemos a vontade de viver, de existir. Na vida, nós perdemos aos poucos as

nossas cores com os baques e tapas que recebemos simplesmente por estarmos vivos.

Nós perdemos as cores quando alguém diz que não somos capazes, que não vamos conseguir, que não somos o suficiente. Mas somos, sim.

Não podemos aceitar que roubem nossas cores. Não podemos aceitar ver a vida em preto e branco. O presente é aqui e agora. E eu decidi que não iria perder mais nada.

Eu era uma sobrevivente.

Sorri para meu marido quando nós dois levantamos nossas mãos ao anunciar que, enfim, estávamos casados.

Ele me curvou com seu corpo e me deu o melhor beijo do mundo.

— A cada batida do meu coração, eu te amo, Landon Davis — murmurei.

— Eu sempre soube, Callie Heart.

O universo sempre soube.

EPÍLOGO

“E a moral disso é...
Oh!... “É o amor, é o amor que faz o mundo girar!”.
(Alice no País das Maravilhas,
Lewis Carroll)

Landon Davis

CINCO ANOS DEPOIS

— Papai, papai, vamos atrasar, atrasar! — Meu filho puxou o cobertor. Ele estava ansioso para o seu primeiro dia na escola.

— Calma, Lou, eu preciso colocar pelo menos as calças.

— Dormiu muito! — reclamou de mim.

— Desculpe, eu sou um preguiçoso.

— Podemos comer *bigel* — errou a palavra — no café da manhã? — perguntou com seus olhos azuis que sempre me faziam ceder. — Podemos, papai? Podemos? — insistiu, puxando meu cobertor.

— Claro, podemos comer bagels.

Ele sorriu lindamente e mostrou suas duas covinhas no rosto.

Eu vesti minhas roupas rápido, pois meu filho já estava pronto antes de mim. Ele era muito independente, claro que colocou a camiseta ao contrário e não amarrou o tênis, mas acertou na medida do possível.

Depois que fizemos um teste genético no Louis, descobrimos que ele não havia herdado a doença da Callie, isso foi um sopro de alívio para nós.

— Sinto saudades da mamãe — disse ao comer sua bagel.

— Eu também sinto, filho, muita. — Acariciei seus cabelos castanhos como os dela e cheios como os meus.

Deixei-o na porta da escola e fui para o meu estúdio de tatuagem. Há um tempo, o Oz Tattoo era apenas meu. O Mason acabou ficando tempo demais na Inglaterra e decidiu morar por lá,

ele nos visitou no primeiro ano do Louis e nos contou que ficaria em Londres por um tempo.

Abri vaga no meu estúdio que foi ocupado por uma residente um pouco depois, Violet Jung decidiu seguir sua carreira como tatuadora e desde então ocupava o espaço que o Mason usava.

— Landon Davis! — Fui nocauteado com um abraço assim que entrei no meu estúdio.

— Porra, Mason?! Pensei que não ia vir esse ano. — Bati em suas costas.

— Bom, eu estou voltando pra Nova Iorque.

— É sério?! — Olhei de canto para a Violet que também estava tão confusa quanto eu. Ela havia virado amante das tatuagens e tinha várias no braço, toda sessão ela fazia muito drama, mas adorava o resultado final. Seus pais meio que pensavam que ela enlouqueceu depois que terminou com seu namorado coreano e decidiu virar tatuadora.

— É... eu quero ficar mesmo que meu lugar tenha sido preenchido. — Olhou para a antiga paquera. — Será que tem lugar pra mim? — Ele e a Violet sempre tiveram muitos desencontros, mas, talvez, dessa vez poderia dar certo se eles quisessem. Os dois

trocaram olhares bem significativos, senti que a história deles que estava guardada em uma gaveta pudesse ser resgatada.

— Pretendo aumentar o estúdio, comprei o espaço ao lado, faremos reformas, mas, sim, temos um lugar pra você. — Bati no seu ombro.

— Caralho, obrigado! Vai ser demais relembrar os velhos tempos. E os *Heartless*? Ainda faz parte?

— Claro e você tá convidado a voltar pra nossa gangue.

Ele riu porque eu nunca quis chamar o nosso clube assim. Não havia mais ressentimentos do passado, eu não precisava mais ter medo de uma palavra.

O Oz Tattoo ficou ainda mais conhecido por conta das particularidades dos tatuadores. Havia saído uma matéria no jornal, por conta de a Violet tatuar com apenas um braço e por eu ser daltônico. As pessoas sempre apareciam muito curiosas para saber se fazíamos um bom trabalho. Isso não me incomodava, não mais.

Diverti-me muito com meus amigos durante o trabalho, no final do dia, eu me apressei para buscar meu filho. Assim que estacionei o carro, eu apertei os olhos porque vi uma mulher linda entrando na escola, ela tinha os cabelos castanhos na altura do ombro, um corpo,

que, uau, eu perdi o fôlego ao olhar. Suas pernas ficavam muito evidentes com a saia plissada. Desejei vê-la mais um pouco, e a vi quando ela saiu segurando as mãos do seu filho, a luz do sol iluminou seus olhos castanhos, ou devo dizer rosadinhos? Ela deu seu melhor sorriso ao me ver saindo do carro.

Sua única covinha me fez derreter.

Abracei-a e dei um beijo na minha linda esposa.

— Pensei que iria voltar só amanhã! — exclamei. A Callie viajou em uma conferência com a editora e tanto eu quanto o Louis não aguentávamos mais de tanta saudade.

— Quis fazer uma surpresa. O que fizeram quando eu estava fora? Aprontaram muito? — Ela deu um sorriso, seus lábios vermelhos recheados de problema eram convidativos demais.

— Você conhece seu filho, ele é igual a você.

— Meu deus, então ele aprontou muito.

Nós rimos. Eu abri a porta do carro pra ela, depois coloquei o Louis na cadeirinha.

— Mamãe, *Cauliflower*, meu presente — pediu nosso filho. Ela havia prometido que traria algo pra ele de viagem.

— Ei! Eu te disse pra não ensinar ele a falar assim. — Ela bateu no meu ombro. *Cauliflower* significava couve-flor.

— Eu o ensinei a falar *Callieflower*, mas sabe como nosso filho é. — Olhei para trás e pisquei para ele que piscou de volta para mim como um cúmplice.

Fomos pra nossa casa, havíamos nos mudado para um lugar mais espaçoso ainda em Manhattan. O meu estúdio continuava rendendo muitas visitas de famosos, a minha agenda estava lotada para o ano todo. A Callie vendeu milhares de exemplares das aventuras da *Rainbow* e estava planejando o seu novo sucesso.

À noite, nós dois nos reunimos para ler uma história para o nosso filho. Sempre tínhamos esse ritual e intercalávamos. Começamos pelo *Mágico de Oz,* depois*, Peter Pan* e dessa vez estávamos lendo *Alice no país das maravilhas*.

Ele dormiu muito rápido, depois de termos lido apenas três páginas.

Callie e eu fomos para a cozinha, eu enchi uma taça de vinho para mim e outra para ela.

— Meu amor? — chamou por mim. Seu olhar denunciava uma intenção nada inocente.

— Hum? — Coloquei a taça de vinho na bancada.

— Você fica incrivelmente sexy usando azul, sabia disso?

— É? E sem roupa, o que você acha?

— Melhor ainda… — sussurrou quando peguei em sua cintura e a coloquei em cima da nossa bancada.

Beijei seus lábios. Tomei-a para mim. Passei a mão pela sua coxa, toquei sua tatuagem de borboleta, eu mesma a fiz no ano anterior.

Ela abraçou-me por completo, envolvendo minhas pernas na minha cintura. Fui preenchido por ela, por todo seu amor. Callie Heart era a minha sensação de que estava de volta em casa, ela era o meu porto seguro, o amor da minha vida.

Nós conseguimos, depois de tudo, podíamos gritar que conseguimos. Nós definitivamente deixamos nossas cores pelo mundo. Callie ganhou e inspirou muitas pessoas com seus quadrinhos e há sempre uma tatuagem minha contando histórias em tantos lugares.

Callie me fez ver as cores que eu achei que tinha perdido. Depois do nosso filho, eu pude perceber que não havia nada melhor do que vivenciar o momento. Nós estávamos juntos no nosso agora,

queria estar com ela para sempre. Queria que fosse como o *cosmos* que prometemos na adolescência.

O meu amor por ela *é tudo que foi.*

Tudo que é.

Tudo que sempre será.

É tudo que eu sempre soube e tudo que eu sempre saberei.

Ela me faz ver as cores do arco-íris como se elas fossem todas distintas na minha visão. Amá-la e segurar sua mão dia após dia me fazia enxergar o meu mundo renascendo ao vivo e a cores. Finalmente nós estávamos juntos, sem medos, sem segredos, finalmente eu podia dizer que depois de tudo que passamos que nós recuperamos *as cores que perdemos.*

NOTAS DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Querido leitor, é com muito carinho que me despeço de “As cores que perdemos”. Essa história foi, definitivamente, todo o meu coração. A história da Callie e do Landon apareceu pra mim de uma maneira tão fácil e única que eu tive que largar todos os projetos de livros atrasados e começar a escrever sobre eles.

Para mim, não é apenas uma história de amor ou redenção, é sobre como não devemos perder as nossas cores. No fim das contas, levamos a vida tão no automático, perdemos tantas coisas, principalmente em um tempo que vivemos de pandemia, que, acabamos olhando para a vida e percebemos que tudo está em preto e branco.

Então, se eu puder trazer um pouco de cores a sua vida através desse livro, eu me sentirei muito feliz. Afinal, *diante da vastidão do espaço e da imensidão do tempo é uma alegria dividir essa história com você.*

Com amor,

K. M. Mendes

Redes Sociais da Autora:

